

DIARIO  
DE  
JOÃO CHAGAS

1915 1916  
1917

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA  
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54  
LISBOA — 1929



DIARIO  
DE  
JOÃO CHAGAS



DÍARIO  
DE  
JOÃO CHAGAS

1915 1916  
1917



PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA  
LIVRARIA EDITORA — RUA AUGUSTA, 44 A 54  
LISBOA — 1929

OFERTA

278744

302  
1/268

1915

1 DE JANEIRO

Dia frio, humido e chuvoso. Ceu pardaento. Para me vestir no meu quarto tenho de acender a electricidade. Recepção do corpo diplomatico no Eliseo. A grande sala das festas e banquetes está quasi ás escuras, mas pouco depois illumina-se profusamente. O corpo diplomatico faz o seu *cercle* habitual. Desapparecidas as brilhantes embaixadas allemãs e austriacas, com os seus corpulentos adidos militares couraçados de condecorações. Desapparecido o fez enearnado dos tureos. O Mexico e o Haiti, sempre em revolução, não têm ministros, mas apezar d'estas faltas está muita gente. O novo embaixador da America apresenta-se com um desusado cortejo de secretarios jovens, de casaca preta, sem condecorações, como nós portuguezes. Um velho homemzarrão com uma farda de general da Grã Duqueza, calções brancos, altos botarrões de verniz, chapéu armado e chanfalho, é o novo embaixador de Hespanha, o marquez de Valtierra. Não ha o ruido e a animação

dos annos anteriores. Esses senhores desejam-se reciprocamente um bom anno, com discreção. O conde d'Avricourt, ministro de Monaco e francez, habitualmente tão jovial, parece apprehensivo. Sobre o barão Guillaume, ministro da Belgica, dir-se-hia pesar todo o infortunio do seu paiz. Apenas o ministro da Servia parece radiante, faz e retribue cumprimentos com expansão. A's trez horas, annuncia-se o Presidente, que entra precedido do ministerio e aguarda de pé, á entrada do salão, o discurso do embaixador do Inglaterra. Sir Francis Bertie lê o seu breve discurso com a sua pronuncia accentuadamente britanica, e tendo consignado, para explicar a sua concisão, que o faz em nomo das nações assim belligerantes, como neutras, inclina-se profundamente... Como é seu costume o Presidente responde sem ler, na sua voz nazalada, e é tambem breve. «Je vous remercie des souhaits que vous voulez bien m'exprimer au nom du corps diplomatique. Ceux que nous formions le 1<sup>er</sup> janvier 1914, pour le maintien de la paix, répondaient au commun désir de toutes les nations qui sont représentées ici. Ils ne se sont malheureusement pas réalisés. Je ne doute pas que l'an prochain, á cette reception traditionnelle, nous ne célébrions ensemble l'établissement d'une paix bienfaisante qui, solidement appuyée sur le droit et sur le respect des traités internationaux, donnera aux peuples la securité nécessaire.» Passou em seguida, segundo o cerimonial do todos os annos, a cumprimentar cada um dos chefes de missão, e d'esta vez procurou ser mais cordeal do que o anno passado. Notou-se que se demorara especialmente com o embaixador do

Japão e que accentuara o seu proposito de não se demorar com o ministro do Chile. (O *Temps* tornou corrente um dia d'estes que os chilenos são os prussianos da America do Sul). Commigo e com os restantes foi affavel. Depois de me haver deixado, voltou mesmo atraz para me apresentar as suas homenagens a minha mulher. A cerimonia não durou mais de vinte minutos. Do Eliscu fui a casa de Clemenceau fazer-lhe a minha visita annual. Lá o encontrei mettido nas suas grossas pantoufles, no mcio das altas estantes do seu gabinete de trabalho. Clemenceau deve ter talvez setenta e trez annos, mas está longe de parecer um velho. Os seus olhos então têm a vida e a penetração dos vinte annos. E' affavel, amavel, expansivo, acolhedor. Nelle nem sombras do artificio que torna tão difficil o trato dos homens da Republica. Neste sobrevivente da democracia sobrevive a sua desinvoltura e a sua jovialidade. Pergunta-me logo pelo meu paiz e eu digo-lhe á pressa que o meu paiz se está preparando, mas só me sinto á vontade quando lhe digo o que é o sentimento publico. A proposito fala-se da Hespanha e dos seus germanofilistas. Elle diz: — Em Hespanha ha um unico liberal, que é o rei. E acrescenta: — Já me disse que era partidario da liberdade de cultos. Perguntei-lhe se acreditava na sinceridade d'estas opiniões. Respondeu-me: — Acredito porque está de mal com a mãe. Ao retirar-me disse-me como sempre me diz, quando vou vê-lo. — Já sabe! Cá estamos ás ordens. Com effeito, este é um dos poucos homens publicos da Republica Franceza com que poderíamos contar. O toucador de minha mulher parecia esta tarde um

camarim de actriz, todo cheio de flores, plantas e caixas de bonbons. A' tarde vieram os secretarios, os dois consules, o doutor Lopes, o esculptor Alves de Sousa e... Oscar Blanc, precedido de um grande *bouquet*. Oscar Blanc deixou escapar algumas opiniões de allemão e annunciou-nos com alegria o seu novo projecto. Está farto de Paris, os quadros não dão nada, é preciso fazer outra coisa. O quê? Isto: — vae comprar um automovel e vae percorrer a costa de Portugal tirando fotografias. Para quê? Em primeiro lugar *sport*. Depois — patriotismo — puro patriotismo. Portugal é muito pouco conhecido cá fóra. E' preciso divulgar por esse mundo as suas bellezas naturaes. — Principalmente a sua costa... disse eu. — Sim! Principalmente a sua costa! Tudo se comprehende admiravelmente. Os allemães desistiram talvez de entrar em Paris. Oscar já não é preciso em Paris, mas em Portugal pode prestar serviços. Amanhã communicarei para Lisboa o projecto patriotico de Oscar. Assim elle tenha a boa inspiração de me ir pondo ao corrente dos seus propositos. — Sr. Oscar Blanc! Um paiz que faz de cada um dos seus filhos um espião, degrada-se. — Oscar mudou subitamente de côr. Não insisti, porque preciso d'elle.

## 2 DE JANEIRO

De novo volto a ver a situação do meu paiz com côres bem sombrias, mas d'esta vez negras, negras. O *Temps* d'hontem, no seu artigo de fundo, verifica que, no ponto de vista politico, ella não tem sahida, e assim parece. Os homens que pozeram aquillo no estado em

que está não podem já servir para nada de util. Brito Camacho inutilisou-se completamente com a sua desastrosa propaganda contra a nossa participação na guerra; Antonio José d'Almeida, como um parasita, procura viver á custa das antipathias do Affonso Costa. O unico que ainda deixaria luzir uma vaga esperança seria este, mas como é elle possível no meio do odio e da animosidade de todos os reaccionarios, a que se juntam os republicanos que irritou com a sua politica facciosa, e os desordeiros, anarchistas, sindicalistas que exasperou com as suas repressões? A *Lucta*, a *Republica* e todos os pasquins de Lisboa, o *Intransigente*, o *Paiz*, intimam mandado de despejo ao governo. De Angola chega a noticia de que a expedição Roçadas foi batida pelos allemães e como não seria assim? O governo de B. Machado esteve ludibriando a opinião com as suas irrisorias expedições de mil homens. Era necessario acalmar o espirito bellicoso do paiz. Representou-se essa comedia, com annuncios patrioticos, convites ás senhoras para assistirem das jauellas á partida das tropas. O resultado ahi está. Roçadas encontrou-se com a sua minguada expedição em face de um inimigo que o desbaratou. E agora? Agora vae-se enviar outra expedição de dois mil homens. Quando? No dia quinze. Quando lá chegar já as outras não existem e essa será desbaratada por sua vez. Entretanto, o que é que succede em Lisboa? Os unionistas querem fazer desordem e começam por annunciar um comicio, rebentam bombas na Estrella, e no meio d'esta pavorosa situação o Presidente da Republica tem uma ideia — offerecer um jantar ao governo do B. Machado. E' de endoidecer.

Pode a Republica, tão experimentada, resistir a semilhante loucura? Receio muito que os desastres d' Africa lhe sejam fataes a ella e talvez á nação, que encontre em Angola um novo Aleacer Quibir. Estas preoccupações varrem-me do espirito a ideia de que aqui a dois passos se morre todos os dias. Esta noite estivemos num animatografo das Ternes a vêr passar no *écran* a terrivel imagem das cidades destruidas. Dir-se-hia que um terramoto passou por ellas. Não sei se me engano, mas affigura-se-me que na amisade franco-ingleza apparece uma primeira mancha. Ha tempo noto que a imprensa franceza insiste por vezes demais no caracter secundario da cooperação militar dos inglezes. O *Matin* d'hoje reproduz do *Times* algumas palavras que interpreta como um elogio ao exercito francez, mas nas quaes a mim me parece ver-se uma velada mas formal advertencia á França. O amor proprio dos francezes é grande, mas o orgulho dos inglezes não é menor. Deixo aqui transcriptas essas palavras do jornal inglez:

Nous devons penser à ce que la France a fait et à ce qu'elle fait pour la cause commune, plutôt qu'à ce que nous avons fait ou à ce que nous faisons nous-mêmes.

Sur la longue ligne qui s'étend de la mer du Nord à la Suisse, des Français combattent, souffrent et meurent pour la Grande Bretagne aussi bien que pour la France. C'est pourquoi nous devons faire en sorte qu'il ne puisse pas être dit dans l'avenir que la victoire, qui aura coûté si cher à la France, a été remportée à peu de frais par nous. Si une telle chose

pouvait être dite, l'amitié sincère qui unit les deux pays n'existerait plus.

Nous devons rendre hommage à cette France qui a étonné le monde par son endurance et par tant d'exploits sur lesquels elle garde un silence si fier.

Qu'il nous soit permis d'offrir à la France l'hommage de nos félicitations et la promesse de lui donner toute l'aide possible dans l'avenir.

#### 4 DE JANEIRO

As noticias de Portugal não são melhores. Os jornaes vêm desenfreados. Renovam-se os ataques ao Presidente da Republica, como outr'ora ao rei. O moderado Camacho ameaça-o. O Antonio José d'Almeida, o grande amigo de Manuel d'Arriaga, pergunta-lhe se em Belem não está um homem. O Machado Santos zomba, moteja, chama-lhe o *Manel Ceguinho*. Procura-se levantar escandalos, historias de fornecimentos feitos sem concurso, de titulos das congregações, que desappareceram. Na *Noticia* José Barbosa pergunta: — *Onde param esses titulos? Quem se apossou d'elles?* Pelas esquinas, em pasquins, os amigos e adversarios de Camacho fazem polemica á antiga portugueza. No meio d'esta desordem não se ouve uma palavra de autoridade. Vae-se para a guerra? Não se vae para a guerra? Ninguem sabe já para onde se vae. Os jornaes publicam as biografias dos officiaes mortos em Naulila, o governo promete para breve a declaração das perdas totaes, mas o ministro da Allemanha continúa em Lisboa e ninguem fala em que elle se retire, ou lhe se-

jam entregues os passaportes. E' uma situação inconcebível. Esta noite jantar no Pousset, a convite de Levy, com um medico militar que dirige uma das ambulancias do Grand Palais e está empenhadissimo em que os nossos soldados feridos se alojem ali. Antes do jantar, Levy disse-me: — Com respeito á vinda da expedição não ha a menor duvida, não é verdade? Eu, embaraçado, respondi: — Creio que não! O medico fez-me prometter que eu iria ver a ambulancia. Horrenda situação! Durante o jantar ouvi algumas reflexões que me surprehenderam. O meu conviva medico tem uma medioere confiança no poder militar da França e até no valor do soldado francez. — *Nous ne sommes plus soldats!* diz. Refere o caso de grande numero de soldados que se fingem doentes para não voltar para a frente da batalha e chama-lhes — *carottiers*. E' implacavel para esses. A proposito conta o que foi a visita de Poincaré ás ambulancias do Grand Palais. Parece que o Presidente lhe perguntou se tinha na sua enfermaria algum caso *interessante*, ao que elle teria retornado:—*Monsieur le President, nos cas sont tous intéressants. Tous sont des soldats et des blessés!* Segundo elle o Presidente não teria apreciado extraordinariamente esta replica. Na sua enfermaria, como o Presidente perguntasse a dois soldados o que desejavam, elles teriam respondido: — *Retourner sur le front*. No dia seguinte, o medico deu-lhes baixa. — O quê? Já? doutor? Estou ainda tão fraco!—*Comment? Tu veux retourner sur le front et tu me demandes de ne pas l'évacuer?* Então o soldado convem que a sua resposta heroica ao Presidente não deve ser tomada á letra. E

o medico triumpho. Talvez um bom medico, mas o cidadão não é animador. Peço-lhe a sua impressão sobre a capacidade fisica do soldado francez. Responde-me que os territoriaes não valem nada. De resto gaba a bravura dos allemães e a sua organização e diz que é um disparate negar-lha. Por pouco não faz votos pela Allemanha. Este caso em França não é isolado.

5 DE JANEIRO

O Alvaro d'Abreu, que regressa de Lisboa, conta que esteve na vespera do Natal com o Alexandre Braga e que este lhe dissera que a expedição portugueza só partiria lá para a primavera. Recebida carta de Eusebio Leão. Termina assim: «Deseulpe o desabafo que é só para nós. Nem eu sei se é maior a minha indignação do que a minha vergonha. O que sei é que isto me desola e me faz doente, por ver que a Republica vae tão mal.» Pobre diabo! Por elle venho a conhecer um facto que ignorava e é que Portugal teria não cedido, mas vendido os seus canhões á França. Verifiquei mais tarde que este facto não é exacto. Não sei já que pensar do meu paiz. A' tarde, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, breve conferencia com o sr. Deleassé, para lhe pedir — o quê? Que autorise a remessa para Portugal de batatas para semear! Aqui está tudo o que faz a diplomacia portugueza neste grave momento da nossa historia! Em Paris corre que a pouca distancia d'aqui foi ha dias abatido um Zeppelin carregado com uma tonelada de dinamite. Os allemães atacam com violencia na Alsacia. Parece que na

frente do exercito francez ha grandes movimentos de tropas. Os russos obtiveram uma grande victoria sobre os turcos. O mais importante é que a obtenham sobre os allemães.

7 DE JANEIRO

O Anselmo Braamcamp escreve-me de Lisboa : «Não sei se lhe chegou lá o desanimo, mas isto por cá está deploravel; não lhe vejo remedio e receio um muito rapido e fatal desfecho.» Traducção :— V. não está desanimado? Pois aqui vae o desanimo! Bom amigo! Esta tarde, o medico em chefe do hospital militar do Grand Palais fez-me visitar as suas installações dispostas com muita higiene e conforto nos locais onde todos os annos é o Salon. Levando-me por ultimo á galeria do primeiro andar, d'onde se avista o vasto recinto onde se realisam os concursos hippicos, e apontando-me para a parte do edificio que dá para a Avenida Alexandre III e para o Petit Palais, disse:—Ali é que eu tenciono alojar os seus soldados. Ha lugar para pelo menos mil doentes. Em quinze dias comprometto-me a por tudo prompto a funcionar.—Os meus soldados! Viu-se já uma situação assim! O governo portuguez, entretanto, não diz uma palavra. Em vão pedi ao novo ministro em carta que lhe escrevi, logo que se constituiu o ministerio, que não deixasse os representantes da Republica cá fóra na ignorancia da situação, como o faziam os seus antecessores. Em vão!

Os francezes foram sempre memorialistas e é de es-

pertar que depois d'esta guerra as memorias abundem. Quantas não estarão sendo escriptas a estas horas que só verão a publicidade d'aqui a muitos annos? Ainda agora apparecem memorias do tempo de Napoleão. Mas o nosso tempo de publicidade impaciente dá-nos este spectaculo novo. Ainda a guerra está longe de ter acabado, talvez mesmo só agora comece, e já o sr. Gabriel Hanotaux annuncia nos jornaes em grandes letras a *Histoire de la guerre de 1914*, emquanto o sr. Georges Onhet, o hoje esquecido romancista e dramaturgo do *Serge Panine* e do *Maître de Forges* annuncia e publica o *Journal d'un bourgeois de Paris pendant la guerre de 1914*. D'esta obra já sahiram dois fasciuculos e o seu editor annuncia que se publicará um por quinzena. Mera especulação industrial, como o é a historia de Hanotaux, o *Diario* de Onhet não é sequer um diario, mas uma compilação dos factos occorridos depois que a guerra começou. Mau negocio. O diario só interessa por ser a vida vivida. O diario de G. Onhet é a vida vivida... pelos outros. O seu unico interesse é o seu titulo, mas esse mesmo não é d'elle, pois é copiado da obra d'Edmond Biré—*Journal d'un bourgeois de Paris pendant la Terreur*. Apesar do nenhum interesse que elle tem encontrei nesse diario algumas referencias a factos que muitos desconhecem ainda hoje, e entre elles o que se refere á participação dos inglezes na batalha do Marne, e acerca da qual participação a imprensa de Paris tem sido omissa. Segundo Onhet os inglezes teriam tido nessa batalha um papel muito importante, sendo elles quem em La Ferté-sous-Jouarre e em Montmirail mais

energicamente repelliram os allêmães. Onhet exprime-se assim (pag. 99): «Devant la Ferté-sous-Jouarre les Anglais, vainqueurs à Montmirail, érasaient les troupes de Bulow.» E mais adiante: «Le soir de la bataille de Montmirail, les Anglais vendaient les chevaux allemands dix franes, tant qu'on en voulait.» Onhet queixa-se da reserva dos communicados officiaes, que deixarain por assim dizer no eseuero a batalha da Marne «que no entanto deeciuiu da sorte de Paris e talvez da França.» E acerescenta: «Le peu que nous en avons appris nous a été raconté par les journaux anglais, où furent publiés les rapports clairs et brillants de l'Etat Major Anglais. *Car nos alliés, dans ces jours mémorables, se taillèrent largement leur part de gloire.*» D'estes factos se deduz que esta guerra pode talvez ser origem de novos dissentimentos entre as nações—o que seria o mais estranho dos seus resultados.

8 DE JANEIRO

Os jornaes publicam o relatorio official da commissão franceza de inquerito aos attentados dos allemães contra o direito das gentes, commettidos na parte do territorio reconquistado pelo exercito francez. E' um documento que deshonra uma nação e que acabará por levantar contra a Allemanha o mundo inteiro, quando fôr conhecido. O incendio, o assassinio e o roubo são a regra no exercito allemão. As violações de mulheres de todas as idades, de octogenarias e de creanças, erimes cuja responsabilidade o relatorio parece não querer imputar ao exercito allemão, pois os

capitula de actos individuaes, fazem pasmar do que na Europa central se tenha assolapado até aqui, sob as apparencias da civilisação, um povo com taes instinctos. Heine dizia: «L'Allemand est né bête: la civilisation l'a rendu méchant.» O governo francez decidiu-se a publicar este documento, comtudo de um tão grande effeito moral sobre os neutros e sobre o espirito dos proprios belligerantes, depois de uma serie de desesperados artigos de Clemenceau no *Homme Libre*. Até ali reservava-o, sob o pretexto, diz-se, de que a sua publicidade poderia traduzir-se por um recrudescimento da ira tudesca nos territorios occupados. Fiz hoje telefonar para o Quai d'Orsay, perguntando se o governo fizera uma tiragem especial d'esse documento e se o distribuia pelas Legações. Eu pela minha parte estimaria receber um certo numero de exemplares (queria dizer pelo menos cem) para os espalhar no meu paiz. Do Ministerio responderam apressadamente, e como quem se desfaz de um importuno, que me mandariam uns doze! Ah! positivamente o sangue da França esfriou! De Portugal não vieram noticias. Antes assim. Quando não ha noticias de Portugal, ha um dia de paz nesta casa.

9 DE JANEIRO

Os francezes começam a desinvolver uma maior actividade do lado da Alsacia. Esta noite fomos ao animatografo — unico divertimento de Paris. Quadros da guerra, soldados em marcha, Termonde e as cidades arruinadas, desolação. A' sahida, a avenida Wagram ás escuras, como quasi todo Paris. Grupos de rapazes e

mulheres sahem fazendo grande alarido, eantando, gritando, guinehando. Ouço dizer: — E' Montmartre. Eu suppunha que Montmartro estava todo nas trineheiras. O unico filho do meu velho amigo Paul Ginisty encontrou a morte em Yprés. Era tenente de infantaria e teve um fim admiravel. «Mais — diz-mo Ginisty — je n'ai pas l'âme assez stoïque pour être plus fier de sa mort que désespéré.» Tempo ehuvoso, humido, triste. Ás tres da tarde começa a eahir a noite, mas o inverno não se mostra rigoroso.

## 10 DE JANEIRO

Mario Allen proeurou-me hojo e leu-mo uma earta que de Lisboa lho eserove o seu amigo Luiz Fernandes. Luiz Fernandes vê aquilo negro. Diz: «Quo o D. Manuel appareça agora aqui eom dois policias e restaure-se a monarehia.»

## 11 DE JANEIRO

Ha vinto o einco annos, em Lisboa, gritava-se por toda a parte: Abaixo a Inglaterra. Na redaeção do *Tempo*, onde se reunia a fina flôr da monarchia d'então, havia panico. O seoptico Oliveira Martins indignava-se. Apopletico, Emygdio Navarro dava murros sobre as mezas. Alfredo Keil arraneava do seu piano os primeiros aeordes da *Portuguesa*. Na baixa, gritava-se: — Viva a Republica! — Quo é feito d'esse partido republicano? perguntava eu a uma meza do Martinho. — Vamos ao *Seculo!* bradava-se em volta do mim. Alguem alvitrou que procurassemos o Magalhães Lima. Assim entrámos na Republica. Eu tinha vinte e seis annos.

12 DE JANEIRO

De Portugal não vêm noticias. O proprio Ministerio emudeceu. Ha muitos dias que não se recebe correspondencia. Pelos jornaes de Paris sabe-se que as eleições foram marcadas para 7 de março. Numa das ultimas sessões da Camara portugueza, o ministro da Guerra, referindo-se á expedição á Europa, disse que ella reclamava material e uma demorada instrucção de tropas. Continua a politica do ministerio Bernardino Machado? O Affonso Costa emudeceu.

14 DE JANEIRO

Esta noite, longa conversação com Jean Finot. O que este homem sabe e o que tem para contar! Como anda ao facto de tudo, interrogo-o largamente. Sobre a guerra, sobre a politica interna da França, sobre o concurso da Italia e do Japão, sobre o que foi a batalha da Marne e sobre o que se passou com o general Percin. Elle a tudo responde. Sobre a guerra é de um optimismo como ainda não observei em outro. Fala d'ella quasi como se ella tivesse acabado. Annunciou-me mesmo que no proximo numero da *Revue* dirá o que a paz tem de ser e a quanto montará a indemnização a pagar pela Allemanha. A cooperação dos japonezes não é precisa. Perguntei-lhe se o assumpto estava sendo tratado diplomaticamente pela França. Respondeu-me negativamente. O Japão é alliado dos inglezes. A França deixou a estes o encargo de o tratar. Entretanto, aguarda-se a primavera para proseguir as

operações. Diz muito mal do governo. Objecto-lhe que elle é no entanto constituido do que a França tem de melhor. — Estão cansados! diz elle. O Deleassé está cansado. De Millerand diz que tem tendencias reaccionarias. E conclue: — O que é certo é que poucos paizes se podem gabar neste momento de terem um governo tão mau. A proposito annuncia-me que o Presidente da Republica está nas melhores relações com os radicaes, que se inclinou definitivamente para elles. O grande homem do ministerio é Augagneur. As pressões d'este so deve o regresso do governo a Paris. E o general Percin? O que fez o general Percin, de quem em agosto se dizia em Paris que tinha sido fusilado? Nada! O general Percin não fez nada. Tudo manobras dos clericæes, para inutilisarem os chefes militares republicanos e pôrem em seu logar os reaccionarios como o general de Castelnau, que, acerescentou, é o homem da *Action Française*. O general Percin formulou o desejo de se defender das accusações infamantes que lhe faziam. Millerand ter-lhe-ia objectado que nenhuma accusação lhe era feita pelo governo e não se oppoz a que elle publicasse uma carta nos jornaes, mas — acerescentou Finot — a censura impediu-lhe essa publicação. De resto Finot prometteu-me a este respeito documentos ineditos. A reacção clerical essa é um facto, mas os clericæes não levantarão a cabeça. — Não receia um movimento de caracter social? — Não o receio. A guerra vao reduzir consideravelmente a camada social que fazia as revoluções e a obra de reconstituição da paz vao reclamar um exeeptional esforço das classes operarias. Vae haver muito trabalho, os trabalhadores

serão poucos, os salarios vam subir. Deixa-se este optimista com a impressão de que tudo corre maravilhosamente no melhor dos mundos possiveis. Não é elle de resto o auctor da *Sciencia da Felicidade?*

15 DE JANEIRO

Os francezes soffreram um ataque brusco dos allemães, perto de Soissons, e foram forçados a passar o rio Aisne, com graves perdas de homens e material. Mesmo os feridos teriam ficado nas mãos dos allemães. Esta noticia, coincidindo com o aviso feito pela Prefeitura á população para que se apaguem as luzes das lojas e vitrines e se occultem as das janellas, cobrindo estas com pannos, ou fechando as persianas, crearam um estado de alarme. Diseuto-se a hypothese de os allemães poderem de novo investir Paris, mas os jornaes combatem a obra de alarme dos timoratos, peiores do que os prussianos, affirmam que o cheque de Soissons não terá consequencias, e que o estado maior está perfeitamente tranquillo. Subsiste a ameaça dos Zeppelins que são esperados todas as noites. Da Italia chega a noticia de um tremor de terra que já teria causado quarenta mil vietimas. Terrivel epoca estamos vivendo! O Relvas esereve-me dizendo-se mais do que inquieto — «em um estado de verdadeira afflicção pelo que podó succeder em Portugal.» E conclue a sua extensa carta escripta á machina: «Avalio o desconsolo que lhe vao levar esta carta, mas eserevendo-lhe nesta hora tão incerta da Republica, até julgo ter eumprido um dever de lealdade, falando esta linguagem.» Curioso homem!

Curiosos homens! Aqui está um homem rico e com boas relações que sabe (e mo insinua) que a minha intervenção na politica portugueza seria util, e só não se dá porque de todo me faltam os meios para a tornar effectiva. O que se torna urgente em Portugal é a intervenção de um orientador, em um novo orgão de orientação. Poderia eu ser esse orientador? Estou d'isso persuadido e Relvas tambem o está, como o está até certo ponto muita gente. O que faz Relvas? Previne-me por *dever de lealdade*, que a Republica corre para a sua perda, mas não junta alguns dos seus amigos e não me diz: — Venha! O que quer elle? Que eu vá pelos meus meios, isto é — a pé?

17 DE JANEIRO

Hoje domingo interrompeu-se a serie dos dias sombrios, o ceu appareceu azul e um raio de sol brilhou. Tivemos a almoçar o Alves da Veiga, que veio conversar sobre «os casos extraordinarios que se estão passando em Lisboa» segundo a sua expressão. Contou-me isto: ha dias, no Hotel des Regates, onde está hospedado o corpo diplomatico acreditado junto do rei Alberto, no Havre, o ministro de Inglaterra, sir Villiers, perguntou-lhe quem era o ministro de Portugal em Londres. Veiga informou-o: que era um homem muito distincto, um homem de letras; mas sir Villiers interrompeu-o dizendo-lhe *que elle era muito allemão*. Não nos faltava mais nada! Eu estava persuadido de que Teixeira Gomes tinha as sympathias dos inglezes, talvez pelo facto de bem servir os designios d'estes a nosso respeito. Teixeira Gomes estaria fazendo em Londres po-

litica allemã. E' de levar as mãos á cabeça! Como todo o eorpo diplomatico está no Hotel des Regates não se passa dia que não perguntem a A. da Veiga: — Então quando vem a expedição portugueza? Veiga mette os pés pelas mãos, como eu, como todos nós. No entanto, B. Camaeho esereve: «E' falso que os representantes diplomaticos de Portugal no estrangeiro so vejam embaraçados para explicar a nossa situação internaecional.» As noticias da Italia são eonsternadoras. A guerra não faz um passo.

19 DE JANEIRO

Terriveis tempos! Antes de irnos para a meza, ao jantar, toque de telefone, e o Montalvão diz-me que Paris está ameaçado de ser ataeado pelos Zeppelins esta noite. Soube-o pela Madame Lausanne, mulher de Stephane Lausanne, do *Matin*. Um dirigivel allemão teria sido visto ha poueo mais de uma hora acompanyado de aeroplanos, sobre Meaux, dirigindo-se para Paris. Uma noticia d'estas não deixa de eausar eommoção. Chego á janella. Apesar das recommendações da Prefeitura, muitas das janellas dos predios da avenida Kleber estão fortemente illuminadas e o *Temps*, sabido agora, eriteia esta medida de segurança como ineffieaz, desde que a illuminação das ruas não seja inteiramente apagada. Mais tarde, voltando á janella para farejar o eeu d'onde nos vem tantas ameças, observei que a rua estava completamente ás eseuras. Minha mulher eneara alegremente a situação, mas está nervosa. Não importa. E' preeiso que a moral dos homens, ou a dos allemães, que não parecem fazer parte da hu-

manidade moderna, seja bem a de barbaros para que attentados como os que se annunciam se tornem possiveis. Se elle vier a dar-se, tenho porém a esperanza de que o seu effeito moral será grande sobre as nações neutras, e quem sabe? vencerá as hesitações das que parecem dispostas a intervir neste tremendo conflicto em favor da causa da civilização. Um attentado sobre Paris, de noite, peles Zeppelins allemães, carregados de dinamite, não pode deixar de causar em todo o mundo uma impressão de horror e de indignação. Esta cidade tem um immenso prestigio, e por isso me custa ainda a crer que os allemães não pesem, antes de o praticar, as consequencias de um attentado d'essa natureza. Mas os allemães estão embrutecidos pela doutrina da supremacia da força e é muito de presumir que as razões moraes que conduzem os pevos modernos não tenham para elles significação. Segundo os communicados do estado maier allemão, publicades nos Jornaes italianos, a batalha de Soissens teria sido um grande desastre para os francezes — cento e cincoenta mil homens mortos, feridos, ou prisioneiros, e consideravel material de guerra apreendido. Os dois officiaes allemães que dirigiram a acção foram condecorados no campo da batalha. A estas informações, a imprensa de Paris oppõe um inalteravel optimismo. Que elle não é partilhado em Paris prova-o e facto de reapparecerem symptomas de alarme nos bancos e se ternarem outra vez difficeis os trechos. O Papa ordenou preces pela paz. E estamos nisto no seculo xx! Barbaric por um lado, fanatismo por outro. Em presença d'este tremende conflicto hu-

mano, o maior poder espiritual da terra delega no céu o cuidado de o resolver.

20 DE JANEIRO

As ameaças que pesaram sobre Paris a noite passada não se realizaram, e os jornaes d'esta manhã informam que o facto de a cidade ter sido completamente mergulhada na escuridão, pois excepcionalmente se apagaram todos os candieiros da iluminação publica, foi devido a ter-se querido fazer uma experiencia para o caso de um ataque nocturno de dirigiveis. No entanto, a noite passada houve um vivo alarme. Em casa do Montalvão, os inquilinos dos ultimos andares abandonaram os seus domicilios e mantiveram-se durante uma parte da noite na loja da porteira, dispostos a descerem ás caves. Hoje diz-se que os dirigiveis allemães estiveram a 75 kilometros de Paris, mas retrocederam. Que estes monstros estiveram em movimento a noite passada não ha duvida, pois á tarde chegou a noticia de que tinham atacado Yarmouth e Kingslynn, na costa norte de Inglaterra, lançando igualmente bombas sobre Sandrigham, onde se encontra um dos palacios reaes e d'onde o rei e a rainha se tinham retirado hontem. Ha estragos, victimas. A' noite, em nossa casa, muito afflictiva, Mademoiselle Bontemps já dizia tudo perdido e queixava-se de que os *inglexes eram fracos aliados*. Irra!

21 DE JANEIRO

Esta noite, pelo telefone, o Negreiros annuncia-me que os jornaes de Paris publicam amanhã um eom-

municado do Governo Portuguez, assegurando que a tranquillidade em Portugal é completa. O que terá havido ?

22 DE JANEIRO

O Thomaz traz-me pela manhã um numero do *Petit Parisien* que annuncia num breve telegramma de Londres a ultima tentativa de restauração monarchica em Portugal—a ultima pela sua ordem numerica, occorrida no dia vinte em Lisboa. A noticia é do *Times*. A tentativa fez-se em dois regimentos de Lisboa, que mais tarde ficamos sabendo serem o 21 de cavallaria (?) e o 5 de infantaria, e foi promovida pelos officiaes monarchicos. Estes teriam sido presos, bem como, diz o *Times*, os antigos chefes monarchicos que passaram a fronteira no Minho. O que vac seguir-se já o sabemos. Os jornaes republicanos de Lisboa começarão por condemnar a tentativa como anti-patriotica e mais uma vez registrarão o sentimento de reprovação publica e a fé «cada vez mais viva» dos republicanos. Pedirão um castigo severo para os perturbadores da ordem publica mas não deixarão de acrescentar — «sem violencias desnecessarias.» Effectuar-se-hão numerosas prisões de individuos compromettidos, que irão sendo postos em liberdade á medida que se fôr reconhecendo que não o estão. Entretanto o Machado Santos começará lançando a publico a suspeita de que a tentativa monarchica é uma comedia do Affonso Costa e dos democraticos, e o B. Machado pedirá o julgamento rapido dos implicados — coitados! presos ha mais tempo do que seria legitimo. Os jornaes annunciarão a constitui-

ção dos tribunaes para proceder aos julgamentos, mas neste meio termo virá outra tentativa e «assim successivamente» como diz o deputado Celorio Gil.

## 23 DE JANEIRO

Se ao menos tivesse sido uma nova tentativa monarchica! Mas nem isso. A tentativa de ante-hontem mette tudo, republicanos, monarchicos. O telegramma d'hoje é desolador. E' a anarchia. E' o Mexico. O telegramma official recebido hoje dá a impressão de um tal estado de coisas, que tenho pejo de o mostrar a esta gente da Legação e faço-o desaparecer no meu bolso.

## 24 DE JANEIRO

Aguardo com impaciencia os jornaes portuguezes. Os primeiros que chegam são os do Porto, que referem largamente os episodios da partida do batalhão expedicionario, composto de forças do 18. A sua leitura traz-me um momento de esperanza e de consolação. Mas que infame propaganda se está fazendo nesse paiz. Antes da partida do batalhão creaturas malfazejas faziam correr que os soldados faltavam, outros se suicidavam, outros offereciam sommas consideraveis para não partir. Dos mil e quinhentos homens que o compunham faltaram dezaseis e todos por motivos justificados. O batalhão sahiu do Porto no meio de um enthusiasmo ardente, vivas á Patria, á Republica. Os accordes da *Portuguesa* faziam-se ouvir por toda a parte. Dos outros pontos do paiz d'onde partiram for-

ças para a expedição chegavam noticias igualmente significativas de que o espirito patriotico não foi atacado efficazmente pela propaganda de cobardia. Ainda bem! Ainda bem!

O Papa acaba de declarar a sua neutralidade. A neutralidade entre o algoz e a victima? pergunta-lhe um sacerdote belga. Por occasião do ultimo Consistorio, Bento XV falou longamente da guerra numa linguagem timida, como não o faria um chefe de estado neutro, reccioso de comprometter a sua neutralidade. A mediceridade do novo chefe da Egreja catholica pode influir de um modo consideravel no movimento de ideias que a guerra vae trazer comsigo. Não se voltou a falar na vinda de Zeppelins sobre Paris, mas um jornal americano escreve a respeito d'estas façanhas uma palavra muito justa. «Os allemães, diz elle, não comprehendem a opinião do mundo.» Com effeito parece existir um abismo entre a mentalidade dos allemães e a do resto da humanidade.

Hontem, matinée na sala Gavcau, sob a presidencia da Duqueza de Vendome, irmã do rei da Belgica, e a beneficio de um hospital militar. Conferencia de Arthur Meyer, o director do *Gaulois*, velho calvo que tem a pretensão de ter visto tudo, com os olhos só evidentemente, pois só nos fala da superficie das coisas. Como bom catholico e reaccionario que é, aproveitou o ensejo para intercalar na sua conferencia alguns tendenciosos votos a favor da reconquista da França pelo padre. Deu-nos durante uma hora a impressão de um incomportavel tedio. Não ha espectaculo mais fatigante do que o da medioeridade na decrepitude. Cantaram-

se e toearam-se os himnos dos Aliados. Ouvi pela primeira vez o himno japonês que termina numa suspensão fazendo o effeito de uma mesura. Durante o espectáculo, no nosso camarote, o Montalvão não cessou de falar com os dentes cerrados e sibilando afim de obter uma dicção elegante. O Montalvão é de Chaves. A proposito da insolente desinvoltura das raparigas d'hoje em Portugal contou que o anno passado, em Vidago, uma menina de Lisboa lhe dissera:—O' Montalvão! Você é muito estúpido. E o Montalvão acerescentou: Era a *scié* d'esse anno! Com que convicção elle disse isto! Portugal é talvez o unico paiz do mundo onde um homem intelligente eonstitue uma exeeção.

## 25 DE JANEIRO

Chegam os jornaes de Lisboa de 21 e 22, e dizem o que aquillo foi — sessenta e tantos officiaes da guarnição, de espada na mão, em grupos de vinte, como em cavallaria 2, a caminho de Belem, a reclamar do Presidente da Republica a reintegração de um capitão de cavallaria transferido da Covilhã e não se sabe se tambem a demissão do governo—uma saldanhada sem Saldanha, com o B. Camaeho por detraz, eseondido como sempre. Uma vergonha. Providencias promptas! acerescentam os jornaes, como se este caso abominavel de indisciplina militar e de anarchia social se resolvesse com provideneias, mesmo promptas. Chegou-se a isto: o general da divisão, que é o Correia Barreto, andou pelos quartéis, com o Affonso Costa e o Malva do Valle, a diseursar aos commandantes e aos

officiaes. Indignação, protestos. Uma manifestação em Lisboa, outra no Porto, mas que valo esta solidariedade num estado que perdeu toda a autoridade e todo o prestigio, dirigido por insensatos, anarchisado por doidos e abandonado ao seu destino pelos egoistas e os pusillanimes? O meu dia foi de terrivel inquietação, mas a noite foi peor. A's seis da tarde, chega o *Temps*. Percorro-o rapidamente o anciadamente, e na ultima pagina descubro esta breve noticia: o Arriaga chamou o Pimenta de Castro — o Pimenta de Castro! — para constituir ministerio. Cahiu ontão o outro ministerio! Já! Pergunto a mim mesmo, com as mãos na cabeça, o que pode succeder ainda? Mais tarde, pergunto pelo telefone ao Negreiros se tem noticias de Portugal. Nenhumas.

26 DE JANEIRO

Esta manhã ao acordar, cahiu-me sobre a cabeça este telegramma: «Por exoneração ministerio presidido senhor Azevedo Coutinho, fui encarregado senhor Presidente da Republica de formar governo, toniando a pasta da guerra e interinamento todas as outras. Constituição definitiva do governo, amanhã. General Pimenta de Castro.» O que é isto? Que disparate é este? Uma dictadura militar? A' tarde o *Temps* publica um telegramma de Lisboa, informando que o general Pimenta de Castro fez pôr em liberdade todos os officiaes amotinados o circular os jornaes suspensos. A' noito chegam jornaes de Lisboa com a noticia de desordens na noite de 22 para 23. Falta-me o ar. Já disse a minha mulher, com o que ella coitada concordou,

que se isto eontinuar, o melhor é irmo-nos embora. De resto não me sinto eom forças para resistir por muito tempo mais a esta pressão. O meu eoração estala.

## 27 DE JANEIRO

De Lisboa não ehegam novas notieias. O *Temps* á noite, em telegramma de Lisboa, diz que Pimenta de Castro proeura organisar ministerio fóra dos partidos e que a tranquillidade no paiz é eompleta. A' situação anarehiea, á dietadura militar que se prepara, nem esse nem os outros jornaes de Paris fazem refereneia. Dir-se-hia que a imprensa franceza proeura oeeultar ás vistas do mundo a ehaga que estamos sendo neste momento dentro da Europa.

## 28 DE JANEIRO

O dia, muito frio, mas limpido e eom uma restea de sol. Depois do almoço, propuz a minha mulher que sahissemos, para não estar em easa, não pensar naquello horror de Portugal. Cançámo-nos a andar, sem dar uma palavra um ao outro. A' noitinha refugiámo-nos num café dos boulevards, e mandei busear o *Temps* a ver se trazia algum telegramma de Lisboa. Com effeito, na ultima pagina lá vinha a notieia de estar eonstituido o novo ministerio, eom um Xavier de Brito, um Gomes Teixeira, um Santos Viegas, um Theofilo Trindade. Quem são esses homens? Não sei. O Pimenta de Castro fiea interinamento eom a pasta dos Estrangeiros. Digo a minha mulher:—Preparemos as malas! Este Pimenta de Castro é aquelle ministro da guerra, que o Ar-

riaga introduziu no meu ministerio e de quem eu me des-  
fiz tão bruscamente que ainda hoje se falanisso em Portu-  
gal. Será milagre que a sua passagem pelos Estrangeiros  
não precipite a minha retirada para Portugal. Quem  
sabe? Será talvez um bem! Ao recolher a casa encon-  
tro alguns jornaes do Lisboa, cuja leitura me causa  
uma terrivel impressão. Quanta insensatez! Quanta es-  
tupidez! Em um d'esses jornaes leio que na noite de  
20 para 21, o Machado Santos dissera: — *E' esta tat-  
vez a ultima noite da Republica!*

## 30 DE JANEIRO

Os jornaes de Paris não se têm felizmente occupado  
do que se está passando em Portugal, talvez empenha-  
dos em occultar ás vistas da Europa este caso vergo-  
nhoso de desordem interna num paiz visinho. A soli-  
diedade da Europa neste momento é tal que não me-  
custa a crer que essa seja a razão do seu silencio. Ao  
que ali se passou chama-se numa carta que recebi de  
Lisboa — o *golpe de estado do Arriaga*. A leitura dos  
telegrammas do *Primeiro de Janeiro* dá-me a entender  
que se procura fazer do golpe de Estado uma especie  
de 9 Thermidor, para o anniquilamento do Affonso  
Costa. Segundo os venenosos *consta e ilix-se* d'esse jor-  
nal, soprados de Lisboa pelo José d'Alpoim, o Pimenta  
de Castro estaria disposto a fazer taboa raza dos demo-  
craticos. Alpoim, pelo menos, aconselha-o d'este modo  
a que o faça. Torpe personagem! Entretanto, os offi-  
ciaes que deram o exemplo da disciplina são levados a  
demittir-se ou são destituídos, como o commandante de

cavallaria 4, Thomaz Rosa, o Helder Ribeiro e outros. A *Capital*, com aquella falta de senso, de gosto o do decêro que caracteriza a imprensa portugueza, desereve em termos animados e joviaes o regresso ao Ministerio da Guerra dos officiaes insubordinados de cavallaria e lanceiros, presos a bordo do *Cinco de outubro*, no meio de abraços, felicitações, exclamações de triumpho. Uma humilhação e uma vergonha! Não sei o que se passa naquelle desgraçado paiz, mas tenho a impressão de que este deve ser o sentimento da maioria: humilhação e vergonha. E — caso singular de afonia o gaguez! — tudo isto, golpe de estado, dictadura militar, se passou sem que nem o chefe do Estado, nem o chefe do governo julgassem opportuno dizer uma palavra ao paiz. E o mais singular ainda é que o paiz não parece ter dado pela falta d'esses documentos necessarios. O Affonso Costa sente-se objecto de uma politica, que reveste o character de um verdadeiro attentado pessoal, e esse por sua vez não experimenta a necessidade de falar ao paiz, de enumerar os seus serviços, de fazer a aceusação, agora tão opportuna, de B. Camacho, de protestar contra o acto do Presidente da Republica. Quo fazem entretanto estes dois torpes imbecis — B. Camacho e Antonio José d'Almeida? chamados a Belem pelo Presidente, já a esse tempo conluiado com o Pimenta de Castro, offereceram-se-lhe ambos para fazer governo, cada um por seu lado. Camacho declarou-se habilitado a fazer face a todas as eventualidades. A cara com que este miseravel deve estar vendo surdir das suas machinações — o Pimenta de Castro! De resto, a todos elles, os fautores d'este

desastre se mostram muito surprehendidos, e já o B. Machado e o Magalhães Lima clamam contra o governo militar. Em uma carta que me escreveu ha pouco, o Relvas fazia votos — ah! muito pouco ardentes como tudo o que vem d'elle! — porque surgisse da anarchia portugueza um Napoleão I — ou III. Sahiu-lhe o general Castro, como em Venezuela. Eu espero a toda a hora que este Castro me dispare uma azagaia de Lisboa e oxalá ella venha depressa, porque isto não é viver. Recebi uma carta do Alfredo Leal, aterrado, dizendo-me que não ha quem oriente aquillo e pedindo-me, supplicando-me que deixe Paris, já, já. Como entende elle que eu devo orientar aquillo? Tomando a direcção do *Mundo*, quer dizer substituindo o França Borges, como logar tenente do Affonso Costa. Acrescenta que isto poderia fazer-se, está certo, em circumstancias muito vantajosas para mim. A idéa foilhe sem duvida suggerida. E aqui está como nós somos, os portuguezes: nem mesmo em circumstancias angustiosas nos despojamos do balandrau jesuitico. Os demoeraticos lembraram-se talvez de mim. Despediram-me então este estafeta ao encontro do meu patriotismo. Vem já! já! Isto está perdido! Que os leve o diabo! Assim, eu teria passado quatro annos a prestar os mais nobres serviços ao meu paiz, estaria isento de toda a culpa nos erros que comprometteram a Republica, e iria agora, por desvario patriotico, chamar a mim as responsabilidades do Affonso Costa e defender não a sua causa, que é em muitos pontos a da Republica, mas a dos seus amigos, que não têm trabalhado senão para o perderem! E' possível que as circumstancias ainda me

levem a caminhar ao lado d'esse homem com quem pessoalmente tenho poucos pontos de contacto, pois é um plebeu arrogante, e eu detesto os plebeus e abomino a arrogancia, mas não será por certo amarrando-me ao seu carro.

31 DE JANEIRO

O anno passado creio que ainda recebi um telegramma de cumprimentos pelo dia d'hoje. D'esta vez não recebi nenhum. O culto da Republica vae esmorecendo. Esteve um dia frio, mas soalheiro, como se diz no Porto. Passeio ao bosque. Os lagos começam a gelar. Jornaes de Lisboa, e na *Lucta* reaparecida, gritos de triumpho de Brito Camacho. Na *Noticia* o José Barbosa celebra o 9 Thermidor em estilo de capoeira. O *Mundo* amarfanhado, pedindo as eleições para 7 de março, mas parece ser proposito do Carranza portuguez fazê-las mais tarde, talvez em maio, com novos cadernos de recenseamento. O golpe no Affonso Costa deu logar a que se experimentasse o pouco zelo de alguns dos seus amigos. Os republicanos tiveram assim um *avant gout* da Restauração. Os allemães fazem grandes esforços na Alsacia para repellir os francezes e aqui e ali investem com a linha da frente sem exito visivel. Os seus submarinos começam a atacar os navios mercantes. Ante-hontem, appareceu um no mar da Irlanda, e na Mancha metteram no fundo dois barcos inglezes. Acabou-se o direito das gentes. Esta noite os jornaes publicaram novos avisos á população, afim de se abrigar *sous des toits voûtés*, caso venham os Zeppelins. Pergunto pelo telefone ao Negreiros o que

isto quor dizer. Parece quo o governo está informado de que os allemães construíram *hangars* de Zeppolins, muito proximo da linha de Paris. A approximação d'esses monstros será annunciada, dizem os avisos, por signaes de trompa nas ruas de Paris. E' o juizo final! diz a minha porteira.

## 1 DE FEVEREIRO

Voltaram os dias cobertos e sombrios, o que torna maior a tristeza que reina nesta casa. A' tarde appareceu-me o Saint René Taillandier, antigo ministro em Lisboa, a falar-me de um projecto de Francis Charmes, membro do Instituto e director da *Revista dos Dois Mundos*, para a reconstituição da bibliotheca de Louvain, pelo concurso das bibliothecas de todo o mundo. Quiz quo eu lhe indicasse em Portugal a pessoa qualificada para tratar este assumpto com o Instituto, e não é um dos mais curiosos aspectos d'esta guerra o verificar como se desconta tão confiadamente a victoria? Ainda os allemães occupam a Belgica, alem de uma parto da França, ainda os aliados não sabem como levá-los até ás margens do Rheno, e já so trata muito seriamente de reconstituir as cidades e monumentos que elles destruíram. O sr. Saint René disse-me mesmo que o Instituto estava empenhado em levar a cabo a sua iniciativa — *com urgencia*. Estranhos tempos! Já depois do se ter levantado, o sr. Saint René perguntou-me o que era aquillo em Lisboa. Este Saint René parece sahido do uma pagina dos *Maias*. A' porta perguntei-lhe pela filha Madame Minisclox, a cujo casamento ha dois annos eu assistira em Saint Pierre

du Chaillot. Annunciou-me então que o seu pobre genro morrera em outubro, de uma bala allemã. Pobre rapaz! Estou a vê-lo. Alto, corpulento, grandes bigodes, um pouco commum, tocando admiravelmente Beethoven. Estava em Vienna, segundo secretario, quando rebentou a guerra. A' tarde vieram os horrendos jornaes de Lisboa. O sordido Camacho, na *Lucta*, diz-se descontente com a organização do Ministerio, arreganha os dentes, volta a ameaçar. «A hora é de extrema gravidade e mal irá a Republica se a crise não fôr resolvida por forma que se encare o dia d'amanhã com inteira confiança.» Como entende elle que a crise devia ser resolvida? Sendo elle chamado a fazer governo. Não o foi e elle considera isto «um grave erro, que não terá [facil reparação.» A *Capital* publica uma informação inquietadora e muito significativa de um estado que muito se parece já com o de guerra civil. Em Extremoz tres officiaes de cavallaria de um esquadrão expedicionario, «tendo a impressão, diz aquelle jornal, de que o governo do general Pimenta de Castro era uma dictadura militar, mandaram armar, municiar e formar na parada do quartel o esquadrão, que deve seguir brevemente para Angola e declararam que não receberiam ordens senão de um governo organizado legalmente». «Informados de que a existencia do actual governo estava por emquanto dentro das leis constitucionaes — acrescenta a *Capital*—obedeceram á ordem que lhes foi dada de mandarem desarmar e recolher a quarteis os seus soldados.» Mais tarde foram presos. A' noite chega o *Seculo* de 29 com esta estupenda noticia: no dia anniversario do imperador Guilherme, o

general Pimenta de Castro mandou ou foi cumprimentar a Legação da Allemanha!

A proposito dos allemães encontro em dois jornaes de Paris estas duas expressões lapidares: «Verniz fraseologico» «prestigio doutrinal».

#### 2 DE FEVEREIRO

Os jornaes portuguezes publicam uma carta do Manuel d'Arriaga ao general Pimenta de Castro, que como documento de insensatez só posso comparar á entrevista Galtier. E' a declaração da fallencia da Republica, feita pelo Presidente da Republica!

#### 3 DE FEVEREIRO

O *Temps* publica a carta do Manuel d'Arriaga — um horror! — e em artigo de fundo aprecia-a nestes termos: «Rien ne donne une mesure plus exacte du danger qui menace dans cette periode critique la nation et la Republique Portugaise.» Um individuo vindo hoje de Lisboa e que me visitou dá pessima idéa da situação. O Pimenta de Castro fez annullar as medidas de expulsão tomadas por Bernardino Machado contra Homem Cristo e outros. O *Paix* de Lisboa publica listas de *formigas brancas*.

## 4 DE FEVEREIRO

Outros jornaes de Paris publicam a carta-pregão de Manuel d'Arriaga. Sinto-me na situação d'aquelle pobre ministro do Haiti, que conheci aqui e que me dizia, como eu estranhasse a sua falta nas ultimas festas do Eliseo: — *Je suis honteux, pour mon pays!* Felizmente neste momento não ha festas, nem as haverá tão cedo.

## 5 DE FEVEREIRO

Esta manhã recebo com surpresa um telegramma cifrado e assignado assim—«José Jeronimo Rodrigues Monteiro». Decifra-se o telegramma. O que é? E' o novo ministro dos Negoeios Estrangeiros que nos diz ter tomado posse do seu logar; e quem é o novo ministro?—E' José Jeronimo Rodrigues Monteiro. No fim de contas, penso eu, este deseonheido não é mais perigoso na pasta dos Estrangeiros do que o Augusto de Vasconcellos, ou o Bernardino Machado, ou o Antonio Macieira, sem falar no nefasto Freire d'Andrade e—quem sabe? — talvez o seja menos. O dia trouxe uma *acalmie* nas nossas anxiedades. Um telegramma de Lisboa para os jornaes de Paris annuncia que os allemães evacuarão Angola, repellidos pelas nossas tropas, e aacrescenta: «O resultado d'esta vietoria deve-se em grande parte á energia e á coragem de que os officiaes portuguezes deram prova.» Oxalá! O *Primeiro de Janeiro* trouxe-nos uma relação confortadora do que foi a celebração do 24.º anniversario da revolução do Porto. Ao lê-la tenho a impressão de que apesar de todas as prova-

ções por que tem passado, a Republica em Portugal viverá. E para tudo ser hoje melhor, este raio de esperança foi acompanhado de um raio de sol, annunciando a primavera. A condessa de Carvalhido, que depois da guerra deixou o seu *appartement* da Avenida La Bourdonnais e se reinstallou no Hotel d'Iena, insistiu em que fossemos visitar o hospital para feridos, mantido nas dependencias d'esse hotel, a expensas do sr. Deutsch de la Meurthe. E lá fomos, lá tornamos a ver os nossos antigos aposentos (porque foi neste hotel que nos installámos quando ha quatro annos viemos para Paris) hoje servindo aos feridos. Ah! não são para lastimar, os feridos do Hotel d'Iena! Nada lhes falta: vida d'hotel, alimentação de hotel, e o carinho de enfermeiras tão lindas que eusta a erer que tanta e tão fragil belleza esteja associada ao espectaculo de tão duro soffrimento. O medico que nos guiou fez-nos visitar a sala das operações, onde acabavam de ser operados dois feridos e onde uma menina bella como uma imagem, fresea como uma flôr, vestida com o trajo branco das enfermeiras, limpava os ferros que tinham servido ás operações. Cumprimentámos, ella sorriu com o seu melhor sorriso e o medico disse-me ao ouvido: — Esta menina é filha do sr. Gastão Dreyfus.

Os effeitos do bloqueio inglez começam a fazer-se sentir na Allemanha, onde já se grita que a Inglaterra quer reduzir os allemães pela fome, o que, dizem esses brutamontes, é contrario ao direito das gentes. Os allemães invocam o direito das gentes. *Çà va bien!*

## 7 DE FEVEREIRO

Na Polonia está-se travando uma grande batalha da qual dizem os jornaes que é um tremendo massaere. Os allemães procuram attingir Varsovia e atiram para a frente ondas de gente. Os resultados por ora têm sido negativos. Em França combates isolados. Lucta-se na Alsacia. Thann é bombardeada, mas esta guerra e a continuidade dos seus horrores levou-nos a este estado de espirito: o bombardeamento de uma cidade é a monotonia e não falta talvez quem diga bocejando: — Que massada! Voltaram os dias chuvosos e sombrios. De Portugal não ha novas noticias e os jornaes, com excepção do *Seculo*, que vem regularmente, não têm chegado. E' um repouso quando elles não vêm.

## 8 DE FEVEREIRO

O sr. Giovetti, de passagem por Paris, veio almoçar connosco. Esteve ha dias em Barcelona e contou-nos que conheera ali num hotel a cantora portugueza Maria Judice da Costa, a qual lhe pareceu, diz elle, muito *thalassa*. Esta Maria Judice diz cobras e lagartos da Republica. Quem não o diz agora?

## 9 DE FEVEREIRO

Recebida a visita de Louis Guilaines, redactor do *Temps*, que veio receber a importancia de sete mil e duzentos francos com que o Governo Portuguez procura, nem sempre com exito, merecer a simpatia d'este-

grave e considerado órgão dos republicanos moderados. Observei a Guilaines que o *Temps* e a *Action Française*, órgão dos nacionalistas, tinham sido os unieos jornaes de Paris que haviam dado publicidade á carta do Presidente Arriaga, a qual muito bem podia ter sido omittida pelo *Temps*, pois não offerecia um interesse immediato para os seus leitores. Disse a Guilaines estar conveneido de que elle procurava muitas vezes as suas informações em meios hostis á Republica Portugueza. Guilaines reconheceu que as informações que autorisaram os eomentarios com que elle fez acompanhar a carta do Presidente Arriaga lhe tinham sido fornecidas por uma carta dirigida ao *Temps* e assignada «Um diplomata portuguez». Estranhei que nessas circunstanceias não se lembrasse de que o diplomata portuguez ainda mais qualificado para o informar era eu. Guilaines, bastante embaraçado, prometteu-me que de futuro procuraria ouvir-me antes de eserever os seus artigos sobre Portugal e falou-me mesmo em escrever proximamente um outro que desfizesse o mau effeito eausado pelo anterior. Puz os sete mil e duzentos francos á sua disposição, o que talvez contribua para lhe dar a impressão de que as coizas em Portugal eaminham melhor do que parece a dar a entendê-lo a desastrada carta do Presidente Arriaga.

10 DE FEVEREIRO

Leio nos jornaes portuguezes que o novo ministro dos Negocios Estrangeiros nomeou seu secretario, ou chefe de gabinete, um certo Valerio Villaça, antigo de-

putado progressista, filho de Eduardo Villaça e intimo amigo de Rodrigues Nogueira, o chefe da ultima intontona monarchica. Vou abster-me de dirigir communições de certa natureza ao novo ministro. O inimigo entrou no Ministerio dos Negocios Estrangeiros. E eis aqui a obra dos republicanos de 1910! Os dias costumam a passar. O mez de janeiro parceu-me enorme. Este leva o mesmo caminho. Em Portugal preparam-se festas para o Carnaval.

## 11 DE FEVEREIRO

Escrevem-me de Lisboa que antes de se organizar o ministerio Azevedo Coutinho, o Affonso Costa, consultado pelo Arriaga sobre a situação politica, propoz o meu nome para a resolver organisando governo. Arriaga recusara terminantemente esta solução, apesar de Affonso Costa lhe garantir que eu podia contar com a maioria nas duas Camaras. Quando fui presidente do Conselho, este Arriaga sahio-se-me um dia com esta: —Tenho aqui um documento muito curioso para lhe lêr! E tirou da gaveta e dispunha-se a ler-me uma carta que havia pouco lhe dirigira... Homem Christo Pac. Foi-me preciso levantar-me da cadeira e fazer menção de me retirar, se elle insistisse em ler-me semelhante carta, para que elle, todo penalizado, a rasgasse e a deitasse ao cesto dos papeis. — Era o que devia ter feito ha mais tempo! conclui eu, e tornei a sentar-me. O Arriaga sempre teve um fraco por este Christo, de quem foi e não sei se é amigo e de quem foi advogado na escandalosa questão do divorcio d'este filho natural do padre José Agostinho.

Quando a guerra começou, ahí por meados de agosto, o grande caso de Paris e da França foi o caso do general Percin. O que tinha feito o general Percin? Tudo. Entregara Lille aos allemães, não accudira a tempo com as suas tropas, por occasião da batalha de Charleroi, recusara-se a fazer uso do novo explosivo de Turpin sob o pretexto de que não era humanitario, recusara-se a transportá-lo sob o pretexto de que era perigoso. Por tudo isto fôra fusilado, segundo uns, esbofeteado pelo general French, segundo outros, conduzido a Paris no meio de gendarmes, ainda segundo outros. Houve em Paris quem o visse nesta postura. Afinal o que houve? Pouca coisa. O general Percin é republicano e o que é mais grave — radical. Portanto, e em principio, o general Percin é um malfeitor. Já em uma carta a que me refiro neste jornal, o general d'Aurade procurou desfazer esta lenda de infamias. Agora, é o ministro da Guerra quem o faz, embora sem entusiasmo e em termos stricta e seccamente administrativos, porque o sr. Millerand, antigo *sans culotte*, tambem não morre d'amores pelos radicaes. Eis aqui o que os jornaes d'hoje publicam:

Le ministre de la Guerre a adressé, le 8 février 1915, à M. le général de division Percin, ancien commandant de la 1<sup>re</sup> région à Lille, la lettre suivante:

«Comme suite à l'audience que je vous ai accordée le lundi 8 février, et pour donner satisfaction à la demande que vous m'avez exprimée au cours de cette audience, j'ai l'honneur de vous confirmer par écrit ce que je vous ai verbalement déclaré, à savoir qu'il est

absolutement établi que vous n'êtes en rien responsable de l'évacuation de Lille, au mois d'août 1914.

«D'autre part, j'ai pris note du désir que vous m'avez manifesté d'être appelé á un emploi d'activité, et il est bien entendu que je me réserve, le cas échéant, de faire appel à vos services au même titre qu'à ceux des autres officiers généraux du cadre de réserve. — A. Millerand».

## 13 DE FEVEREIRO

Manifestação latina na Sorbonne, para que veio aqui convidar-me o sr. Georges Lacoure Gayet, membro do Instituto. Prometti ir, mas não fui, como não vou ao jantar d'amanhã, que faz *suite* a esta festa. Vae por mim o Montalvão, que assim tem uma rara occasião de comer um jantar official e não se verá embarçado, como eu me veria, para responder ás indiscretas perguntas que lhe farão sobre a attitude de Portugal. Elle encontrará sempre o segredo de uma palavra que ninguem entenda. A Allemanha começa a sentir os efeitos do bloqueio inglez. Não é ainda a fome, mas é já a crise da alimentação. E' o estado de sitio. O que em 1871 se passou numa cidade, Paris, vae passar-se nesse grande imperio. Em Paris comeu-se rato. Talvez ali se chegue a isso. Os allemães continuam clamando que esta situação é contraria ao direito das gentes e que a Inglaterra não tem o direito de reduzir á fome os não-combatentes. Como se as mulheres e creanças do cerco de Paris o tivessem sido! D'ahi represalias. A Allemanha annuncia que, a partir de 18 de fevereiro, a zona maritima que cerca a Inglaterra será considerada

zona de guerra e que os seus submarinos metterão no fundo, sem aviso previo, todos os navios mercantes que ali encontrarem. Os Estados Unidos já declararam que o primeiro navio seu que fôsse ao fundo era o *casus-belli*. Os inglezes encolhem os hombros, dizem que as ameaças allemãs são um *bluff*, e entretanto enviam-lhes uma esquadilha de trinta e quatro aeroplanos a bombardear Ostende.

14 DE FEVEREIRO

Telegramma de Lisboa para os jornaes de Paris: «O ministro dos Negocios Estrangeiros (de Portugal) entrevistado sobre a situação internacional, declarou que o governo está decidido a respeitar as decisões tomadas em 8 de agosto e em 23 de novembro pelo Congresso.» Não é difficil. A imprensa de Lisboa deixou de occupar-se d'este assumpto, que assim dir-se-ia arrumado.

15 DE FEVEREIRO

Appareceu-me hoje um soldado vindo das trincheiras, ferido e portuguez, de Lisboa. Estava no Brazil, como marinheiro da armada brasileira, quando rebentou a guerra. Elle e mais tres companheiros, todos portuguezes, partiram a alistar-se, bater-se pela França. Muito prestigio tem a França! Metteram-no na Legião Estrangeira. Ferido na Argonne, foi tratado no hospital auxiliar de Moulins, admiravelmente, diz elle. Mas a Legião Estrangeira é o que elle não imaginava, porque não o sabia, e segundo as suas proprias expressões — «uma coisa horrivel», malfetores, aventureiros,

ladrões, assassinos. «O meu commandante matou a mãe em Marselha e não o occulta». Pediu então uma licença de sete dias afim de falar comigo, na esperança de que eu conseguisse tirá-lo para um regimento francez. Desilludi-o. Impossivel. Já o tentei para outros. Impossivel. Não ha maneira de fazer admittir estrangeiros no exereito francez. Mas elle prompto se resignou, disse que ia reflectir, e que talvez nesse caso pedisse a sua reforma. Tem vinte e quatro annos. Parece ter desesete. Tão franzino é que o mais pequeno modelo de uniforme ficá-lhe como num cabide, mas tem dois olhos negros como carbunculos, maliciosos, chispando lume. E' tudo o que vive nelle. O resto é um destroço. E' das privações, diz. Quando veio não estava assim. A trincheira pô-lo naquelle estado. Foi ferido por alguns estilhaços de granada, traz um apparelho de borracha na perna e, eoitado! arrasta-se. Agora vac para Lyon eonvalescer e depois verá. O seu desejo era continuar «a fazer a guerra», mas tem medo d'aquella gente (refere-se á gente da Legião). Tem medo que aquillo lhe faça mal e «se lhe pegue». E' uma pobre cabeça e elles são tão maus! — Você o que é? é um aventureiro! digo-lhe sorrindo — Que quer v. ex.<sup>a</sup> que eu faça? Para o mar não volto. Estou fatigado do mar. Officio não sei, não tenho familia de quem cuide e sou um encargo para a minha. Fazer-me matar ainda é o meu melhor destino. Não quereria soffrer, mas uma bala na cabeça não se sente. Se não morrer volto e peço aos francezes que me dêem um emprego nos caminhos de ferro. — Porque nos caminhos de ferro? Elle não explica esta sua predilecção. Per-

gunto-lhe como se passa nas trincheiras.—De bocca passa-se bem, não falta nada, mas a vida é dura, os allemães são duros. Ah! que homens! que raça! Se os visse marehar em filas cerradas, debaixo das balas e do fogo das granadas, sem pestancjar, eom um absoluto desprezo pela morte! E' uma coisa horrivel! — E os francezes, como se portam? pergunto-lhe. Mostra-se então muito reservado, mas acaba por contar que algumas vezes os soldados se têm recusado a marchar, e que para sahirem das trincheiras é necessario que os seus officiaes saiam primeiro. A proposito faz grandes elogios ao general Franchet d'Esperey, que diz ser um verdadeiro amigo dos soldados. Do que possa ser o fim da guerra não sabe que dizer. Está perplexo. Sem o bloqueio inglez não sabe o que seria. Os allemães são muito duros. Como vem coxeando, desamparado, mando-lhe dar uma bengala e pergunto-lhe se tem dinheiro. Diz que tem. Prometteu voltar amanhã e está enantado por poder falar portuguez, que fala com uma ligeira accentuação brasileira. O Montalvão, que assiste a uma parte da sua conversa, está admirado de vêr este portuguez que se bate e fala em morrer, não encostado a um piano, mas numa trincheira da Argonne; e diz eom aquelle ar de risonho scepticismo, que, segundo me eonfiou um dia, é o que mais convém á carreira diplomatica: — Os portuguezinhos! São damnados, os portuguezinhos! — Bazofias! sr. Montalvão! digo-lhe eu. Não ha portuguezinhos damnados. O que ha em toda a parte do mundo são desgraçados, e este é um d'elles. O seu heroismo é desamparo. O Montalvão fica-se a esgravatar nos miolos.

16 DE FEVEREIRO

O voluntario portuguez, chama-se elle Manuel Alves, voltou a apparecer, arrastando a sua perna. Tinha-lhe hontem dado uma bengala, mas elle queixa-se de que ella não o segura, verga. Fiz-lhe então comprar outra, mais solida. A sua petulancia, a sua alegria captivaram esta gente da Legação. O Thomaz e o Antonio já andam mettidos com elle, e vieram hoje mostrar-me algumas paginas do seu *diario*. Ou elle não estivesse em França e não vivesse na intimidade do povo mais aliteratado do mundo! A idéa de fazer um *diario* não lhe occorria em Portugal. O seu *diario* é curto e não tem por ora interesse, porque, como elle proprio diz, omitta o que possa ferir o amor proprio dos francezes. Apenas lá deseobri uma breve descripção de uma carga á baioneta, da qual elle esereve: «Todos mais ou menos então tremendo de medo.» Pela segunda vez os russos recuam, perdem o terreno ganho. Tendo pela segunda vez invadido a Prussia Oriental, pela segunda vez foram forçados a abandoná-la. Recuam na Polonia, recuam na Galicia. No entanto as perdas allemãs são enormes. Uma testemunha ocular faz de um d'esses ultimos massaeres esta descripção aterradora:

«Le tir de nos mitrailleuses fauchait les rangs pressés de l'ennemi comme l'eût fait une lame d'acier. Le combat terminé, nous avions devant nous des montagnes d'hommes tombés, d'où sortaient des hurlements. La nuit venue, à la lumière de nos projecteurs, nous voyions ces montagnes onduler sous l'effort des blessés

cherchant à se relever, puis, vers deux heures du matin, rien ne bougeait plus.»

E' um Gustavo Doré.

17 DE FEVEREIRO

Almoço na Taverne Royale, com João Judice de Vasconcellos, primeiro tenente da armada, republicano e camachista. Veio a França tratar, segundo parece, dos negocios da casa Marconi. Procurou-me ante-hontem. Como não tive tempo de o ouvir e a sua conversação me parecesse interessante, convidei-o para almoçar hoje. Foi pontual. Como o ignorasse ainda então, comecei por lhe perguntar se estava filiado nalgum partido politico. Como quem confessa uma culpa, reconheceu, embaraçado, estar filiado no que elle ehama — o partido do Camacho. Depois falou como falam os portuguezes quando sabem que os escutam com interesse — pelos cotovellos; mas eu levei-o a precisar. Precisou então que o que seria de toda a vantagem em Portugal seria a reconstituição do rotativismo, formula segundo elle perfeita de um bom equilibrio politico — conservadores e radicaes alternando-se no poder, como no tempo da monarchia os progressistas e os regeneradores. Era o que o Camacho queria, acrescentou, ficando este e o Affonso Costa com a direcção superior da politica portugueza. De resto, accrescentou ainda, não havia duvida que o unico partido da Republica realmente organizado era o do Affonso Costa. Objectei-lhe que não comprehendia nesse caso a campanha de exterminação que lhe movia o Brito Cama

cho, negando-lhe o direito de governar. A estas e outras objecções não responde claramente, dando apenas a entender que as campanhas do Camacho são uma represalia contra a politica do Affonso Costa, de eliminação de tudo o que não seja democratico; mas, como eu o aperte, sahe-se logo com a restricção de que acompanha o Camacho, mas não cegamente, querendo talvez d'este modo significar que não applaude todos os seus actos. As suas idéas e meios de expressão são confusas e sem precisão, como as de todos nós — ai de nós! Aproximadamente, mas só aproximadamente fico sabendo o que elle quer dizer. Pergunto-lhe quacs são as suas impressões sobre o futuro da Republica. O que elle receia, diz, não é a restauração da monarchia feita por meio de uma revolução, mas uma surpresa do eleitorado, ou do parlamento, e exprime assim o seu receio: — Se tivermos eleições livres, a Republica pode ter essa surpresa. Falo-lhe da questão da participação na guerra. Responde-me com as idéas do Camacho — Que de resto, accrescenta este acha absolutamente intoleravel que depois dos ataques em Africa o ministro da Allemanha «ainda passeie por Lisboa a sua arrogancia». — Mas não é isso que o Brito Camacho diz no seu jornal e, pelo contrario, diz que assim é que está bem! Elle recebe a minha objecção como um golpe de vento, concorda que ao Camacho faltam muitas qualidades. Por exemplo: é muito pouco representativo. Não faz sentido um presidente de Conselho com aquelle fato no fio e aquella barba por fazer. E então, inexgotavel, sahe-se com mais esta: — O Camacho não tem senso politico; não sabe dirigir. Precisava ter

a seu lado um homem com as qualidades que lhe faltam para imprimir uma direcção segura ao partido — E elle, então que ficava a fazer? pergunto eu. Mas João Judice de Vasconcellos não responde directamente. Procura, escogita, e finalmente diz: — Ficava onde está, porque é um homem muito intelligente, um homem eminente. Sobre isto pedi a conta. O que é que obscurece a nossa intelligencia nacional, não o sei! E' um nevoeiro de cortar á faca.

18 DE FEVEREIRO

Um official allemão que fez toda a guerra de 1870-71 no estado maior de Bismarck, o conde Paulo Hetzfeld, deixou um livro de *memorias* que está agora sendo lido outra vez, e nesse livro encontro o quê? Que a Allemanha fez a guerra á França em 70 para garantir a paz da Europa e reduzir a praga dos armamentos, isto é, exactamente o que hoje se diz da Allemanha. Aqui está o que eserevia o conde Hetzfeld em 18 de agosto de 1870.

«Cette guerre est vraiment affreuse. Depuis ce matin on doit se battre dans les environs de Metz; — à ce qu'il paraît, avec succès pour nous. Lorsque aujourd'hui le roi et Bismarck se sont rendus, de grand-matin, sur le champ de bataille, je ne les ai pas accompagnés; j'ai assez vu de mourants et de blessés... Quant à la paix, Dieu sait avec qui et de quelle façon nous la conclurons. Ce qu'il y a de certain, c'est que nous ne la ferons pas sans avoir la certitude que,

pendant au moins cinquante ans, il sera impossible à la France de se permettre de nouveau une pareille plaisanterie. Il nous faut une paix durable, qui nous mette à l'abri, nous et les autres peuples de l'Europe, des attaques insupportables des Français. Ainsi le monde entier pourra réduire la force des armées, et qui allégera les impôts des nations.»

Demos hoje uma volta pelo Bois. O dia estava coberto e chuvoso. Junto do Moulin, desceamos da caruagem e fizemos, a Maria e eu, *un bout de chemin*, a pé, contornando Longehamps, e minha mulher notou que apesar das apparencias hibernaes as arvores já começam a rebentar pelas pontas dos galhos. O Bosque estava deserto. Em todo o campo de Longehamps ha grandes medas de palha.

19 DE FEVEREIRO

Hoje á tarde deseia os Campos Eliseos, debaixo de uma formidavel carga d'agua, um batalhão de fusilheiros da marinha, com todo o seu equipamento de guerra, a que ia junto o grande pão de munição. Senhor! Como estes francezes são pouco praticos, e como este pão exposto ás bategas d'agua dá bem idéa do seu nenhum senso da realidade; mas o que me commoveu foi ver marchar] ao [lado d'esses pobres soldados, encharcados até aos ossos, algumas das suas pobres mulheres. Uma d'ellas empurrava adiante de si um carrinho de creança em que ia um bebé. Uma outra segurava na sua mão a mão de um fusilleiro e chorava, e tudo aquillo rolava avenida abaixo a marche marche,

sob a chuva torrencial. Fica-se com este espectáculo nos olhos o dia inteiro.

20 DE FEVEREIRO

A conferencia dos socialistas em Londres ia levantando no horisonte politico da França uma nuvem que logo foi dissipada. Os dois ministros socialistas, Marcel Sembat e Julio Guesde, foram ao congresso. Disseram-se ali tolices. Era de esperar. O Viviani teve de explicar-se e fê-lo com esse tacto e essa elegante dicção, que é o privilegio dos francêses. A Camara deu-se por satisfeita. O que se disse em Londres? Pouca coisa. Os socialistas inglêses mantêm-se fieis aos velhos themas. D'ahi um conflicto que pouco durou entre o doutrinarismo socialista inglês e o patriotismo dos socialistas francezes. A discussão versou sobre o thema — Quem provocou a guerra? O que se conclue? Que pelo momento as idéas socialistas soffreram um eclipse.

26 DE FEVEREIRO

Ha uma semana que ando entre a cama e o fauteuil, todo saecudido pela tosse da grippe que todos os invernos me vem ver. O doutor Lopes appareceu, receitou. Oito dias em casa, que martirio! O facto novo da guerra é a investida que os alliados estão dando aos Dardanellos, com as suas esquadras. Na Mancha os submarinos allemães vam mettendo no fundo os pobres navios de carga que encontram, mas os estragos desta estrategia tem sido por ora menores do que cra de prever. O Alfredo de Mesquita escreve-me de Dedéa-

gatchi, hontem turca, hoje bulgara, para onde foi, diz elle, afim do expedir a sua correspondencia que lho era interceptada pelos tureos, os quaes estão convencidos de que Portugal mandou tropas para o Egipto. A sua carta traça um quadro curioso da Turquia germanizada. «Em Constantinopla suffoca-se, diz elle. Está-so numa insupportavel atmosfera de cervejaria allemã. As mesquitas estão servindo do casernas e onde antes mal se escutavam os murmurios do Alcorão, ouvem-so agora as sapatadas e a berrata dos instructores do Kaisor.» Noutro ponto diz-me: «Estou sem saber coisa alguma ao certo a respeito do que vamos fazer na guerra e vejo-me obrigado a evitar que mo perguntem, para não ter de responder. A' primeira vista parece que deveria interessar em Lisboa o conhecimento do que aqui se passa; e estando eu aqui, vendo as coisas como ellas são, nada mais natural do que aproveitarem-me a boa vontade ao menos. Pois eu lhe contarei um dia o que se tem passado e que é curioso, para a historia interminavel das nossas negligencias. Diga-me alguma coisa,— termina elle. Tenho mais medo de morrer de tristeza neste abandono em que me vejo, de quo de uma investida de janizaros armados até aos dentes!» Os jornaes de Lisboa, á falta de outra função, que são incapazes de desempenhar, interrogam toda a gente sobre a situação politica, e um d'elles foi interrogar o Pimenta de Castro sobre as suas intenções. — As minhas intenções? respondeu Castro — *Deus super omnia*. — Pensa v. ex.<sup>a</sup> adiar as eleições? — Não sei! *Deus super omnia!* — Faz novos recenseamentos? — Não sei! *Deus super omnia*. Os jornaes já lançaram mão do estribi-

lho. O que vae ser de Portugal? *Deus super omnia*. Entretanto o Affonso Costa já se avistou com este velho maniaco e igualmente, interrogado pelos jornaes, deu a entender que seria possivel um accordo com o governo até ás eleições. — Que respondeu o general ás indicações de v. ex.<sup>a</sup>? perguntou-lhe um d'esses jornalistas.—Não respondeu nada, mas parece-me que ficou muito impressionado, concluiu o Affonso Costa.

## 27 DE FEVEREIRO

Tentativa de assassinio contra o Affonso Costa no Porto, por um rapaz de quatorze annos, da Juventude Catholica. O facto que me impressiona é o de, á chegada de Affonso Costa a Lisboa depois d'este attentado, haver muito pouca gente na estação e de haver mesmo manifestações de hostilidade. O proprio Affonso Costa desembarcou em Campolide. Onde está a popularidade de outr'ora?

## 28 DE FEVEREIRO

O nosso paiz não me dá uma semana de socego. Novas desordens em Lisboa, cargas de cavallaria, ferimentos, prisões. O Pimenta de Castro, que «tão impressionado ficara com o que ouvira a Affonso Costa», marcou as eleições para 6 de junho. Terá sido por este motivo que um grupo de officiaes o foi cumprimentar e felicitar? Segundo os jornaes d'esta noite, a origem das desordens populares teria sido esta manifestação militar. Aos militares o Pimenta de Castro teria reconhecido estar em dictadura para pôr termo á «pres-

são demagogica.» Até onde irá mais este insensato não sei, mas se acontecimentos inesperados não sobrevêm, o que me parece é que elle está caminhando para o cano de um revolver.

1 DE MARÇO

Os jornaes chegados de Lisboa eompletam as informações d'ante-hontem. O Pimenta de Castro decretou em dietadnra uma especie de nova lei eleitoral, restituiu o voto aos militares (e esta foi a eausa da manifestação de que falo atraz) resuscitou disposições das peiores leis elcitoraes da monarehia, finalmente fez annunciar que impedirá a reunião do Parlamento no proximo dia 4. O que é isto? Um 18 Brumario? Sagunto? Digo a minha mulher:—Não sirvo isto! Minha mulher responde-me:—Tens razão! E' uma vergonha! E immediatamente redijo este telegramma: «Ministro dos Negocios Estrangeiros — Lisboa. Por este telegramma, tenho a honra de enviar a v. ex.<sup>a</sup> a minha demissão de ministro de Portugal junto d'este Governo e nesta data entrego os negocios da Legação ao sr. Justino de Montalvão, primeiro secretario. Representante de um regimen de liberdade, não sirvo dictaduras, nem dietadores. — João Chagas». E tirei um grande peso de cima de mim. A' noite chegou a noticia de que o deputado demoeratico Henrique Cardoso foi hontem morto com um tiro, á porta do seu eentro politico.

2 DE MARÇO

O Alves da Veiga acaba de sair de nossa casa. Antes de regressar ao Havre, veio saber «o que havia», Disse-lhe o que havia, e confirmei-lhe a minha resolução, que hontem lhe communicara por carta, para a sua casa de Paris. Aconselhou-me ainda a esperar. Respondi: — Está feito! Elle disse: — E' o diabo! e desfez-se em conjecturas sobre o fim proximo da Republica. Estavamos no salão, e como ali fizesse frio, trouxe-o para o meu escriptorio, para ao pé do fogão. Houve um longo silencio, que elle interrompeu para me perguntar o que devia fazer e me pedir um conselho. — Que conselho? Hesitava sobre o que devia fazer, se devia secundar o meu gesto. . Furtei-me a continuar esta conversação. O spectaculo das fraquezas humanas faz tanta pena! Espraiou um olhar pelos meus moveis, disse: — E vossê que faz a isto? — O quê? aos meus moveis? Levo-os commigo... Perguntou se não valeria mais a pena desembaraçar-me d'elles em Paris. Pelo menos de alguns... — Não! Isto agora, com este tempo de guerra, não dá nada. Levo-os todos. E só comprehendi o seu interesse pelos meus moveis, quando elle, prestes a despedir-se, já de pé, me perguntou se eu levaria a mal que elle sollicitasse o meu lugar. — Não! meu pobre amigo, não levo a mal! Muito triste é esta vida.

Quem está radiante é o Montalvão. Encarregado de negocios e em Paris! Honras, proveitos... No entanto diz-se desolado, faz insupportaveis frases com os dentes cerrados, para arranjar melhor dieção; mas ao com-

muniear hoje ao ministro, com singular pressa, que eu lhe entregara os negocios da Legação, todo se poz de rojo em eumprimentos e protestos de zelo. Feio bicho o homem!

Os jornaes ehegados hoje dão a entender que em Lisboa se está produzindo um grande movimento popular de protesto contra a dictadura. A Camara Municipal resolveu não acatar os seus actos e o mesmo fizeram as Juntas de Paroehia. O Presidente da Republica é objecto de violentas aecusações. Os jornaes de Paris d'esta tarde dizem no entanto que Lisboa está tranquillá. Mau signal!

Novo pormenor para a historia das mentiras de Freire d'Andrade e do governo Bernardino Maehado. Contou-me hoje o Alves da Veiga que, em outubro do anno passado, Freire d'Andrade lhe telegrafara para Bruxellas: «E' quasi certo que Portugal entrará brevemente na guerra. Vá preparando as suas coizas.»

### 3 DE MARÇO

O *Seculo* diz eonstar que o Pimenta de Castro se propõe dissolver a Camara Municipal de Lisboa e a de Santarem. Assim, não é possivel eneontrar entre os portuguezes um homem de bom senso! Em todos não ha senão loueura, desatino, disparate, e são todos assim—surdos á razão, voluntariosos, autoritarios, violentos. Ao João Franco metteu-se-lhe na cabeça salvar a monarchia, á força. E perdeu-a. A este general metteu-se na cabeça, quem sabe? salvar a Republica, tambem á força, e vae talvez perdê-la tambem. Força! força! E'

a herança de brutalidade do brutamontes ancestral, o trinea fortes, o estoira vergas.

4 DE MARÇO

Telegramma de Affonso Costa : «Salutations votre attitude. Prie dire jour arrivée. Souvenirs affectueux.» Que quer elle? Ou estarci eu filiado nos demoeraticos? Não sei por que razão parecee que estes pretendem incluir-me entre os seus, por quanto, segundo uma carta de Lisboa reecbida hoje, o Directorio do Partido Republicano Portuguêz terá decidido enviar-me dois emissarios, o Arthur Cohen e o dr. Carneiro Franco, a confereneiar commigo em Paris. Como eu me referisse a estas tentativas de sedução, esta tarde, no terraço do Royale, o meu amigo Giovetti disse-me:—Guarde a sua virgindade, amigo Chagas! A guerra esqueceu. Já não me interessam os communicados que o Negreiros me telefona todas as noites e mal leio os jornaes de Paris. Estamos preparando as nossas coizas para partir na proxima semana, por Madrid, onde me fará bem demorar-me uns dias, rever o Prado e os logares por onde passei a minha nostalgia durante o meu exilio de 1894. Minha mulher está arranjando os seus vestidos, eu estou pondo em ordem a minha papelada, cartas, documentos, *coupures* de jornaes de que grandemente vou precisar em Lisboa para a minha campanha, pois é coisa rosolvida no meu espirito fazê-la em uma serie de brochuras. Assim não venha o imprevisto deitar a terra este projecto.

5 DE MARÇO

O Pimenta de Castro continúa a grassar. A Camara não poude reunir. Os jornaes annunciam novas perseguições aos democraticos, demissões, etc. Parece que os funcionarios do Ministerio da Justiça nomeados pelo Affonso Costa vam ser postos na rua.

6 DE MARÇO

A's 9 da noite o Negreiros eommunica-me pelo telefone que segundo noticias de Badajoz transmittidas para Madrid, os democraticos reuniram em Lamego e proclamaram presidente da Republica do norte de Portugal o general Correia Barreto. Se assim é, é a guerra civil — é a Republica que vae morrer ou que vae nascer outra vez.

6 DE MARÇO

A noticia da reunião do Congresso em Lamego continua a eircular na imprensa franceza e por certo na do mundo inteiro.

7 DE MARÇO

Esta tarde o Montalvão appareceu-me, não posso dizer muito pallido, porque todo elle, mesmo em circumstaneias afflietivas como as que está atravessando, é fogos de Bengala, mas sensivelmente impressionado, a dar-me a nova do dia. Chegou o Brederode — o Brederode, que o governo anterior retirára ha pouco d'aqui a

meu pedido, por intoleravel. A remessa d'este doido é um acto de represalia do Ministerio. Mal chegou, o Brederode pediu logo que se fizesse inventario dos pertences da Legação e quiz que logo, logo se communicasse ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros de França a sua presença e a sua encarregatura de negocios, pois veni encarregado de negocios, esse alienado. Creio que entrou *en coup de vent*. A Republica entrou com outros modos. Encontrou aqui o Thomaz de Sousa Rosa espavorido. Não o assustou. Ao contrario. Pediu-lhe que socegasse, que não se fôsse embora, que ficasse ao serviço da nação. Acabo de ler no livro de registo dos telegrammas da Legação em 1910 o telegramma que lhe foi expedido por Bernardino Machado em 6 de outubro. Dizia assim: «Republica proclamada. Governo Provisorio presidido dr. Theofilo Braga. Peço communique feliz nova a esse governo e aos nossos compatriotas. Ordem absoluta. (a) *Bernardino Machado*, ministro dos Negocios Estrangeiros. Isto não se concebe. Pois fez-se. Em data de 7, Sousa Rosa respondeu: «Na situação especial em que me encontro, v. ex.<sup>a</sup> comprehenderá que não me é possivel fazer a communição de que me encarrega. Peço por isso a v. ex.<sup>a</sup> aceite a demissão e que sollicito, das funcções de ministro de Portugal em França. (a) *Sousa Rosa*. De mim estão neste momento dizendo certos jornaes de Lisboa, como a *Lucta* de Brito Camacho, que pedi a minha demissão «que foi logo accite», o que é falso, pois não a pedi, senão que a dei. *O pedido de demissão de Sousa Rosa nunca foi accite*. Logo depois, Sousa Rosa pediu que lhe fôsem pagos o ultimo trimestre da renda da

sua casa da rua de Lubeek, bem como a indemnisação ao proprietario, pelo facto de a abandonar antes de findo o seu contracto. Não levou muito tempo a resolver este assumpto. Em 23 de dezembro de 1910, o barão de S. Pedro, antigo funcionario da monarchia, telegrafava a Antonio Bandeira, cuearregado dos negocios em França: «Vam expedir-se ordens 7.000 fr. renda de casa. (a) *San Pedro.*» E em janeiro Bandeira telegrafava a Bernardino Machado: «Assumpto antiga casa completamente liquidado. (a) *Bandeira.* «Mais tarde, Sousa Rosa pedia a sua reforma, não sei se como diplomata, se como general do exercito, e neste sentido andou activamente trabalhando pelas secretarias em Lisboa o Bartholomeu Ferreira, secretario em França no momento da Revolução, depois nomeado por Bernardino Machado ministro na Haia, onde agora está. A reforma de general foi-lhe dada. Mais tarde ainda reclamou-se de Sousa Rosa a formalidade imposta a todos os funcionarios da Republica de prestarem juramento de fidelidade ás suas leis. Sousa Rosa pediu cxeusa. Não se insistiu. Eu vou deixar este posto. Como Sousa Rosa devo pagar um ultimo trimestre de renda e uma indemnisação e não sei ainda como isso será. Estou a vêr que não ma pagam. A monarchia, se tivesse vindo já, não me aborreceeria tanto.

8 DE MARÇO

O Thomaz perdeu-me 400 francos, nesta occasião! Que o leve o diabo. Georges Guilaines, redactor do *Temps* e irmão de Luiz Guilaines, teve noticia da minha demissão e veiu saber o que havia. Dei-lhe materia

para um artigo que vae fazer e que, diz elle, me satisfará.

9 DE MARÇO

Jornaes de Lisboa. Larga noticia do que se passou no dia 4 nos arredores de S. Bento. A Camara fechada e sellada, guarda republicana, policia, muito povo, vivas á Republica e gritos de — Abaixo a dictadura. Bernardino Machado aproveitou o ensejo para se restaurar no conceito publico. Insistiu em passar, resistiu á tropa, protestou, bramou. O histrião! Mais felizes do que os republicanos de 51, os democraticos encontraram um bom sitio para se reunirem, e num velho palaeio de Santo Antonio do Tojal, Camara e Senado nesse dia funcionaram. A gravidade das circumstancias inspirou bem esses desatinados. As coizas não se passaram mal e não se disseram dislates. Tenho a impressão de que estes factos podem reagir favoravelmente no espirito do Portugal republicano. A minha demissão inspirou ao *Mundo* a primeira palavra de sympathia que esse jornal esereve a men respeito vae em cineo annos. A *Capital* evocou as minhas tradições, diz-me as primeiras palavras consoladoras que ouço desde que se proclamou a Republica. No *Primeiro de Janeiro* o sordido Alpoim, mais uma vez, se desforra do desastre que lhe inflingi nas minhas *Cartas Politicas*, cobre-me de insinuações torpes. «Que não gosta de tirar o pão a ninguem». O refinadissimo eanalha! Esta noite, o Negreiros voltou a perguntar-me pelo telefone se queria o communicado da guerra. — Têm noticias de Lisboa? — Não! — Então passo em claro o com-

municado. Entrada em funeções do novo encarregado de negocios. Esta manhã reclamou da porteira que lhe fôsse entregue a correspondeneia que vinha para mim. Espero que elle acabe por cortar o telefone que liga a minha casa com a Legação. Por isso dei ordem ao Thomaz para o conservar. Quero que este maluco dê tudo quanto poder, porque mal ehegue a Portugal quero expôr num jornal este aspecto eurioso do Terror Branco.

10 DE MARÇO

Um redactor do *Petit Parisien* veio entrevistar-me sobre a minha demissão, de que ha conhecimento pelos jornaes italianos. Confirmei-lhe que me tinha demittido. Quer fazer sobre este assumpto um artigo. Para quê? Julga-o interessante. A' noite jantar no Hotel Madison com o consul e a consuleza de Inglaterra, Mr. et Madame Hearn. Madame Hearn é brazileira. Agradavel conversação até ás dez e meia. Regresso a casa atravez de Paris deserto. Não se confirma que os democraticos tenham eleito outro presidente da Republica. Ainda bem.

11 DE MARÇO

O marquez de la Rochetulon deixa-me um cartão com estas palavras a lapis: — *Diex aia! Avec espoir que Votre Excellence reste nôtre.* O ministerio da dietadura já está em crise. O ministro das Finanças do general Castro pediu a sua demissão. O general Castro não esteve com meias medidas. Entregou as Finanças a José Jeronimo, ministro dos Negocios Estrangeiros.

Grande homem este tropa. A' tarde, o Moraes Carvalho appareceu e contou que um individuo chegado hoje de Lisboa, que o procurara no consulado, lhe dera noticias de Lisboa. A dictadura é considerada instavel, o Camacho afunda-se (assim devia ser) e os democraticos procuram *mêltre de l'eau dans leur vin*, para o que estariam no proposito de fundar um jornal moderado. O individuo em questão teria acerescentado que *o meu gesto*, como lhe chamam em Lisboa, fizera ali muita impressão.

12 DE MARÇO

Reina o panico na Legação de Portugal. O Montalvão continua inquieto vendo immiute um conflicto com o doido que o Ministerio para aqui mandou. O Thomaz, coitado! não sabe o que hade fazer á sua vida e já fala em ir-se embora. O Brederode trata-o a pontapés, depois de lhe ter andado a pedir dinheiro pelos cantos da Legação. Assim entrou a dictadura nesta casa. Em Lisboa assaltos ás padarias e aos talhos. Nós ás voltas com as malas. Já está fixada a partida para quarta-feira que vem. Solução da crise. O brigadas dos Estrangeiros passou para as Fianças. O das Colonias passou para os Estrangeiros. Tudo tropa.

14 DE MARÇO

Domingo. Visita de despedida á princeza Jeanuc e á condessa de Carvalhido. O Thomaz anda encolhido como sob um furacão. O Brederode fechou-lhe a Legação a sete chaves e fá-lo esperar á porta para entrar

— como um cão! diz elle. E acerescenta: — Ha doze annos que estou nesta casa. E' a primeira vez que isto me succede. A bieieleta do Antonio estava na Legação. O Brederode intimou-lhe mandado de despejo. Um carteiro que faz a distribuição da correspondencia da Legação perguntou: — Quem é esse *salaud* que para ali veio de novo? O *salaud*, como elle lhe chama, foi de proposito ao correio annunciar que aqui não ha mais ministro de Portugal e reclamar que toda a correspondencia da Legação seja entregue unicamente nas horas de serviço. Para não prolongar esta situação partimos depois d'amanhã, terça feira. De Portugal não ha noticias, nem me consta que a minha demissão me tenha ainda sido dada.

## MADRID 22 DE MARÇO

Chegada na quinta de manhã sob um ceu de chumbo e chuva a potes. Madrid está construindo casas novas e novas installações para os serviços publicos, como os correios, em edificios faraonicos. No mais é a mesma cidade que eu deixei ha vinte annos, cidade inutil de fidalgos e grandes senhores, laeaios, funccionarios, mendigos, oeiosos, e essas mulheres de mantilha preta e olhos negros, que desde Hugo e Musset são toda a poesia da Hespanha. Na Carrera San Jeronimo eneontra-se um cego a cada vão de porta estendendo a mão — *Pobre ciego! Una limosna por el amor de Dios!* Deus é invoeado sobre todos os pretextos. — *Que Dios se lo pague, señorito.* Na calle de Alealá, uma mulher leva pela mão um aleijão monstruoso e ella mesma é hor-

renda, obesa como quasi todas as mulheres nesta terra, quando deixam de ser jovens. Para fugir á chuva entramos, a Maria e eu, no Fornos, que as minhas recordações de Madrid diziam ser um café elegante. E' uma immunda cocheira. O soalho gasto desaparece sob detricτος de toda a natureza e as cadeiras estão tão velhas e sujas que repugna sentar-se a gente nellas. O publico, como o de todos os cafés de Madrid, é constituido por essa multidão de homens de todas as idades mas com a mesma fisionomia e o mesmo trajo, que inspiram a todos os estrangeiros um sentimento de desconfiança. Fujimos, e mais tarde, no hotel, perguntamos a um creado que tem viajado e fala linguas se não ha em Madrid um café decente. Terminantemente, diz-nos que não ha. Apenas um, o *Ideal Room*, é frequentado por melhor gente. Fomos depois ao *Ideal Room* e encontrámo-nos em uma salinha cheia de fumo e onde só havia homens, um pouco mais escolhidos do que nos outros cafés, e que se voltaram ao vêr-nos entrar, tão raro succede apparecer ali uma mulher. Madrid é uma cidade sem arvores, e como a primavera ainda não fez aqui o seu apparecimento, as poucas que adornam as suas ruas ainda são mais tristes e feias, com os seus troncos torcidos e os seus galhos nascidos á lei da natureza. O Buen Retiro é um lamaçal. Ante-hontem fômos ver o render da guarda, a Armeria, e hontem o Museu, que é um deslumbramento. — E' o que nos vale! disse-me um jornalista hespanhol que me conhece de Lisboa e a quem encontrei hoje. Comtudo, a Hespanha, que desbarata o seu oiro em construcções de uma sumptuosidade ridi-

cula, para instalar serviços pessimamente organisados, não soube ainda instalar dignamente esta maravilhosa collecção de obras d'arte. Não importa. O Prado justifica uma viagem a Madrid. Tendo visto tudo, ha dois dias que nos encerramos no nosso quarto, á espera do dia d'amanhã para partirmos, pois os directos para Lisboa não são diarios. Ao nosso quarto chegam os ruidos de uma aldeia ruidosa, cantares, assobios, conversações, disputas, no meio de um constante tanger de violas. E estamos no coração da cidade. Minha mulher, horrorizada, aguarda com impaciencia o dia d'amanhã. Logo que chegámos encontrei na rua — Madrid é pequeno — o Armando Navarro. Cartões de visita, etc., o á tarde o Augusto de Vasconcellos, que nesse dia chegara de regresso de Lisboa. O Vasconcellos é conhecido em Madrid como elle proprio confirma, com sorridente bonhomia, por *el golfo*; e Pablo Salmeron, que na sua presença dá este curioso informe, accrescenta que o Relvas, com os seus olhos baixos e as suas falas baixas, deu logar a que o apodassem de — *el tonto misterioso*. Bonita situação para a nossa diplomacia. Pucho pela lingua ao Augusto de Vasconcellos. *Il se laisse faire*. Conta-me em primeiro logar o caso do Leandro que eu desconhecia. O governo hespanhol interessou-se por que fôsse dada a amnistia ao incendiario da Magdalena. O Bernardino Machado, como sempre, prometeu. Deprehendi da linguagem do Vasconcellos que quem mais se interessou por este assumpto foi elle mesmo Vasconcellos, persuadido como está que esta politica lhe garante uma situação favoravel junto do governo hespanhol. O certo é que

o Leandro foi amnistiado e já sahiu de Portugal, não sem que pelo caminho o saudassem a tiro. Ao regressar a Madrid Vaseoncellos, segundo lhe ouvi, procurou o marquez de Lema, ministro dos Negocios Estrangeiros, sem duvida para receber os agradecimentos d'este. O marquez de Lema deu-lhe um grande abraço. Optimo diplomata este Vaseoncellos! Tambem refere a quem o quer ouvir (referiu-o no Palace Hotel deante de Pablo Salmeron) que comprara por tres contos de réis o deputado republicano Santa Maria, afim de conseguir, por intervenção d'este, que o governo hespanhol autorisasse a sahida para Portugal de quinhentos cavallos. Vaseoncellos dá a esta torpe diligencia o aspecto de uma habil acção diplomatia. Saceudi-o para que me dissesse alguma coisa sobre a actual situação de Portugal perante a guerra. Respondeu que essa situação é esdruxula, e atira as responsabilidades do que se tem passado para cima do Bernardino Machado.

PARIS, 10 DE SETEMBRO

Chegamos esta manhã a Paris, minha mulher e eu, depois de uma ausencia de cerca de seis mezes, e eu retomo o meu lugar de ministro de Portugal, de que me havia demittido em 2 de março. Durante este espaço de tempo, deram-se em Portugal successos consideraveis. Em 15 de maio, uma revolução destituiu o governo Pimenta de Castro e restabeleceu a constituição. Neste grande apuro, fui mais uma vez presidente do Conselho. Em viagem do Porto para Lisboa, aonde ia assumir mais uma vez essas responsabilidades, um sé-

nador da Republica tentou assassinar-me. Reccebi tres tiros dos eino que despejou sobre mim, de surpresa, estando eu sentado ao lado de minha mulher, num compartimento de primeira classe. Em resultado d'esta aggressão, perdi o olho direito. Fizeram-so as eleições e os demoaetieos obtiveram uma maioria consideravel om todo o paiz. Constituiu-so um novo governo, depois d'aquelle a que presidi efemeramente, num catre do hospital de S. José, e esse governo lá está ainda, semeando como todos deseontentamentos. E' presidido pelo José de Castro. Reelamei a minha reintegração no lugar de ministro de Portugal, como reintegrados foram todos aquelles que voluntaria ou forçadamente abandonaram os seus postos por causa da dietadura. Fui reintegrado e eis-me aqui de novo, na minha easa, em que não toquei, porque esteve sempre no meu pensamento que havia de voltar a ella. Do tudo o que se passou eonservo uma lembrança só e essa muito grata — a do amparo que minha mulher me deu quando estive para perder a vida. Ainda a estou vendo, nessa terrivel noito de 16 de maio e emquanto eu eafia prostrado pelos tiros que me feriram, correndo para o sinistro malfeitor. Sinto ainda na minha mão a pressão da sua, emquanto o comboio rolava para Lisboa, e o meu sangue eorria a jorros; e parece-me ainda ouvir a sua voz dizer-mo persuasivamente: — Tu não morres! Tu não podes morrer. Eu pedia-lhe quo olhasse para mim, porque me parecia que a via pela ultima vez e queria levá-la gravada nos olhos, á minha querida companheira! Ella transfigurara-se. Repetia numa exaltação sublime: — Tranquillisa-te! Tu não morres! Tu

não podes morrer! E dir-se-hia que a sua confiança no meu destino era absoluta, porque não teve um momento de vacillação. Não derramou uma lagrima. Dez dias, creio eu, estive num quarto do hospital de S. José. Minha mulher não me abandonou um minuto. Durante dez dias não dormiu. Nos meus curtos somnos senti sempre a sua mão na minha e nunca pronunciei o seu querido nome que a sombra do seu rosto não se projectasse sobre o meu. Quando os meus medicos, já tranquillizados, começaram a desaparecer, foi ella que os substituiu, quem fez o penso do meu braço ferido e partido, quem tratou o meu olho despedaçado. Posso dizer que só me abandonou ao chegar aqui hoje. Até hojo não me perdeu de vista um instante, pois omquanto estivemos em Portugal não cessou de recoiar por mim, suppondo-me exposto a novos perigos, vendo assassinos om toda a parto. Propuz-me, depois de tudo o que se passou, não a sujoitar a novas provações, e assim procurarei pagar-lhe a grande divida de gratidão que contrahi com olla, vivendo para ella o tempo que me resta a viver. Levo para a sepultura a lembrança da sua incomparavel dedicacão. Ao meu país dei, quero crê-lo, o ultimo esforço. Propunha-me, a despeito dos meus projectos de regresso a França, ficar ali o encetar, por um jornal, se houvesse meio de o fazer, uma nova obra, de que os portuguezes tanto precisam, de orientacão publica. Não houve meio de o fazer, nem para isso appareceu quem me offerecesso recursos. A *Capital* propoz-mo com afan receber a minha collaboracão, mas esta proposta não foi mantida. Publiquei duas brochuras, da série que levava em mente dar a

lume: — *A ultima crise e Portugal perante a guerra*, em que so falou muito, que influiram muito, mas que tiveram pouca leitura. Eram sessenta e quatro paginas compactas e eu pude reconhecer que o publico não supporta tanta leitura. Essas brochuras indispozeram-me com todos os politicos que apoiaram a dictadura Pimenta de Castro e em geral com todos os inimigos de Affonso Costa. Fui por elles muito atacado e alguns que eram meus amigos pessoaes, desapareceram-me. Comtudo, essas brochuras não continham uma palavra aggressiva; mas os portuguezes são assim — são fanaticos e odeiam a verdade. Foram as verdades que eu disse na *Ultima crise* que armaram o braço do homem que me quiz matar o de quem se disse que era um doido. Não era porém um doido, mas um fanatico. Reconheci, no meio d'essas luctas do fanaticos, que a minha personalidade não inspira senão simpatias anónimas. Para os fanaticos, é a de um homem que irrita. Este sentimento ia-me custando a vida, mas tão irritante se torna a verdade no meu país que nem essa circumstancia me poz ao abrigo de novos ataques. A minha reintegração no posto de Paris deu logar a que eu fôsse atacado no Parlamento, pelos partidarios de Antonio José d'Almeida e Brito Camacho, como um inimigo quo não se poupa. Fizeram-me ahi uma verdadeira espera, como já ma tinham feito no rapido do Porto. Eis-mo de novo aqui, no meu entresol da avenida Kleber, que mobilei e guarneeci com garridice, á custa de tantos sacrificios e onde passei as porventura mais inquietas horas da minha vida. Voltei com a resolução firme de ficar neste país, succeda o quo succe-

der, como ministro de Portugal, ou como exilado. (1) Minha mulher irá de vez em quando ao seu país, ao qual a liga uma profunda afeição. Eu não penso lá voltar tão cedo. O Estado pagou-me os vencimentos que eu deveria receber no tempo que estive ausente. Tenho ali a um canto de uma gaveta quinze mil francos. Para o imprevisto, chega. (2) Encontro nas folhas d'este *Diário* estas notas a lapis :

RIO TINTO, 8 de abril. — Instalámo-nos na Villa Margarida. O meu plano, vindo para o Porto, foi fugir ao tumulto de Lisboa, e entregar-me longe dos politicos ao trabalho das duas brochuras que me proponho publicar; mas o Guedes d'Oliveira insistiu em que estavamos melhor na sua casa deshabitada de Rio Tinto e para cá viemos. Não foi grande idéa. O sitio é triste, solitario, ermo, mas enfim os importunos não chegam cá. Começo a trabalhar na *Ultima crise*.

RIO TINTO, 12 de maio. — Concluida a minha brochura *Portugal perante a guerra*. Os acontecimentos precipitam-se. Projecto de partida para domingo.

RIO TINTO, 13 de maio. — Graves desordens no Porto, tiros, bombas, mortes.

RIO TINTO, 14 de maio. — Revolução em Lisboa.

---

(1) 1918 — Exilado.

(2) 1918 — Estamos vivendo d'elles.

Comunicações interrompidas. Sou chamado ao Porto. Reunião em casa do industrial Azevedo e entrevista com Alexandre Braga, que vem, diz elle, levantar o Porto. Corre que o governo está preso. A' noite, das janellas da casa de Guedes d'Oliveira, assistimos a Maria e eu a um tiroteio tremendo entre a policia, a guarda republicana e o povo, na rua de Santa Catharina. Feridos, mortos, brados de — Quem vem lá? seguidos de descargas. Noite em claro em casa de Guedes d'Oliveira.

Porto, 15 de maio. — Deixamos a Villa Margarida por um hotel no Porto, aguardando que as comunicações restabelecidas nos permittam seguir para Lisboa. E' voz corrente que fui nomeado presidente do novo governo. Dois telegrammas do Affonso Costa reclamando urgentemente e instantemente a minha presença em Lisboa.

Parti no dia seguinte, 16 de maio, pelo rapido a caminho de Lisboa e da morte. Mas chut! Não lembremos mais esse horror!

#### PARIS, 11 DE SETEMBRO

Passeio ao Bosque, num fiacre lento, pelas avenidas desertas. Corre já um *frisson* de inverno. Depois, excursão pelos boulevards. Paris está mais triste do que em março, quando o deixei. Dir-se-hia que ha mais casas fechadas e menos gente nas ruas. Entre esta, quantos mutilados! Paris já os vê passar sem surpresa,

O governo francês vae expulsar o Osear Blanch, que me entrou em casa numa grande afflicção, pedindo-me que o salvasse. Chorou. Disse-lhe que se fôsse embora que ainda era o que tinha de melhor a fazer. A' noite estive a folhear os livros da Legação, o dos confidenciaes, o dos telegrammas trocados durante a minha ausencia. Verifiquei este caso, o que não ereio tenha preeedentes na historia aneedotica da administração dos Estados mais disparatados. O decreto que annullou a nomeação do meu antecessor, Bettencourt Rodrigues, foi publicado no *Diario do Governo* de 7 de agosto. Pois nesse mesmo dia Bettencourt Rodrigues, de regresso de Lisboa, aonde o ministro o chamara para lhe communicar que ia ser demittido, tomou de novo posse do logar de ministro em Paris. No dia seguinte, o Ministerio communicava-lhe a eleição do novo Presidente da Republica, Theofilo Braga, ao que Bettencourt Rodrigues respondia eongratulando-se. No dia 10, avisaram-no emfim por um telegramma de que já não era ministro e foi só então que elle comprehendeu que já não o era, e se foi embora. A *Lucta* inculca este Bettencourt Rodrigues como um homem notavel. Verifiquei nos papeis da Legação outro caso igualmente eurioso. Quando a dietadura estava no seu auge, o ministro dos Negocios Estrangeiros d'então communicou telegraficamente a Brederode, encarregado de negocios que constava achar-se em Paris Affonso Costa e propor-se encetar aqui uma campanha contra o governo, e pedia-lhe o informasse sobre o que havia de exacto a este respeito (!) O que fez Brederode? Entregou este caso á policia, e assim foi que durante algum tempo

e por sollicitação da Legação de Portugal, a policia de Paris andou no encaço do chefe do partido democratico. Folheando sempre esta papelada, deparei com mais esta: o primeiro acto de Bettencourt Rodrigues, logo que lhe foi communicada a queda do governo que o nomeou, em seguida á revolução de 15 de maio, foi apresentar os seus «respeitosos cumprimentos» ao novo governo! Integro homem!

## 13 DE SETEMBRO

Primeira visita ao Quai d'Orsay, ao sr. Martin, chefe do Protocolo. Pergunto-lhe se o meu caso (o da minha renomeação) tem precedentes. Tem um precedente muito recente até — o do ministro do Haiti, Nemours Auguste, demittido por uma revolução, nomeado por outra. A semelhança dos nossos casos não me lisongeia muito. — Mas — accrescenta o sr. William Martin — o sr. Nemours Auguste não chegou infelizmente a tomar posse de novo do seu lugar, porque morreu! Pobre Nemours Auguste. Estou a ouvi-lo dizer-me por occasião do uma das muitas revoluções do seu país: — *Je suis honteux pour mon pays*. Provavelmente morreu ralado de desgostos — *pour son pays!*

## 14 DE SETEMBRO

Primeira visita ao doutor Coulomb, o medico *oculaliste* que me recommendaram em Lisboa, que largamente me abonaram em Paris e que me hade arranjar o meu olho direito perdido. Rue Vignon, 28.

Lá fômos ás quatro horas. O doutor Coulomb é um latagão, loiro e juvenil como um Baccho de Jordaens, e palrador como Figaro. Verifica o meu caso que encontra nas condições mais favoraveis e dá-me um novo *rendez-vous*. Sahimos optimamente impressionados e eu com a esperança de recuperar uma fisionomia normal.

15 DE SETEMBRO

Entrevista com Delcassé, no Ministerio. Delcassé parece surprehendido de me encontrar em tão perfeito estado depois do que me succedeu. Diz: — *Ça a été dure?* Resumo-lhe o que se passou. Elle dá-me uma grande attenção. Traço-lhe o quadro da actual situação politica e insisto em que a questão da posição de Portugal perante a guerra é uma causa de mal-estar no país. Elle perfeitamente sabe, segundo diz, os sentimentos que animam o nosso país, e eu recordo-lhe os serviços que não temos cessado de prestar á causa dos alliados, mas accrescento que justamente pelo facto de esses serviços se terem tornado conhecidos, o sentimento publico é de desgosto, por se haver verificado que elles têm um character clandestino, que não se concilia com os interesses moraes do país. Digo-lhe que o actual ministro está tratando com o governo inglês de corrigir esta situação e espero que elle me habilite, com uma palavra, a proseguir nesta conversação; mas como em Bordeus, quando lhe falei, neste assumpto, o sr. Delcassé entende por certo que a França não tem o direito de se immiscuir nas relações anglo-portuguesas, porquanto faz apenas um gesto, um

gesto que não diz nada e que diz isto: Que fazer? E toda a historia da alliança inglêsa perpassa pelos meus olhos. Era talvez a occasião de communicar algumas uteis impressões ao ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal. Mas para quê se Portugal está condemnado pela mediocridade dos seus homens a ser um feudo da Inglaterra, e o que nos diz a historia da guerra de 1914? Que não é já a Inglaterra que procura mais uma vez reduzir-nos ao estado de vassallagem, mas nós próprios que lhe offerecemos os pulsos ás suas algemas. A tradição da alliança inglêsa fôra resgatada pelo convite que a Inglaterra nos fez, em 10 de outubro de 1914, para nos collocarmos a seu lado, na presente guerra. Esse documento li-o, meditei-o, tive-o mezes em meu poder. E' o mais alto momento da nossa historia. Nunca um grande Estado sollicitou o concurso de uma pequena nação em termos tão lisonjeiros para o amor proprio d'esta. Nesse dia 10 de outubro todo o passado ignominioso das nossas relações com a Inglaterra se dissipou para dar lugar a um facto novo e deslumbrante — de uma nova Inglaterra e de um novo Portugal. Bastava ter dito uma palavra e era a remodelação completa da historia. Era o prodigio. O memorandum de 10 de outubro de 1914 pedia uma resposta «favoravel e urgente» ao convite da Inglaterra. Não a teve! Era ministro dos Negocios Estrangeiros Freire d'Andrade; era presidente do Conselho Bernardino Machado, que o Congresso da Republica elegia pouco depois Presidente da Republica. Não! Não ha nada a esperar do nosso país! Fômos esta noite á Comedia Francêsa. Sala triste, ausencia de toi-

lettes, militares em traje de campanha. Num camarote, um *hussard*, de braço ao peito. *A noite de outubro, Il faut qu' une porte soit ouverte ou fermée*, e uma velha peça de Dumas filho. As dores liricas da *Noite de outubro* pareceram-me fastidiosas. Na hora presente não ha lugar para a dôr de já não ser amado, nem mesmo no nosso pensamento. A peça de Dumas pareceu-me uma obra de titeres, com a sua dceza do feminismo, as suas theses a favor do divorcio, a sua moral caduca, os seus ditos murchos, como flores já sem viço... A' sahida, a treva. O nosso automovel singra pelas ruas de Paris no meio de uma noite densa. Nos Campos Eliseos o unico carro que sobe é o que nos conduz. Quando chegamos a casa, temos a impressão de vir do mar alto.

16 DE SETEMBRO

Nova visita ao doutor Coulomb, que me faz uma dissertação sobre o modo de dissimular o olho artificial. Recommenda-me o uso de lunetas de vidros concavos. O espelhar do cristal concavo não permite, segundo elle, uma observação segura do nosso defeito. Alguns *borgnes* usam monoculo na orbita do olho que lhes falta. E' um erro, adverte o sagaz doutor. O monoculo chama a attenção. A proposito da palavra *borgne*, diz que nunca a emprega. A palavra *borgne* tem um sentido pejorativo e então elle inventou para os individuos attingidos por esta mutilação uma designação elegante. Chama-lhes: *heterophthalmes*. Creio que para me consolar do meu mal, brindou-me com uma brochura de que é autor e na qual passa em revista e

celebra os *borgnes* illustres desde Nelson e Camões até ao engenheiro Marconi.

18 DE SETEMBRO

Depois que interrompi este diário, a guerra não mudou sensivelmente de aspecto, mas alguns novos factos se deram. A Italia finalmente entrou no conflicto invadindo a Austria pelo Trentino, mas não arranea pé das montanhas onde se encontra. Por ora, dir-se-hia que o seu coneurso não se faz sentir embora disponha de um grande exereito e de uma marinha forte. O acontecimento que preocupa a França neste momento é a invasão da Russia pelos austro-allemaes. Depois de se terem feito bater por mil modos, estes retomaram Prezmysl primeiro, Lemberg depois, Varsovia em seguida e neste momento ameaçam Riga e falam em ir até Petrograd. Porquê? Porquê este reeuo dos russos? O que se diz é que lhes faltaram as munições, por imprevidencia por certo. A campanha é dirigida pelo marechal Hindenbourg e a noticia que hoje corre através das columnas dos jornaes de Paris é a de que o marechal teria annuciado que a acção militar na Russia terminaria d'aqui a quatro semanas, depois do que a Allemanha retiraria cerca de um milhão e meio de homens da frente oriental lançando-os contra a França. Espera-se até certo ponto este ataque e os pessimistas grassam com furor. Os germanofilos de Portugal batem por certo as palmas.

19 DE SETEMBRO

Entrega de credenciais no Eliseu. Tudo se passou, como se tinha combinado, sem apparato e como se não tivesse havido solução de continuidade nas minhas funcções, e o sr. Poincaré, pela primeira vez, foi encantador. Conheci-o frio, reservado, distante. Vim conhecê-lo caloroso, expansivo, familiar e amigavel. Recebeu-me no seu gabinete, do braços abertos, o sorriso nos lábios, o inquiriu logo do meu estado do saudo e do de minha mulher, falou no *abominable attentat*, disse-me o quanto elle o havia impressionado e ao governo e finalmente exprimiu uma sincera satisfação de me tornar a ver no meu logar. — *Tout Paris va être dans la joie de vous avoir à nouveau*. E eu ouvindo-o, sentindo-me bafejar pela sympathia de um tão affectuoso acolhimento, pensava commigo mesmo: assim, é a França que se me mostra reconhecida pelos serviços que eu prestei... a Portugal, o assim é neste país estrangeiro que eu venho encontrar as unicas, satisfatorias recompensas do meu osforço! Pela primeira vez desde que o conheço, o sr. Poincaré falou tanto que mal tive occasião de falar. Como já o tinha feito a Delcassé, precisei a situação de Portugal. Elle atalhou logo que admiravelmente conhecia os sentimentos do meu paiz, as suas affinidades com a França, a sua cultura tão franceza. Para mais, temos as mesmas instituições. — E para em tudo nos parecermos, as nossas democracias até praticam os mesmos erros! Elle immediatamente concordou: — os mesmos! Falei-lhe da guerra e das nossas esperanças. Elle então foi abundante e d'um

optimismo magnifico e risonho. Referi-me aos boatos correntes de uma nova offensiva allemã. — Deixe-a vir! disse elle. Essa offensiva, o generalissimo deseja-a. Em campo raso, os nossos soldados—isso está demonstrado—tem uma immensa superioridade sobre os allemães. — E' uma nova face da guerra! disse eu. — Está claro! tornou elle; e ouvindo-o, eu não cessava de admirar a transformação que se operara em todo elle, até na sua fisionomia, que perdera a immobilidade e a secura, se tornara animada e viva. A' sahida, o *huissier* que me acompanhou, com o seu largo collar ao pescoço, inquiriu com carinho do meu estado de saude, disse-me a emoção que causára em todo o pessoal o meu «*accident*» e enquanto caminhou ao meu lado, não cessou de dizer: — *C'est très heuroux! C'est très heuroux!* Sahi do Elyseu satisfeito, recompensado, feliz.

## 20 DE SETEMBRO

As attenções publicas estão todas voltadas para a Russia. Os allemães procuram involver os russos. Fala-se num novo Sedan, colossal.

## 23 DE SETEMBRO

Parece que os russos conseguem escapar-se ao movimento involvente dos allemães. A opinião, que em toda esta guerra é feita de fluctuações, fluctua sobre os russos e ora os desdenha, ora os admira. Hoje ouvi dizer: — Aquelles russos são admiraveis!

24 DE SETEMBRO

Os aliados têm procurado até aqui, por intermedio da sua diplomacia, levar os Balkans a collocarem-se ao seu lado na guerra contra a Turquia, o que tem parecido tanto mais urgente quanto o ataque aos Dardanellos é um fiasco consumado. A sua politica tem consistido em dar compensações immediatas á Bulgaria que não se resignou a reconhecer como definitivo o tratado de Bucarest e em prometter compensações futuras á Grecia e á Servia. Verifica-se, porem, que a Bulgaria está fazendo um duplo jogo, pois ao mesmo tempo que trata com os aliados, entende-se com a Allemanha. E a diplomacia só agora o comprehende! Os jornaes de Paris começam a inquietar-se. A Allemanha dispõe-se a atacar a Servia e a abrir caminho para a Turquia, mais tarde para o Oriente, para a India. Pede-se que a Bulgaria seja intimada a declarar as suas intenções.

26 DE SETEMBRO

Hoje, domingo. Logo pela manhã, chega-me pelo telefone a grande noticia. Os francêses tomaram a offensiva no Champagne, numa extensão de vinte e cinco kilometros, e avançaram quatro. Fizeram vinte mil prisioneiros, tomaram grande numero de canhões. Quantos? Diz-se que cincoenta, sessenta. Ao descer não resisto a atirar a noticia a Madame Gerard, que toda irradia satisfação e ma agradece. Passeio ao Bosque. A folha começa a cahir.

27 DE SETEMBRO

Confirma-se a victoria d'hontem. Todos os semblantes exprimem contentamento. Jean Finot veio almoçar connosco. Contou uma infinidade de historietas sobre familias reaes. Segundo elle, o primogenito do czar é filho de um official do exercito russo, a quem esta aventura custou a vida.

2 DE OUTUBRO

Morreu o Ramalho, a quem o *Gaulois* num sumido *entrefilet* chama *Ramalho Ortigas*. Teve um enterro mediocre: restos da nobreza liberal, o Lopes de Mendonça, pela Academia Real das Sciencias, e pelos republicanos — o Urbano Rodrigues, Quem no-lo diria ha quarenta annos? O Lopes de Mendonça falou á beira da campa do velho escriptor e foi, como dizia o Eça—sublime.

«Meus senhores. — Dentro dos corações da minha geração resôa a voz de Ramalho Ortigão como numa concha a voz do longiquo oceano. Basta aguçar a memoria para sentir as marteladas d'essa satira formidavel que foram as *Farpas*. Ellas aluiram o edificio que a sua alma piedosa inda tentou amparar. Nós, porém, empenhados em cimentar as paredes que hoje nos abrigam, devemos a homenagem da nossa gratidão a quem desbravou o terreno para novos alicerces.

«Ironia! Tu és a verdadeira liberdade!», rezava a epigrafe dos seus pamphletos. A arma, que elle manejava com mestria, afiava o gume no espirito mazorro dos

seus contemporaneos, e nem a sua alta intelligencia lhe media a força destruidora. O que se lhe afigurava um látigo, era uma catapulta; o que lhe soava aos ouvidos como estridulações de uma charamela zombeteira, era o clangor da trombeta de Jericó. E quando viu, absorto, desmoronarem-se as muralhas percutidas pelas vibrações possantes, a sua grande alma, em que não cabiam odios, retraiu-se com lagrimas.»

Proeuro ver se no passado litterario de Portugal isto foi sempre assim, e tenho a impressão de que isto é novo. E' o periodo algido da decadencia intellectual. Não se desco mais. Na oratoria, o Antonio José d'Almeida; na politica o Brito Camacho; na litteratura o Lopes de Mendonça. O que é que se passa na mentalidade portugueza e como chegou a este miserando estado? Attribuem-so a Carlos V estes juizos: «Os francezes parecem doidos e têm juizo. Os hespanhoes parece que têm juizo e são doidos. Os portuguezes parecem doidos e são doidos.» O que estou vendo porem não é loucura: é eretismo.

Esta tarde vi Jeanne — Jeanne Hugo, a neta de Victor Hugo, a irmã de Georges, a Jeanne das estrofes de *Jeanne endormie* . . .

*Elle dort; ses beaux yeux se rouvriront demain  
Et mon doigt qu'elle tient dans l'ombre emplit sa main.*

Depois do trabalho na Legação, a Maria pedira-me para a acompanhar a um cabelleiro de senhoras da Avenida Kleber, aqui a dois passos. Pomponet estava

só. Todos os operarios foram mobilisados. Dera-me um jornal para ler e eu penetrara nas noticias da tarde, quando a campainha da porta da rua retiniu. Nós estavamos na *arrière boutique*. O cabelleireiro ausentou-se, e d'ahi a pouco ao voltar disse: — Essa senhora que ahi esteve é Jeanne Hugo. Ainda dei um pulo para a porta, mas elle deteve-me dizendo-me que Jeanne voltaria d'ahi a pouco. Já a Maria tinha acabado de ondear os seus cabellos negros e já eu desesperava de ver Jeanne, quando Jeanne em pessoa appareceu.

*Voir la Jeanne de Jeanne, oh ! ce serait mon rêve !*

E justamente, foi a Jeanne de Jeanne que eu vi, na pessoa d'essa senhora de cabellos louros, baixa, commum, toda vestida de preto, *et cela ne m'a causé la moindre émotion...*

28 DE SETEMBRO

Visita a Dubost, presidente do Senado. Largo interrogatorio sobre Portugal. Longa exposição minha. Depois, Ministerio dos Negocios Estrangeiros. O suô-director dos negocios politicos Jean Goût fala-me do caso das metralhadoras dinamarquezas, que consiste nisto: a França desejou comprar á Dinamarca um certo numero de metralhadoras, ereio que duzentas, e metten isto Portugal, que se prestou a facilitar essa transacção desempenhando nella o papel de comprador. A situação imprecisa em que nos encontramos permite-nos prestar estes serviços. O negocio estava feito, quando a Dinamarca reclamou do Governo Português que este

obtivesse de todos os belligerantes, sem excepção da Allemanha, um *permis* para a passagem das metralhadoras. A condição não foi accete e o negocio não se concluiu. Eis porem que a Dinamarca pretende obter da França certos productos de que necessita e cuja exportação foi prohibida pelo Governo Francês, e que faz nestas circumstancias o fino diplomata que é o sub-director dos negocios politicos? Insinua ao ministro da Dinamarca em Paris, o dôce sr. Bernhofft, que o Governo Francês está muito descontento pelo facto de o Governo Dinamarquês não ter facilitado a Portugal as metralhadoras. Surpreza do sr. Bernhofft, que ignorava o caso das metralhadoras e naturalmente pergunta em que pode elle interessar a França. Aqui, o sr. Jean Goût pede-me a minha intervenção e appella para os meus sentimentos francêses. Objecto: — A não ser que reconheçamos que as metralhadoras encommendadas por Portugal são destinadas a França, não sei como se resolva este caso. O sr. Jean Goût convem que elle é bicudo. A' tarde sou procurado pelo ministro da Dinamarca, que me pede lhe diga de que se trata. Mostro como elle uma profunda ignorancia do caso.

29 DE SETEMBRO

Boatos de novas victorias francêsas. Pela manhã corre que os soldados francêses se batem nas ruas de Lille, á noite que romperam as linhas allemãs numa profundidade de vinte e cinco kilometros. Após a victoria da Champagne, o publico quer mais, mais victorias. Os novos communicados parecem pallidos e tudo

o que não seja avançar, avançar, dá a impressão da derrota.

## 3 DE OUTUBRO

Visita do Puga Bosne, ministro do Chili. Domingo. O consul de Portugal pergunta-me se tenciono fazer içar a bandeira no proximo dia 5. Fico estupefacto.

## 4 DE OUTUBRO

A Maria visita a Madame Poincaré e como presumo que não so demorará espero-a ao pé do Eliseu, passeiando e olhando as vitrines. Demorou-se uma hora. Quando voltou era quasi noite e eu estava desesperado. Madame Poincaré reteve-a a tomar chá, fez confidencias, falou pelos cotovelos. A Maria veio encantada com o acolhimento. O Presidente do Senado veio pagar-me a sua visita. Tambem cá esteve o Chevalier de Stuers, ministro da Hollanda.

## 5 DE OUTUBRO

Quinto anniversario da Republica. Recepção. A prinzeza Jeane veio ver-nos depois do nosso regresso. Está viçosa, admiravel. Alguns portuguezes subiram a cumprimentar-nos. Estiveram tres officiaes de artilheria que vieram a Paris tratar de um fornecimento de granadas para o exercito portuguez, que se está munician-do como se fôsse entrar em campanha. Chá, Porto, sandwiches. Muito tarde, já quando toda a gente se tinha

retirado appareceu a Madame de Sousa, serpentina, d'olhos baixos e botina em riste.

9 DE OUTUBRO

Visita a Deschanel, presidente da Camara. Eu estava nos meus grandes dias de tagarelice. Deschanel, sempre muito amavel, deixou escápar alguns queixumes sobre a França. A' tarde, visita á condessa de Beauchamps, a quem fui encontrar refugiada num canto do seu *petit salon*, a palrar com a condessa Albert de Mun sobre a guerra, a democracia e os destinos da França. Madame de Beauchamps está convertida aos principios democraticos e, conforme me escreveu em uma carta vehemente para Portugal, abomina os reis que fazem as guerras abominaveis, mas não faz profissão de fé publica d'estas opiniões. Durante uma hora, entre essas duas senhoras, uma que representa a França feudal e outra que usa o nome mais representativo das ideas conservadoras neste paiz, entreguime á tarefa de demonstrar que a minha absoluta confiança no resultado final da guerra repousa num mero sillogismo. O absurdo não se realisa nunca. Ora, a victoria da Allemanha sobre todas as grandes nações da Europa é um absurdo. Ellas ouviam-me encantadas, não pela forma dos meus raciocinios em si mesmos, mas pela segurança das minhas conclusões optimistas, e a cada passo me interrompiam para me dizer: — *Vous croyez? Vous croyez?* Pobres senhoras! Madame de Beauchamps tem um filho na guerra, Madame de Mun, que perdeu o seu marido o anno passado em Bordeus, tem dois, e esta guerra parece-lhes intermi-

navel. Se ao menos podessem prever com segurança que ella acabaria d'aqui a um anno, ou dois, ou . . . Eu interrompi alegremente para as desanuviar, affirmando, o que creio ser um facto, que a prolongação da guerra é economicamente impossivel. — Quanto tempo pensa que ella durará? disse Madame de Mun—Que sei eu! —Mas dois annos, trez?...—E' absurdo. Madame de Mun suspirou, sorriu, como se eu lhe tivesse tirado um grande peso de cima e eu senti vir d'ella para mim, por este motivo, uma fervorosa simpatia. Pobres senhoras! Pobres mães! Recriminaram então ambas os governos dos Alliados, sem cohesão, a sua diplomacia, sem sagacidade e sem energia. O que se está passando com a questão dos Balkans é um horror. Assim, segundo Madame de Beauchamps, em França, certos grandes homens falliram. Quaes? Ella afiança que os moderados, os Poincaré, os Barthou, etc. deixaram muito a desejar. Agora volta-se para os radicaes, para Clemenceau, para os velhos, que ainda parecem ser os melhores; fala mesmo na Confederação Geral do Trabalho, manifesta sem temor a ideia de que uma revolução, depois da guerra, é possivel. Chama-lhe — *le coup de chien*. Madame de Beauchamps interessa-se muito pela politica, pede-me a miudo os meus bilhetes de entrada na galeria de corpo diplomatico. Segundo ella, a doença de Delcassé é meramente a sua demissão para breve. A condessa de Mun despede-so apertando-me muito effusivamente a mão. Podera! Enchi-lhe um cabaz de esperanças. E depois d'ella se retirar Madame do Beauchamps torna a sentar-se, reaccende a conversação, diz que a guerra é uma hecatombe, que em França vae deixar de haver

homens novos e recrimina os autores de tantas abominações, mas accrescenta, baixando a voz: — Estas opiniões reservo-as para quando não esteja presente a condessa de Mun.

## 10 DE OUTUBRO

Lindo domingo do outono. Cem mil pessoas vam aos Invalidos ver os canhões tomados aos allemãos. Os jornaes de Lisboa contam as festas de Cinco de Outubro, o fogo de artificio, a parada e o Bernardino Machado recebido de braços abertos pelo Theofilo Braga no palacio de Belem, e por estes motivos festivos manifestam de novo a sua confiança na estabilidade e no futuro da Republica, o que não impede que amanhã a declarem fallida, perdida.

## 11 DE OUTUBRO

Visita de Daeschner, ministro da França em Lisboa. Falo-lhe da affectuosa recepção que o Presidente da Republica me fez, o que me surprehendeu por não estar om seus habitos ser expansivo. Daeschner sorriu com finura, disse: — *Il vous connaît mieux.*

## 12 DE OUTUBRO

*Thé chez Finot.* Logo á entrada Finot apresenta-me mistress Pankurst, a filha da celebre suffragista, e o advogado Henri Coulon, chama-nos para outra sala, e ali, de pé, confia-nos o grande caso. Edward Grey é atraído pelo director geral do Foreign Office — sir

Crowe, allemão de origem, casado com uma allemã, conquistado á causa da Allemanha. E por entre uma grande confusão de palavras, Finot refere que sir Crowe tem sido a alma damnada de uma verdadeira conspiração germanofila, no mundo official inglêz. Sabe-se que o Governo inglêz hesitou muito antes de declarar o algodão contrabando de guerra. O homem que maior embaraços levantou á applicação d'essa medida teria sido sir Crowe, etc. etc. . . Finot pella-se por esta intrigalhada internacional. Segundo elle ainda, ha graves dissideneias no seio do gabinete inglêz, o que de resto é confirmado pelos jornaes. Edward Grey é muito atacado. No *Times* mesmo faz-se-lhe uma allusão discreta mas aggressiva. Na Inglaterra vae o diabo. E então em França! A crise é segura. Delcassé sahe. A questão da expedição aos Balkans causa as maiores apprehensões e o advogado Henri Coulon senteneia, muito pessimista: — E' uma situação igual á da batalha de Charleroi. Desejo ouvir mistress Pankurst, que segundo parece tem coizas muito interessantes a dizer, mas minha mulher leva-ma. Sou abordado por um sujeito de monoculo, que me diz conhecer muito bem o Antonio Feijó e lhe faz grandes elogios. Pergunto-lhe se é sueco. E' de Stokolmo e jornalista. Mais tarde ehoga uma mulher magra que fala admiravelmente o francês e que me apresentam como sendo uma das mais notaveis mulheres de lettras da Suecia. Uma senhora, que Finot me designa por um titulo que não ouvi, fala-me do Alte, nosso ministro em Washington, e tambem lhe faz grandes elogios. Do Teixeira Gomes, do Sidonio e do especialista das vias urinarias que nos

representa em Roma é que ninguém me fala. Perdão! Falou-me um dia d'estes do Eusebio Leão o meu novo secretario Oliveira, que vem de Roma, onde servin com elle, na Legação. E para me contar isto: — O nosso ministro em Roma não se salienta pela elegancia, nem pela distincção. Uma tarde, estando o secretario Nascimento com um personagem romano, o principe de... numa rua de Roma, passou Eusebio Leão, encolhido num sobretudo, que é talvez o mesmo que o acompanhou nas horas para elle angustiosas da revolução de 5 de outubro. — E' aquelle o seu ministro? perguntou o principe, e accrescentou: Bem se vê que o governo não lhe paga. O Oliveira diz-me que Eusebio Leão faz constar que exerce as suas funcções gratuitamente; e como eu lhe perguntasse se levou alguma pessoa de familia para Roma, informou-me de que Eusebio Leão, que está separado de sua mulher, vive na cidade dos Cesares, em companhia de uma concubina. O mesmo, segundo parece, succede ao Sidonio Paes, em Berlin. O Vaseoncellos, em Madrid, dispensa a companhia da mulher e vive num hotel, como vive num hotel o Teixeira Gomes em Londres. Dos effeitos Moraes de semelhante situação não se forma o menor juizo em Portugal. Os jornaes da noite confirmam a noticia da demissão de Delcassé. Madame de Beauchamps estava bem informada. Fiea em seu logar Viviani, que hoje fez na Camara a sua annunciada declaração sobre a questão dos Balkans. Affirmou o perfeito entendimento entre a Inglaterra e a França, para o effeito da expedição á Servia, da qual participará

igualmente a Russia. Da Italia não disse uma palavra. A declaração foi recebida com frieza.

## 14 DE OUTUBRO

O Governo obteve um voto de confiança da Camara, mas não ha duvida que esta guerra foi um grande golpe no velho prestigio dos homens d'estado e dos diplomatas. Attribuia-se a essas personalidades uma superioridade de entendimento que as collocava por assim dizer acima da humanidade commum. Homens d'estado, diplomatas, eram super-homens. Attribuia-se-lhes sobretudo menos do que ao commum dos homens a possibilidade de errar. Os seus erros são frequentes no decurso d'esta guerra, mostraram-nos tão susceptiveis de errar como nós todos, e o publico está convencido de que algumas vezes mesmo erraria menos do que elles. A noite passada, os zeppelins atacaram Londres e um passou sobre as linhas francêsas, talvez em direcção a Paris; mas, atacado no Marne, voltou para traz. Os jornaes dizem o que foi a tomada de Belgrado pelos allemães. A cidade foi bombardeada com ferocidade. Uma parte da população civil foi exterminada pelos obuses. Velhos, mulheres, creanças, enfermos pereceram nessas horriveis jornadas. Os hospitaes não foram poupados. Pobre Servia! Entretanto, a Grecia não encontra motivos para intervir e a Romania cruza os braços. A imprensa de Paris, mesmo a que até aqui tem defendido com mais calor a causa das dinastias, começa a reparar que os interesses d'es-

tas são muitas vezes oppostos aos interesses das nações. Era tempo!

15 DE OUTUBRO

Os allemães são um povo sem senso moral, e eis aqui um facto significativo d'esta lacuna. O doutor Richard Bahr, um allemão, foi visitar a Belgica occupada e mostra-se muito surprehendido por ter verificado que este país não está reconhecido aos allemães pela obra da occupação: «Ce qui anime les Belges, diz elle, est moins une angoisse patriotique qu'une froide hostilité, constamment alimentée par des sources nouvelles. A l'auberge, on ne peut pas s'asseoir à côté d'eux sans éprouver le sentiment pénible que le dédain et la haine ont pris place aussi autour des tables. Les hôtes invisibles et toujours présents écoutent nos conversations avec un sourire ironique, et quand ils les traduisent à leurs voisins, ce n'est jamais sans une nuance de moquerie. Les Belges ne rendent aucune justice au grand travail que nos autorités, tant civiles que militaires, ont accompli en quelques mois pour rétablir l'ordre dans le pays. Des amis allemands qui vivent en Belgique depuis leur jeunesse me disent que les gens avec lesquels ils étaient chaque jour en rapports amicaux jusqu'au commencement de la guerre affectent de ne plus les connaître et passent auprès d'eux muets, sans les saluer. Cela m'a été confirmé même à Anvers, dans cet Anvers dont le commerce consistait, pour les trois quarts au moins, en affaires de transit avec l'Allemagne.»

O doutor Bahr conclue de todos estes symptomas que será extremamente difficil para os allemães resolver o que elles ehamam o *problema belga*.

Este texto vem reprodúzido no *Matin* (11 de out.) e é transmittido a este jornal em telegramma de Genebra. E' elle revelador da existencia de uma sociedade na qual não ha lugar para o fautor moral e isto explica as tremendas surpresas que a Allemanha tem reservado á moral dos homens. E' a sua falta de senso moral que a leva a provocar a guerra com a França, mentindo e affirmando sempre contra toda a evidencia que foi a França que a proveou. E' a sua falta de senso moral que inspira ao secretario de Estado Jagow, a celebre expressão sobre os tratados — *chiffons de papiers*. E' a sua falta de senso moral que a leva a violar a neutralidade da Belgica, e sob o pretexto de que precisa passar. E' a sua falta de senso moral que arma o seu braço de meios desusados de combate, que a leva a destruir Louvain, a bombardear a cathedral de Reims, a metter no fundo o *Lusitania*, carregado de passageiros, a atacar pelo ar eidades como Londres e Paris e a tornar victimas da guerra velhos, como o maire de Senlis, fusilado em setembro de 1914, mulheres, creanças e enfermos. A sua falta de senso moral não permite ver aos allemães o effeito moral d'estes actos, mas só o seu effeito de terrorisação. Elles não suppõem que essas violencias indignem e os indisponham com o resto da humanidade, assim como não suppõem que ellas reaceendam nos seus adversarios a ideia de combater e de vener. Ao contrario, estão persuadidos,

como tem sido affirmado pelos seus doutrinarios da guerra, que esta será tanto menos duradoura quanto fôr mais cruel e que é na crueldade que está o segredo da victoria. Os allemães tomam assim o aspecto de verdadeiros monstros, pois lhes falta um ponto de semilhança essencial com o resto da humanidade, que é a semilhança moral. Por isso cada vez se comprehende menos que nesta guerra haja neutros, pois é absurda a ideia juridica da neutralidade perante um perigo commum, e os allemães são esse perigo. São animaes ferozes, diante dos quaes todas as espingardas se deviam disparar por si. Mas é minha crença que na mesma anormalidade do character d'esta raça reside a origem da sua inevitavel derrota. A Allemanha conseguiu isolar-se do resto da humanidade. Tem contra si a humanidade inteira e mesmo dos neutros não lhes vem simpatia. Está a Allemanha reduzida a mendigá-la (propaganda de brochuras, etc.) A escriptora sueca, com quem conversei ha dias em casa de Finot, contou-me que os allemães convidam os suecos a visitarem o seu país, *sans frais*, e como alguem lhe observasse que os francêses deviam dirigir iguacs convites aos neutros, replicou: — *Les français sont trop fiers pour le faire*. Os francêses, além d'isso, não precisam de solicitar simpatias. São um povo de alta cultura e alta moralidade. Têm do seu lado toda a humanidade que progride e procura tornar-se melhor.

16 DE OUTUBRO

A Servia resiste heroicamente aos ataques simultaneos dos austro-hungaros e dos bulgaros. Segundo as

noticias d'hoje os servios teriam já posto fóra de combate, nesta campanha que dura ha poucos dias, sessenta e cinco mil austro-hungaros: vinte e cinco mil mortos e quarenta mil feridos. O estado maior austro-hungaro está — diz-se — surprehendido com as difficuldades que encontra. Assim, quando foi da invasão da Belgica, a Allemanha se mostrou igualmente surprehendida perante a resistencia belga. Essas surpresas revclam toda a mentalidade teutonica. Os allemães têm o culto exclusivo da força bruta. As suas coucepções não descontam nunca a existencia das forças moracs que movem o homem e o tornam capaz de operar prodigios de energia. Resistir á força é para um cerebro allemão o absurdo. Quando isso absurdo se dá, o allemão fica estupefacto e até certo ponto vencido. Vencido pela surpresa. Depois da resistencia de Liège, a Allemanha propoz a paz á Belgica. Telefouam-me agora que os alliados, desembarcados em Salonica, partem para a frente servia.

## 17 DE OUTUBRO

Domingo. Almoço no Café de la Paix, com Richard. Richard é radical socialista. Faz jornalismo e um pouco de tudo. Como quasi todos os personagens d'este jaez, sabe ou diz saber tudo o que se passa nos bastidores politicos da Republica e é ou diz ser amigo de todos os seus grandes homens. *Il est très lié avec Briand*, diz-so d'estes tipos, ou: *Il est au mieux avec Barthou*; ou: *Il se tutoie avec Poincaré*. Richard fala de Viviani e dos seus amores com a Pierat, do Theatro Francês. Segundo

elle, Madame Pierat exerce uma grande influencia no espirito do presidente do Conselho, igual pelo menos á que Berthe Cerny, tambem do Theatro Francês, exerce no espirito de Briand. De resto, acerescenta, estas mulheres são muito intelligentes. Reparo que os homens da Republica são muito sensiveis ao prestigio das grandes mulheres de theatro. De Millerand, diz Richard que leva uma existencia perfeitamente regular, com a sua legitima mulher, a quem ama e tem sido a companheira fiel da sua vida. De resto, os francêses são muito indulgentes para as *faiblesses* dos seus grandes homens.

19 DE OUTUBRO

Depois da batalha de Charleroi é este certamente o momento mais angustioso que temos conhecido depois que a guerra começou. A surpresa dos Balkans poz em cheque a diplomacia dos aliados. Crise em França. Crise na Inglaterra. A confiança nos homens que dirigem a politica da guerra está por um momento abalada. A expedição aos Balkans foi decidida muito tarde — tão tarde que ha duas semanas ainda Edward Grey declarava não ter motivo para duvidar das intenções bulgaras e as tropas anglo-francêsas continuam desembarcando a toda a pressa em Salonica, enquanto as primeiras remessas vam já em socorro dos servios, tão mal servidos pela unica linha ferrea de que dispõem que uma parte segue a marchas forçadas pelas estradas, mas essa mesma unica linha já foi cortada pelos bulgaros. Os servios resistem heroicamente ao avanço allemão, mas são horriavelmente atacados por

todas as fronteiras, chegarão os aliados a tempo? Serão em numero sufficiente? E os russos? Quando chegam? Em França confia-se muito no effeito moral da intervenção russa, pelo facto da Russia ter sido a libertadora da Bulgaria, onde a sua influencia é grande, mas a Russia tarda, não se sabe mesmo quando e por onde vem. A Italia declarou hoje a guerra á Bulgaria, mas não consta que tenha por ora soldados a caminho de Salonica. Entretanto a Grecia e a Romenia reservam-se, esperam ver de que lado se inclina a victoria, collocam-se perante a Europa numa situação tão pouco lisongeira que, encontrando hoje o ministro da Grecia no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, de tudo lhe falei menos da situação politica do seu país e foi elle que tomou a iniciativa de o fazer, como que procurando um ensejo para abordar o desagradavel assumpto. Como eu lhe perguntasse se os jornaes francêses eram muito lidos em Athenas, respondeu-me que chegavam ali muito tarde e logo acerescentou que a imprensa local era muito allemã. Nesta occasião vieram chamar-me da parte do sr. de Margerie, que me esperava. Esperam-se a todo o momento noticias dos Balkans. Os jornaes d'esta tarde dizem ainda precisamente que em Stroumitza os bulgaros teriam sido repellidos pelos franco-servios. Chegou a Salonica o primeiro comboio de feridos francêses e eu ponho-me a pensar no esforço collossal que está representando neste momento a organização da expedição a Salonica, feita a correr, com o inimigo em cima — transportes, equipamento, municiamiento, serviços sanitarios — gastos formidaveis de energias, formidaveis gastos de re-

curso. Justamente a vida começa a encarecer extraordinariamente em Paris. Os preços do carvão, da carne, do peixe duplicaram. Os restaurantes augmentaram as suas tarifas do 60 0/0. Esta tarde appareceu-mo na Legação um official de artilheria, de nome Sobral Cid, irmão do que foi ministro. Vem de Italia, onde foi comprar camions para o exercito portuguez. Diz ter comprado oitenta. — Para quê e para onde? — Para Africa, diz elle, e accrescenta que o general Pereira d'Eça pedira esses camions com muita urgencia. Objecto-lhe que o general Pereira d'Eça vem a caminho da metropole e que, por outro lado, em Africa, pelo menos em Angola, tudo parece estar acabado, de resto com pouca gloria para nós; mas elle não responde a esta objecção. Em compensação disserta sobre a Alemanha, com hipocrita reserva, que não consegue contudo occultar o seu germanofilismo. Depois das cinco desci a pé os Campos Eliseos. Por todos os lados se vêem soldados mutilados. Começa a fazer frio.

20 DE OUTUBRO

Os allemães fusilaram em Bruxellas uma enfermeira inglêsa, Miss Edith Cavell, sob a accusação de ter favorecido a fuga dos soldados belgas para Inglaterra. A desventurada desmaiou quando, depois de lhe terem vendado os olhos, comprehendeu que era chegado o seu ultimo momento. O official da escolta approximou-se então d'ella e deu-lhe um tiro na cabeça. Os soldados limitaram-se a assistir a esta scena abominavel. Os jornaes d'hoje dizem que se preparam na Belgica ou-

tros crimes do mesmo genero. Aqui, na Academia de Medecina, o autor de um livro que acaba de publicar-se, sobre as doenças dos caracteres, o sr. Hemingen, sustentou a these de que a brutalidade dos allemães se deve a uma sobrecarga (*alourdissement*) do grande sympathico, a qual derivaria de um regimen alimentar grosseiro. Tenho por minha parte observado que não ha brutamontes sobrio. Nós os portuguezes comemos muito.

21 DE OUTUBRO

A guerra parecee attingir neste momento o seu maximo de horror. Toda a Europa, para que estamos olhando d'aqui, é uma carnificina. Agora voltam-se os olhos para a Servia e o que ali se está passando enche-nos de espanto. Os bulgaros estão deseneadeiando contra as populações eivis da Servia os mais ferozes instinctos. Na Belgica, depois do assassinio do miss Edith Cavell, prepara-se o de outras duas mulhores, franceêsas, a condessa de Belleville e mademoiselle Thulier. O papa e o rei de Hespanha parecee quei ntervieram e estes novos crimes foram sustados, mas milhares d'outros se estão praticando em toda a parte. Tem-se a impressão de que os homens recahiram na barbarie e a nossa alma sente-se espavorida diante do espectaculo inesperado de uma humanidade assim. Serão ao menos os homens melhores depois? Tenhamos essa esperança. Esta guerra monstruosa é a obra das castas e dos despotas. Esperemos que ellas e elles desapareçam, para todo o sempre subvertidos no furacão das tremendas calamidades que desencadeiaram. Espere-

mos que os homens e os seus destinos venham a pertencer-se. Creio que poucos são os que, penetrando com o olhar no futuro, comprehenderam já o alcance social d'esta guerra. Para uns, para muitos, para quasi todos, os interesses que estão em jogo são os privados das nações, os da França, os da Inglaterra, os da Russia. Como se fôsse possível no nosso tempo semoiar tanta devastação, derramar tanto sangue, para salvar interesses egoistas. A questão que se está debatendo por essa Europa fóra, a ferro o fogo, é mais alta. E' a questão de saber-se se a humanidade devo ser o que é, ou differente. Aquelles mesmo que se estão batendo não sabem quo é por ella que se batem, o não computarão o significado do seu sacrificio senão quando elle se consumir. Esta guerra é um cataclismo. Dos cataclismos não sahem tratados de paz, mas mundos novos.

22 DE OUTUBRO

Os inglêses offerecem a ilha de Chipre á Grecia, para que os gregos se decidam a soccorrer a Servia. Vergonhosa situação! Em Portugal paroe que já não é ministro dos Negocios Estrangeiros o mesmo Augusto Soares que lá deixei, e quo interinamente fica neste logar o Norton de Mattos, ministro da Guerra. Tenho a impressão de que o meu país vae, como dizem os francêses, *à la derive*.

23 DE OUTUBRO

Onze da noite. Telefone.

— Alô!

— Ministerio em terra.

— Qual? O nosso?

— Não! O ministerio francês.

Na Inglaterra, vae a mesma crise. A campanha contra o ministerio liberal prosegue. O *Globe* accusa certos membros do gabinete de terem constantemente hesitado em tomar resoluções energicas reclamadas pela guerra e conclue pela necessidade de reconstituir o ministerio. Da expedição aos Balkans poneo ou nada se sabe, a não ser que as tropas continuam desembarcando em Salonica. Os gregos não acceitaram o offercimento da ilha de Chipre, que lhe foi feito pela Inglaterra. Na Romenia, os partidarios da intervenção continuam luetando, mas sem exito. O que é de toda a evidencia é que não são razões de interesse nacional, mas simples razões dinasticas que immobilisam aquellas duas nações. Nem se comprehende quo Guilherme II tivesse empreendido a campanha dos Balkans, sem se ter posto previamente d'accordo com a parentella da Romenia e da Grecia. O que é extraordinario é como todas estas manobras escaparam á sagacidade da diplomacia dos alliados. Diz não sei quo tratadista de direito internaeional, creio quo é Pradier-Fodéré, que os diplomatas são espiões legaes. A espionagem legal dos alliados é pessima. Um escriptor francês, cujo nome os jornaes occultam, acaba de percorrer a Allemanha, onde verificou quo a confiança ali não é



uma convicção, mas uma forma da disciplina. Essa confiança é imposta brutalmente. Não a ter, ou parecer não a ter, é incorrer em graves perigos. E então conclue: «Cette manière forte, si on réfléchit, est une preuve de faiblesse, et quand on songe à l'effroi, ineffaçable encore, qui s'empara de tous, lorsque les Russes pénétrèrent dans la Prusse Orientale, on se dit que promptes et graves sans doute seraient les défaillances, après des échecs retentissants.» Neste raciocínio está — há muito tempo que o penso e creio já tê-lo consignado neste diário — o segredo do fim d'esta guerra favorosa. Os allemães estão á mercê das primeiras grandes, insofismaveis derrotas. Que ellas vonham e todo o seu poder de resistencia cahirá. Só a força moral resiste á derrota. Lamartine pretende que Washington venceu á custa de derrotas. Essa força, os allemães desconhecem-na, porque só conhecem a força bruta e têm no seu poder uma confiança ilimitada. Quando esta confiança fôr a terra, toda a Allemanha cahirá. O fim da guerra não virá portanto senão depois de uma victoria decisiva dos aliados. Quando ella se der, não serão precisas muitas mais para que o orgulho allemão ceda. Porque se mantem elle ainda tão altivo? Porque na realidade as condições da guerra são por ora favoraveis á formação de uma opinião allemã optimista. A guerra ainda não entrou por assim dizer na Allemanha, que está intacta, e se outras razões de confiança não existissem, bastava esta para explicar o estado do espirito publico nesse país. Qual seria o estado do espirito publico em França se simplesmente se desse a circumstancia favoravel de o seu territorio estar como

o d'elles intacto e as suas tropas se baterem a muitas leguas de distancia das suas fronteiras? Paris não teria mudado d'aspecto e os francêses acreditariam solidamente na victoria. A guerra só é a guerra quando nos entra em casa. Mas que ella entre na Allemanha, sob qualquer forma, e a cega confiança dos allemães cederá. Diz o escriptor francês a quem os jornaes d'hoje se referem que a invasão da Russia na Prussia Oriental causou um terror que ainda não se dissipou. O recente raid dos aviões francêses sob Stuttgard provocou um alarme que o rei do Wurtemberg exprimiu por um protesto publico contra esses ataques pelo ar, do invenção de resto allemã. Se os dirigiveis francêses podessem tentar sobre Berlim os ataques que têm sido feitos sobre Paris e Londres pelos dirigiveis allemães, toda a Allemanha estremeceria de inquietação; e porque não é esto o sentimento dos francêses e dos inglêses? Porque é que a ameaça dos Zeppelins não impede Paris e Londres de dormir tranquillamente? Porque o sentimento que estes ataques brutaes inspiram a estes povos é o da indignação, que não tem medo, e ao contrario é uma geradora de força.

## 24 DE OUTUBRO

O caso do fuzilamento de miss Edith Cavell ostá levantando em todo o mundo civilisado um rumor de indignação. Ao contrario do que foi affirmado nas primeiras noticias miss Cavell morreu como uma heroína. Os jornaes inglêses qualificam o acto bestial da morte d'esta mulher como o maior crime da guerra. O seu

effeito na Inglaterra foi talvez mais profundo do que o do naufragio do *Lusitania*, torpedeado por um submarino allemão. Um jornal hollandês, o *Handelsblad*, faz a respeito do assassinio de miss Edith Cavell um commentario que inteiramente eoneorda com os meus pontos de vista sobre o caracter allemão. Diz elle notar nos allemães «*un manque incroyable d'intelligence pour tout ce qui concerne les conséquences morales d'un tel acte.*» Outro jornal, *La Suisse*, a que se refere o *Figaro* d'hoje, publica notas de viagem na Austria, uma das quaes diz assim :

«Depuis octobre, l'Autriche vit entièrement sur son capital d'hommes; chaque défaite, chaque victoire même est un pas vers le krach final. Si les empires centraux étaient des républiques, il y a au moins quatre mois que la paix serait signée. A mon avis, la fin sera extrêmement rapide. Il y aura encore quelques succès austro-allemands, puis tout à coup armées, finances, politique, confiance des peuples, tout s'éroulera pêle-mêle comme un château de cartes.»

E' tambem esta a minha opinião. Quando chegar a hora do fim, tudo se passará com extraordinaria rapidez. Os jornaes d'esta manhã não confirmam a queda do Governo, mas o moderado *Temps* já deixa entrever que elle não irá longe, aconselha-o mesmo, sob as reservas mais cortezes, a que não prolongue a sua existencia, se não a julga util. Fala-se em Briand e para a pasta dos Estrangeiros em Doumergue. De resto, parece que o vento corre a favor dos radicaes. Aqui e

na Inglaterra, onde seria possível, segundo hoje me disseram, um ministerio Lloyd Georges. Domingo. Dia de chuva. Passei-o em casa. Depois do almoço appareceu-me o Hermano Neves, vindo de Lisboa entrevistar homens publicos. Pobre rapaz! Elle imagina que os homens publicos da França têm alguma coisa que lhe dizer. Falou de Lisboa e da politica da terra e referiu-me este facto como authenticico: a amante do ministro de Portugal em Berlim, uma francêsa, teria sido por este motivo expulsa da Allemanha. No exercicio das suas funcções de palhaço nacional, o Bernardino Machado visitou em sua casa Machado dos Santos, de regresso dos Açores, para onde foi deportado pela revolução de 15 de Maio. A politica dos democraticos consiste agora em mandar todos os dias saber da saude do Antonio José d'Almeida, que retribue no seu jornal *A Republica*, desancando-os. Estes dispauterios só são possiveis em Portugal. Mais tarde recebi a visita do director das obras publicas do Funchal, Furtado de Mendonça, que pela Maçonaria francêsa encontrou meio de se relacionar com um deputado francês e trouxe a casa. E' um homem interessante o tal deputado. Chama-se André Lebey e faz parte da Commissão dos Estrangeiros. Talvez chegue a ministro d'esta pasta, porque se veste bem e tem muito ar, que é o que em regra se reclama para a pasta dos Estrangeiros. O deputado Lebey propõe-se interessar o Presidente da Republica e o Governo na participação de Portugal na guerra. Lá lhe disse o que a este respeito se passa em Portugal. Ficou de voltar.

25 DE OUTUBRO

O homem só vale pela vontade. Aquele que não sabe dominar as suas paixões e é escravo d'ellas, perde o sentimento da sua unica força, que é o poder de dirigir-se no sentido de se tornar melhor e mais perfeito. Muitas vezes só tarde elle proeura dar-lhes batalha e dominá-las. Nunea é tarde para procurarmos realisar no seio de nós mesmos um melhoramento moral. O maior e mais meritorio esforço que o homem faz na vida é o que faz sobre si mesmo, para se libertar das impurezas da sua alma. Mas tambem, que compensações! Triunfar de um mal de que somos portadores é ganhar a maior das batalhas.

26 DE OUTUBRO

A situação da Servia é critica. Os allemães estão prestes a fazer a sua junção com os bulgaros. Uskub foi tomada por estes. Os servios correm o risco de ter a sua retirada cortada. Um official servio, de passagem por Paris, diz ao *Temps*: «Accudam-nos, mas depressa! Sem perda de um dia, sem perda de uma hora, sem perda de um minuto.» Continuam a desembarear tropas em Salonica. Quantas? Ignora-se. E os russos, quando vêm? E os italianos? Por ora os jornaes fazem votos impacientes por que venham depressa. Ha inquietação, aneiedade... Esta guerra mata mesmo os que não tomam parte nella. Morreu Paul Hervier e um dos seus biografos diz que foi a guerra que o matou. F' preciso realmente ter um coração solido para

atravessar intacto este pavoroso periodo da historia da humanidade. Eu continuo confiando — inabalavelmente. Não sou um estrategista o talvez por isso mesmo é que confio. E' que as razões que prevalecerão nesta guerra não são as da estrategia. A campanha dos Balkans não me inquieta a mim e, de certo modo, confirma a minha confiança. Quanto mais vasto fôr o campo de acção dos allemães — eis como penso — maior será o dispendio da sua força e menor será o seu poder offensivo. O poderio militar allemão entrou no espirito dos homens sob a forma de lenda. Eu não creio em lendas. De um modo, ou de outro — e quem pode prever de qual? — a Allemanha ha-de ceder. Antehontem, Veneza foi bombardeada pelos aeroplanos allemães. Veneza! Terra de historia, de lenda, de arte, de poesia! Uma bomba destruiu o tecto da igreja Degli Scalzi (os Descalços) ornado de preciosas pinturas de Tièpolo, o fino, o elegante Triepolo! Esta tarde sahi a dar um passeio. Veio comigo o Hermano Neves da *Capital*. Metti-o num automovel, levei-o ao Bois, que estava lindo na sua tristeza outonal. Durante todo o trajecto, falou interminavelmente da politica de Lisboa, e não teve um olhar para o Bois! Que estúpido! Os jornais de Lisboa falam do país como se elle estivesse á beira de uma catastrophe e o governo como se fôsse digno da força. Continuam a reclamar o Affonso Costa que prosegue na Serra da Estrella a sua pertinaz convalescença e faz ouvidos de mercador. A impressão que me fica do quo por lá se continua passando é, continua a ser a de um mal sem remedio. Minha mulher

diz: — Talvez aquillo mude com cruzamentos! Com effeito é uma idéa.

27 DE OUTUBRO

O governo procura reconstituir-se em silencio. Fala-se em Briand.

28 DE OUTUBRO

Os jornais d'hoje são mais explicitos sobre a crise politica o dão novos nomes — Bourgeois, Freycinet, Galieni. Parece que o novo ministerio estará constituido amanhã, sob a presidencia do Briand, de quem Gustavo Hervé faz hoje o ologio na *Guerre Sociale*, transformado no mais patriota de todos os orgãos da imprensa francêsa. O Briand mora aqui a dois passos, defronte do mim. Das minhas janellas vejo as suas. E' um homem curioso porque, segundo se affirma, exerceo um grande poder de sedueção pessoal, e comtudo parece absolutamente desprovido de meios de seduzir. Tudo para isso lhe falta, até os olhos, que são brancos. E' alto e magro, mas deselegante, porque corcova. Tem os cabellos espessos e côr de mogno. Como quasi todos os homens publicos da França, veste-so mal. Sempre o vi com um jaquetão mal feito. A casaca vae-lhe mal. Não tem vestigios de distincção. Parece um operario. D'onde vem o seu poder de seduccção? Por certo do outros moios que não osses. O Gustavo Hervé nota affectuosamente que elle é um tudo nada preguiçoso e insinua que pouco lettrado, mas gaba-lho o espirito admiravelmente claro. Talvez seja esse o seu instrumento de sedueção, porque com effeito tenho notado

que os espiritos claros têm um grande ascendente sobre o commum dos homens e até das mulheres. Os espiritos claros são persuasivos e nada captiva mais do que o poder de persuasão. Em certos homens, esse poder é uma fascinação. Hoje, na Legação, visita de dois officiaes portuguezes, um de marinha, outro do exercito, que vêm aprender aviação. Fracas figuras, pouco sympathicos, pouco amaveis, de face dura o olhar desconfiado. Por pouco não fazem o elogio da Allemanha. Tivo de lhes dizer: — Não esqueçam que a Allemanha tem muito poucas simpatias neste paiz. — Lá vam aprender a voar. Oxalá seja em boa hora!

## 29 DE OUTUBRO

Um official do exercito português, creio que um coronel, de nome Julio d'Oliveira, escreve na *Lucta* o que segue:

«Ora, além do material de guerra, faltam-nos ainda outros elementos essenciaes, que se não compram com dinheiro, como a ordem, a disciplina, o prestigio, a confiança e outras condições essenciaes. Estas deficiencias tinham de ser supprimidas pela interferencia directa de elementos estrangeiros, no governo o no exercito, como prova o exemplo de 1808, e ainda os actuaes, da acção dos allemães na Turquia e Bulgaria.»

A *Lucta* é o orgão d'aquella mentalidade portugueza que actua na nossa sociedade por estes meios de dissolução. E' um serralho de eunuchos. O Estado cruza

os braços e deixa á solta o coronel. Esta noite, em nossa casa, o Finot até ás onze e meia. Combinei com elle um artigo sobre Portugal na *Revue*. Finot annuncia uma trepa na diplomacia dos alliados.

30 DE OUTUBRO

Novo governo e d'esta vez parece que é — de vez — a união sagrada. Assim ella dure! O que define este governo são estes dois homens, ou antes estes dois pólos — Combes e Denis Cochin: o Combes, a quem o *Figaro* chama o mais violento caudilho do anti-clericalismo, e o Denis Cochin, leader da direita monarchica e catholica da Camara. Com o Bourgeois, patriarcha do radicalismo republicano, entra o Meline, conservador progressista. Este ministerio resuscitou mortos. O velhissimo Freycinet, que todos suppunham fallecido, reaparece a governar a França, com oitenta e sete annos! O Combes tem oitenta; o Julio Guesde, setenta; o Ribot, que fica nas Finanças, setenta e tres; o Meline setenta e sete. O que significa esta conjuncção de principios tão oppostos? O que se pretende que ella signifique é a união de todos os francezes no mesmo pensamento de defesa, mas é bem certo que esse pensamento tenha o poder de neutralisar todas as crenças? Não se trata, diz o *Figaro*, de laicisar, ou não laicisar a França, pretendendo significar assim que toda a politica deve ser banida do governo, o qual se occupará exclusivamente da guerra, como se a guerra ella mesma não contivesse um pensamento politico! Basta reflectir que nesta guerra se jogam os

destinos políticos da Europa e que ella acabará ou não (eu creio que hade acabar) pelo triumpho das idéas liberaes e da democracia. E é isto absolutamente indifferente ao sr. Denis Cochin, ou ao sr. Emilio Combes? Por muito patriota que seja o sr. Denis Cochin, a derrocada do feudalismo politico na Europa affecta-o no mais profundo das suas crenças. E que diremos da queda do feudalismo apostolico? O que diremos do ajuste do contas do catholicismo com a igreja e o papado? Os catholicos francêses esperam e promovem um despertar do soutimento religioso depois d'esta guerra? E' bem certo que isto venha a ser assim? O fundamento de todas as crenças religiosas é a fé, e é bem certo que a fé dos catholicos se tenha consolidado através dos transees d'esta abominavel guerra? E' preciso não pôr á prova a Providencia e ella tem sido rudemente posta á prova nestas circumstancias, sem exito que corresponda á confiança que inspira. Perante o mais clamoroso espectaculo do injustiça que a humanidade tem presenciado, a Providencia tem até agora cruzado os braços. Nunca a guerra fez tantas victimas innocentes. Nunca a innocencia pareceu tão desamparada, e eu não sei como se opera o fenomeno da crença no espirito dos homens, mas se d'elles não está alheia toda a logica, elle deve resentir-se talvez dos offeitos da decepção, quando esta guerra cessar. E a concepção da divindado, não soffrerá ella na sua propria essencia os effeitos das multiplices sollicitações de que é objecto? Não duvidarão um pouco de Deus aquolles que tivorem observado que elle é invocado e está alternativamente junto dos bons e dos maus? Dis-

cutir o ceu é perdê-lo e não diríamos que depois d'esta guerra o ceu vae ser um pouco discutido no dominio solitario das consciencias? E' o sr. Denis Cochin indifferente a essa discussão? E não se ressentirão os seus actos como homem de governo d'estas apprehensões? O que eu vejo além d'isso na composição d'este governo é uma manifestação de debilidade da democracia francêsa. A França de 89 defendeu-se da Colligação com as proprias forças da sua democracia. A França republicana d'hoje pretende defender-se com o concurso dos seus inimigos, sob o pretexto de que são todos francêses. Tambem o eram em 89 e a França d'então não precisou d'elles. Ao contrario teve-os a todos como inimigos e triunfou d'elles. A França democratica d'hoje precisa do sr. Denis Cochin. Isso não prova senão que o sr. Denis Cochin recuperou o terreno perdido em 89.

1 DE NOVEMBRO

Dia feio. Chuva. Almoço no Café de Paris com Giovetti, e os Thiebault, seus amigos. Durante o almoço o sr. Thiébault (este sujeito é banqueiro) que acaba de chegar de Londres, diz o diabo dos inglêses, diz isto: — que dentro em trinta annos, os inglêses estarão abaixo dos hespanhoes. Chama-lhes — o povo mais relação do mundo (*le plus parésseux du monde*). Minha mulher, eu, Giovetti, estamos de bocca aberta. O que é o exercito inglêz? Segundo elle uma malta de mendigos, que pega em armas para não morrer de fome. Os operarios não querem saber da guerra e não correm a alistar-se. Eu objecto que no entanto a Inglaterra, que não tinha

exercito, acaba de fazer um esforço prodigioso, organisando em alguns mezes um poder militar de cerca de tres milhões d'homens. O sr. Thiebault faz — Hum! pergunta onde estão esses tres milhões d'homens. — Digamos dois milhões! torno eu. Já é um esforço enorme. O sr. Thiebault não insiste. Cá fora, pergunto a Giovetti: — Quem diabo é este figurão que diz que os inglêses são o povo mais ralaço do mundo? — *C'est un grincheux!* responde Giovetti. O Giovetti não sae de Paris, ás voltas com os seus negoeios.

## 2 DE NOVEMBRO

O Finot trouxe-me esta noite o artigo que vae publicar na *Revue* sobre Portugal e a sua situação perante a guerra. E' a revelação do concurso que o nosso país tem dado aos alliados. Finot foi talvez um pouco longe, mas deixo ir. A situação deixa de ser equivoeca para os alliados — é a situação de um alliado. A politica que os nossos governos não têm sabido fazer, faça-a assim eu. Se a Allemanha se zangar e retirar o seu ministro em Lisboa, tanto melhor. Insisto em todos os meios que frequento em assignalar á attenção dos francêses a situação da Hespanha perante os alliados. A politica que nos convém fazer consiste em indispôr este país com a Europa. Vou preparar um artigo para a *Revue* sobre o germanofilismo na Hespanha. Tudo isto é obra meramente individual e nem sequer d'ella dou conta ao Ministerio. E' mesmo prudente não o fazer. Tentarei ser util ao meu país, *malgré lui*. Crise ministerial na Russia, e'

retirada de Sazanof, ministro dos Negoeios Estrangeiros. Volta ao poder Gorenmykine, o chefe da direita na Douma. O ezar entende que é cedo para fazer politica liberal e volta aos seus queridos reaccionarios. Quaes serão os effeitos politicos d'esta guerra, na Russia?

4 DE NOVEMBRO

França Borges, atacado pela tuberculose, gravemente doente em Davos Platz. Bandeira, que se encontra a seu lado, telegrafa-me que o seu estado é desesperado. A' noite, chegou Affonso Costa, que vae vê-lo e me telegrafou do Hendaia. Fui ao Quai d'Orsay esperá-lo e acompanhei-o depois á garo de Lyão, por onde seguiu para a Suissa. Informei-o do que sabia sobre o estado do França Borges e pueo mais lhe disse. Vem acompanhado pelo Carlos Trilho e o inevitavel Germano Martins. Este tem o ar absolutamente *abrutí*.

5 DE NOVEMBRO

Morte do França Borges em Davos, *après courte agonie, sans souffrance*, diz-mo o Bandeira. Assim desaparece um dos maiores elementos de desordem da politica portugêsa. O Bandeira telegrafa-mo pedindo-me para obter facilidades para a passagem do feretro polas linhas francêsas. Foi esta a sua primeira viagem ao estrangeiro. Queda do Ministerio Zaimis na Grecia. Os alliados têm um momento de esperanza. O patriota Venizelos vae talvez reaparecer com o seu programma de participacão na guerra. Não o creio. A politica balka-

nica é evidentemente o resultado de um accordo de familia, nem se comprehende que o imperador da Allemanha se aventurasse a emprender a campanha da Servia, sem se assegurar primeiro das intenções dos parentes que tem nos tronos da Grecia e da Romenia. A imprensa de Paris, de resto, já o comprehendeu, mas não desistiu ainda de *émouvoir* gregos e romaios, talvez com a secreta esperança de que estes povos acabem por saeudir o jugo dos seus senhores. Assim esta guerra é uma tremenda lição para a França republicana d'hoje e os seus moderados, amigos dos reis e inimigos das revoluções.

## 6 DE NOVEMBRO

O *Journal de Genève*, que está sendo muito lido em Paris, dá pormenores horriveis dos monstruosos actos de barbarie commettidos pelos soldados do kaiser, em territorio servio.

«A Lueica, une petite ville au sud de Pozarevna, les troupes allemandes ont massacré en masse la population civile, fusillant hommes, femmes et enfants sans distinction. Des témoins disent que les soldats allemands semblaient avoir perdu la raison et qu'ils tuaient sans trop savoir pourquoi.

«A Yplana, sur la ligne du chemin de fer de Belgrade à Nich, ils ont mutilé horriblement six femmes et sept enfants, leur cruauté allant jusqu'à dépecer le corps de leurs victimes.

«A Seelvne, à 25 kilomètres au sud de Semendria, massacre général de la population civile.

«A Palanka, à 35 kilomètres au sud de Semendria, douze vieillards, malades et impotents, furent arrachés de leurs maisons, portés sur la place publique et fusillés en présence de la population. Les gens qui assistèrent à l'exécution étaient les parents des victimes et leurs cris d'horreur pour cette cruauté brisaient le cœur. Ces vieillards étaient-ils aussi des francs-tireurs ?

«A Sopot, à 40 kilomètres sud-est de Belgrade, les soldats allemands envahirent les maisons des paisibles habitants et tuèrent à coups de baïonnette vieillards, femmes et enfants. Ils mirent ensuite le feu aux maisons et toutes les fois qu'un serbe cherchait à fuir l'incendie, les allemands le tuaient.

«A Lozovitch, à 50 kilomètres au sud de Semendria, trois prêtres ont été arrachés de l'église et fusillés sur la place du marché.

«Les allemands disent que des civils ont tiré sur eux de leurs maisons et de certaines cachettes. C'est absolument faux, car les autorités serbes avaient avisé la population de ne pas fuir et de ne pas garder d'armes. De plus, la population serbe ayant déjà goûté les horreurs de l'invasion autrichienne l'année dernière, était déjà remplie de terreur et bien décidée à rester passive.

«Les correspondants de guerre allemands à l'armée de Mackensen ne contredisent pas ces faits ; ils se contentent de les noter sans commentaires. L'Allemagne n'a pas, sans doute, l'intention de les désavouer ; elle tient plutôt à ce qu'ils soient connus, afin d'intimider les roumains et de les impressionner par les horreurs de la guerre telle qu'elle est faite par les empires centraux.»

Falando da tomada de Belgrado, dizia ha pouco um metropolitano russo que quando se souber o que lá se passou, a humanidade estremecerá de horror. Assim os allemães estariam fóra da humanidade; mas será d'este modo que os tratarão amanhã? ou voltaremos a vê-la apparecer, *boutonnés, sanglés, monoclés*, a discutir os seus novos destinos em congressos civilizados? O fim d'esta guerra é um misterio. O triumpho da brutalidade teutonica apparece aos meus olhos como um absurdo illogismo. A civilisação é muito forto para o tornar possível; mas por outro lado serão os dirigentes d'hoje que dirão a ultima palavra do dia d'amanhã? ou perante as monstruosidades do velho mundo sorá um mundo novo que falará? Eu não vejo que esta guerra monstruosa acabe logicamente como acabaram aquellas que a precoderam. *Algo nuevo* deve intervir. O quê? Novos homens, novas idéas talvez. Um novo destino deve ser logicamente imprimido á humanidade, nem se comprehende que uma tão grande provação a mantonha estacionaria. As soluções que hão de vir devem mudar a face da sociedade, nisso creio. A guerra não é a obra dos povos, que são naturalmente pacificos, mas dos tiranos. Veremos talvez desaparecer os tiranos e apparecer pela primeira vez os povos, e sorão estes talvez que depois d'esta guerra decidirão da sorte dos germanos conquistadores e assentarão as bases dos seus novos destinos; e que tem que ver com esta obra inteiramente nova a velha diplomacia? Afinal, conjecturas vãs talvez. Tenues esperanças talvez de um mundo melhor que só está na minha imaginação!

7 DE NOVEMBRO

Domingo. *Thé chez Finot*. Muita gente, gente curio-sissima: Cheriff Pachá, o inimigo dos jovens tureos, que se expatriou, vive em Paris ha muitos annos e d'aqui organisou uma campanha de imprensa contra a joven Turquia. Um fanatico tureo tentou ha tempo matá-lo. E' um homenzarrão, trigueiro, *bel homme*, perola na gravata. Mistress Punkurst, a celebre suf-fragista inglêsa, combativa como um homem e para a qual as prisões de Londres não têm segredos. Quem o diria, vendo-a? E' uma senhora de sessenta annos, vestida com certa elegancia e comportando-se no meio d'essa sociedade de politicos, artistas e lettra-dos que é a sociedade de Finot, como uma velha *mon-daine*; Alfredo Roll, o celebre pintor; a viuva de Emi-lio Zola; a Mademoiselle Maille, da Comedia Franceza; a mulher de Henri de Jouvenol, o advogado Henri Roulon.

8 DE NOVEMBRO

Lord Kitchner passa por Paris, a caminho de Salo-nica. Os servios continuam resistindo. Essa guerra é positivamente a dos pequenos povos. O que começa a saber-se da Allemanha, com alguma verdade, dá este país a braços com os primeiros symptomas da crise in-terior. A Allemanha estava preparada para atacar, mas não para resistir. O que os senhores da Allemanha dis-seram ao povo allemão foi que a guerra seria rapida, até certo ponto fulminante. A guerra dura ha um anno e na Allemanha entrou a decepção, a impaciencia. Já ali se pergunta: — Quando acabará a guerra? e já o

*Vorwaerts* escreve: «Esta guerra não pode eontudo continuar indefinidamente.» Esta reflexão é o principio da derrota. Mas o faeto signifietivo da situação na Allemanha é uma reflexão do jornalista Maximiliano Harden na sua revista, assim traduzida pelos jornaes francêses: «Je n'aimerais pas, qu'on me tint pour l'auteur responsable de l'illusion des foules, a qui l'on fait eroire que la guerre touchera à sa fin quand l'armée allemande entrera à Constantinople.» Harden é, ou era, o genio do pangermanismo e quando a guerra eomeçou estava longe de falar esta linguagem.

## 9 DE NOVEMBRO

A primeira palavra de victoria vem da America e quem a diz é a *Tribuna* de New York. D'este modo a repetem os jornaes francêses:

«Le fait essentie est patent: les hommes, l'argent et les vivres commencent à manquer aux Empires eentraux. Ils peuvent avec leurs maigres ressourees tenir la eampaigne six mois eneore; mais les choses ont ehangé de faee.

«Les ennemis de l'Allemagne le perçoivent, les États neutres commencent à s'en rendre eompte. Il est évi-dent que toutes les suggestions pour la paix émanent de sourees allemandes.

«La guerre entre dans sa période déeisive, et l'Alle-magne est obligée de conelure la paix au plus tôt si elle ne veut perdre les gages au moyen desquels elle espère obtenir une paix honorable. Pour le monde, le

but de l'agression allemande est maintenant hors d'atteinte ; ni l'Europe, ni l'univers ne seront dominés par les armes, ni par les idées allemandes.

«L'Allemagne combat aujourd'hui, non pour l'hégémonie mondiale, mais pour sauver une partie de ses conquêtes. Demain elle peut avoir à combattre pour sauver sa propre existence et ses frontières.»

Pela imprensa de Paris passa uma grande lufada de esperança. Já mesmo o *Temps* franze o sobr'olho aos neutros.

10 DE NOVEMBRO

A Allemanha procura evidentemente abrir camiinho á idéa da paz, por intermedio dos neutros, a Suissa, a Hollanda, a Hespanha, mas o facto que dir-se-ia abrir uma nesga do futuro é a conferencia internacional de socialistas francêses, allemães, inglêses, italianos, rusos, balkanieos, scandinavos, suissos, hollandêses, etc., reunida em Zimmerwald, e conhecida pela conferencia de Berne. O objectivo d'essa conferencia seria a reconstituição da Internacional. O que tem um interesse particular é que os representantes francêses e allemães concordaram em assignar uma declaração cuja parte essencial diz :

«Nous declaron que nous voulons la fin de cette guerre par une très prochaine paix basée sur des conditions qui n'oppriment aucun peuple, aucune nation. Nous ne consentirons jamais que nos gouvernements se prévalent de conquêtes qui fatalement porteraient

dans leur sein le germe d'une nouvelle guerre. Nous travaillerons dans nos pays respectifs pour une paix qui détruise les haines entre les nations en donnant aux peuples la possibilité d'un accord durable.

«Une telle paix n'est possible que si on condamne toute idée, toute violation des droits et des libertés d'un peuple. Et puisque l'occupation de territoires ne peut que mener à une annexion, nous disons : Pas d'annexion masquée ni avouée. Nous disons que l'on doit respecter le droit des populations de disposer de leur sort.

No momento actual um documento d'esta natureza só offerece interesse para a Allemanha. Assim o partido socialista francês apressou-se a *desavouer* os socialistas francêses representados na conferencia de Berne nestes termos precisos :

«En présence des efforts faits par deux citoyens pour porter dans la fédération de la Seine une propagande basée sur les résolutions d'une réunion tenue en Suisse, à Zimmerwald, où ils s'étaient rendus, sans aucun mandat du parti, pour y conférer sur la question de la paix avec d'autres socialistes de pays neutres ou belligérants, pour la plupart eux-mêmes sans mandat,

«La commission administrative permanente rappelle qu'elle s'est refusée à participer à cette réunion comme aux réunions de même ordre organisées depuis le début de la guerre.

«En conformité avec les décisions du Conseil national des 14 et 15 juillet, elle affirme de nouveau qu'une

paix durable ne peut être obtenue que par la victoire des alliés et la ruine de l'impérialisme militariste allemand, que toute autre paix, toute paix prématurée ne serait qu'une trêve ou une capitulation.

«Le Conseil national a dit et la commission administrative permanente répète avec lui : que la lutte imposée aux alliés par les dirigeants de l'Allemagne doit être conduite à son terme logique, c'est-à-dire jusqu'à la défaite du militarisme allemand afin que soit donnée au monde la grande et nécessaire leçon d'une entreprise d'hégémonie brisée par la résistance des peuples libres.

«La commission administrative permanente invite donc toutes les fédérations et leurs sections à éviter même l'apparence d'une participation quelconque à une propagande contraire aux intérêts de la défense nationale et à l'organisation nationale et internationale du socialisme qu'on prétend consolider.

«Les deux citoyens dont la propagande pacifiste est blâmée par l'ordre du jour ci-dessus, sont MM. Merrheim et Bourderou.»

Estes documentos pareem-me essenciaes na historia da guerra. Se a Alemanha se decidir a evacuar os territorios que occupa, quem nos diz que os socialistas não tentarão promover movimentos de opinião para que a guerra acabe e quem nos diz que estes movimentos não encontrarão apoio no cansaço geral? A idéa de reduzir de vez o militarismo allemão é, com effeito, a unica idéa logica d'esta guerra, que sem ella não faria sentido, seria um morticinio monstruoso e

absurdo; mas se até aqui os homens se bateram pertinazmente por idéas concretas, como a defeza do lar e do territorio, quem nos diz que, attingido este objectivo, continuarão a bater-se por um outro differente? Quem nos diz que, exhaustos, não se recusarão a ir mais além? A Allemanha constituiu uma ameaça tão grande para os povos da Europa, que vê-la por um momento affastada já lhes trará um grande allivio. O que é preciso fazer ainda para que essa ameaça não se renove? Proseguir no immenso sacrificio começado e só assim, com effeito, elle não se perderá e será fecundo; mas conseguirá esta obra, que só tem em vista o futuro, reunir novos e heroicos esforços humanos? Em todo o caso parece-me muito suspeito o idealismo dos socialistas de Berne. O *Temps* d'hoje verifica numa correspondencia de Lisboa que a participação do nosso país na guerra deixou de ser um facto para passar a ser o objecto de discussões *purement platoniques*. Assim, de todos os países da Europa nós somos aquelle que perdeu completamente personalidade, no momento em que, de um modo, ou de outros, todos a affirmam.

11 DE NOVEMBRO

Affonso Costa, vindo da Suissa, de passagem para Lisboa. Visita em minha casa, ás seis da tarde, duas horas antes de partir. Pressa. Disse-me que contava tomar o governo quando as Camaras abrissem, dentro de um mez, e pediu-me que lhe escrevesse quando tivesse alguma coisa a dizer-lhe. Não é provavel que tenha muito que lhe dizer.

13 DE NOVEMBRO

A impronsa de Paris começa a inquietar-se com a attitude da Grecia e ameaça surdamente com as esquadras alliadas. O ministro da Grecia vae ao Quai d'Orsay garantir ao governo a boa amisade dos gregos. Cautella! diz a *Guerra Social*. Olhem os bulgaros! Tambem esses nos davam seguranças de amisade! A questão é, no entanto simples. O imperador tem na mão as dinastias balkanicas. Até onde vae a dependencia d'estas é que não se sabe ainda mas tudo é possível esperar de semelhante situação. Que os alliados experimentem um forte rovez e não é inadmissivel que os Balkans lhes reservem novas surpresas.

14 DE NOVEMBRO

O consul de Inglaterra e madame Harn vieram tomar chá connosco. Domingo. Tempo pessimo. Borrasca.

15 DE NOVEMBRO

O que se diz do naufragio do *Ancona*, mettido ao fundo no Mediterraneo por um submarino que uns affirmam austriaco, outros allemão, excede, se isso é possível, tudo aquillo de que se assegura serem capazes os allemães. O *Corriere della Sera* attribue ao commandante d'aquelle navio a affirmação de que nenhum espirito humano poderia conceber tanta infamia como a que elle presenciou por occasião d'esse desastre.

Do *Temps* :

«Pendant que le sous-marin s'approchait de l'*Ancona*, les hommes autour des canons riaient et gesticulaient; les officiers et l'équipage du paquebot firent des prodiges d'abnégation pendant que les canons continuaient à tirer implacablement; un obus frappa à la poitrine le commissaire du bord. Une chaloupe s'étant renversée, les naufragés s'attachèrent à une corde, tendue par le sous-marin; mais les scélérats qui étaient à bord du sous-marin abandonnèrent la corde causant ainsi la mort d'une vingtaine de personnes, presque toutes des femmes.

«L'*Ancona* sombra, tandis que ceux qui n'avaient pas encore pu se sauver suppliaient en joignant les mains; alors les canons du submersible tirèrent sur les embarcations, blessant beaucoup de naufragés et en tuant quatre.»

Se estes factos são verdadeiros, não sei o que mais me indigne: se a brutalidade dos allemães, se a molleza dos seus inimigos. Se estes factos são verdadeiros, como se explica que os alliados não façam d'elles um processo especial e não o submettam ao julgamento dos neutros? A' força de as deixar passar, os alliados quasi tom reconhecido estas e outras monstruosas praticas como actos legitimos de guerra.

18 DE NOVEMBRO

Morreu o Bruno, no Porto, em resultado de uma operação, aquella operação que todos lhe diziam facil e lhe aconselhavam a fazer e a que elle afinal acabou por submetter-se — tarde! Vae ter por certo um excellento enterro, que é tudo o que Portugal reserva aos seus homens illustres. Este Bruno, conforme uma vez mo disse, nunca perdoou á Republica o ter sido feita em Lisboa, por gente de Lisboa. Lisboa foi sempre uma cidade miguelista, acerescentava elle, e não sei se foi este sentimento que fez com que trouxesse a Republica nos dentes desde que ella naseu até que elle morreu. Tal foi o grande espirito. Foi meu companheiro, foi meu amigo. Fizemos companhia um ao outro no exilio de 1892, em França, e em muitas circumstancias lhe dei provas de verdadeira estima. Procurei reconciliá-lo com a Republica e chamá-lo a colaborar com ella, para a tornar melhor. Tudo foi em vão. A ultima vez que esteve em Paris, na primavera do anno passado, não me procurou sequer. Ultimamente, segundo me disseram, estava reaccionario e germanofilo. Uma desolação.

24 DE NOVEMBRO

Conversação com Rieciotti Garibaldi, na redacção da *Revue*. Garibaldi vem do Trentino o da frento italiana. Diz que faz ali um frio de rachar, vinte grãos abaixo de zero, e que as mãos dos soldados gelam. E' um perfeito rapaz. Falamos da Grecia e elle lembra a

ultima vez que ali esteve o o grande quadro que faziam junto da Acropole tres mil garibaldinos de camisola vermelha. Offereci-lhe a velha fotografia de Garibaldi que eu possuia. Ficou radiante.

## 25 DE NOVEMBRO

A expedição a Salonica parece cada vez mais frustrada. Os servios estão *à bout de souffle* e o socorro francês não lhes chegou. O frio aperta em Paris. Foi hoje lançado o grande emprestimo nacional. Em Lisboa enterrou-se o França Borges, no meio de uma grande manifestação, que só teve igual, dizem os jornais, no enterro de Candido dos Reis. Homens do meu país! Se quereis ser grandes, morrei. Este França Borges foi sempre considerado como o ultimo homem da Republica. A morte trouxe-o para o primeiro logar. O doutor Lopes aconselhou-me a que sabisse de noite, depois de jantar, para acalmar os nervos, que não me deixam quieto. Tentei um passeio esta noite com a Maria, mas não fomos longe. As ruas estão escuras como breu e não se encontra viv'alma.

## 27 DE NOVEMBRO

Almoço no Viel, com o tenente coronel Lafranque e Richard. Curiosas informações sobre o que foi a batalha da Champagno, que Lafranque chama, *l'echec de la Champagne*. Tudo estava, segundo elle, preparado para uma offensiva decisiva. Forças imponentes de cavallaria accumulavam-se por detraz da frente fran-

cêsa, promptas a lançarem-se para diante, logo que a infantaria rompesse as linhas francezas. Nos dias que precederam a jornada do ataque, 25 de setembro, o nervosismo era geral. — Não comiamos, diz o tenente coronel Lafranque. A artilheria fazia um fogo infernal. Porque foi que o ataque dos francezes não proseguiu? Entre Richard e o tenente coronel levantou-se a este respeito um debate muito vivo, mas nem um nem outro me deixaram comprehender por que razão os francezes detiveram subitamente o seu avanço, em que tantas esperanças se tinham fundado. O tenente coronel diz que depois do ataque frustrado, os officiaes estavam desolados e acerescenta: — *On ne se causait plus*. Dá este pormenor: a artilheria franceza teria feito estragos na propria infantaria franceza, por não a distinguir a distancia, apesar de, para esse effeito, os soldados irem munidos de uma especie de distinctivos brancos nas mochillas. Em resumo, a chuva, que começou a cair justamente na manhã de 25, teria influido consideravelmente para o insuccesso. Depois, falou-se de politica e eu ouvi que o Presidente Poincaré premeditava afastar do alto commando o general Joffre, promovendo-o a marechal. O candidato de Poincaré para o posto de Joffre seria o general de Castelnau, nacionalista e clerical. A proposito Richard diz que Poincaré é um homem nefasto.

29 DE NOVEMBRO

A minha propaganda está produzindo os seus fructos. Finot publicou na *Revue* o artigo que lhe pedi, sob o titulo: *La loyauté portugaise*. Nelle se revela pela primeira vez o concurso que Portugal tem dado aos allia-dos — espingardas e munições á Inglaterra, canhões á França, e tudo o mais que lhe tem sido pedido. Logo que o artigo appareceu pedi ao Guilaines do *Temps* que o reproduzisse, o que elle faz no numero de hoje. Optimo! Se á revelação d'estes factos tem o poder de irritar a Allemanha e de a levar a convidar Portugal a definir-se, tanto melhor. Neste caso, será a Allema-nha que metterá Portugal no bom caminho. Se ella apezar de tudo fizer *la sourde oreille*, tanto melhor tambem. Os allia-dos ficarão sabendo o que devem a Portugal e a opinião não voltará a perguntar para que lado nos inelinamos. Lindo domingo, hoje. Ceu azul. Sol. O thermometer a zero.

30 DE NOVEMBRO

Oito grãos abaixo de zero.

1 DE DEZEMBRO

A situação dos allia-dos em Salonica começa a cau-sar inquietações. A Grecia ainda não tomou compro-missos formaes. A Servia, como a Belgica, vae desap-parecendo. Os bulgaros estão ás portas de Monastir. Visita de Silva Graça, que grita, gesticula e não diz nada.

2 DE DEZEMBRO

Um individuo de nome Eduardo Placido, industrial em Lisboa, veio cumprimentar-me. Falou de Portugal. Disse: «A geração presente é uma geração infeliz.» Refere-se ao nosso país. Quando cessarem as luctas que nos dividem, d'aqui a quinze ou vinte annos, os nossos filhos conhecerão dias venturosos. Denis Cochin, o conselheiro d'Estado, que representa no governo os monarchicos da Camara, regressa da Grecia, onde é muito popular. Disse a um jornalista que o rei Constantino lhe dissera, sob a sua palavra de gentil-homem, que a Grecia não deixaria de tratar os alliados como amigos. Mais do que a sua palavra de fidalgo devia valer o accordo escripto que o obrigava a socorrer a Servia, alliada da Grecia, e comtudo abandonou-a vilmente. Mas para o sr. Denis Cochin, a despeito de todas as evidencias, a palavra de rei ainda é um facto. Nova visita de Silva Graça. Vem pedir-me que eu inspire o seu collaborador Paulo Osorio, que vive em Paris. Quer que eu o receba, o aconselhe, e vae-se muito contente por que eu accedo em o receber. Visita de José d'Abreu. Dá noticias de Lisboa. Diz que os democraticos não accceitam que o Alexandre Braga regresse ao poder e conta que o Braga, já depois de ter sido ministro, continua a frequentar as tavolagens de Lisboa. Novo governo em Portugal sob a presidencia do Affonso Costa nas finanças.

3 DE DEZEMBRO

O artigo de Finot na *Revue* está prodezinando os seus fructos. A *Gazetta de Lausanne* de hontem publica um artigo extremamente elogioso para Portugal, comparando os cavalheirosos sentimentos portuguezes com o egoismo e a felonias de gregos e romenos. Hoje dois jornalistas me proeuraram para me interrogarem sobre o mesmo assumpto e ambos, um no *France de Bordeaux*, outro no *Paris-Midi* vam publicar artigos sobre Portugal. Assim, succeda o que succeder, a estupidez e a má-fé dos politicos portuguezes não terá conseguido afogar em silencio e em injustiça os sentimentos da nação. Penso que é este o maior serviço que tenho prestado ao meu paiz.

Esta noite assisti a um espectaculo novo depois da guerra. Como fôsse noite da moda (hoje é sexta-feira no cinema aristocratico dos Campos Eliseos, estacionava á porta d'esta sala de espectaculo uma longa fila de automoveis ricos e, durante um quarto d'hora que me demorei á entrada, vi desfilar as mais luxuosas *fourrures* d'este inverno, na companhia de algumas casacas e smokings, os primeiros, creio eu, que ousam mostrar-se em publico depois que a guerra começou. Não creio que esto espectaculo fôsse muito do agrado da população parisiense que tem os seus nas trincheiras, se a essa hora ella estacionasse, como eu, á porta do cinema da Avenida dos Campos Eliseos.

5 DE DEZEMBRO

Os servios abandonaram Menastir e batem em retirada para a Albania e o territorio grege. A attitude da Greeia continua a inspirar apprehensões.

8 DE DEZEMBRO

Confirmam-se as informações de Richard. Joffre recebeu o commando des exereitos francêses de França e Oriente. Para resalvar as susceptibilidades da situação, elle mesmo escolherá e seu eollaborador, que eemmandará as forças de Norte e Leste.

9 DE DEZEMBRO

De Castelnau é investido no eemmando das forças de Norte e Leste. Os jornaes eontinuam a occupar-se de Portugal em termos que os portuguezêses que me apparecem se mostram oxtremamente lisongeiados. O amor proprie é o unico sentimento que nes move.

10 DE DEZEMBRO

Esta manhã, ás nove, visita do deputado André Lebey, da eommissão de Ministerio dos Negoeies Estrangeiros. Está interessado em que Portugal entre na guerra e pede-me elementos para fazer alguns artigos no *Journal* sobre a Republica Portuguêsa. Digo-lhe que Portugal não dará o seu coneurse militar aes aliados senão no case de ser para isso expressamente

convidado pela Inglaterra, e que se esta iniciativa partisse da França não encontraria no paiz o mesmo eco. Accrescentei que os partidos de opposição e em geral aquelles que se pronunciam contra a participação de Portugal na guerra só se inelinariam perante um convite da Inglaterra. Esta attitude corresponde á convicção em que elles estão de que a Inglaterra se absterá de associar Portugal ao seu destino nesta guerra. Observei por outro lado que os inimigos da Republica e os adversarios do governo não deixariam de me attribuir qualquer intervenção da França neste assumpto, e eu, por muito grandes que sejam as minhas simpatias por este paiz, não desejo desempenhar o papel de seu agente politico. A's onze, *coup de téléphone* de Finot, para um assumpto muito importante e muito urgente. — Qual? Finot não pode dizer-mo pelo telefone, mas annuncia-me a visita do filho, que mo dirá. Não tenho muito que fazer, a manhã está agradável. Vou eu mesmo a casa de Finot. Eneontro ali Rieciotti Garibaldi e Finot diz-me o que quer. Trata-se de obter um passaporte para Garibaldi, que se propõe ir levantar a Grecia, pondo-se ao lado de Venizelos. Rieciotti quer entrar na Grecia sem que a sua presença seja immediatamente assignalada. Para isso precisa do passaporte *sous un faux nom* que o Governo Francês se recusa a dar-lhe posto o acompanhe com toda a sympathia na sua empreza. Apezar da má fé grega, a França quer conduzir-se lealmente com a Grecia não introduzindo nos seus muros um agitador. Eu não tenho os mesmos escrupulos do Governo Francês e prometto arranjar o passaporte. Rieciotti estende-me uma manopola frater-

nal. Finot radiante exclama: — Temos homem! E eis-me aqui mettido em mais um *complot*, d'esta vez internacional. A' tarde Silva Graça apparece-me com uma cara de Pasehoas, encantado com a propaganda que se está fazendo a favor de Portugal. Os jornaes, com effeito, continuam a celebrar as virtudes portuguezas. O *Paris-Midi* publica um extenso artigo de Marius Ary Leblond, do qual destaco esta frase: «*La consistance du caractère portugais est assurée par une magnanimité naturelle: ce qui domine et fixera toujours ce caractère, c'est la noblesse. Ce sont de vrais Latins!*» O que é curioso é que em Portugal os jornaes que se referem a esta publicidade parecem estar convencidos de que ella veio porque devia vir. Assim, a *Capital* esereve: «Soou lá fóra uma hora de justiça para Portugal.»

11 DE DEZEMBRO

Arranjado o passaporte para Garibaldi. Os francêses continuam a retirar sobre Salonica. O tempo quente. Hontem dezoito graus, como em Nice. Encontro num jornal suisso este julgamento da politica externa dos alliados: «*Les plus amères leçons n'ont porté aucun fruit, la politique extérieure des alliés n'a pas changé de caractère, elle reste immuablement indécise, molle, flottante, passive et utopique. Elle préfère les paroles aux actes et les discours mielleux à la voix impérieuse et significative des canons.*» Mas por outro lado como pretender que tres nações de raças differentes e espiritos differentes realisem o mesmo objectivo pelos mesmos meios? Os alliados não têm uma politica externa,

porque cada um tem a sua. Estou convencido de que procederiam melhor se procedessem separadamente.

13 DE DEZEMBRO

Finot referiu-me hoje este facto: Entre outras communicações que lhe chegaram ás mãos, a proposito do seu recente artigo sobre Portugal e o concurso dado pelo Governo Português aos aliados recebeu de Londres uma carta, que lhe foi entregue por um proprio, de uma alta personalidade do mundo politico inglês, na qual esta ultima o esclarece sobre o caracter e os designios da politica inglesa em Portugal, no actual momento. Segundo a personalidade em questão, uma parte do Governo Inglês procura affastar Portugal da solidariedade europeia na presente guerra, afim de se reservar o direito, quando esta acabar, de fazer entrar as colonias portuguezas, ou algumas das suas parcellas no jogo das compensações e recompensas territoriaes a que a paz dará logar. Poupando Portugal aos sacrificios da guerra (é sempre a alta personalidade quem fala) o Governo Inglês allegaria mais tarde esta razão junto do Governo Português, para o levar a consentir em sacrificios de outro genero, a que a Inglaterra daria o caracter de concurso para o estabelecimento da paz, affastando assim de uma possivel combinação d'essa natureza a idéa de expoliação. Perguntei a Finot que motivos levavam a alta personalidade em questão a fazer-lhe uma communicação que revelava um interesse desusado da parte de um homem publico da Inglaterra pelos interesses portuguezes. Esta communicação, se-

gundo Finot, é o resultado do antagonismo que existe, não já no mundo politico inglês, mas no proprio Foreign Office, entre influencias que dão toda a sua solidariedade á causa dos alliados e influencias germanofilas. Esta revelação causou-me uma grande surpresa, mas Finot foi preciso. Um dos homens predominantes (*qui donne le ton*, diz Finot) do Foreign Office, é sir Eyre Crowe. Sir Crowe é sobrinho do almirante allemão Von Holtendorff e casado com a filha de um professor allemão. Um outro alto funcionario do Foreign Office, Odo Russell, é casado com Mademoiselle Rex, filha do antigo ministro saxonio em Vienna. Finalmente, o chefe de gabinete Carnegie é casado com Mademoiselle Von Der Goltz, filha do famoso general allemão Von Der Goltz. De sir Crowe diz Finot, e já o escreveu em um artigo da *Revue*, que os inglêss lhe attribuem a inercia da politica inglêsa na questão do contrabando do algodão; e um membro da Camara dos lords assegurou-lhe recentemente que o desastrado discurso de sir Edward Grey, pronunciado antes da entrada da Bulgaria na guerra e no qual o ministro inglêz affirmava a sua confiança neste paiz, discurso que tão perniciosos effeitos causou na Grecia e na Romania, fôra inspirado senão redigido por sir Crowe. A posição de Edward Grey no meio d'estas influencias seria, segundo Finot, fluetuante. De resto o prestigio de Edward Grey está profundamente abalado em França. Dizem-no fatigado, gasto, e ha dias ouvi que se mantem no poder por não haver no partido liberal inglês quem o substitua.

A' tarde, no Quai d'Orsay conferencia com Briand,

a proposito da questão das batatas que já o anno passado me deu que fazer. Muita offusão e muitas promessas de Briand.

## 14 DE DEZEMBRO

Almoço no Café de Paris, com Levy, que parte para Lisboa. Perguntou-me que juizo faço do ministro de França em Lisboa. Perguntei-lhe como o julgava elle proprio. Disse-me que o ministro tinha poucas sympathias pela Republica Portuguêsa. Com mais precisão poderia dizer—pelas republicas em geral. A diplomacia francêsa não se distingue pelo seu republicanismo. Durante o almoço foi muito notada a presença do ex-Presidente Loubet, que conversava a uma meza com um homemzarrão inglezado. A sala eheia. Muitas mulheres elegantes, muitos militares. O tempo voltou a estar frio. Nos Balkans, os anglo-francêses eontinuam retirando para Salonica sob o fogo dos bulgaros.

## 15 DE DEZEMBRO

Visita de Ricciotti Garibaldi. Alem do passaporte, preeisa de um *permis de séjour*, para sair de França. Impossivel obtê-lo. Os *permis de séjour* são invariavelmente aeompanhados do um retrato. Embaraço de Garibaldi a quem aeonselho que peça simplesmente o documento no commissariado da area de Finot, sob a garantia de identidade dada por este. Garibaldi vae aproveitar a idéa. Corre que o general de Castelnau partiu para Salonica por Brindisi. O que quer isto dizer e

que reforço leva o general de Castelnau ás tropas de Sarrail?

16 DE DEZEMBRO

A situação nos Balkans parece por um momento melhorar. Os bulgaros estacaram na fronteira grega. Por outro lado, annuncia-se o desembarque de tropas italianas em Salonica. Hoje visita de Ary Leblond e mais tarde a de André Cheradame, o homem que nos jornaes de Paris se occupa especialmente dos Balkans. Cheradame é um homem baixo, gordo, com um nariz recurvo e uns grossos bigodes gaulêses. Fala pelos cotovelos. E' um dos que se está interessando por Portugal. Conhece ou diz conhecer os bastidores da politica e da diplomacia. Diz que a campanha dos allemães nos Balkans é o resultado de um velho plano germanico, e não uma diversão, como alguns suppõem. A Allemanha procura o caminho das Indias. O certo é que os jornaes annunciam já com apparato a organização de dois exercitos germano-turcos que se destinam a operar no Oriente. Um exercito de trezentos e cincoenta mil homens preparar-se-ia para atacar o Egipto. Afigura-se-me tudo isto uma gigantesca mentira, pois não creio que o poder de uma nação só chegue para tanto. André Cheradame diz que se a Allemanha conseguisse manter o contacto com a Turquia, mesmo depois de uma paz que a fizesse perder a propria Alsacia e Lorena, ficaria constituindo um perigo terrivel para todas as nações, pois lhe seria facil mobilisar dezescis milhões de homens. Cheradame fala-me de Portugal que não conhece e pede-me elementos de apreciação

que fico de lhe mandar. Recebo de Portugal uma carta anonima, que me accusa de ser o inspirador de Finot e da campanha da imprensa francêsa a nosso favor. As cartas anonimas são a pedra de toque da opinião publica em Portugal. Mesmo quando estive ferido no hospital de S. José recebi cartas anonimas. O governo portuguez está-se interessando por Osear Blanch, expulso de França por suspeito de ser um agente allemão. Estes absurdos só são possiveis em Portugal.

17 DE DEZEMBRO

Entrevista com Méline, ministro da Agricultura, de noite, no Ministerio, rua de Varennes. O automovel que me leva voa, através das ruas ás escuras, voa sobre as calçadas lamacentas, e eu vou pensando comigo, dentro do carro, que já era tempo de tomar algum repouso, depois de uma vida tão tormentosa. Finalemente fica resolvida a estúpida questão das batatas. Mas quanto esforço para tão mesquinhos resultados. Méline, o antigo presidente do conselho, parece um velho tabelião, mas que creaturas encantadoras estes velhos politicos e como elles são differentes dos politicos novos! Emquanto estes são feitos de artificio e falsas maneiras, elles são todos bonhomia e simplicidade. Antes de lhe falar do negocio das batatas, falo-lhe de Portugal, das suas aspirações, do seu idealismo. Elle escuta-me com uma attenção benevola e curiosa. Colloco o meu paiz a seus olhos numa tão attrahente situação, que elle diz-me: — Oh! fazem bem! fazem bem! Não é tempo perdido! Essas sympathias pela nossa

causa produzirão os seus fructos. Lovar-lhas-hemos em conta. Os neutros egoistas, como a Grecia, hão-de conhecer dias maus. Aproveito esse curto momento de exaltação generosa e prosigo, vou dizendo até que ponto Portugal está de corpo e alma com a causa por que os francêses se batem. Quando a questão das batatas veio á discussão, estava resolvida. O velho Méline veio acompanhar-me pelas salas desortas, todas cobertas de allegorias agricolas, e, quando se despediu do mim, tive a impressão de que mo apertava a mão com sincera effusão.

21 DE DEZEMBRO

Hoje almoço no Cerele Republicain com Renoult, ex-ministro do Interior e das Finanças. Renoult falou-me muito do Delcassé. Disse-me que este fizera junto da Russia uma politica de *agenouillement*.

22 DE DEZEMBRO

Jantar de quatrocentos e setenta e dois talheres no theatro de S. Carlos em Lisboa, para celebrar, dizem os jornaes d'ali, «a justiça que nos foi feita» cá fóra. Assistiram o Affonso Costa e outros membros do governo. O ministro dos Negocios Estrangeiros assistiu de um camarote, na companhia dos ministros que representam em Lisboa as nações alliadas e que foram objecto de grandes ovações. Esta festa, a que o Governo Português se associa, não faz senão dar maior realce ao absurdo, sem precedentes, que resulta do facto de manter as suas relações diplomaticas com Berlim, a

ponto de fazer subsistir ali o seu ministro. Alguns pasquins de Lisboa que o zeloso Xavier de Carvalho me envia asseguram que Finot foi comprado por mim, pois, segundo me dizem em carta, é á minha inspiração que em Lisboa se attribue o artigo da *Revue*. Um d'esses pasquins affirma mesmo saber quanto esse artigo custou. Excellente Finot! Recebo ainda esta informação: o ministro da Allemanha em Lisboa não foi cumprimentar o novo Presidente da Republica, o que teria levado o ministro dos Negocios Estrangeiros a perguntar para Berlim se o governo allemão sanciona este procedimento. Os dislates encadeiam-se. Se o governo allemão tivesse a fantasia de responder negativamente a essa pergunta, o que seria d'esse pobre governo portuguez! Mais me dizem que ainda não se fez communição para Berlim da carta notificando a eleição do Bernardino Machado, e que este de resto se recusa a assignar.

23 DEZEMBRO

Esta manhã visita de Finot, cujo artigo d'hoje na *Revue* sobre os fracassos de Edward Grey e Delcassé foi todo massacrado — como elle diz — pela censura. O fiasco d'estes dois homens é de resto confirmado pelas declarações, publicadas na *Gazeta de Lausanne* d'hontem, de um amigo intimo de Venizelos, o doutor Kerofilas :

— «Oui, je ne le sais que trop, me dit le Dr Kerofilas, dans tous les pays de la Quadruple Entente l'opinion publique incline à donner tort à la Grèce et à

sen roi et à blâmer la politique suivie par le gouvernement hellénique à l'égard des alliés. Et cependant ces récriminations ne me paraissent guère justifiées. S'il y a des torts dans cette affaire, croyez-moi, ils sont plutôt du côté de l'Entente que du côté de la Grèce. Les alliés n'ont jamais su au juste ce qu'ils voulaient dans les Balkans, ou plutôt, si jamais ils ont eu un plan, c'a été celui d'attirer vers eux la Bulgarie sans trop se soucier de la Grèce.

«Au cours de ces derniers mois j'ai eu souvent l'occasion de me rencontrer avec M. Delcassé; il était d'une bulgarophilie à faire frémir. Même après l'emprunt de 200 millions contracté par le gouvernement bulgare en Allemagne M. Delcassé continuait à me dire qu'il considérait non seulement comme probable mais encore comme certaine l'intervention de la Bulgarie en faveur des Alliés. Il n'a jamais voulu comprendre qu'il fallait exclure toute possibilité d'une collaboration entre la Bulgarie et la Grèce et il estimait que si l'une de ces deux puissances devait être sacrifiée c'était la seconde et non pas la première, et cela pour la raison très simple que sa situation géographique mettait la Grèce à la discrétion des alliés et par conséquent éliminait tout péril de ce côté.

«Mais il y a plus, et ce que je vais vous dire ne craint aucun démenti. Le roi Constantin, à qui on jette maintenant la pierre, a été le premier à proposer à la Quadruple Entente le plan de guerre qu'elle est aujourd'hui en train d'exécuter. Au mois de février de 1915, dans le conseil de guerre qui s'est tenu au palais royal d'Athènes et auquel assistaient le général Pau,

le roi de Grèce et son état-major, le roi Constantin déclara au général français que l'attaque des Dardanelles était une erreur colessale, qu'il n'y avait qu'un moyen d'arriver à Constantinople, c'était d'attaquer la Bulgarie et de couper ses communications avec la Turquie. Le roi Constantin pour exécuter ce projet n'y mettait que deux conditions : la première que les alliés garantissent l'intégrité du territoire grec, et la seconde qu'ils prêtassent à la Grèce leur concours matériel par l'envoi de 150,000 hommes, moyennant quoi l'armée grecque était prête à se jeter sur la Bulgarie.

«Le général Pau approuva ce plan qu'il trouva excellent et ne manqua pas de l'appuyer à son retour à Paris. *La bulgarophilie de M. Delcassé et de sir Ed. Grey* fit tout échouer. Or, je vous le demande, après ce que je viens de vous exposer, comment peut-on représenter le roi Constantin comme asservi à la politique allemande s'il est prouvé aujourd'hui que le roi de Grèce a été le premier à offrir à la Quadruple Entente le concours de l'armée grecque pour anéantir l'influence germanique dans les Balkans ?

«Vous m'objecterez que depuis le roi Constantin a rejeté tous les projets de M. Venizeles pour une collaboration avec les alliés, mais il faut savoir que le roi de Grèce est avant tout un militaire et que ses décisions s'inspirent uniquement de considérations militaires ; et il a la conviction, justifiée ou non, que toute action différente de celle qu'il avait proposée risque de compromettre gravement la sécurité de la Grèce et d'exposer celle-ci à subir le sort de la Serbie. C'est pour cela que la Grèce est bien décidée à ne pas in-

tervenir dans le conflit et à laisser les Alliées se débrouiller eux-mêmes.»

Assim, a imprensa francêsa estaria julgando a questão dos Balkans num ponto de vista inteiramente falso e attribuindo ao rei da Greece o que não seria senão o resultado dos erros de Deleassé e Eduardo Grey.

Finot annuncia-me que Garibaldi vae a esta hora no mar, caminho da Greece, mas se os factos são como o diz o doutor Kerofilas, que vae elle ali fazer? A' tarde, nas Galerias Laffayette, onde estivemos minha mulher e eu, a comprar bonecos para algumas creanças amigas, não se podia romper por entre a multidão. De resto, os parisienses voltaram para Paris e com elles muitos estrangeiros. Os hoteis voltam a estar cheios. O *Magestie* reabriu. O *Matin* fala hoje em illuminar novamente Paris, para o que dá esta razão de peso: os desastres occasionados pela eseuridão são iguaes ou superiores aos que causariam os Zeppelins, se viessem. As noticias da miseria que assola a Servia confrangem o coração. Em Nieh morre-se de fome. Entretanto, os alliados entrincheiram-se em Salonica e o que resta do exercito servio vae desceendo para o mar, na Albania, perseguido pelos austro-hungaros.

25 DE DEZEMBRO

Natal. Chuva a potes. A *Gazeta de Lausanne* confirma num artigo de Maurice Muret tudo quanto ha pouco ouvi a Finot acerca das influencias germanofilas que dominam no Foreign Office. E' extraordinario

como este Finot está bem informado! A imprensa francêsa mantém a este respeito um silencio methodico, segundo se diz imposto pela censura. Finot, que me visitou esta tarde, contou-me que o Mauricio de Waleffe, director do *Paris Midi*, teve de retirar do ultimo numero do seu jornal um artigo sobre as revelações da *Revue*. A *Gazeta de Lausanne* acrescenta ás informações de Finot alguns traços da biografia de sir Crowe a quem chama o *chief permanent servant* de Edward Grey.

O artigo de Muret, é este :

«Alors que l'Allemagne, par ses porteparole les plus autorisés, continue de proférer les pires malédictions à l'adresse de la Grande-Bretagne, la Grande-Bretagne s'abstient soigneusement de tout ce qui pourrait rappeler la réponse du berger à la bergère.

«Il a fallu seize mois de guerre et l'initiative personnelle de lord Halsbury pour que le Parlement britannique s'avisât de mettre un frein au commerce que l'Allemagne continue à faire avec l'Angleterre par le moyen des pays neutres. Nous avons rappelé récemment le singulier accord commercial aux termes duquel le Danemark pourra procurer à l'Allemagne des marchandises achetées sur le sol britannique. Cet abus n'est pas unique en son genre. Lord Halsbury a cité l'autre jour au Parlement des témoignages stupéfiants de la condescendance pour ne pas dire de l'insouciance anglaise.

Quelques journaux unionistes parmi lesquels le *Times* et le *Morning Post* s'élèvent courageusement contre ces anomalies; mais ils semblent assez mal soutenus. On attribue leur campagne à un parti-pris contre le chef du gouvernement libéral et ses collaborateurs. Dans les milieux intellectuels, des pétitions circulent où le *Times* est violemment blâmé et où le cabinet Asquith se voit couvert de fleurs. L'observateur impartial ne peut s'empêcher de trouver ces fleurs quelque peu intempestives. Le *Times* et les journaux de son bord ont certainement raison quand ils s'étonnent de la continuité des égards marqués par le gouvernement de la Grande Bretagne à ses implacables ennemis.

La Grande-Bretagne et l'Allemagne ne sont en délicatesse que depuis le commencement de ce siècle. Ce sont les ambitions navales de l'empire allemand qui ont eu pour résultat fatal la rivalité, puis l'hostilité anglo-allemande. Tant que l'Allemagne resta uniquement préoccupée d'hégémonie européenne, ce qui était le cas sous Bismarck, elle entretenait avec l'Angleterre des relations cordiales.

De cette époque datent les liens et des attaches qui durent encore et dont l'influence ne laisse pas de s'exercer dans un sens favorable aux intérêts germaniques. C'est seulement ainsi que s'expliquent les ménagements de l'Angleterre. Nous avons retracé, dans un précédent article, le rôle obstinément germanophile de lord Haldane. Nous avons montré l'influence qu'il possédait encore sur sir Edward Grey, bien qu'il n'appartint plus officiellement au cabinet Asquith. Si le ministre anglais des affaires étrangères a tellement tardé à seconder

l'expédition balkanique, c'est parce qu'à l'instigation de lord Haldane il pencherait à voir dans les Balkans une sphère réservée à l'influence allemande.

Les sentiments de lord Haldane sont de notoriété publique. Aussi comprend-on l'émotion qui s'est emparée des patriotes anglais à la nouvelle du voyage que lord Haldane a accompli — eu vient d'accomplir — en Suisse. Pas plus que le prince de Bülow, lord Haldane n'est venu chez nous pour se livrer aux plaisirs du *winter-sport* — la neige n'est point encore précipitée. De plus graves soucis ont déterminé le déplacement de ces personnages. Le pacifisme de lord Haldane n'est pas moins notoire que sa tendresse pour l'empire allemand. Aussi les patriotes anglais redoutent-ils de voir lord Haldane se rencontrer comme par hasard en pays neutre avec le prince de Bülow et Naby bey et discourir, en dilettante, d'une paix que les sujets du roi George V sent très éloignés dans leur grande majorité de croire compatible pour l'instant avec l'honneur et l'intérêt du pays.

Lord Haldane et son protégé sir Edward Grey ne sont pas d'ailleurs les seuls anglais haut placés et influents suspects de germanophilie peut-être inconsciente.

On nous signale d'Angleterre le cas bien autrement curieux d'un collaborateur, d'ailleurs fort distingué, du ministre anglais des Affaires Étrangères, celui de sir Eyre Crowe.

L'honorabilité de ce haut fonctionnaire ne fait certainement aucun doute, mais son *curriculum vitae* qu'en nous communique n'en laisse pas moins rêveur.

Cet homme distingué reste-t-il, avec le passé qui est le sien, avec les attaches qui sont les siennes, le *right man in the right place*? Il appartient uniquement à ses compatriotes d'en décider. Mais nous comprenons, à vrai dire, que certains d'entre eux s'étonnent et considèrent comme un devoir patriotique de manifester leur étonnement au monde par l'entremise des neutres.

Sir Eyre Crowe est le *chief permanent servant* de sir Edward Grey. Sir Arthur Nicolson lui est supérieur en grade ; mais sir Arthur Nicolson est aujourd'hui un homme âgé qui s'en remet à sir Eyre Crowe du soin des affaires les plus importantes. Sir Eyre Crowe sait tout ce qui se passe sur la scène et dans les coulisses de la grande politique internationale.

Or il est le fils d'une allemande et il a épousé lui-même une allemande. Détail plus significatif encore, il est le propre neveu de l'amiral von Holtzendorff, chef d'état-major de la marine allemande. Les sympathies allemandes, mieux encore les amitiés prussiennes ont toujours été de tradition dans sa famille. La carrière diplomatique de son père, sir Joseph Crowe, est en rapports étroits avec l'histoire prussienne de son temps. Sir Joseph Crowe n'a cessé pendant toute sa vie de plaider auprès du gouvernement britannique la cause de la Prusse, puis de l'Allemagne. Il avait fini par prendre femme en ce pays. Aussi son fils, celui qui sert actuellement de bras droit à sir Edward Grey, a-t-il été élevé dans le culte de la pensée et des méthodes allemandes.

Il se peut d'ailleurs que les patriotes anglais dont

nous croyons devoir manifester la surprise s'abusent sur l'importance de ces «questions de personne». En tout cas, les organes de l'opinion publique, surtout à l'étranger, no doivent entrer dans les débats de cette sorte qu'avec beaucoup de discrétion et de prudence.

Le personnel gouvernemental et diplomatique anglais a toujours bravé tous les soupçons; mais il serait sans doute plus conforme à la tradition de cette corporation admirable qu'elle ressemblât à la femme de César, laquelle, comme on sait, ne pouvait même pas être soupçonnée.

As revelações d'este artigo sobre o papel que lord Haldane estaria representando perturbam e inquietam.

26 DE DEZEMBRO

A mensagem do rei de Inglaterra ao exercito e á marinha inglêsa, por occasião do Natal, contem esta frase: «J'ai confiance, avec une foi égale, dans les officiers et soldats de mes armées, qu'ils soient en France, en Orient où sur d'autres théâtres d'opérations, sachant que leur devouement, leur vaillance et leur abnégation les mèneront, sous la direction de Dieu, á la victoire et á une paix honorable.»

E' a primeira vez que os aliados falam em paz e d'esta vez nos mesmos termos em que parecem desejá-la os allemães. Esta concordancia senão de pensamentos de palavras não perturba e inquieta menos do que as revelações da *Gazeta de Lausanne*.

27 DE DEZEMBRO

Um dos grandes cuidados do ministro dos Negocios Estrangeiros de Portugal, neste momento da nossa historia, é o de restituir á França um individuo que d'aqui foi expulso. Refiro-me a Oscar Blanch. Isto mo levou hoje ao Ministerio do Interior. As cercanias da Place Beauvau, junto da qual se encontra o Eliseu, estão completamente ás escuras. Os automoveis desfilam numa treva espessa. Não se vê o bastante para distinguir os transeuntes que de resto são raros. O ministro não me faz esperar. De resto, só no Ministerio dos Negocios Estrangeiros se espera. Longa oxposição do caso Blanch, que me interessa mediocrementemente. O ministro não sabe bem do que se trata. Telefona. Um secretario, de jaquetão, o cigarro na bocca, entra, e sente-se bem por este pormenor que estamos nos dominios do radicalismo socialista e que o ministro é o sr. Malvy, representante no governo das tradições revolucionarias da França. O presidente do conselho grego Skouloudis, confirma em uma entrevista publicada pelo *Daily Chronicle* o que foi dito ha pouco pelo doutor Kerofilas a proposito dos offerecimentos feitos pela Grecia aos aliados e não accites por estes.

«Le gouvernement grec avait fait à la Quadruplo Entente les offres les plus étendues, notamment à l'occasion de l'expédition des Dardanelles, à propos de laquelle la Grèce montra l'impossibilité d'un succès par les moyens adoptés et offrit un plan de l'état-major grec pour attaquer la Turquie.

«Nous n'avons pas été compris. Les alliés nous ont traités aussi ignominieusement qu'un peuple vaincu ; il s'en est fallu de peu que nous ne fussions obligés d'ouvrir les hostilités contre eux.»

Neste caso os desastres balkanicos seriam unicamente a obra da diplomacia dos aliados. A imprensa francêsa não reproduz esta *interview* e, a meu ver, faz bem, porque se semelhantes erros fôsem neste momento conhecidos do publico francês, não sei o que succederia. Entretanto produz-se este caso unico num regimen de liberdade, como é a Republica Francêsa : a França está vendada, não sabe o que fazem os seus diplomatas, não sabe o que fazem os seus generaes, ignora a razão das suas derrotas, como ignora a razão das suas victorias. Ainda hoje não se sabe a que circustancias precisas se deve a victoria do Marne, que os catholicos dizem ter sido um milagre, assim como se ignora por que razão o ataque da Champagne foi tão inexplicavelmente interrompido. Em pleno prestigio, o general Joffre viu dividida a sua autoridade com um outro e ainda não se soube porque, como não se soube porque o general de Casteluau, seu novo collaborador, partiu clandestinamente para Salonica, onde se encontra. Fala-se nos erros da diplomacia, mas a França não sabe precisamente quacs elles tenham sido. O seu melhor diplomata, Delcassé, abandonou as suas funções, quando a sua collaboração parecia mais necessaria e ainda hoje o povo francês desconhece os motivos d'essa resolução. No entanto, tudo isto que a França ignora, sabem-no a Inglaterra, a Hespanha, a Italia e sabem-no

todos os neutros. Em França murmura-se e ainda só o fazem certos meios—certos salões, certas ante-cameras de ministerios. O povo ignora, caso raro neste país de discussão a todo o transe!

29 DE DEZEMBRO

Visita do senador Henri Michel, director da *Union Latine*, jornal patrocinado por meio mundo mas que ninguem lê. O senador Michel propõe-se, *en dehors de la politique*, errear novos laços economicos entre as nações latinas, mas este plano encontra-se por ora no estado verbal. Em Paris ha uma alluvião de individuos, de resto bem intencionados, que se entregam com verdadeira dedicação a estas especulações generosas e estereis. O senador Michel está convenido, e por isso me proeou, de que a diplomacia latina pode dar um concurso muito effieaz ao seu pensamento. Pedi-lhe que o precisasse, com o sincero empenho de o ajudar, se isso fôsse possivel. O senador Michel, que de resto tem uma elocução faeil e elegante, fluetuou no vago da sua concepção e eu não insisti para não o despertar do seu sonho. Emfim! é mais um senador que conheço e na diplomacia nunca se tem relações de mais. Emquanto elle falava, eu seguia com attenção o seu dizer preciso e assistia ao nascer das suas idéas medianas, mas admiravelmente construidas, como pequenos seres perfeitos. Esta observação interessou-me muito, porque justamente o acaso fez-me descobrir hoje um livro escolar, onde encontrei emfim aquellas regras de redacção, de creação e de elocução que ha tanto tempo buseava e

que são o segredo da escripta e da dicção tão precisas e tão claras dos francezes. Os portuguezes escrevem pouco e com difficuldade. Não respondem, ou só tardiamente respondem a cartas, o que elles explicam pela preguiça. Nesse livro encontrei esta frase: « *On est toujours paresseux pour une chose qu'on fait mal.* » Talvez me dedique a fazer um livro como esse, destinado ás nossas escolas o talvez seja esse o ultimo serviço que preste ao meu país.

Um certo Pinheiro Torres, antigo deputado catholico e nacionalista no tempo da monarchia, conta num jornal do Porto que lamentando na Camara, perante um dos seus collegas monarchicos, a morte de D. Carlos, lhe ouvira dizer:— *Ora deixe-se d'isso! Era a unica solução!* Era o que todos pensavam nesse tempo!

## 30 DE DEZEMBRO

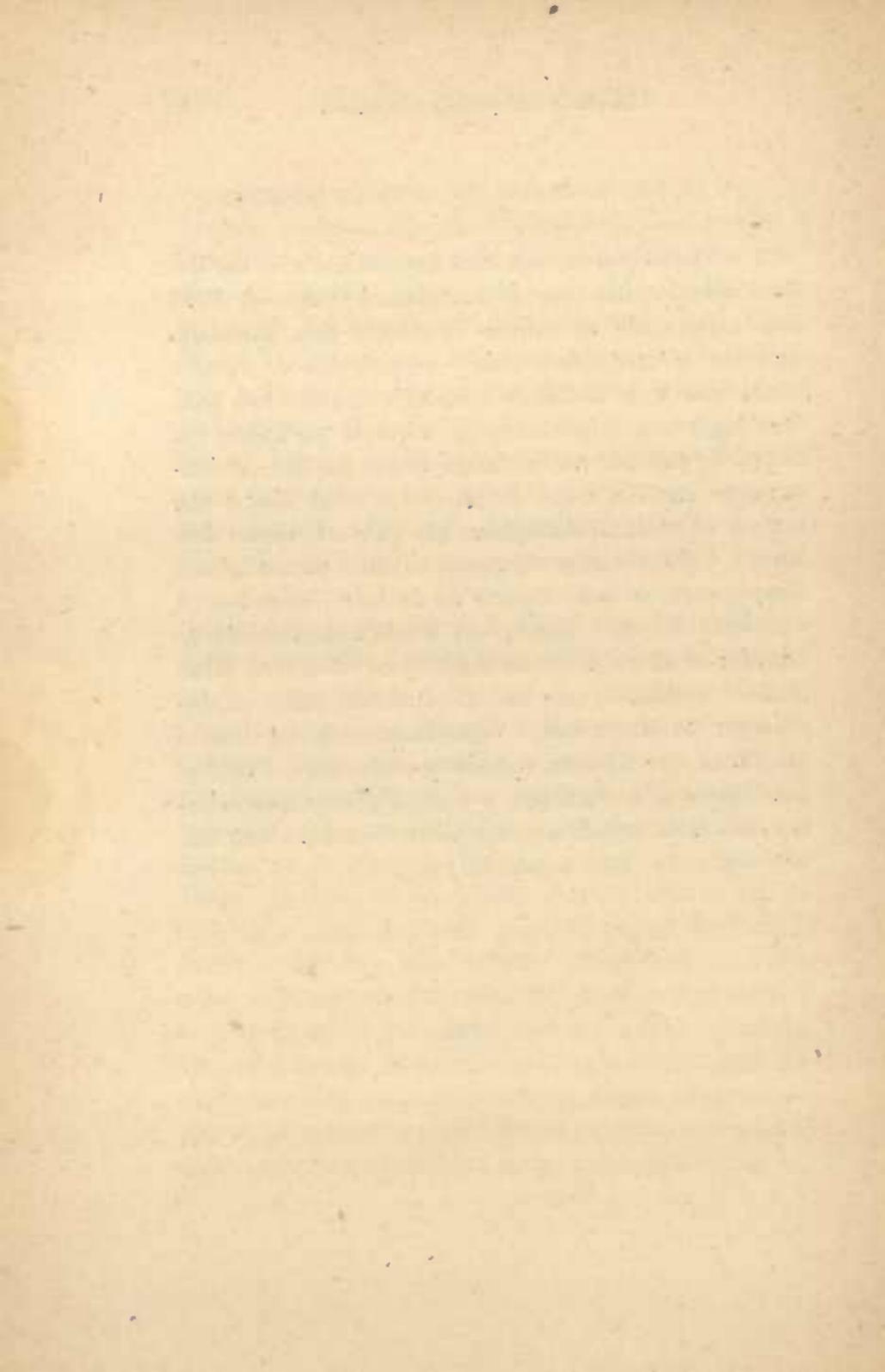
Jantar *chez* Finot. De Waleffe, o director do *Paris Midi* e Madame de Waleffe, com quem passámos um lindo dia do julho ha um anno, em Montmoreney. A mesa desenrola-se uma conversação extremamente picante. Fala-se do temperamento amoroso de Briand e das suas tres amantes, mas o sr. de Waleffe conta, ao contrario, ter ouvido dizer ao Presidente do Conselho:— *Je suis à l'âge heureux de l'impuissance.* Madame de Waleffe pisa um olho ineredulo. Pergunto que idade tem Briand — cincoenta e tres! mas acerescenta-so — usados! Briand teria estado em vespervas de casar com a princeza Georges da Grecia, que vive em Paris e parece ter um coração sensivel. Briand, despojado da

sua reputação, parece um homem commum. O sr. de Waleffe protesta, diz que o presidente do Conselho é filho de um marquez e de uma camponeza, mas madame de Waleffe é de opinião que Briand parece um *terrassier*. Salta-se de um assumpto para outro. Agora fala-se da diplomacia neste momento muito desvalorizada e Finot, que está no seu elemento, conta a historia dos relatorios officiaes do barão Guillaume ministro da Belgica em Paris. O barão Guillaume officiaava antes da guerra ao seu governo, pronunciando-se contra Poincaré, a favor de uma situação Caillaux pois, dizia elle, Poincaré e o seu *cocardisme* era a guerra com a Allemanha e a Belgica ameaçada, emquanto que Caillaux era a paz. Segundo Finot, o barão Guillaume daria a entender num d'esses relatorios que Poincaré estava por detraz da campanha do Calmette no *Figaro*. Como se teve conhecimento d'estes relatorios? Diz Finot que foram encontrados no archivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros belga, quando os allemães tomaram conta de Bruxellas e que alguns jornaes allemães os divulgaram. Foi esse mesmo — accrescenta Finot — o motivo da visita de Poincaré ao rei da Belgica o qual lhe teria proposto retirar de Paris o barão Guillaume. Mas o barão conserva-se em Paris e se o presidente der recepção ao corpo diplomatico, lá o encontrará por certo com a sua mão estendida. Depois do jantar, Finot chama-me a um canto para me dizer que tem recebido de Lisboa alguns numeros do *Dia* com artigos que lhe dizem respeito, marcados a lapis azul. Não ha canalha maior em toda a terra!

31 DE DEZEMBRO

A noite passou-se bem com tres amigos e ao dar das doze bebeu-se um copo de champagné. O anno de 1915 fica assignalado na minha existencia pelo attentado que me ia custando a vida — recompensa de vinte e cinco annos de dedicação e sacrificios pelo meu país. Deu logar esse crime ao menos a que se me fizesse um pouco de justiça? Ao contrario, nunca fui tão virulentamente atacado, como depois que o soffri. Mas o que sou eu no meio do cataclismo que subverte tantos destinos? Voltemos com esperanza os olhos para o futuro. Esta guerra em toda a parte ha de fazer vencedores e vencidos. Eu não espero ser d'este numero. Hão de triumphar as idéas de emancipação e eu estou com ellas. Serão vencidos os que não as souberam amar, ou duvidaram do seu triumpho. Vencedores serão em todo o mundo os que tiverem voltado os olhos para o futuro, com interesse e confiança, e é grato pensar que collaboramos num grande acontecimento humano ainda que não seja senão com os nossos votos.

---



1916

1 DE JANEIRO

Este anno, o Presidente Poincaré não recebeu o corpo diplomatico. Porquê? Conjecturas. Diz-se que para evitar uma aproximação cordeal entre o Chefe do Estado e os representantes das nações neutras que se têm portado mal, que são quasi todas. Pela manhã corro a casa de Clemenceau, a fazer-lhe a minha visita annual. Rua Franklin em Passy. Pequeno rez-dochão, *sur la cour*. Na cosinha que dá para o pateo descubro o creado de Clemenceau, que está fazendo as suas limpezas e do pateo lhe pergunto se o presidente está. Pouco depois encontro-me no gabinete de trabalho de Clemenceau, um aposento quadrangular, com bastante pé direito, cheio de livros d'alto a baixo, em todas as paredes. Ao centro, a meza circular em que Clemenceau trabalha. Livros abertos, papelada esparsa, desordem. Emquanto espero, acerco-me da unica janella do aposento, e só então reparo, apesar de ter ali ido varias vezes, que Clemenceau tem um jardim cercado

de muros. Não me ficara de memoria o jardim, porque nunca reparo no aspecto das coisas senão muito superficialmente. Subito, Clemenceau, o mesmo de sempre, inalteravel, eterno, embrulhado num casacão, os pés mettidos em pantufas felpudas que lhe abafam os passos. Como tenho mais que lhe contar a elle do que elle a mim, falo eu. Elle ouve sentado numa velha poltrona de couro e aqui e ali faz uma pergunta. Trata-se de Portugal, do meu attentado, da intervenção na guerra. Para puxar por elle falo-lhe da politica inglêsa e dos seus homens. Pergunto-lhe se leu o artigo da *Gazeta de Lausanne*. Sir Edward Grey parece estar fatigado. Elle replica:— *Il est né fatigué*. A proposito da intervenção de Portugal na guerra diz-me ter ouvido na vespera a um senador que a França propuzera ao Governo Português comprar os navios allemães retidos nos nossos portos, ao que o Governo se recusara. Prometto averiguar. Entretanto, parece-me que Clemenceau tem prevenções sobre Portugal a este respeito. Quem não as terá?

Da rua Franklin corri ao aleandorado 5.º andar da rua de Rivoli, onde vive o meu velho amigo Paul Ginisty, que me retém uma eternidade a ouvir-me, com os seus grandes olhos abertos. Pergunta-me se as balas fazem soffrer, comprehendo a sua intenção. Pobre homem! Lembra-se do filho, Pierre, morto o anno passado em Ypres, de uma bala allemã. Não! As balas não fazem soffrer, não se sentem! Era o seu unico filho! Excelente Ginisty, que eu conheci ha vinte annos em Portugal e que nunca mais me perdeu de vista!

Em nossa casa, muitas flores e bastante gente. Du

rante a minha ausencia vieram os dois secretarios cumprimentar-me. Demoraram-se pouco como convem a uma visita de formalidade, e as suas mulheres abstiveram-se de apparecer, como se abstiveram no ultimo anniversario do 5 de outubro. Uma republica que se faz respeitar tão pouco como a nossa não tem direito a mais *égards*. As mulheres d'estes garotos têm razão.

## 3 DE JANEIRO

Finot e o filho vieram a nossa casa passar um pedaço da noite e Finot falou da Servia e dos seus atrozes soffrimentos. No dia do Anno Bom estive em sua casa um servio e taes horrores contou que uma senhora que estava presente sahiu soluçando. Garibaldi chegou a Athenas e ali está. Segundo Finot, as noticias são excellentes. Sahiu agradecendo-me mais uma vez o passaporte que eu forneci a Ricciotti, e sem o qual Ricciotti não teria podido tentar o seu generosoprehendimento, e dando-nos *rendex-vous* para o proximo domingo na sua casa da Avenida Bugcaud. Um jornal da Romenia, orgão do partido democrata-conservador, publica sobre o martirio da Servia um artigo cujas passagens essenciaes são reproduzidas nos jornaes d'hoje :

«Personne ne peut empêcher désormais que les serbes ne soient le plus grand peuple de l'Europe orientale. Personne ne peut empêcher désormais que la nation serbe n'ait définitivement passé du rang des pe-

tits peuples, tolérés par l'équilibre des grands, à celui de facteur réel et important de l'histoire de l'humanité.

«Frappés par les guerres, par les épidémies, par la famine, réduits au rôle d'exilés sur une terre étrangère, ayant brisé leurs canons glorieux et brûlé leurs archives, ayant passé par des malheurs que beaucoup de patriotes n'ont pu supporter — plutôt que de les voir ils ont préféré se brûler la cervelle, — les serbes ont posé les bases non seulement d'un grand état, mais d'une grande nation.

«Il se pourrait que dans l'Europe orientale les hasards de la guerre et des conférences créassent des états plus vastes que la Serbie de demain — ce dont nous doutons grandement — mais il n'y a aucune nation, aucune, dans l'Europe orientale, qui puisse se dire aujourd'hui, ou demain, l'égale de la nation serbe.»

Quando penso no martirio das pequenas nações como a Servia e a Belgica, penso ao mesmo tempo na situação moral que está reservada aos neutros da Europa, depois d'esta guerra. Assim, esta guerra interessou de tal modo os destinos gerais da humanidade, que aquelles que não tiverem tomado parte nella, ficarão amanhã como que fóra da humanidade. A Servia será grande, d'isso estou convencido, mas outras nações serão reduzidas a bem pequenas proporções. Entretanto, quem canta a Servia, o seu heroismo e o seu martirio? quem escreve o seu poema? quem compõe a marcha funebre á memoria dos seus heroes? Toda a poesia parece ter desaparecido d'entre os homens. A arte é mesquinha! Onde está Hugo? Onde está Ber-

lhoz? A vida traduz-se em *fait divers*, e o jornal é o unioe cantor do nosso tempo, das nossas dôres, das nossas esperanças...

## 5 DE JANEIRO

Minha mulher, que recomeça a reeber as suas amigas ás quartas-feiras, apresentou-me hoje a Madame Chartran, a viuva do grande artista, que pintou o celebre retrato de Leão XIII. Madame Chartran fez o elogio d'este papa e a proposito falou-se do actual pontifíee e dos seus desastres. O seu ultimo aeto infeliz é o telegramma de felicitação pelo anno novo ao kaiser. E ao nome de Bento V assoeia-se o do presidente Wilson — dois desastrados! A marquêsa de Franeo e a eondessa de Carvalhido são muito assiduas em nossa casa. Esta ultima continua eultivando a sua velha amisade por minha mulher. O Xavier de Carvalho esteve esta tarde na Legação. É uma ereatura viseosa. Contou torpezas de Portugal. Fui a casa do eonde de Sousa Rosa pagar-lhe a visita que me fez no dia do Anno Bom. O conde de Sousa Rosa habita na rua de Lubeck o rez-do-chão onde outróra esteve installada a Legação de Portugal. Vive modestamente. O appartement é pequeno e foi uma creada que veio á porta. Mandei-lhe para dentro um cartão só com o meu nome. Reebeu-me logo no seu eseriptorio, que parecee servir de sala de visitas, quasi todo oocupado por uma grande meza Luiz xv e todo cheio de bibelots em vitrines e numerosas fotografias de principes da casa de Bragança. Vi tudo isto, está claro,

num relance. O antigo ministro de Portugal está velho, está fatigado, mas deixa ver ainda o bello homem que foi. Os seus olhos ainda são bonitos e o seu bigode braneo ainda se levanta aos cantos da boca fina com uma petulancia juvenil. Tem o aspecto mortificado de um homem que soffreu um irreparavel desgosto. Diz-se muito doente. Uma velha bronchite de fumador não o deixa repousar. Ha dez noites que não dorme, a tossir. Pergunta-me como estou. Digo-lhe que perfeitamente, e elle concorda que, com effeito, a minha apparencia é excellente e que o desastre que me succedeu não deixou vestigios. — Apparentes ! tornei eu. — Elle disse:— Coitado ! E retirei-me, porque não tinha mais nada que lhe dizer. Que podem dizer-se com effeito um ao outro dois homens que representam destinos tão contradictorios ?

## 6 DE JANEIRO

O Bernardino Machado procura aproveitar o artigo do Finot para proseguir na sua nefasta politica de duas faces. Assim, eis o que disse num discurso pronunciado no dia do Anno Bôm, e dirigido ao Parlamento :

«Meus senhores... Quanto mais com o prolongamento da guerra europeia, a que ainda se não descortina termo proximo, se aggrava a sua repercussão geral, mais se nos impõe a nossa estreita união, para premunirmos zelosamente, contra quaesquer contingencias, a sagrada defeza da patria.

«Nunca é licito a uma nação que se presa decliná-la seja em quem fôr. Cumpre-lhe valorisar-se resolutamente por um trabalho intensivo de organização interior, que exige a dedicação e o sacrificio commum de todos os cidadãos. E, só assim, cerradas fileiras, ella pode aperceber-se, para o cabal desempenho das suas obrigações externas, dignificando-se.

«Prestigiemo-nos, sempre, pelo brioso esforço da nossa inquebrantavel cohesão nacional *para termos direito a que os nossos leaes aliados, honrando o desassombro dos nossos serviços, se orgulhem do valor moral do concurso, que lhes dermos* e até por dever para comsigo proprios cooperem tambem sollicitamente comnosco para o nosso engrandecimento. Taes são, meus senhores, os votos ardentes que, do coração, formulo, ao vir hoje aqui saudar fielmente o Congresso da Republica, como seu supremo mandatario, certo de que a nossa solidariedade disciplinadora, da qual tanto dependem os novos dias de amanhã, será, sobretudo, cimentada pelo seu alto exemplo civico.»

## 9 DE JANEIRO

Domingo. *Thé chez Finot*. O Cosmos, os dois Garibaldi — o tenente-coronel Peppino e Santo, nos seus uniformes italianos, e a mulher de Ricciotti, cuja presença na Grecia já foi conhecida; o encarregado dos negocios do Japão muito ligado com Finot; Scheriff Pachá, o ministro do Interior da Servia; Mademoiselle Christobal Pankurst; um correspondente do *Times*; a Mademoiselle Maille da Comedia Francêsa e Madame

Emilio Zola; Madame de Juvenet e uma condessa americana; o doutor e o advogado Henri Coulin; o marquez de Casafuerte, grande amigo do rei de Hespanha; etc., etc., etc. e Blaseo Ibañez.

Blaseo Ibañez fala horrivelmente o francês, mas como o ponho á vontade falando-lhe o meu hespanhol aprendido no exilio de Madrid, abre-se de par em par como todo o hespanhol que se presa. Blaseo Ibañez, como d'Annunzio, trocou a sua patria por Paris e aqui vive. Trabalha muito segundo diz. Agora traz entre mãos uma historia da guerra. De resto, diz-se que está rico. Fala de Portugal, está claro, dos seus amigos *di allá* e é feroz para o Bernardino Machado, que procura definir em vão, porque o Bernardino é indefinivel, e de quem finalmente diz que *es el hombre que procura abrir ostras por persuasion... sin cuchillo!* Tremendo! Este dito valeu o dia.

Os effeitos do artigo de Finot continuam a fazer-se sentir. O *Times* faz o elogio de Portugal no seu *editorial article*, convem que a sua situação é equivoeca e que deve sahir d'ella, pois nem gosa das vantagens da neutralidade, nem pode aspirar ás compensações da beligerancia.

9 DE JANEIRO

O *Times* d'hontem publica um editorial sobre Portugal. Cobre-nos de uma mortalha de flores misericordiosas. Segundo este jornal a nossa situação é imposta pelas circumstancias, exercito sem preparação, thesouro exausto, mas com que paciencia a temos suppor-

tado! «*But she has filled it with a loyalty and a patience beyond all praise.*» Mas os ingêleses não têm sombra de tacto. Assim, é o *Times* elle mesmo que verifica a situação equívoca de Portugal, (*equivocal position*) situação sem vantagens, pois nem nos traz as de uma verdadeira neutralidade, nem as da belligerancia. «Portugal não gosou de facto de nenhuma das vantagens de uma verdadeira neutralidade, nem obteve o estímulo moral e o accrescimento de prestigio que teria ganho, se cooperasse com os seus alliados nos campos de batalha. *She has in fact enjoyed neither the advantages of a true neutrality, nor the moral stimulus and the enhanced prestige which she would have gained by cooperation in the field with her allies.*».

10 DE JANEIRO

Os jornaes annunciam que apparecerá brevemente em Zurich uma brochura que será o primeiro manifesto do partido republicano allemão, a qual acaba de se formar e está já definitivamente constituido. Hum! Deseonfiemos d'esta republica allemã. Os allemães são ao mesmo tempo os maiores e mais grosseiros impostores que a humanidade conhece. Uma republica allemã teria com effeito muito mais probabilidades de precipitar a paz do que o imperio, e quem nos diz que esta republica não é uma idéa do kaiser? Ou se está operando realmente na Allemanha uma transformação que escapa aos nossos olhos? Esta guerra é fecunda. Esperemos!

Ha tres ou quatro annos, em Paris, fiz este vaticinio a Martin Weinstein, o banqueiro allemão de Lisboa, que nesse tempo me fazia uma côrte assidua. Creio que lhe dei um prazo que não posso rememorar para quo a Allemanha fôsse uma republica. Weinstein riu, achou o vaticinio original e teve esta idéa de banqueiro: offerecer um collar de perolas a minha mulher se com effeito elle so verificasso. Não penso reclamar o collar.

13 DE JANEIRO

O Montenegro está sendo esmagado, como o foi a Servia. Quer dizer: o problema da paz torna-se cada vez de uma solução mais difficil, porque não se concebe uma paz que sacrifique estas pequenas nações e por outro lado não se concebe como os imperios do Centro renunciem a todas as conquistas que até agora fizeram. Que pressão não será necessaria para que a Allemanha e a Austria abram a mão e deixem eahir o que lá têm? Como imaginar essa pressão? Os francezes mantêm a sua linha, é certo. E' certo que os russos a mantêm tambem, com alternativas de recuo e de avanço, assim como é certo que os inglêses augmentam o seu improvisado exercito; mas essas forças collossaes não mostraram até agora um poder offensivo que decida da guerra. A sua situação, vis-à-vis de um inimigo poderoso, mas cercado, garante-lhes a victoria final, se a guerra terminar pela guerra. Mas terminará ella assim, ou não virá o imprevisito pôr-lhe um imprevisito termo, fazendo ealar de repente as

bocas dos canhões? As forças moraes têm um grande papel nesta guerra e não podem estar senão do lado do direito atacado. Do outro lado só está o orgulho, que não é uma força moral, e que ao contrario d'estas, está sujeito a decepções. Esperemos. Esperemos que o orgulho allemão ceda e, do mesmo passo, cedam as suas fortalezas. O orgulho abatido é uma fonte de fraqueza e de humilhação. Se a guerra não tiver um termo por uma razão moral, não vejo como acabe...

14 DE JANEIRO

Almoço *chez Finot*, que quiz d'este modo fazer-me conhecer Jean de Bonnefon, o famoso jornalista. Alem de nós e d'elle, a condessa de Chartran. Jean de Bonnefon é uma creatura elephantisiaca, mas palrador, espirituoso, saltitante. Conhece o que se convencionou chamar *le tout Paris*, e a historia de todas as paixões, de todas as fraquezas, de todos os triunfos, de todos os fiascos parisienses. E' um romance vivo. Conhece os segredos de todos os casamentos, assim os felizes, como os infelizes, e a causa de todos os divoreios e de todos os rompimentos. Ouvi-lo é folhear um dicionario de elegancias mundanas e um Bottin secreto, e como na sua missão de jornalista tem viajado pela Europa toda, muda de capital, como mudaria de rua num mesmo bairro familiar, e ora está em Roma em casa dos Campo Marchi, ora está em Bucarest em casa dos Brancovan, e certa intriga amorosa que surprehendeu em Veneza vae desvencilhá-la em Vienna, na embaixada de França. Como a condessa de Chartran não

deixa nunca de falar de Leão XIII que lhe deu o titulo e a quem não se refere sem dizer — *Sua Santidade*, — Bonnefon conta como esteve de uma vez, no Vaticano, uma hora de joelhos diante d'esse pontífice, que lhe fez a honra de o receber, porque, accrescenta, ninguem apreciava mais do que elle o valor da imprensa, a que chamava—*a trombeta de prata*. Durante essa hora, Leão XIII falou incessantemente e Bonnefon, que usa os cabellos brancos frisados a ferro, contou que a cada passo o papa lhe levava a mão á cabeça, o que o desfrisou todo, de modo que quando sahio teve um successo de riso nos corredores do Vaticano. Como a audiéncia se prolongasse, um famulo veio abrir a porta da camara em que Leão XIII falava ao jornalista francês, para annunciar que os prelados esperavam a sua vez de serem recebidos. — Que esperem, teria respondido o papa, prelados vejo eu todos os dias.

O certo é que o almoço pertenceu exclusivamente a Jean de Bonnefon. Contudo, passando por cima de todas as intrigas, não é *méchant*, não insiste nas allusões maliciosas e teve uma palavra sincera. Falou-se de Calmette e da grande fortuna que deixou. Eu disse:— No entanto, o jornalismo em França não conduz á fortuna. — O jornalismo em si, não, replicou elle. Aqui me tem a mim, que sou muito pobre. Disse isto com uma sinceridade risonha, sem despeito e sem amargura, como só um francês o sabe dizer.

15 DE JANEIRO

Esta tarde, em casa do ministro do Chili, interroguei largamente um secretario da Legação que esteve ha pouco na Bélgica occupada pelos allemães, visitou Louvain, Malines, Bruxellas. Louvain e Malines estão em completa ruina, mas os proprios habitantes já commecam a reconstruir. Dá esta impressão do incendio de Louvain: as folhas dos livros da bibliotheca foram cahir a muitos kilometros de distancia. E Bruxellas? Como está a linda cidade de Bruxellas? O aspecto de Bruxellas é normal, ou quasi normal. Todos os estabelecimentos estão abertos até á meia noite. De resto, as autoridades allemãs obrigam-nos a abrir. Funcionam theatros, einemas, e os cafés enchem-se. Na rue Neuve, á tarde, ha como sempre uma grande concorrência. — Comtudo, acrescenta, toda a gente parece ter sahido á rua para fazer alguma coisa. Pergunto-lhe se os habitantes se reuñem em cafés frequentados por militares allemães. Elle responde-me affirmativamente e cita-me o restaurante do Palace Hotel, onde se ceia e se reune toda a gente, belgas e allemães. Comtudo occupados e occupantes não se entendem, embora se eneontrem reunidos nos mesmos locaes. Apenas uma classe social priva com os allemães. — Qual? — O *demi-monde*. E' um modo delicado de dizer — as prostitutas. Ao retirar-se de Bruxellas conversou com um official allemão que lhe pediu a sua impressão do que vira e se presenciara algum facto que confirmasse o mal que se dizia por esse

mundo fóra dos allemães. O jovem diplomata contou-lhe que vira um soldado allemão apalpar o braço a uma senhora, num *tramway*. O official allemão agradeceu-lhe então o ter-lhe referido esse facto, sentindo que elle não houvesse tomado o numero e o numero do regimento do soldado, para o fazer castigar. Não ha nada que atormente mais as naturezas de fundo barbaro do que a idéa de que a sua barbarie é um facto apparente. Por isso, quando não estão em guerra, os allemães são cumprimentadores, bailarinos, obsequiosos, amaneirados, porque a sua preocupação fóra dos campos de batalha e de rapina é a das boas maneiras. A sociedade onde as boas maneiras têm um culto é a sociedade francêsa. Por isso os allemães admiram a França e não poderão nunca odiá-la. A sua admiração não tem porem a fórma de uma amavel homenagem. E' uma forma de vassalagem. E' um tributo de homens de condição inferior a outros mais perfectos.

H. G. Wells, o autor da *Guerra dos Mundos* e outras profecias apocalipticas, profetisa hoje no *Temps* e — *ma foi!* — parece-me que com muita penetração:

«Il nous faut écarter une fois pour toutes de nos prévisions l'idée d'une apothéose définitive selon le modèle traditionnel, d'une entrée triomphale à Londres, Paris, Berlin ou Moscou. La fin de cette guerre sera une affaire de négociations entre des antagonistes à peu près immobilisés et extrêmement délabrés.»

Comtudo ha um fautor de paz, que se me afigura ver a mim e que o profeta não vê. A elle me refiro

mais atraz. Não sei bem qual seja. Vagamente parece-me que poderá ser uma revolução, a queda de um throno, a queda de um homem. . . A fadiga só, como o pretende H. G. Wells, não conduz á paz.

## 16 DE JANEIRO

Domingo. Visita a Madame de Chartran. Chá. Madame de Chartran habita um bello appartement da Avenida da Grande Armée, todo cheio d'obras do mestre que foi o pintor Chartran e dos opulentos restos do seu atelier. Mostra com orgulho o seu retrato, que a representa ainda nova e bonita, num luxuoso cenário de almofadões de veludo, mas o seu grande motivo de orgulho é o retrato de Leão XIII, não o que deu a celebridade a Chartran, e que segundo ella conta foi parar á America, mas um outro, desconhecido, e que representa o pontifice numa attitude theatral de prece, cahido numa como que sineope mistica, sobre um almofadão de veludo escarlate, os braços estendidos, as mãos juntas, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado esquerdo, os olhos perdidos na contemplação de outros mundos. Madame de Chartran encerrou este retrato num aposento todo revestido de veludo vermelho debruado de galões doirados, e mostra-o aos seus amigos, numa luz de proscenio fornecida por uma gambiarra de luz electrica adaptada á propria moldura, e como lhe façam o reparo, ella diz:—*Mais elle même elle etait très théâtrale, Sa Sainteté!* Ao chá, na casa de jantar, Madame de Chartran apresenta-me Gabriel Astruc, o empresario das troupes russas, que pouco depois

desapparece, deixando Madame Astruc. Mais tarde faz-me percorrer lentamente o seu appartement, contando-me a historia dos quadros de seu marido e leva-me ao quarto da sua governante, onde installou, por não ter para isso outro logar, um grande retrato de Lagartijo, representado em traje de lide, na praça de touros. Como nos demorassemos na galeria, em frente de um quadrinho que representa a *villa* de Madame Chartran no Lago Lhéman, convidou-me para ir ver esse lindo recanto da Suissa e passar uns dias na sua ilha, pois é numa ilha, a das Mouettes, comprada pelo piutor, que a sua *villa* de estilo italiano a espera todos os annos pelo verão. Promette-me um desenho de Chartran — *gage d'une amitié qui commence*.

18 DE JANEIRO

O Montenegro capitulou sem condições e esta é, sobre este país de tresentos mil habitantes, a primeira victoria d'esta guerra. Entretanto, é mais um desastre moral para os alliados, um testemunho mais da sua imprevidencia e da incoherencia das suas resoluções.

H. G. Wells continua no *Temps* o enunciado das suas profecias. A guerra terminará pelo exgotamento, diz elle, um estado que corresponderá a esta palavra, mas que é impossivel prever como verdadeiramente venha a dar-se — «quelque chose qui ne s'est jamais produit avant notre époque» e acreseenta: «Le fait que l'épuisement entraîne une immense hécatombe humaine et que les survivants seront, pour la plus grande part, soumis à la discipline militaire, rend im-

probable la perspective d'une fin soudaine causée par une violente explosion révolutionnaire.» Não creio que se chegue a esse estado de exgotamento. Antes que se dê o exgotamento fisico, dar-se-ha talvez o exgotamento moral.

20 DE JANEIRO

O artigo do *Times* ó celebrado pelos jornaes portugêses como um acontecimento feliz, e não houve até agora nenhum, nenhum que fizesse sobresair o seu verdadeiro sentido. Era preciso perguntar que razões são essas que levam a Inglaterra a desejar para Portugal, como sendo a melhor, uma situação que o seu primeiro jornal qualifica de equivocada e da qual diz que nem lhe traz as vantagens de uma verdadeira neutralidade, nem o estimulo moral e o acreseimo de prestigio da cooperação na guerra. Era preciso perguntá-lo, mas ninguem o pergunta. Eserevi a André Brun, que collabora na *Capital*, falei aqui em Paris a Paulo Osorio, e a cada um d'elles indiquei a passagem do artigo do *Times*, pedi-lhes que abrissem os olhos áquella gente. Tel-o-hão feito, ou será tarde já para o fazer? Quizera oh! bem quizera desinteressar-me de tudo isto, refugiar-me como tantos numa escarpada fortaleza de egoismo. Em vão! O Affonso Costa, que eu salvei, o Augusto Soares, a quem puz no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, continuam mudos. Quando considero o meu país, tenho uma impressão tal da instabilidade de todas as coisas, que até o proprio país me parece instavel e de pouca dura.

23 DE JANEIRO

O Montenegro, afinal, não capitulou. O que se passou então? Não se sabe. O que se sabe é que os pobres restos do pequeno exercito montenegrino batem em retirada e que o rei e a familia real vêm refugiar-se em França. Já desembarcaram mesmo na Italia, onde a rainha Helena foi ao seu encontro numa gare e levou a uma de suas irmãs um casaco de agasalho. Onde param os servios? Uns são recolhidos em Corfou; outros são dirigidos para Salonica. O rei Pedro repara as suas forças numa ilha do mar Egeu. Entretanto, Guilherme II faz a sua entrada em Sofia, onde o rei Fernando o sauda em latim, á antiga maneira cesariana, e perecorre com o seu estado-maior as pobres cidades dos Balkans conquistadas. A Allemanha tem toda a apparencia de dominar a situação, a despeito do bloqueio e da sua crise de subsistencias, a despeito das divisões da social demoeracia, a despeito da baixa do marco, a despeito das indicações implicitas do destino que lhe está mareado.

24 DE JANEIRO

Visita de Salazar Moseoso, official da marinha portugêsa. Este official é um dos que se collocou ao lado da Republica nas jornadas revolueionarias de maio do anno passado. Creio que commandava a fragata *D. Fernando*. É capitão de fragata. Vem tratar da compra de material de guerra.—Para quê? pergunto.—Para a de-

feza do porto de Lisboa, responde-me elle. E expliea que no caso de uma lueta naval dos alliados nas costas de Portugal, é preciso que Lisboa possa constituir um refugio efficaz para estes. Essa lueta naval nas costas portugêsas parece-me uma hypothese muito afastada. O mar é dos inglêses, cujo poder naval, apesar das baixas da guerra, não tem feito senão augmentar depois d'esta. A esquadra allemã está engarrafada no Báltico, d'onde não pensa em sahir, e em todos os mares do mundo não circula um unico navio de guerra allemão. Que historia é essa de defeza do porto de Lisboa, para a eventualidade de luctas navaes, que não são de prever? Então elle parece cahir em si, mostra-se perplexo e convem que com effeito eu devo ter razão. E assim somos todos os portugêses! Sacudo-o um pouco, a ver o que elle dá. Pobre homem! Não tem uma idéa, não tem sequer meios de expressão, a cada passo hesita, desculpa-se de traduzir tão mal os seus pensamentos, queixa-se de falta de memoria. Vem comprar munições, polvora, e não sabe mesmo se lha venderão. Está muito atrapalhado. Pede-me que o ajude. Cahem-me os braços.

25 DE JANEIRO

Esta manhã, appareceu-me Ricciotti Garibaldi, de volta de Athenas. Entrega-me o passaporte que lhe obtive e que volta coberto de carimbos, chancellas e certificados de Athenas, do Pireu, de Malta. O gerente do consulado de Portugal em Athenas certificou que tudo nesse documento era conforme com a verdade. Gari-

baldi regressa convencido de que não ha nada a fazer na Grecia. Venizelos, cahido, sente-se sem forças, não é já, diz Garibaldi, o revolucionario cretense. O povo, o exercito aceitam a situação e até certo ponto estão contentes com ella. A Grecia faz negocios, ganha dinheiro.

27 DE JANEIRO

Sessão em hora da Servia no amfiteatro da Sorbonne. Assistiu o Presidente da Republica, que entrou ás duas e meia dando o braço a Madame Vesnitch, a mulher do ministro da Servia. Madame Vesnitch sorria de mais sob a sua toque de velludo e estava longe de representar aos nossos olhos a mulher servia d'este momento. De resto, não é servia, mas americana divorciada. Madame Poincaré vinha atraz pelo braço do ministro da Servia. O embaixador da Italia e o da Russia sentaram-se ao lado do Presidente. O ministro da Belgica ficou á esquerda, na extremidade do banco, um pouco esquecido. Presidiu á sessão o pouco sympathico Barthou; e successivamente um representante da Sorbonne, um servio, o reitor da Universidade de Belgrado; um italiano, o deputado Angelli; um belga, o advogado Brunet; um japonês, o director do hospital japonês de Paris, leram os seus discursos. Executaram-se os himnos das nações representadas. O himno belga provocou um grande enthusiasmo. A Bartet, já velha, recitou segundo os preceitos da escola de declamação francêsa um poema servio. O Jean Riehepin declamou com abundancia um poema seu.

O Barthou fechou a sessão. *Marselhexa*, e a assistencia que completamente enchia o amfiteatro escoou-se em silencio, dispersou-se pelas ruas escuras do Bairro Latino, onde o Café d'Harcourt, fechado, com os taipaes postos nas portas sujas, annuncia a sua reabertura para depois da guerra. A sessão deixou-me frio e triste. Foi a reprodução de muitas a que tenho assistido, no mesmo local, com o mesmo ceremonial, a mesma *Marselhexa* ouvida de pé por um publico distrahido, o mesmo presidente dando a palavra aos mesmos oradores que tiram do bolso um masso de folhas de papel escriptas á machina, a mesma actriz da Comedia Francêsa, trazida pelo braço de um velho calvo, o mesmo scenario, as mesmas notas, os mesmos sons. Falou-se da Servia esmagada, da Belgica martirisada e da sua resurreição, de justiça, de direito, de liberdade, mas nenhuma grande palavra se disse. A prosa insipida, os versos quaesquer. Um ar de salsifré.

## 29 DE JANEIRO

Esta noite, no meu escriptorio, estavam reunidos os Giovetti e nós, quando subito passou como um raio por diante das nossas janellas o automovel dos bombeiros dando os toques de cornetas de alarme, que annuncia a aproximação dos Zeppelins. Corri ás janellas. A iluminação já escassa da avenida apagara-se quasi completamente. Passavam automoveis á desfilada. Um grupo parara a distancia olhando para o ceu ennevoado. As fachadas das casas perdiam-se na escuridão. Nisto, toque de campainha. O visinho do quarto

andar, o sr. Robert Montégudet, vem pedir-nos guarida no nosso entresol, para si, para a sua mulher, e para os seus dois filhinhos. Um d'estes, uma menina, vem embrulhada num chale, ao colo de uma creada. Dir-se-hia uma familia de naufragos. Levamo-los para o salão inglês, deitamos as creanças em fauteuils. Minha mulher faz servir chá. Chamam ao telefone e o Negreiros annuncia que um ou dois Zeppelins passaram por La Ferté Milan em direcção a Paris. Volto á janella, consulto o ceu. O silencio é completo. No entanto o sr. Montégudet affirma ter ouvido, quando descia a escada duas formidaveis detonações. Nova chamada ao telefone. Os Zeppelins estão em Paris. Onde? Em Belleville, onde já deixaram cahir algumas bombas. No Boulevard de Belleville, uma d'ellas teria cahido numia estação do Metropolitano. Mortos, feridos. Corro de novo á janella, applico o ouvido. Nada! O silencio de uma cidade adormecida. Madame Montégudet diz no entanto ouvir detonações. Madame Giovetti quer recolher ao Majestic, onde está hospedada e onde tem as duas filhas, mas o marido telefona para o hotel. As pequenas estão no *hall* com a *institutrice*, ao abrigo, mas Giovetti para tranquillisar a mulher parte, volta pouco depois a annunciar que o *hall* do hotel está cheio de hospedes e tem um aspecto de grande animação, quasi de festa. Madame Giovetti não se tranquillisa inteiramente e deixa-nos. As chamadas ao telefone succedem-se — Allô! allô! Agora as bombas cahem na rua Ménilmontant. Um predio ficou completamente destruido. Contam-se já desciscis mortos e numerosos feridos. Pergunto ao Negreiros como se

explica que não se ouve nada aqui. O Negreiros não sabe responder. O sr. Montégudet diz que estamos a dez kilometros de distancia de Belleville. A sua presumpção é a de que os Zeppelins visam o Bourget, onde estão acantonados trezentos acroplanos. Nos seus fauteuils, as pernitás embrulhadas nos nossos *couvre-pieds*, as creanças não dormem, tagarelam, riem. Nova chamada ao telefone. Novos desastres. Outra casa destruida, agora na rua des Maronites. Novas victimas. Os nossos punhos cerram-se. O sr. Montégudet diz: — Que bandidos! Madame Montégudet, sumida no seu *fauteuil*, suspira, pergunta quando acabará esta maldita guerra. Vae para a uma e meia. Um cansaço começa a invadir-nos a todos. A pequenita adormeceu. Subito outra chamada ao telefone. Todo o perigo está passado. O Zeppelin ou Zeppelins batem em retirada. Na Bolsa, d'onde o Negreiros me telefona, já se começam a accender outra vez as luzes. Dou a boa nova aos meus hospedes, que se erguem regosijados, querem recolher immediatamente ao seu andar, mas eu convido-os a esperar que os bombeiros passem outra vez e façam ouvir o toque a que os parisienses chamam da *breloque*, que quer dizer: *o perigo passou*. Justamente ahi vêm os bombeiros, num automovel illuminado por dois enormes faroes de acetilene, que passa como outro raio diante das nossas janellas lançando no silencio da noite o estridor dos seus clarins, e os nossos hospedes partem, num murmurio de agradecimentos. Creio que as suas emoções foram grandes. Eu, não sei por que indiferença nova por todos os perigos, não senti nenhuma.

O que unicamente senti foi indignação pelo crime abominavel, desespere por tanta impotencia em o punir.

30 DE JANEIRO

Domingo, um d'esses domingos de nevoa, que enchem a alma de tristeza. Saio de casa cedo e vou ver os estragos dos Zeppelins. Rolo interninavelmente num automovel a caminho do afastado bairro por onde passou a devastação d'esta guerra monstruosa. A rua Lafayette parece não acabar nunca. Emfim, eis aqui o Boulevard de la Villette, que os galhos seccos e negros das suas arvores ainda tornam mais feio e triste na luz do dia pardacento. Eis aqui Belleville, e eis aqui o lugar onde cahiu a primeira bomba, sobre a calçada, abrindo um enorme buraco, atravez do qual se vô o tunel escancarado do Metropolitano. Uma arvore arrancada do solo neste sitio foi cair a distancia sobre o alpendre de vidro de um *marchand de vins*. Um publico numeroso de operarios pára a contemplar o estrago da bomba. Fala-se pouco, pode dizer-se que não se fala. A gente tem um ar estremunhado e parece estar ainda sob o peso das emoções da terrivel noite d'hontem. Pergunto a um homem, que considera ao meu lado a cratera aberta no solo pela explosão da bomba, onde se encontram as casas attingidas. O homeni responde-me que *a mais interessante* é a do n.º 86 da rua Ménilmontant. Parto para ali. Multidão. Cordões de policia. A' entrada da rua, outra cratera produzida pela explosão de outra bomba; outra arvore arrancada pela raiz e que jaz ao lado, com os seus galhos seccos par-

tidos. Ia talvez começar a florir no fim d'este inverno elemente. Um raio cahiu do ceu. Deixou de viver. Dir-se-hia um morto, mutilado. Pela rua Ménilmontant parecee ter passado um furacão. As janellas não têm uma unica vidraça intacta. O eão está coberto de vidros. As vitrines das lojas desapareceram. A rua Ménilmontant é uma calçada ingreme que sobe entre velhos predios e casinhas pobres de um andar. Junto de uma d'estas rebentou uma bomba e da casa só ficaram as paredes. O tecto voou; as persianas pendem das janellas erivadas de metralha. Um estilhaço foi attingir a janella de um tereiro andar, ao lado do pobre casebre. Proeuro o n.º 86, que corresponde a um alto predio, que parecee não ter soffrido, mas um polieia que guarda a porta e de quem me acereo, deixa-me passar. Entro num estreito e sombrio corredor e de repente deparo com um espectaculo aterrador de devastação. E' o predio desmoronado de que já falari os jornaes d'esta manhã. Um casarão de eino andares, que veio abaixo sepultando não sei já quantos desventurados. Uma parte das casinhas ainda está intacta, com os seus fogões que tinham acabado de fazer o jantar quando do ceu veio o turbilhão de morte. Sobre o rebordo de uma chaminé, uma feira de frascos, com o sal, a pimenta, os temperos da casinha, fieou no seu lugar. Nas costas de uma cadeira está cahido um avental. Uma montanha de entulho, que ehega aos nossos pés, enehe o pateo. Um rapaz novo, ao meu lado, diz:— *C'est terrifiant!* Á noite, novo alarme. Ás dez horas, a casinheira acorreu a gritar que se ouvia outra vez o *garde à vous*.

Abrimos depressa as janellas. Do fundo da Avenida Kléber vinham os toques de corneta e o automovel dos bombeiros passou como hontem, á desfilada, espalhando o panico. A rua escureceu de repente. Ouviam-se passos apressados, de um lado e de outro. Depressa! Chame-se o visinho do quarto andar, para que se refugie com os seus pequenos na nossa casa, se é que, depois do que vi hoje, a nossa casa ainda pode constituir um refugio seguro. O sr. Montégudet apparece-nos muito embaraçado, a desculpar-se. Receia incommodar-nos, não ousa pedir-nos outra vez a nossa hospitalidade, mas eu convido-o a trazer a sua gente para baixo. Vem a mulher, vêm os pequenos. Só a *bonne* não quer fiar e volta para cima. A noite está ennevoada e fria. Uma longa hora decorre, durante a qual se conversa para passar o tempo e calmar as emoções da expectativa. Que vae succeder? Que novos desastres vam succeder? Mas o telefone retine e o Negreiros annuncia que o Zeppelin, perseguido pelos aviões da defeza de Paris, deu meia volta, retrocedeu. Ha um suspiro d'allivio e um minuto depois ouve-se o toque da *breloque*. Por hoje o perigo está passado. Vamo-nos deitar.

31 DE JANEIRO

Até á meia noite esperamos os Zeppelins, e a essa hora deitamo-nos. Minha mulher está nervosa. Os jornaes de Paris pedem represalias, represalias!

## I DE FEVEREIRO

Desordens em Portugal, sob o pretexto da carestia dos viveres. Bombas. Mortos, feridos. A rubrica — *L'anarchie au Portugal* reapareceu nos jornaes de Paris. Telegrafo a pedir informações. Os jornaes de Paris verificam que não ha nada a fazer contra os ataques dos Zeppelins, e já recommendam que, no caso d'estes reaparecerem, se saia para a rua. E' onde ainda se está mais seguro. Um jornal dá a medida do poder destruidor das bombas aereas. As maiores, que cahiram antehontem em Belleville, pesam cem kilos e têm uma carga de vinte e um kilos de trinitrotruol. Descem com a velocidade de duzentos e cincoenta metros por segundo, e a sua pressão no acto de cahir ó equivalente a um peso de dezoito mil kilos. A par d'este monstruoso instrumento de devastação, o raio ó um brinquedo innocente. Estas bombas são especialmente malevolas: não expludem quando cahem, o que só poria em risco os andares superiores dos edificios, permitindo um abrigo seguro aos que habitam os andares inferiores, ou aos que se refugiam nas caves. São munidas de uma *fusée de retard* que provoca a explosão quando a bomba já penetrou profundamente pela acção do seu enorme peso. Este engenho infernal abre ao meio, como já se viu, uma casa de cinco andares. Assim, não ha segurança em parte alguma, nem nas caves, onde os que nellas se refugiem correm o risco de ficar sepultados nos escombros. Estranha-se que Paris não esteja defendido contra estes meios de exterminação. Não pode ter entrado na previsão de homens civilizados

que elles chegassem um dia a ser empregados. O acto material era possível, mas não se julgou possível, e com razão, o acto moral. O estado adiantado da nossa civilização, a moral que parecia reger as acções humanas, mesmo na guerra, não permittia prever attentados d'esta natureza. Ao progresso material associava-se a idéa do progresso moral. A Allemanha constitue na historia da humanidade o caso monstruoso de uma sociedade que poz todas as conquistas de um prodigioso progresso material ao serviço dos instinetos mais ferozes. Estes barbaros civilisados são assim o maior perigo que a humanidade tem conhecido.

## 2 DE FEVEREIRO

Os Zeppelins voltaram, mas não vieram até Paris, semeando de bombas uma parte do departamento do Seine et Oise. Os jornaes não dizem onde esses engenhos cahiram, para não dar d'este modo, affirma-se, indicações aos allemães. Inutil precaução. Os allemães têm em França uma legião de informadores. Paris está coberto de allemães naturalisados. Uma d'estas manhãs, no restaurante Larue, almoçavamos eu e minha mulher. Um homem novo entrou na sala onde nos encontravamos e foi sentar-se a uma pequena meza, junto de dois officiaes francêses que conversavam em voz alta. — Olha para aquelle homem ! disse-me minha mulher. Olhei, e como ella, tive immediatamente a impressão de que era um allemão. Cada raça tem o seu tipo inconfundivel. Os homens de um mesmo paiz são irmãos gemeos. Filhos da mesma terra uns são loiros,

outros morenos. Ha portuguezes que parecem ingleses e francezes que dir-se-bia serem hespanhoes, mas consideremos com attenção estas anomalias : a despeito de taes apparencias, a nacionalidade affirma-se no conjunto da personalidade exterior. O homem do restaurante Larue procurava ter a apparencia de um d'estes elegantes d'hoje, que se espartilham em jaquetões curtos, abotoados na cinta por um botão só, usam as calças esticadas sobre uma bota de polaina de panno e — traço característico — apartam o cabello ao meio e alisam-no escrupulosamente á força de escovas e pomadas; mas um certo desalinho, *gaucherie*, falta de habito reinavam neste apparatus de elegancia : as suas botas eram grosseiras, a sua camisa mal feita e, detalhe que saltava á vista, a risca do seu cabello era de fresca data. Quer dizer, este homem tinha-se composto a apparencia de um elegante de Paris, para frequentar aquelle restaurante elegante, aonde vam ministros, diplomatas e brilhantes officiaes. O seu traje era um disfarce. Tinha o craneo de um allemão, os olhos de um allemão, e sobretudo o andar aperaltado, abailaricado dos allemães moços quando se encontram em meios elegantes. Ao vê-lo, pareceu-me ver o Oscar Blanch, o portuguez-allemão ha pouco expulso da França. Depois, á meza, a sua attitude, que não cessei de observar, foi difficil e constrangida, como a de um homem que quer passar despercebido e não sabe que fazer. Podia trazer um jornal no bolso, desdobrá-lo, percorrê-lo, enquanto ouvia a conversação dos dois officiaes que a seu lado davam abundantemente á lingua. Isso seria intelligente. Os allemães não têm essa forma da intelligencia que

se chama perspicacia, subtiliza. Em vez d'isso, o insofismavel allemão que eu tinha na minha frente eompoz um semblante distrahido, tão preoccupado porém com o seu disfarce que lhe pêsava, que nem uma vez só fixou qualquer das numerosas pessoas que enehiam a sala, entre as quaes muitas mulheres bonitas e elegantes. Se houvesse simplesmente eireumvagado um olhar em volta d'elle, teria reparado que não só eu, mas duas outras pessoas que se encontravam ao meu lado e ás quaes elle igualmente se tornara suspeito, não cessavam de o observar. Dir-se-hia que esse homem sentia cahir sobre si todas as attenções da sala e dir-se-lhia que reeeiava encontrar um olhar perserutador que o desmasearasse. Em todo elle, na sua equivocata attitude, e no seu olhar ineerto parecia ler-se — *espião!* — Os officiaes entretanto, ao seu lado, não cessavam de falar em voz bastante alta para que elle os pudesse ouvir. O que diziam elles? Eu não podia, á distaneia em que estava, ouvir o que diziam; mas de que podem falar neste momento dois militares francêses que não seja da guerra? Nisto, o creado que servia o allemão eollocou sobre a meza uma pequena travessa de ehoueroute e foi como se a mascara do homem de repente eahisse. A ehoueroute é um prato extremamente allemão, podendo dizer-se que desapareceu da eosinha francêsa depois da guerra. Alem d'isso é um prato de *brasserie*. O Laruc é um dos mais elegantes restaurantes de Paris, de eosinha afamada e onde só entra quem quer comer bem. Pedir choucroute no Laruc é uma *maladresse*. O allemão praticou essa *maladresse* e se eu fôsse polieia não levava mais longe as miuhas lo-

cubrações: ali mesmo lhe deitava a mão á gola do casaco. Finalmente, tendo ingerido este prato grosseiro e indigesto, o homem tomou rapidamente um café. Outra *maladresse!* Um almoço sem sobrezeza no Larue é um caso *louche*. Depois pagou, levantou-se, sahio, perturbado, enfiado, sem ter um só momento lançado um olhar elaro sobre a sala. Segui-o com a vista até á porta. Antes de sahir, trocou uma palavra com um *chasseur* e mesmo então não deixou de ter o ar embaraçado de quem dissimula.

## 5 DE FEVEREIRO

A linda manhã! A Avenida do Bosque resplandecia sob a carieia de um tempo de rosas. Lindas parisien-ses, nesses vestidos eurtos da moda que as fazem parecer a todas meninas, trotavam com galhardia. Oh! as bellas creaturas! Que graeiosas cabeças e que porte donairoso. Dir-se-hia que são aves e que mal poisam em terra. As ereanças parecem brinquedos, todas eôr de rosa, olhos de esmalte azul, cabellos de anneis d'oi-ro. Moços officiaes, eintados em uniformes novos em folha e ostentando eom orgulho ora a fita escarlate da Legião d'Honra, ora a sombria cruz de guerra. Uma volta pelo Bois a pé. A' tarde visita de Noulens, Joseph Noulens, deputado do Gers, avocat à la Cour, maître de requêtes au Conseil d'Etat, antigo ministro das Finanças e da Guerra. Justamente dirigia esta pasta quando a guerra se declarou. Radieal-socialista. Interessou-se muito por mim, por occasião do attentado de 16 de maio. Vem ver-me, ouvir-me e sobretudo falar

porque é do departamento do Gers, onde se fala pelos cotovellos. Não occulta a sua mediocre sympathia pelo Presidente da Republica, que accusa de querer dirigir elle mesmo os negocios publicos. Diz que Poincaré é um advogado, o que em França não é um merito, nem uma recommendação, e que preside aos conselhos de ministros com o criterio de um advogado. Sempre que um novo assumpto se debate, alinha — diz elle — de um lado as razões contra e do outro as razões a favor, e resolve pelo principio da maioria. Assim os maiores dislates são resolvidos em conselho de ministros, sempre que a maioria do Governo é da opinião do Presidente. Não crê que Poincaré chegue ao termo do seu mandato. Perdeu — diz elle — as sympathias dos republicanos e perdeu as dos proprios conservadores, que tão grande apoio deram á sua eleição. De resto, — acrescenta — é pessoalmente pouco sympathico. Não tem *charme*. Fala interminavelmente da guerra e dos erros dos alliados, que constituem neste momento a conversação obrigatoria. E' um homem baixo, atarracado, alourado, o tipo *ouvrier* que tem um tão grande numero de homens politicos em França. (1)

9 DE FEVEREIRO

Jantar em casa de Finot, para conhecer, diz elle, um tipo curioso. Outro! O tipo curioso é Bolo Pachá. Um tureco? Não! Um parisiense e dos mais elegantes e *sty-*

---

(1) Foi mais tarde nomeado embaixador de França na Russia, onde está (Agosto 1918).

*lès* que tenho conhecido. Alfaiate admiravel, nó de gravata impecavel, uma ponta de lenço de cambráia cahindo para fóra da algibeira do fraque — porque os jantares agora são sem cerimonia. *Temps de guerre!* Bolo Pachá, com effeito, é infinitamente curioso! Bonito homem, alto, magro, pallido, um penteado e um bigode da Comedia Francêsa, mãos finas, dedos de *manucure*, olhos sorridentes, acolhedores, felizes, mundanos. Idade incerta. Juventude apparente. Rico. Parece mesmo que muito rico. Accionista, obrigacionista, proprietario. O seu *mail-coach*, segundo Finot, é o mais elegante de Paris e faz sensação na *journée des Drags*, em Autcuil. Parece mesmo que estes exitos desportivos lhe crearam inimigos. Casado. Mulher forte, abundante, *pars belle* mas interessante — um tipo de *hourí* gorda. O que Bolo Pachá sabe e conta de Paris é todo um romance folhetim, mas o que especialmente interessa ás nossas relações é o facto de Bolo Pachá ter estado na côrte de Portugal, de que elle fala com uma familiaridade jovial, como de uma aventura, contando anedoctas, deixando cahir nomes, o conde de Sabugosa, o duque de Loulé, etc. Conheceu particularmente a rainha Maria Pia, de cujos negocios tratou, ao que parece algumas vezes, e celebra com alegria a conhecida prodigalidade da velha soberana. No entanto, o interesse d'estas recordações cede perante o da conversação que se prolonga á meza, alimentada por Finot e pelo advogado Henri Roujon, até ás onze e meia da noite. A escutar somos só dois — eu e S. Tatsuké, encarregado dos negocios do Japão, que não abre a bocca e só sorri. Eu porém não escuto só. Metto a minha colher

na conversação, crivo de perguntas esses senhores, que não cessam de atirar novos, picantes, tenebrosos casos á minha avida curiosidade. Bolo Pachá está muito ao par do que passa nos bastidores da imprensa parisiense. Parece mesmo que é accionista de alguns jornaes. O que elle conta da imprensa de Paris e dos seus segredos faz-me dizer: — Mas isso é cinematografo! (allusão ás fitas da moda — *Os Vampiros, Os Misterios de New York*) emquanto o encarregado do Japão abre um sorriso terrivel de japonês de bule de chá. O que elle já nos fez ouvir não é porém nada e conta então o caso tenebroso do jornal de Paris que os allemães quizeram comprar já depois da guerra, e no qual se prestaram a cooperar dois jornalistas parisienses, muito conhecidos. Espanto, exclamações, face pallida de Finot, que não conhecia o caso e se inquieta pelo escandalo que elle faria se viesse a ser conhecido. Bolo Pachá assegura que ha de ser conhecido, que o escandalo está mesmo a rebentar, e que o homem corajoso que o vae levantar, o senador Charles Humbert, que justamente é o actual proprietario do jornal em questão — *Le Journal*, possui um *dossier* completo. E Bolo Pachá accrescenta alludindo aos dois jornalistas compromettidos nesta *affaire*: — E' caso para serem fusilados! O japonês não desmancha o seu sorriso nipponico; mas eu não me contento com as generalidades tenebrosas de Bolo Pachá, peço pormenores, *précisions*, que Bolo Pachá fornece após uma curta hesitação. Ouço falar em Bethman Holweg, em cheques, na Suisa, em cartas, mas a attenção foge-me como de um mau romance do *Petit Journal*. O Finot indignado fala

num projecto de lei a fazer passar na Camara e a que dá o nome de *lei contra os malfeitores da imprensa*. Bolo Paehá approva largamente, promette fazê-lo adoptar pela Camara. O advogado Roujon offerece-se para reduzir ás formas juridicas o texto que Finot lhe promette para d'ahi a poucos dias. Disoute-se o texto. Finot reelama a prova da diffamação. A sciencia juridica do advogado Roujon intervem paternal. A lei não admite prova de diffamação. Finot cambalêia ligeiramente e Bolo Paehá reelama as pesadas penas peuniarias das leis inglêsas. A proposito da imprensa, fala-se na fortuna collossal de Dupuy, antigo presidente do Conselho e proprietario do *Petit Parisien*, que elle comprou por dez réis de mel coado, sessenta mil francos ou uma coisa assim. Vem á baila o nome de Varilla, proprietario do *Matin* e a sua paixão senil por uma filha de R. M., o famoso escriptor. Diffamações? Calumnias? Torpezas? A ouvir esses homens Paris seria um antro.

Quando sahiram todos deixei-me fiar para traz e desfechei então ao Finot a pergunta que desde o principio do jantar me queimava os labios:— Porque é que este Bolo Paehá é paeá? Sorriso largamente condescendente de Finot e explicação do caso de Bolo Paehá.

Bolo Paehá é simplesmente Bolo, o sr. Bolo, irmão de Monsenhor Bolo, um ecclesiastico que deu muito que falar em Paris com as suas conferencias. Paehá é um titulo que lhe deu um khediva do Egipto de quem elle foi conselheiro financeiro, titulo que elle conserva e insereve nos seus cartões de visita. Pormeior que completa a figura d'este curioso parisiense do

seculo XX: Bolo Paehá foi monarchieo, fundou a Associação da Juventude realista, bateu-se pela realza com uma intrepidez de subdito fiel e dedicado. E' democrata. E' republicano. — Depois d'esta guerra, dizia-me elle mesmo — não se póde ser outra coisa!

Curioso homem, curiosa sociedade, eurioso tempo!

#### 10 DE FEVEREIRO

Apezar da guerra janta-se. Esta noite jantar em casa da marquezia de Franco, Boulevard de Courecelles. Noite escura como breu. Chuva. A marquezia de Franeo eomeça a fazer vida de sociedade, depois da viuvez, que a fez entrar na posse dos consideraveis haveres do grande maniaeo que foi o seu defunto marido, o marquez de Franeo e Almodovar, aquelle marquez de Franco e Almodovar que durante longos, estirados annos, foi o lustre das salas de fumar do Gremio Litterario e da sala de jantar do Hotel Bragança. Conhece pouca gente por ora. A sua amiga Madame Chartran é quem encaminha os seus primeiros passos. Appartement frio. Muitas senhoras, poucos homens. Entre estes, o emprezario Gabriel Astruc, que fez a apologia de Wagner e da musiea alleniã, muito combatido pelo patriotismo alegre dos circumstantes.

#### 12 DE FEVEREIRO

Visita de Rieciotti Garibaldi, que foi chamado á pressa pelo irmão Peppino, e me vem annunciar a sua partida para Italia, amanhã. Traz-me a copia de um

relatorio da sua ultima viagem á Grecia, que entregou a Briand e no qual historia o insuccesso da sua iniciativa. Fala da Italia e da situação dos Garibaldi junto do governo italiano. Este não vê com bons olhos os descendentes do heroe de Caprera. Sonnino teria dito: «Os Garibaldi são uma tradição que não ha vantagens em renovar. A sua acção militar pode crear equivocos lamentaveis no exercito. Depois, os Garibaldi são republicanos, são um fermento revolucionario. O governo italiano não tem interesse em alimentar no espirito publico a lenda d'essa familia». Ricciotti fala agora em cooperar com uma legião na Albania. Pergunta-me como fizemos nós a republica em Portugal, pede-me a receita. Dou-lhe a receita : uma dinastia impopular. Diabo! Os Saboias não estão no caso.

## 13 DE FEVEREIRO

Visita a Noulens e Madame Noulens, Avenida do Trocadero. Chuva a potes. Bello appartement. Alguns bons quadros. Cordealidade provincial. Noulens fala do seu departamento, dividido entre radicaes e bonapartistas. Terra de polemicas terriveis, brigas, duellos, que elle atribue ao calor, ao sol, ao meio dia. Tem uma propriedade no Gers, vinhas, e convida-nos a ir ali vê-los no verão. Por duas vezes nos levantamos para nos retirar. Por duas vezes nos reteve, á mancira do Meio Dia.

## 15 DE FEVEREIRO

O filho de Giovetti, André, chegou hoje inesperadamente da linha de batalha, *en permission de six jours*.

Faz parte do 15.º regimento de dragões e tem estado na Lorena. Entrou pelo Majestic cheio de lama até aos olhos e pendurou-se ao pescoço da mãe, que—conta ella — *hurlait de joie*. E' um latagão, mais alto do que o pae, e apesar dos seus dezoito annos, pois se alistou como voluntario, tem um porte grave e serio. Fala da guerra sem enthusiasmo, diz que *c'est très dur* e que toda a gente tem a esperanza de que acabe depressa. Não sabe mesmo como se possa resistir muito tempo mais a tantas provações. A idéa de que a guerra pode durar um inverno mais assusta-o. E ainda elle é um rapaz, na flor dos annos. Mas os homens de quarenta e mais annos ! Pobres d'esses ! Um grande numero está tolhido pelo reumatismo que os ataeou nas trincheiras. Tem para elles um grande gesto de piedade. A tropa que occupa as trincheiras é hoje quasi toda constituida, segundo elle, de individuos das classes populares, *de povo*, na sua expressão. Os que se elevam um pouco acima d'ellas vam sendo promovidos, ou destacados para pontos mais em relação com as suas aptidões. Elle, apesar da sua condição, é obrigado a viver com esse povo, —no meio do qual ha tipos de lenda. O *fantassin* Tótó é um d'esses tipos. Não tem pae, mãe, irmãos, mulher, ou parentes. Na vida civil é mechanico. Baixo, atarracado, uma nariganga á Cirano. Soldado raso. Tem a medalha militar, a Cruz de Guerra e vae ser proposto para a Legião d'Honra. A sua bravura tornou-se legendaria no seu regimento e nunca o general passa por onde elle esteja, que não o ehame—*Hola, Tótó, ça va ?* — *Oh ! ça va ! On les aura, mon général, on les aura les boches, les tigres !* Tótó, que não tem ninguem no

mundo, seria feliz se encontrasse uma madrinha, que se occupasse d'elle, lhe mandasse de vez em quando um bom embrulhinho com tabaco e gulodices. André tem uma grande sympathia por Tótó, pede á mãe que lhe encontre essa madrinha. Minha mulher, que está presente, tem uma lagrima ao canto dos olhos e eu vejo o momento em que ella se decide a tomar Tótó por afilhado. Não ha hoje em toda a França uma francêsa que não tenha um d'estes afilhados. Madame Bous-sand contou-nos esta tarde a historia do seu, um honrado e pacifico commereiante de Maubeuge, que está em poder dos allemães, e onde deixou a mulher e os filhos. O pobre homem deixou em Maubeuge tudo quanto possuia — familia, haveres. E' Madame Bous-sand quem lhe fornece algumas commodidades. Quando veio a Paris *en permission*, agasalhou-o em sua casa, sentou-o á sua meza, porque estas madrinhas seja qual fôr a sua situação social e seja qual fôr a situação social dos seus afilhados, dão a estes todas as honras da hospitalidade. A's onze da noite, André, que ha cinco mezes não se deita numa cama, recolheu ao seu luxuoso quarto do Majestic. Para começar risonhamente o primeiro somno bom que vae dormir depois que partiu para a guerra, contei-lhe a seguinte anecdota de guerra. Um soldado como elle *en permission*, celibatario e rico, chega á sua casa de Paris, tão cheio de lama como elle chegou, e tão cheio de somno como elle está. Despiu os seus andrajos gloriosos, mergulhou largo tempo num bom banho quente, enfiou — ó felicidade! uma fresca camisa de dormir acabada de desdobrar, entrou com delicia no leito macio. — *Quand voudra-t-il Monsieur*

*qu'on le réveille?* perguntou-lhe o velho creado que lhe assistia. — *Dans trois jours!* respondeu-lhe o soldado. E enterrou-se pelos lençoes abaixo. Viemos a pé para casa, que é aqui perto. Fazia um luar esplendido e minha mulher disse: — Esta noite não vêm cá os Zepelins.

## 19 DE FEVEREIRO

Entrevista com o velho Méline, no Ministerio da Agricultura. Acesso facil. Na sala de espera, onde de alto a baixo pinturas a fresco representam scenas da vida agricola, dois militares bocejam, sentados aos cantos. Méline, com o seu ar de velho notario, recebe-me como da primeira vez, com uma affabilidade desartificiosa, na qual reconheço o velho francês, anterior á moda das maneiras britannicas. A França precisa de braços. Fala-se da possibilidade de serem contratados em Portugal alguns trabalhadores, para o amanho das vinhas, no Meio Dia. A' sabida digo-lhe que o Governo Português estaria disposto a chamar ao seu serviço os navios allemães fundeados no Tejo. Sorriso feliz de Méline. — *Je n'osais pas vous le demander. C'est très bien. Vous faites très bien!*

## 21 DE JANEIRO

Esta noite, alarme. A's onze horas, o Negreiros telefona da Bolsa que se recebeu aviso de virem ahi os Zeppelins. As luzes, para os lados da Bolsa, foram apagadas. Abro a janella. Chove, o ceu está encoberto, mas por detrás das nuvens sente-se uma vaga clarida-

de de luar. Na Avenida Kleber, treva. Calo-me com a noticia, para não assustar minha mulher, que está lá para dentro. Tem muito tempo de a saber, quando se ouvirem os toques de alarme. Passa-se porem meia hora e os toques não se ouvem. Terão sido supprimidos, como já se disse, para não alarmar a população? Não creio, pois ha sempre vantagem em abandonar os andares superiores das casas. Onze e tres quartos. Corro ao telefone. E' outra vez o Negreiros que annuncia— grande nova!—que um Zeppelin foi abatido em Sainte Menchould, segundo pude ouvir, com a sua tripulação de vinte e quatro homens que morreram. Negreiros acrescentaram:—Mas o perigo não está passado! E desliga. Minha mulher que ouviu e comprehendeu, accorre, senta-se ao meu lado e agora somos dois a esperar o Zeppelin. Os minutos passam lentamente e enquanto eu procuro no mappa o logar onde fica Sainte Menchould, minha mulher levanta-se, vae apagar a luz da galeria—não se veja de cima! Meia noite, meia noite e um quarto. Não é possível! Se houvesse ainda algum perigo, já se devia ter ouvido o alarme. Começo a reeriminar o Negreiros, que não telefona. Minha mulher observa que elle é capaz de não tornar a telefonar. Nesse caso vamo-nos deitar. No entanto é preciso algum sangue frio para ir para a cama, sob a impressão de um perigo que vem de cima, do cen, como uma catastrophe, e ainda não passou. O spectaculo das casas de cinco andares inteiramente destruidas, depois da ultima ineursão, fez perder toda a confiança no abrigo dos primeiros andares e sobrelojas. Onde se está hoje em segurança? A maior parte das victimas do ultimo attentado ficou de

baixo dos desmoronamentos das casas destruidas pela acção das bombas. E' quasi uma hora. O vento sopra na chaminé onde arde o lume forte de uma salamandra. Gotas d'agua da chuva batem nas persianas. O telefone retine. A' la bonne heure! O Negreiros annuncia que o perigo está passado, que voltam a accender-se os candieiros da Bolsa — e começa a desfiar em português as ultimas noticias. Mas a telefonista interrompe, pede que se fale em francês. Grito para o Negreiros: — Fale em francês! E o Negreiros conta as numerosas façanhas da aviação francêsa, no dia que acaba de findar — combates do ar, na linha da frente, *taubes* e *fockers* abatidos, uma esquadilha bombardeando um campo de aviação allemão e deixando cair sessenta e tantas bombas e obuses... finalmente um Zeppelin attingido por uma granada incendiaria de um auto-canhão e despenhando-se em chammas nas linhas francêsas. Grito ao telefone: — Hurrah! Mas minha mulher objecta: — Oxalá isso não nos saia caro!

## 22 DE FEVEREIRO

Toda a noite nevou. Esta manhã, os telhados e as arvores appareceram cobertas de branco. Os jornaes publicam as noticias dos combates aereos d'hojtem. Visita de André Cheradame que pede *des precisions sur le Portugal*. Dou-lhas. Prometto um artigo interessante e preciso. Fala largamente dos inglêses e dos erros dos seus governos durante a guerra. Qualifica-os de ignorantes. A famosa perfidia inglêsa é ignorancia, nada mais do que ignorancia dos grandes interesses hu-

manos que não se encontram na orbita dos da Inglaterra. Eduardo Grey é um ignorante. Lord Kitchner outro. Essa ignorancia os levou á desastrosa expedição dos Dardanellos e os levou a recusarem-se a cooperar com a França na occupação de Salonica. Eduardo Grey é um homem nefasto. Esta opinião, que Mauricio Murret appoia frequentemente com grande copia de factos nos seus artigos da *Gazeta de Lausanne* é de resto a de uma parte da imprensa inglêsa e de muitos inglêses. Segundo André Cheradame, a politica que a Inglaterra está fazendo em Portugal não é senão o resultado d'essa ignorancia. Madame Strauss, uma senhora muito espirituosa, com quem continuei hoje esta conversação, disse-me: — *Les anglais sont bêtes!* O facto é que as tolices inglêsas nesta guerra não têm conto.

23 DE FEVEREIRO

A' força de considerar a imponente apparencia do volumoso edificio do Hotel Majestic, minha mulher, que não dorme, tão nervosa está, tão inquieta, depois que os Zeppclins ameaçaram de novo, sorriu á idéa de o ir habitar. Como o Majestic, nos fica aqui ao lado de casa e a sua robusta construcção parece realmente destinada a resistir melhor ás bombas de cem kilos, do que o nosso velho, esguio predio da Avenida Kleber, foi dito e feito. Esta noite, com duas malas de mão — para quê mais se estamos tão perto de nossa casa? — transferimo-nos para o Hotel Majestic, onde passamos os primeiros dois annos da nossa estada em Paris e onde viemos encontrar uma clientela differente no mesmo luxo

de tapetes, mobiliario e casas de banhos de todos os *palaces* construidos por esse mundo fóra pelos allemães, porque este hotel, muito embora o contestem os seus actuaes gerentes, é allemão. A guerra naturalizou no entanto o Hotel Majestic. Os allemães nunca deixam de resto de se naturalisar, sempre que lhes é preciso, sob a reserva, que lhes é garantida pelas suas leis, de permanecerem allemães. Até certo ponto mesmo, o Hotel Majestic tornou-se bom cidadão e patriota. Installou uma ambulancia nas suas duas apparatusas salas de jantar, içou uma bandeira da Cruz Vermelha. Quem pode duvidar do patriotismo de um hotel que se fez hospital de sangue? Sobrava-lhe todavia ainda espaço bastante para não se fazer esquecer do publico como hotel, e sobre a ambulancia, ao lado da ambulancia, o hotel reabriu. Isto sem ruido, sem reclame, sem apparatuso e ao contrario com um tão evidente empenho de attrahir uma clientela que não desse nas vistas que reduziu os seus altos preços de outr'ora ás proporções de preços de estalagem. O francês que adora o luxo, mas é muito economico, accorreu logo e nos quartos e salas luxuosas onde d'antes habitavam ostentosas herdeiras americanas e lindas argentinas millionarias, refestela-se hoje um ajuntamento pacato de parisienses, que fecharam as casas desertas, sem filhos e sem creados, todos na guerra. Um dos primeiros que aqui hoje vi foi Anatole France. O Hotel Majestic fez voto de pobreza. Ao favor d'esta nova situação, installámo-nos num rico e confortavel appartement, que nos custa o preço de um quarto com enxergões de palha numa hospedaria da Baixa.

Apezar das suas novas apparencias francêsas, o Hotel Majestic persiste para um bom observador um hotel allemão. Seja um facto, seja porque a guerra produz d'estas allucinações, tenho a impressão de que por baixo do collete de cada um dos sens creados está um uniforme de uhland. São quasi todos suissos e falam um francês à *accent tentonique*. O pessoal do escriptorio não fala, ou fala pouco. A sua reserva parece obedecer a uma *consigne*, mas essa mesma reserva tem uma rigidez teutonica. O director, esse fala pelos cotovelos; é amavel, acolhedor, serviçal, *pas d'accent*, mas o seu francês é aprendido. Dir-se-hia que neste grande e luxuoso casarão todos estão empenhados em dissimular a sua personalidade. Creio que o pensamento dos allemães ao reabrir este hotel foi o de não o tornar suspeito mantendo-o fechado. A bandeira da Cruz Vermelha protege este pensamento commercial, não destituído de senso commum, mas marcado com o cunho do genio dissimulador dos allemães.

24 DE FEVEREIRO

Esta noite, novo alarme. A's onze e meia o Negroiros telefona para o Hotel. Zeppelins em Valenciennes! A illuminação das ruas apagou-se. No *hall* do Hotel, quasi ás escuras, algumas senhoras e alguns snjeitos já estão informados e esperam que se faça ouvir o toque de *garde à vous*. Madame Giovetti, que habita o quinto andar, quer fazer descer as pequenas, mas por fim decide-se também a esperar o toque de alarme. Entre as pessoas que estão começa-se a estabelecer



essa familiaridade rapida que acompanha todos os perigos atravessados em commum. Dirijo-me á grande janella que dá para a Avenida Kleber, afim de ver como está a noite. A lua cheia declina, mas o ccu está puro e constellado. — Com uma noite d'estas não vêm cá os Zeppelins! digo a Madame Giovetti e a minha mulher, que sorriem á boa noticia. D'ahi a pouco chamam por mim ao telefone. O Negreiros diz: — Estão-se a accender outra vez as luzes! Repito em voz alta a informação, que espalha um regosijo discreto em volta de mim. Uma senhora diz: — Então boa noite! E despede-se. Outra suspira: — Nesse caso vamo-nos deitar.

O Negreiros dá-me o communicado d'esta noite. Os allemães proseguem a sua grande offensiva a leste de Verdun, com extrema violencia, com grandes perdas, mas a linha francêsa, que tem abandonado algumas posições, não cedeu. Repito em voz alta a informação para algumas pessoas que me cercam, desejosas de saber noticias, e uma d'ellas, um tenente de dragões, diz: — Nem cederá! — Tenhamos essa esperanza, accrescento eu. Hoje, correram boatos pessimistas sobre esta offensiva. A praça forte de Verdun teria sido tomada, mas esta má noticia não se confirmou. De resto, diz o *Temps* d'esta tarde, mesmo que assim fôsse, nada estava perdido. Esta affirmacção, porem, não me tranquillizou. Ao contrario pareceu-me o signal de que a ameaça sobre Verdun se tornara imminente. Depois de um periodo de acalmia, a guerra parece desencadeiar-se com uma furia nova. Toda a gente diz: — Quando? quando aca-

bará isto? Com effeito, dir-se-hia que as energias do homem estão a dar o seu maximo de esforço.

## 25 DE FEVEREIRO

Tormenta de neve. Durante todo o dia uma neve fina e densa não eessou de eahir sobre Paris. A eireulação está interrompida. Raros transeuntes. Passamos o dia no hotel, bloqueiados. A novidade portugueza do dia, que fez sensação em Paris — todos os jornaes falam d'isso — é a apprehensão dos navios mercantes allemaes, refugiados nos portos portuguezes. São oitenta navios, representando um total de 160000 toneladas. Os telegrammas de Lisboa aeereseentam que o Governo Portuguêz fez eommunicar este faeto ao Governo Allemão pelo ministro de Portugal em Berlim, explicando-o pelas neecessidades da crise dos transportes maritimos. Desempenhou-se o Sidonio Paes d'esta missão? Deve ter sido euriosa a sua entrevista na chancellaria imperial. Este Sidonio Paes é um heroe. Se serve o país por dedicação no posto de Berlim, mereee as eroas eivieas. Aos jornaes de Paris agradou o que elles hoje ehamam *le joli geste du Portugal*. O *Journal* diz que a Allemanha aeabou eom o direito internacional e que já não ha neutros. Portugal, elle mesmo, já não sabe o que é e julga-se alliado. Hoje recebi um offieio do A. Soares, Ministro dos Negocios Estrangeiros, pedindo-me para conseguir que Portugal obtenha representação na Conferencia Interparlamentar. . . dos Alliados. Cahi das nuvens. Essa gente parece que está toda doida. Entretanto é possivel que as suas doi-

dices acabem por nos conduzir a uma situação decente. A apprehensão dos bareos pode talvez levar a esse resultado. Em Portugal é pela doidice que so faz tudo, mesmo o que é necessario. O ataque dos allemães contra a linha de Verdun traz toda a gente anciosa.

26 DE FEVEREIRO

Esta noite, ao jantar, estive muito tempo a examinar de perto aquelle que é hoje considerado o maior escriptor da França, e que presidia a uma meza redonda, em volta da qual se sentavam tres pessoas tristes, das quaes duas velhas senhoras maecambuzias e um homem apagado e discreto. O Anatole Francee não nos dá uma boa idéa da influencia das profissões litterarias sobre o fisico do homem, pois está, como se diz em portugûes, apesar de não ser velho—muito acabado. Na sua idade — pode ter o quê? Sessenta annos? talvez!—o homem ainda tem o direito de se aprumar. Uma intensa vida intellectual derreou-o. O Francee dá a impressão d'um homem envelhecido pela doença. O publico tem a respeito dos homens celebres prevenções que este completamente derrota. Ninguem diria estar ali o auctor de uma obra tão esculptural que diriamos ser elle mesmo um Apollo.

Continua a anciedade pelas noticias do Verdun. Os communicados são obseuros. Entretanto correm informações *reconfortantes*, como diz o meu amigo Giovetti. Esta noite no *hall* do hotel, Fleischman, o poueo benevolo historiador de Maria Antoinette, affirmava saber por Alfredo Capus, do *Figaro*, que o soubera de

Briand, que uma contra-offensiva francêsa estava pondo em derrota os allemães. A noticia correu. Varias pessoas vieram interrogar o historiador, que a repetiu. Um sujeito disse: — *Dieu le veuille!* — Qual? replicou Fleischman, o dos allemães, ou o nosso? O sujeito enfiou. Depois do jantar, a maior parte dos hospedes do hotel recolhe aos seus quartos e no *hall*, onde uma iluminação reduzida espalha uma claridade triste, apenas ficam alguns, mais desejosos de sociabilidade. Não é no entanto porque sejam os mais felizes, porque entre estes indicaram-me esta noite uma senhora de lucto que perdera os seus dois unicos filhos na guerra, e uma outra que palrava animadamente num grupo, foi-me designada como sendo a mulher do maire de Lille, a qual deixou o marido em Lille, occupada pelos allemães, e tem dois filhos em campanha.

## 27 DE FEVEREIRO

Domingo. A batalha começada na segunda-feira, 21, continua furiosamente ao norte de Verdun. Um jornal allemão diz: «Caminhamos num mar de fogo». Em Paris, onde ha grande anciedade, diz-se que cem mil allemães foram já mortos. Começa a chegar gente vinda de Verdun, que foi mandada evacuar e que é bombardeada dia e noite pela grossa artilheria allemã. Os communicados são vagos, imprecisos, mas dão a impressão de que os francêses não cedem. De resto, como que se fez neste sentido um accordo tacito, pois todos affirmam que Verdun não será tomada.

28 DE FEVEREIRO

A batalha continua. Os francêses resistem. Ouvi que Verdun foi pulverizada. Parece que nunca a guerra foi tão atroz. Cincoenta mil mortos allemães—dizia-se hoje—cento e cincoenta mil feridos. Das perdas francêsas não se fala. [O pensamento de vencer faz calar toda a humanidade, toda a piedade. O horror que a guerra inspirava outr'ora e o terror que inspirou no momento da mobilisação até certo ponto mesmo desapareceram. Para nós, os que não tomamos parte nella, a guerra tornou-se theorica, como uma partida de xadrez. Hoje o doutor Coulomb explicava-me a carniceria de Verdun, com a ponta de um lapis impassivel sobre um mappa da região.

29 DE FEVEREIRO

O *Temps* d'hoje refere este facto infinitamente curioso. No momento em que a população de Verdun fugia sob o fogo dos obuses, o fisco não renunciou aos seus direitos. Houve guardas aduaneiros que, mesmo nessas tragicas circumstancias, quizeram ver o que esses desgraçados levavam nos seus embrulhos e lenços atados. O' servidão humana, que não quebras as tuas cadeias nem mesmo perante a morte! O Negreiros telefona-me que a Allemanha protestou contra a apprehensão dos seus barcos em Lisboa e diz esperar que o Governo annulle esse acto.

## 1 DE MARÇO

A Allemanha zanga-se. Esta noite o Negreiros telefonou-me as palavras ameaçadoras da *Gazeta de Francfort* a respeito de Portugal. A Allemanha ameaça tirar-nos não sei se as orelhas, se a independencia. Já estive mais em estado de o fazer. Na pequena colonia portugueza do hotel ha regosijo. Portugal sobe. O correspondente do *Temps* em Lisboa escreve: «L'idée d'une rupture avec l'Allemagne est envisagée par la population entière avec le plus grand sang froid et par la plupart avec une vive satisfaction.» E assim esquecemos Verdun, sobre o qual o touro allemão continua a marrar.

## 2 DE MARÇO

Subi a casa esta tarde para receber sir Thomas Barclay, o antigo deputado inglês. Puxei-lhe pela lingua sobre a politica e os homens do seu país. Conduzi-o suavemente para os artigos de Mauricio Muret, na *Gazeta de Lausanne* e perguntei-lhe se elle reputava justas as criticas d'este jornalista á personalidade de Edward Grey. Sir Thomaz Barclay não lera os artigos de Muret, parecia mesmo não conhecer Muret, mas logo concordou que todas as criticas que se fizessem a Edward Grey eram justas. Edward Grey, disse elle, ignora absolutamente o que seja a politica internacional. Estimulci-o com uma exclamação de surpresa, como se as suas palavras espavorissem os meus juizos sobre Edward Grey. — Absolutamente ignorante, confirmou elle. Grey é um homem de bem e um homem

de boa fé, mas medioere. *Il manque de souplesse, et il manque de fermeté.* Daria talvez um bom presidente do conselho, melhor talvez um ministro do Interior. Como ministro dos Negoeios Estrangeiros é um desastrado. Basta dizer-lhe que é um inglêz que nunca viajou. A unica vez que sahiu do seu país foi para vir a França, ultimamente, com o rei Jorge. Não vê um palmo adiante do nariz em politica externa. Falei-lhe da politica inglêza em Portugal. Perguntou-me se queria que tratasse esse assumpto em Inglaterra. Respondi-lhe que tinhamos ali um ministro. Disse-me então sorridente que o conhecia, ao Teixeira Gomes. — *Est-ce-qu'il se plaint à Londres? — Beaucoup! Surtout pour les femmes! Il est très gai.*

3 DE MARÇO

Em vão procuro nos jornaes de Paris informações que me dêem uma impressão mais exacta do que se está passando em Verdun. Esses jornaes não dizem mais do que o que se contem no *communiquê official*, resumido, omisso, escripto numa linguagem propositadamente obscura, tão obscura que por vezes a situação é até certo ponto melhor do que elle dá a entender. Mas quê! Dir-se-hia que o pensamento dos individuos que redigem esse documento é o de não sobre-exeitar o país dando-lhe noticias seja num sentido, seja noutro, que o tornem mais agitado e nervoso do que está. O communicado é um panno de agua sedativa numa frente esquentada. Carece a França d'este regimen para se manter calma? Se não carece d'elle aceita-o. O communicado é um enigma. A França

compraz-se todos os dias em decifrá-lo, com uma paciencia sublime. Ao lado do communicado está a censura. A censura foi instituida com um character exclusivamente militar e para impedir que pelas indiscrições dos jornaes o inimigo tivesse conhecimento do movimento das suas tropas, etc., mas logo perdeu este character especial, para se estender ás manifestações do pensamento e não só á critica das operações militares, mas á critica de um grande numero de factos de natureza politica. Os erros da diplomacia dos alliados; especialmente nos Balkans, são do dominio universal; mas para que os francezes obtivessem a esse respeito algumas informações concretas. foi-lhes preciso ler a imprensa suissa, a *Gazeta de Lausanne*, o *Journal de Genève*, porque a 'de Paris mal pode fazer-lhes algumas timidas, dissimuladas referencias. Despoticamente, a censura... militar pegou-lhe no braço. A censura passou dos jornaes para as revistas, das revistas para os livros. Um artigo do Finot sobre a diplomacia inglesa foi, como elle disse, massacrado. (\*) O antigo dramaturgo Georges Onhet, que no principio da guerra encetou a publicação de um diario intitulado *Journal d'un bourgeois de Paris pendant la guerre de 1914* teve de o suspender, explicando que o fazia por não lhe ser possivel escrever sob a pressão da censura. A censura impede a publicação dos factos mais salientes e notorios. Hoje mesmo encontro na *Gazeta de Lau-*

---

(\*) A censura prohibiu a semana passada a Finot a publicação de um artigo sobre a influencia allemã na Russia.

*sanne* um documento curiosissimo sobre o qual a imprensa de Paris não abre bico. E' um protesto do principe Mirko e dos ministros que ficaram no Montenegro, e que são os da Justiça, do Interior e da Guerra, contra as mentiras do rei e do seu primeiro ministro, ambos neste momento em França e que formalmente negaram em declarações publicas terem pedido a paz ao imperador d'Austria, affirmando ao contrario que aconselharam a resistencia a todo o transe. O documento [publicado pela *Gaxeta de Lausanne* inserer a copia do telegramma do rei pedindo a paz a Francisco José e um outro do seu primeiro ministro e do governo fazendo igual pedido

*A S. M. impériale et royale*

*François-Joseph.*

Sire,

Vos troupes 'ayant occupé aujourd'hui la capitale, le gouvernement monténégrin s'est trouvé dans la nécessité de s'adresser au gouvernement impérial et royal pour avoir la cessation des hostilités et la paix entre les etats de V. M. et mon pays. Les conditions d'un heureux vainqueur pouvant être rigoureuses, je m'adresse d'avance à V. M., la priant d'intercéder pour une paix honorable et digne du prestige d'un peuple jouissant naguère de votre haute bienveillance, de votre estime et de votre sympathie. Votre cœur généreux et chevaleresque ne lui infligera pas, j'espère, une humiliation qu'il ne mérite pas.

*Signé: Nikita.*

A impostura do rei Nikita é completamente ignorada em França. O rei está em Bordeus, onde alugou uma villa e a imprensa de Paris ainda não deixou de o tratar com as defereneias devidas a uma soberania que não se resigna a abdicar.

Assim, a imprensa de Paris cada vez tem menos interesse. Os jornaes, hermeticamente fechados á verdade, tornaram-se monotonos. Tudo quanto dizem parece o resultado de uma lição aprendida. Só hoje por exemplo o *Petit Journal*, por excepção, nos disse — que o general que commanda em Verdun é Petain, cujo nome no entanto anda ha uma semana em todas as boccas. Este Petain é o homem do dia. Fala-se nelle como numa grande promessa. Em volta do seu nome começa já a formar-se uma lenda. O facto de a censura permittir que o seu nome viesse a publico já é significativo.

O espirito de conformidade dos francêses perante as pressões da censura é uma das grandes surpresas que tenho experimentado neste país de *frondeurs*. Explicam-no pelo seu patriotismo. E' preciso que o seu patriotismo não tenha limites, o que é exacto.

#### 7 DE MARÇO

Dias de alternativa! O que diz o communicado? — *Le communiqué est bon?* pergunta-se. Quando não é bom, como hoje, não se responde. Fica-se intimamente aguardando que no dia seguinte elle seja melhor. Quando é bom, passa-se palavra a conhecidos e desconhecidos. — O communicado é bom! Que importa que mi-

lhares de vidas estejam sendo ceifadas! Nisto não se pensa. No que se pensa é na victoria. Verdun! Verdun! Que significação terá amanhã este nome e que ficará elle sendo, entre tantos, na historia? Os alle-mães accumularam ali todos os seus meios de ataque e que meios! Neste momento dir-se-hia que a guerra cessou em toda a parte para só se fazer sentir ali e de que modo! A Allemanha deixou de ser um estado em guerra: é um animal fabuloso, um dragão de mytho, surdido inesperadamente das entranhas do planeta, erriçado de escamas de ferro, assanhado, enfurecido, despedindo pelas fauces blocos d'aço que pesam toneladas, pestileneias que fulminam, projecções de chamas como bafos do inferno. A terra treme sob as suas patas e todo o ar vibra dos bramidos da sua colera. O mundo nunca ouviu ruidos assim. Dir-se-hia que se abriram todas as crateras do solo. Contra este animal fabuloso, legiões de homens pequeninos travam neste momento uma lucta desesperada. Os primeiros feridos que chegam começam a dizer o que viram e entreviram.

«Cela e'est passé, diz um tenente de infantaria, que está neste momento no hospital de Dijou, le 24 février, troisième jour de la bataille. Ce fut le duel d'artillerie le plus gigantesque de toute la campagne, on peut même dire de tous les temps. Tout le terrain où nous nous mouvions était battu par le feu de l'ennemi: le front, l'arrière-front, les crêtes, les bas-fonds, les routes, les villages, les ponts, les gares. Les collines fumaient comme autant de volcans. A chaque pas, à chaque seconde, dans le sol déchiré par les projé-

ctiles, s'ouvraient de nouveaux cratères, vomissant des débris et une fumée âcre et noirâtre; les obus qui tombaient dans la Meuse faisaient jaillir d'immenses colonnes d'eau, comme des torpilles; le ciel était rempli de sifflements, de miaulements, de grondements, qui s'achevaient en explosions incessantes. C'est au milieu de cette musique infernale que nous avons vécu plusieurs jours et plusieurs nuits; nous y avons même dormi, tant était grande la fatigue, car il vient un moment où on n'a plus la force de s'émouvoir; ni les éclatements qui nous couvraient de terre, ni la vue des cadavres ou des fragments de cadavres, ni les cris des blessés ne nous impressionnaient plus.»

Um soldado conta este episodio da batalha :

«Le souterrain devient comme la gueule d'un canon immense: tout espace est mortel. Des blessés et des morts roulent les uns sur les autres. Nos soldats rampent, se font serpents pour se protéger derrière les pierres jonchant le sol. De leur côté c'est un monceau de cadavres.

Notre mitrailleuse travaille horriblement.

Eux, ils répondent à notre mitrailleuse par un diabolique engin. Un appareil qui lance des flammes rouges et vertes — des flammes qui brûlent, rongent la chair et dégagent un gaz étouffant.

Cette flamme de mort éclaire sinistrement les lieux, anime des ombres d'Apocalypse.

Les Allemands, pour se protéger, poussent devant eux les cadavres des leurs. Il y en a tant que bientôt

s'élève une horrible barricade de corps sanglants, de visages encore crispés par le râle, de membres tordus comme par des secousses titaniques.

Le sacrifice des nôtres n'est pas vain. La mitrailleuse a raison de la chimie du barbare. Nos soldats dégagent la place et parviennent à s'embusquer à l'entrée même du souterrain.

Les lucurs des lampes de poche scintillent dans la nuit de la carrière. Ce sont nos brancardiers qui relèvent les blessés.»

Em frente da aldeia de Vaux foi uma hecatombe.

«Les bataillons allemands débouchèrent de la cote 340 et cherchèrent tout de suite à entourer le village. Immédiatement l'artillerie française ouvrit le feu : par des tirs de barrage d'une admirable précision, elle isola la première vague de l'assaut, des renforts qui surveillaient. Malgré cela, le commandement allemand donna l'ordre d'avancer.

On vit alors le spectacle le plus tragique: l'un après l'autre, les régiments allemands traversèrent la barrière de feu. Lorsqu'ils sortaient de la fournaise, le nombre de leurs soldats avait diminué de moitié. Certaines unités, d'après des informations sûres, avaient perdu le soixante pour cent de leurs effectifs avant d'arriver devant les positions françaises et l'on assista alors à des mêlées féroces. Sur un seul point à l'entrée de la route de Douaumont, les Allemands ne s'élançèrent pas moins de huit fois à l'assaut, laissant chaque fois des monceaux de cadavres sur le terrain.

Leur suprême tentative, exécutée hier matin avec des effectifs que l'on estime à six régiments, a été la plus désastreuse. Lorsqu'en rangs serrés, les fantassins allemands débouchèrent devant les treillis de fil de fer barbelés, ils furent reçus par un feu concentré des canons de 75 et des mitrailleuses qui les faucha littéralement.»

Um official que assistiu de perto a esta scena de massaere, diz :

«Les Allemands ne laissèrent devant Vaux pas moins de quatre mil morts: aux fils de fer étaient accrochées de véritables grappes de corps déchiquetés. En quelques points les Allemands furent obligés, sur l'ordre de leurs chefs qui les menaçaient de leurs revolvers, d'escalader les moneeaux de eadavres de leurs compagnons.

A neuf heures du matin, la partie était tragiquement perdue par l'ennemi. Le village restait aux mains des Français. Eneore une fois le eommandement allemand, dans sa folie sanguinaire, avait sacrifié des milliers de ses meilleurs soldats en pure perte.»

#### 8 DE MARÇO

Um jornal de Paris, *Le Fer Rouge*, abriu um inquerito sobre este assumpto: — *E' possivel um movimento republicano na Allemanha?*

Um professor do Collegio de França, Georges Renard, formula as possibilidades e impossibilidades de uma republica allemã e entre as razões de impossibilidade

cita — *le manque de rayonnement des idées republicaines, grâce à la mentalité de vaincus qu'ont eue depuis quarante cinq ans les repnblicains de France.* Como é exacto! Justamente abro um livro de Anatole France, *Le mamequin d'Osier*, e leio:

«Si votre âme (a da França) ne fait plus frissonner l'âme des nations, si votre voix ne fait plus battre le cœur de toute l'humanité, c'est que vous ne voulez plus être les apôtres de la justice et de la fraternité, c'est que vous ne prononcez plus les saintes paroles qui consolent et qui fortifient; c'est que la France n'est plus l'amie du genre humain, la concitoyenne des peuples; c'est qu'elle n'ouvre plus les mains pour répandre ces semences de liberté qu'elle jetait jadis par le monde avec une telle abondance et d'un geste si souverain, que longtemps toute belle idée humaine parut une idée française; c'est qu'elle n'est plus la France des philosophes et de la Revolution et qu'il n'y a plus, dans les greniers voisins du Pantheon et du Luxembourg, de jeunes maitres ecrivaut, la nuit, sur une table de bois blanc, ces pages qui font tressaillir les peuples et palir les tyrans.»

Não ha duvida! A França da Terceira Republica como que renunciou á sua missão libertadora e estes quarenta e cinco annos dir-se-hia que os tem passado a expiar os erros das suas revoluções. A França republicana não irradiou democracia. Assim se explica o nenhum poder de penetração das suas idéas na Europa feudal e constitucional. Portugal foi uma excepção e

como acolheu ella esse acontecimento que diríamos dever regosijá-la? Com surpresa, com frieza, com desconfiança, quasi com animosidade. Os primeiros annos quo passei neste país como ministro de Portugal foram por isso os mais amargos da minha vida, porque me trouxeram a minha porventura maior decepção. Quando tomei contacto com a França de Voltaire e de Rousseau e de Quinet e de Hugo, e presenciei o servilismo dos seus demócratas e a arrogancia dos seus reaccionarios, cahiram-me os braços.

9 DE MARÇO

Alleluia! A Agencia Wolff annuncia o rompimento das relações diplomaticas da Allemanha com Portugal.

10 DE MARÇO

A Allemanha declarou o estado de guerra com Portugal. Este facto consideravel foi-me communicado pelo ministro num telegramma de dez palavras! Corrida de jornalistas á Legação e um d'elles communica-mo a nota do Governo Allemão ao Governo Português, que as agencias fazem espalhar profusamente e que a esta hora só a Legação de Portugal desconhece. «Communique a esse governo que a Allemanha declarou a guerra a Portugal» diz-me de Lisboa o chefe da nossa diplomacia. Meu embaraço, porque não disponho de elementos de informação official que me permittam fazer acompanhar a communicação de alguns factos que precisem a origem do conflicto. Pois se de toda a ques-

tão dos navios não houve o menor conhecimento nesta casa! A's seis da tarde, lá vou ao Quai d'Orsay levar a minha nota, que compuz como pude, a Cambon na ausencia de Briand. O antigo embaixador de França em Berlim está mais informado do que eu do que se passa em Lisboa. Não tenho por isso novidades a dar-lhe. A entrevista é curta. No entanto toco de passagem na questão de Hespanha e pergunto-lhe o que pensa a este respeito. Cambon não acredita que a Hespanha deva inquietar Portugal. Nem está em condições de se involver em conflictos, nem isso convem aos seus interesses. Entretanto, Cambon é de opinião que não se deve mecher no assumpto. Para quê? E ao despedir-se cita-me esta frase de Bismarck:—*A force de peindre le diable, on finit par le faire paraître.*

11 DE MARÇO

A imprensa de Paris embandeirou em arco em honra do novo aliado. Fiz arvorar a bandeira, diante da qual pasmaram todo o dia os parisienses da Avenida Kléber. O presidente do Conselho manifestou-me o desejo de receber a minha visita. Lá fui ao meio dia ao Quai d'Orsay e ali, no sumptuoso gabinete que assistiu ás minhas brigas com Poincaré, recebi o aperto de mão de Briand, onvi-lhe aquellas expressões de cortezia e cordealidade que sahem da sua bocca como da garganta de um ventriloquo. Mas entretanto chega Cambon, e eu, que tenho pressa porque estou comprometido a almoçar com José Reinach, deixo-o, cruzo-me na sala de espera com o embaixador de Inglaterra,

que me aperta a mão, me pergunta misteriosamente se tomámos as nossas precauções no Tejo.

O José Reinach habita um soberbo palacete da Avenida Van Dyck, dentro do Parque Monceau, que estava hoje todo branco sob o nevão. Muita gente a almoçar — talvez vinte pessoas, deputados, senadores, senhoras, a Madame Loekroy, o Julio Roche. Reinach quer eserever sobre Portugal no *Figaro*. Pede-me informações sobre as origens do conflicto. Portugal tratado amigavelmente no *Figaro* é uma das surpresas da guerra. De resto Portugal está em plena voga. Chegando ao hotel encontrei um convite da condessa Greffulhe para o seu proximo domingo e, na sala de jantar, o Anatole France vem apertar-me a mão, felicitar-me pela entrada de Portugal na guerra. O telefone não cessa de trabalhar entre a nossa casa e o Majestic. Concedamos minha mulher e eu que devemos, nestas circumstaneias anormaes, voltar para o 35 da Avenida Kléber, o que faremos amanhã. Eu não me tenho de pé com a grippe.

12 DE MARÇO

Domingo. Febre. Neve. Convite para almoçar amanhã no Ministerio dos Estrangeiros.

13 DE MARÇO

Almoço no Quai d'Orsay aos Alliados e assim Portugal entra pela primeira vez no consoreio da Entente. Espero este momento ha cerea de dois annos. Elle veio e encontrou-me frio, impassivel, indifferente. E' no en-

tanto o mais alto momento da nossa historia. No destino das nações, como no dos homens, ha cumiadas. Para Portugal esta é uma d'ellas. Ao subir esta manhã as escadas do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, Portugal subia a uma das eminencias da sua historia. Ia bem grippado, coitado, e com uma ponta de febre, e a sua emoção, talvez por isso, era nulla. O certo é que pude verificar d'este modo que nada nos commove menos do que a historia, quando somos nós proprios que a fazemos. O primeiro homem com quem me encontrei foi o general Joffre. O Joffre das fotografias e dos animatografos é um velho militar barbigudo e de grande bigodeira, numa face gorda e tranquilla. O Joffre com quem falei é muito mais novo e de fisionomia muito mais energica. E' um tipo de catalão, devendo ter sido loiro e conservando nos olhos azues a frescura do olhar dos loiros. A sua pele é fresca, rosada. O seu semblante não exprime nenhuma das fadigas da guerra. Diriamos um general *en retraite* e aqui está o que desde logo me choca—encontrar ali, naquelle salão do Quai d'Orsay, de mãos cruzadas nas costas, o general em chefe do exercito francez, no momento preciso em que a França joga uma das suas maiores, senão a sua maior cartada na guerra! Onde diriamos que elle devia estar neste momento era em Verdun, a cavallo, cercado pelo seu estado maior, com um oculo na mão e uma carta do estado maior desdobrada sobre o sellim. Foi pelo menos assim que a historia, a litteratura, a arte nos ensinaram a conceber os generaes em chefe, desde Turenne até Napoleão. Como imaginar Wagram, Austerlitz, Iena sem Napoleão a

cavallo num monticulo seguindo a batalha que se desenrolava aos seus pés? Este general em chefe almoçando no caes d'Orsay, a duzentos kilometros do campo de batalha em que se jogam os destinos da França, derrotou completamente as previsões da minha cultura romantica. O sr. Gavarry, ministro plenipotenciario, a quem communiquei esta impressão, disse-me: — Tive a mesma! Durante o almoço, o embaixador da Russia, Isvolsky, que se sentou ao meu lado, falou de Pombal, que eu comparei a Catharina. Pareceu mostrar-se surprehendido de que a fama de Catharina tivesse chegado a Portugal e aos meus ouvidos. Depois, transitou de Pombal para o Martens Ferrão. Dei-lhe a entender que o papel historico d'este ultimo fôra muito inferior ao do marquêz. — E o sr. Freitas? Que é feito do sr. Freitas? Procurei em vão na nossa historia um Freitas que podesse interessar o embaixador da Russia. O Freitas que o interessava era o Batalha de Freitas, de quem disse apenas que era casado com uma mulher bonita. — Com duas! esclareci eu; e informei-o de que o B. de Freitas, tendo divorciado, contrahira novas nupcias com outra senhora igualmente formosa, o que prova afinal que Freitas tem uma maneira amavel de conceber a vida. Distraiu-me da conversação do embaixador o meu visinho da direita, chefe do estado maior inglez, grosso e macisso dentro do uniforme de kaki, como se fôsse feito num tronco d'arvore. Vem acompanhando as operações desde Charleroi e está optimo. Ri como uma creança. Na minha frente, o presidente do Conselho conversava com o embaixador de Italia e eu reparava pela primeira vez que os olhos de

Briand são da côr d'ambar einzento. Depois do almoço veio para mim num gesto muito effusivo e apertou-me a mão. Como eu lhe perguntasse se a sua saude era sempre boa, elle fez um gesto familiar, disse num tom de *camaraderie*, alludindo ás responsabilidades da sua situação: — *C'est très dur!* Briand tem o quer que seja de bohemio.

14 DE MARÇO

Voltamos a casa e eu dispunha-me a metter-me de finitivamente na cama, quando me annunciaram o Sidonio Paes, ministro de Portugal em Berlim, vindo de Berlim. Fui buscá-lo ao salão e encontrei o mesmo homem que em 1912 passou por Paris em direcção ao seu posto de Berlim. Tres annos de diplomacia não o engordaram sequer. Vem magro como um cão. Onde passou elle estes tres annos? Não sei. Dir-se-hia que vem de Coimbra, e é tão insignificante que é inconciliavel com a idéa que o vulgo costuma fazer de um diplomata. Não sei porquê, ao ver-me, os seus olhos marejam-se de lagrimas. Não costumo ser indifferente á simpatia dos homens, mas estas lagrimas não as entendi. Passou o dia e a noite nesta casa, onde jantou. Falou muito, não disse nada. Queixou-se de que esteve sempre sem noticias de Portugal, mas parece ter passado todo o tempo que dura a guerra numa até certo ponto completa tranquillidade de espirito. quando eu o suppunha atormentado. Quando um funcionario da chancellaria imperial lhe entrou em casa, ás nove da manhã do dia 8, para lhe entregar a nota de declaração de guerra, estava na cama. Mandou dizer que ainda estava recolhi-

do. O funcionario insistiu. Então levantou-se, vestiu-se em dez minutos, veio recebê-lo, tomou conhecimento da nota. Perguntei-lhe quando foi que falou pela ultima vez com o imperador. Respondeu-me candidamente: — *Foi a primeira!* De resto, conversando-se um momento com elle, comprehende-se que semelhante ministro não podia ter a menor acção ou influencia. O que eontou de mais interessante foi que o primeiro secretario que teve, um certo Costa Cabral, que é hoje em Lisboa chefe do protoeolo, frequentava quando elle chegou a Berlim a embaixada de Hespanha e dizia a quem o queria ouvir que a Republica não durava um anno.

A' tarde, o Sauerwein do *Matin*, descobrindo-o em minha casa, veio entrevistá-lo. Apesar de lhe ter recommendado que falasse pouco, falou sem cessar, mal, deploravelmente mal. Diffieilmente se concebe um diplomata tão ignorante de uma lingua tão necessaria! Pois, nem isso o tornou mais discreto. O seu falar tropego juntando-se á vulgaridade da sua figura ainda fazia mais insignificante a sua personalidade. O Sauerwein dominava-o com um olho tremendamente observador. Eu estava vexado e morto por que aquillo aca-basse.

15 DE MARÇO

O Sidonio voltou, demorou-se. Falou da politica portugueza, que só conhece pela *Lucta*, unico jornal, segundo disse, que o governo allemão lhe deixava chegar á Legação. Vê-se que o governo allemão sabia apreeiar a politica do Brito Camaeho. Dei-lhe uma idéa

do que foi a revolução de 14 de maio. Ficou surprehendido de que a Republica tivesse corrido assim tanto riseo e perguntou-me como julgava eu o Leote do Rego. Elle julgava-o pelo que lia na *Lucta*. — Parece-me um homem desinteressado, disse eu. — Sim, com effeito, tornou elle, já recusou a pasta da Marinha. . . Recusar uma pasta é para elle a formula maxima do desinteresse. Falou então do Brito Camacho e, como todos os admiradores d'este genio nacional, declarou-o—um homem eminente. Este Camacho tem a admiração de todos os mediocres do tipo d'este Sidonio, nullos, mas diplomados, e com elles quiz fazer o seu partido, a que chama uma *élite*. E' com effeito uma *élite* de mediocres. Tudo quanto as escolas portuguezas têm produzido de *non valeurs* vae para elle. Felizmente ainda assim, não são muitos. Disse-lhe: — O seu amigo Camacho tem agora uma occasião unica de sahir da situação falsa em que se metteu e de se salvar. Se não a agarra pelos cabellos, está irremediavelmente perdido! Arregalou desmedidamente os olhos e despediu-se porque parte esta noite para Lisboa.

16 DE MARÇO

Os jornaes de Lisboa referem este pormenor da partida do ministro da Allemanha. Na gare do Rocio estiveram a despedir-se (!) o ministro de Hespanha, o de Venezuela, o da America, o de Cuba, o da China, um certo numero de allemães e alguns portuguezes entre os quaes o doutor Mello Breyner, o Alfredo da Silva, o Deslandes e bastantes damas. Uma d'estas, portu-

guezza, offereceu um ramo de flores a Madame Rosen. A' despedida os lenços não cessaram de acenar até que o comboio desapareceu no tunnel. Estes factos não chegaram a ser referidos nos jornaes de Paris e ainda bem. Os jornaes portuguezes, esses dir-se-ia que os consideram perfeitamente normaes, porque se limitam a consigná-los nas suas notas de reportagem.

## 3 DE MARÇO

Chega de Lisboa a noticia de que está constituido o ministerio nacional e de que tem á sua frente o Antonio José d'Almeida. O meu país já não me reserva surpresas. O ver este homem nullo e illetrado á frente dos destinos nacionaes, nesta hora tão grave da nossa historia, deixa-me indifferente. Penso commigo que no fim de contas é talvez com estes homens e não com outros que o país se entende e que só d'estes precisa, não lhes fazendo portanto falta outros melhores. E onde estão de resto os melhores? A Republica não gerou senão mediocridades. No novo governo, dão-se as mãos Antonio José d'Almeida e Affonso Costa. Não é uma reconciliação. E' um holocausto. Affirmam ambos que d'este modo sacrificam no altar da patria. Não é isso. Na realidade, o Affonso Costa estava impaciente por fazer cessar os antagonismos que provocou e que o inquietavam. O Almeida estava impaciente por sahir da jaula em que se metteu de uma opposição sem sabida. Supondo dar um *coup de barre* magistral ao seu destino politico, o Brito Camacho ficou de fóra. Dizem os jornaes que pretendeu aproveitar o ensejo

para preparar o futuro do seu partido, pondo condições á sua entrada no novo governo. Como lhe falta absolutamente o senso moral, não comprehendeu a immoralidade do lance. Jogou uma cartada estúpida, mas não penso que isso o comprometta irreparavelmente na opinião publica, que nunca julga com segurança e portanto não condemna nunca definitivamente. O Guerra Junqueiro, que traz um genro ás costas desde que a Republica se implantou, conseguiu mettê-lo na pasta da Justiça. A imprensa franceza continua a celebrar Portugal. Hoje foi a vez de Clemenceau. Na Camara votou-se uma saudação a Portugal. A Madamo Giovetti diz *qu'elle se sent toute heureuse d'être portugaise par son mari*. O tenente Sepulveda, antigo conspirador, veio á tarde á Legação para me falar. O secretario Oliveira subiu a annunciar-me esta visita e a pedir-me que a recebesse, com um interesse que me surpreendeu. Não o recebi e recomendei-lhe que o convidasse a voltar na segunda-feira, quando eu estiver melhor de saude e possa deseer á Legação. Mais tarde o secretario Oliveira voltou a dizer-me que o tenente Sepulveda pretende que a Legação informe favoravelmente a sua pretensão de se alistar como official na Legião Estrangeira. Não so comprehende esta pretensão, a não ser como um pretexto para Sepulveda se aproximar de mim. O curioso d'este caso é o interesse que elle inspirou ao meu secretario, tão vivo interesse que, quando lhe disse que receberia Sepulveda na segunda-feira, mo agradeceu. Este Oliveira pertence ao numero dos jovens reacconarios que a Republica conservou ao seu serviço na diplomacia e é o homem que

a Republica me dá como collaborador. De resto, além de mim, a Republica não tem um amigo nesta Legação.

19 DE MARÇO

Chá em casa da condessa Greffulhe, que me fala de D. Carlos e do insuccesso do seu reinado. Conheceu o D. Carlos em Paris. Pareceu-lhe um espirito liberal. Expliquei-lhe que D. Carlos não comprehendera o seu tempo, nem sentira os progressos effectuados pela sociedade do seu país. Ella acrescentou que o caso das suas dividas lhe fizera muito mal. Não insisti e falamos do conde d'Arnos, depois da condessa de Beauchamps e do sr. d'Andigué, que soube ter já voltado da Allemanha, num comboio de *grands blessés*. Parece que ficou inutilizado de uma perna. A condessa Greffulhe recebe num salão minuscuro do seu enorme hotel da rua d'Astorg e em volta d'ella quasi tudo são homens e quasi tudo são velhos. De resto em Paris só os velhos apparecem. Lá encontro o professor Robin, o mais mundano de todos os medicos de Paris, Julio Roche, Maitre Clunet e o filho, o doutor João Clunet, sobrevivente do naufragio do *Provence*. Madame de Greffulhe apresenta-me um argentino, o sr. de Santa Marina, que me fala hespanhol e immediatamente se desabotoa em confidencias sobre o seu país. Quando sahi ia-me perdendo nos interminaveis corredores desertos. O inverno passou. O dia esteve de rosas. As arvores da Avenida Kleber começam a rebentar.

22 DE MARÇO

Almoço em honra do príncipe Alexandre da Servia no Eliseo. O príncipe Alexandre é um rapaz de vinte e oito annos, alto, magro, nervoso, escuro como uma azeitona, e sem distincção. Os seus grandes olhos pretos arregalam-se e brilham desmedidamente para tudo o que o cerca, através das suas lunetas de miope acavaladas num nariz consideravel. Dir-se-ia que é a primeira vez que entra em contacto com a sociedade. O Presidente da Republica apresenta-o como uma noiva. Elle sorri para todos, a todos estende uma mão energica. Dá a impressão de gosar uma hora de felicidade, depois dos tormentosos dias por que passou na sua pobre patria. É modesto, acanhado, quasi timido. A sua pessoa nada exhala de principesco. Depois do almoço, o ministro da Servia apresentou-me a sua alteza real, como diz com precisão e guloso requinte o sr. Poincaré, e como ella parecesse aguardar que eu falasse, o que é contrario aos habitos d'estas personalidades, tirei-o de embaraço dizendo-lhe, que entre os nossos países havia a afinidade de sermos pequenos, mas termos ambos grandes corações. Sahiu então do seu enleio, exclamou: — Como isso é verdadeiro! como se eu tivesse tido uma expressão maravilhosa. Depois aguardou que eu proseguisse, mas eu descobri perto de mim o antigo ministro René Renoult, que esperava muito angustiado a sua vez de ser apresentado ao príncipe e larguci-lho com um *shake-hands*. Jean Cruppi chamou-me a um canto para me dizer que precisavamos falar, conversar, almoçar juntos, muito interessado

em que isto se fizesse, como se tivéssemos coisas muito importantes a communicar-nos. O Cruppi foi o primeiro ministro dos Negoeios Estrangeiros que conheci em França. Nunca esqueci o seu aolhimento affavel. O velho Méline vem falar-me no easo da mão d'obra agricola. Queixo-me de que este assumpto foi desfigurado. O ministro dos Negoeios Estrangeiros diz-me de Lisboa que o ministro de França lhe dava a entender que eu offerceera ao Governo Francês o concurso dos trabalhadores agricolas portuguezes, para supprir a falta da mão d'obra em França. Méline levantou os braços: — *Est-ce possible?* e prometteu eselarecer este assumpto, em que só intervim por sua sollicitação. Passa um espectro — Flourens, o antigo homem politico que todos suppunham morto e resuscitou com a guerra. A sua velhice esqueletica, a sua barba rara em fios pendentes de um facies eadaverieo, o seu porte vago dão a impressão de um morto que veio ver a vida e vae voltar para o tumulo. O barão Guillaume, ministro da Belgica, mostra-se muito affectuoso comigo, fala-me dos canhões portuguezes que estão na Belgica e da Lisboa do rei Luis, onde esteve um anno como seretario. O barão Denis Coehin, representante da direita da Camara, vem para mim, apresenta-se-me elle mesmo, e, durante uns minutos passeiando na sala, roçamos ao de leve por mil assumptos, a Grecia e o seu povo que elle affirma siuecramente dedicado á França, o rei Constantino, depois Portugal, o novo governo nacional, a representação dos monarchicos portuguezes. Não ha um franceês que não conheça um portuguez. O sr. Denis Coehin conheec o Baltazar Ca-

bral. O velho Combes passa, toma-me por um braço, pergunta-me se o *Seculo* é um jornal republicano. — É francofilo! respondo, *cela va sans dire*. Finalmente, o embaixador do Japão, que chegou ha pouco, acerca-se para me perguntar o nome das pessoas que estão na sala e me pedir que o apresente ao ministro das Finanças Ribot. Peço-lhe noticias da restauração monarchica na China e d'esse famoso Yuan-Chi-Kai. Sorriso diplomatico de charão, explicações confusas. De Portugal chega a noticia da reconciliação do Antonio José d'Almeida com o Affonso Costa, feita com solemnidade no Palacio de Belem, sob os auspicios de Bernardino Machado. *C'est egal!* como dizem os francezes. Quando penso que o odio que separava estes homens me ia custando a vida, sou levado igualmente a pensar que a vida é cheia da mais espantosa variedade.

24 DE MARÇO

Dois capitães de artilheria do exercito portuguezs, Simas e Santos Lucas, passaram hoje por Paris em direcção a Londres, onde vam, segundo me disseram, examinar com o Governo Inglês a questão do fornecimento do material de guerra a Portugal. Estes dois officiaes não dão a impressão de dois homens desembaraçados. Um d'elles foi ministro da Instrucção no ultimo ministerio. E' um homem gordo, d'oculos, pesado, macambuzio, bovino.

26 DE MARÇO

Domingo. Ceu baço, chuva sobre os primeiros rebentos primaveris. Infinita tristeza. Palmilhamos a pé o Bois, deserto. Os submarinos allemães voltam a dar que falar. O grande paquete hollandês *Tubantia* fô mettido ao fundo nas costas da Hollanda. Hontem, o vapor *Sussex*, da carreira entre Folkestone e Dieppe, foi torpedado e por pouco não ia a pique com toda a gente que levava e que era muita. Os sobreviventes chegaram hontem á gare do Norte, num estado lamentavel. Os homens em cabello, alagados, as mulheres chorando, quasi desmaiadas. Parece que estes crimes abominaveis entraram já na categoria dos actos de guerra, porque embora os reprove, a opinião que se traduz pelos jornaes parece que os reconhece. O *Sussex*, que atravessava de Folkestone para Dieppe, foi torpedado sem aviso previo, por embuseada. O torpedo rebentou a vante, penetrando no salão da 1.ª classe, que estava cheio de gente. Com victimas, entre as quaes mulheres e creanças. A besta teutonica entrou numa crise de desespero, depois do insuccesso do ataque de Verdun. Agora annuncia a construcção do seu centesimo Zeppelin e para breve novos ataques pelo ar, consecutivos, para não dar tempo ás populações das cidades de se reporem dos seus primeiros sustos. Entretanto, no Reichstag, um deputado socialista, Haase, acaba no meio de grande escandalo de pronunciar um audacioso discurso de que os jornaes francêses traduzem estas palavras: «On ne peut prévoir la fin de cet épouvantable carnage. La représentation du peuple

manquerait à son devoir le plus sacré si elle ne se faisait pas l'interprète do vif désir du peuple d'avoir bientôt la paix.» A paz! Que venha a primeira, grande, insofismavel derrota dos allemães e a paz não se demorará. Mas quando? quando virá essa grande, essa insofismavel derrota?

27 DE MARÇO

Esta manhã, ás nove e meia, chamada de telefone do Ministerio dos Estraungeiros, a perguntar se não recebi qualquer communicação de Lisboa. Tenho com effeito sobre a meza tres telegrammas cifrados. Faço-os decifrar e aqui está o que é: — Portugal é convidado a tomar parte na grande Conferencia dos Alliados, que realisa hoje a sua primeira sessão; o ministro de França em Lisboa formulou pessoalmente o convite ali e o Governo Português encarrega-me de o representar na Conferencia. Eis aqui um facto consideravel e sem precedentes, creio, na nossa historia. Pois bem! nem mesmo a noticia d'este facto teve o privilegio de chegar a tempo. Quando os telegrammas me chegam decifrados são onze horas e a primeira sessão da Conferencia começou ás dez. Dou um murro sobre a meza, depois reflecto que tenho no bolso o convite para o almoço d'esta manhã no Ministerio e que não vale a pena entrar aos murros por este grande acontecimento dentro, por faltar a uma sessão, que sem duvida não será a mais interessante. Quanto a tratar-se para nós de um grande acontecimento não ha duvida que se trata. Era esta a situação que eu desejava para o meu país. Ei-la aqui. Havia já dias que esta grande Confe-

e para etc...

rencia me trazia inquieto, porque não estar nella parecia-me um desastre e até hoje nada me dava a entender que os Alliados se lembrassem de nós. Ainda pensei em abordar este assumpto no Ministerio, junto de Briand, ou junto do Julio Cambon, mas o receio de ter o ar de sollicitar um lugar para o meu país, uum conclave em quo afinal elle tem o direito de estar, fez-me hesitar e ainda bem que hesitei, porque assim foi melhor, muitissimo melhor. Ao meio dia e um quarto entro naquelles salões do Quai d'Orsay, que me são tão familiares e logo no meio da turba multa das notabilidades parisienses da politiea, reconheço os tipos popularisados pelas illustrações de Asquith, Kitchner, Edward Grey, Lloyd Georges, Salandra, Sonino, Patchieh, o barão Beyens, o barão de Broqueville, toda a Europa contemporanea. A primeira sessão acabara e esperavam-se os convidados do almoço que iam chegando e se iam confundindo com os representantes na Conferencia. Aos primeiros apertos de mão que distribuo sinto em volta de mim uma nova atmosfera de cordealidade e simpatia. Leon Bourgeois vem para mim de mão estendida, diz-me:— Permitta-me que me apresente a mim mesmo... Não o deixo concluir e sou eu mesmo que me apresento ao patriarcha da demoeracia francêsa. Passo á grande ante-camara, onde o corpo diplomatico costuma esperar nos dias de audiencia e cujas tapeçarias de Beauvais eu sei de cór. Junto da chaminé monumental onde ardem grandes toros de lenha, lord Kitchner conversa com o general Joffre. Novos apertos de mão para a direita e para a esquerda, no meio do sussurro das conversações e toda aquella massa de

homens d'Estado, de homens politicos, de generaes, de diplomatas se encaminha lentamente para o rico salão de banquetes do Ministerio. A meza é presidida por Briand e pelo ministro da Marinha, o almirante Lacaze. Procuro o meu logar e encontro-me á direita do almirante, entre o embaixador do Japão e o barão Beyens, actual ministro dos Negoeios Estrangeiros belga e ministro da Belgica em Berlim quando rebentou a guerra. Durante o almoço, como eu perguntasse ao barão Beyens se estava nas vistas da Belgica engrandeer-se territorialmente, como correntemente se affirmava, elle respondeu com calor que semelhante idéa não tinha o menor senso commum, que os belgas neurastenisados do Havre talvez a acalentassem, mas que eram só esses. Esta declaração está em absoluto desaccordo com os vaticinios e por assim dizer com os votos da opinião universal sobre o futuro da Belgica. Falamos das nossas colonias africanas. O barão disse-me que durante a sua estada em Berlim algumas vezes communicara ao Sidonio Paes as suas apprehensões com respeito ás intenções dos allemães sobre Angola, mas — accreseentou — *le docteur Paes n'a pas été tout à fait de mon avis*. Boa idéa deve o barão ter feito do *docteur Paes*. A' minha esquerda o embaixador do Japão respondia com interjeições e sorrisos enigmaticos á loquella do barão de Broqueville, presidente do Conselho belga sentado ao seu lado e que durante todo o almoço falou pelos cotovellos. Depois do almoço, no *fumoir*, o velho Bertie, embaixador de Inglaterra, veio buscar-me por um braço para me apresentar a Edward Grey e a Asquith. Edward Grey, com

a sua cara rapada, a sua bocca sem lábios, e o seu grande nariz energico, tem uma cabeça de Cesar que declina. Asquith, esse é um tipo de velho presbitero. Parece sahido de uma novella de Dickens. Está ao lado de um bufete carregado de chavenas e é com um calice de *fine champagne* na mão que durante um quarto d'hora conversa commigo, risonhamente, alegremente como um pastor amavel, sobre a alliança inglêsa e a sua remota antiguidade e a apprehensão dos barcos allemães em Lisboa, que elle considera «a coisa mais bem feita que tem visto»... O sr. Asquith está positivamente *ravi* com o modo como esse emprehendimento foi levado a cabo. O barão de Broqueville celebra com espalhafato os cincoenta canhões portuguezes que estão na frente belga, gaba Portugal com abundancia. E' um homem relativamente novo, um d'esses tipos a que em França chamam meridionaes, de uma fluencia apparatusa, gostando de se ouvir falar. Há uma densa fumarada na sala. A segunda sessão da Conferencia deve começar ás tres e meia e a essa hora lá estou. A Conferencia renne na sala conhecida por sala de l'Horloge, e em volta de um grande rectangulo composto de pequenas mezas justapostas, cada uma das quaes é occupada por um dos representantes das nações alliadas. A meza que me é destinada encontra-se entre a do embaixador do Japão — esse mono, e o general Gilinsky, que tem ao seu lado o embaixador Isvolsky e representa a Russia. A' minha esquerda, um dos lados do rectangulo é todo elle solidamente occupado pela Italia, o general Dall'Olio, o general Cadorna, e, entre Salandra e Sonino, o embaixador Tittoni. Na

minha frente tenho a poderosa Gran Bretanha, lord Kitchner, Grey, Asquith e Lloyd Georges, com uma longa cabelleira de actor, acompanhado por um moço loíró, que é um interprete. Do lado em que me encontro e sem que os veja, estão os tres representantes da Sérvia, o primeiro ministro Pashieh, o ministro dos Negoeios Estrangeiros Jovenovieh, sombrio, adusto, macambuzio e que durante toda a Conferencia não abrirá a boeca, e o ministro da Servia em Paris, Vesnieh, a quem o infortunio do seu país deu uma estranha vivacidade. Na minha frente, mais para longe, á direita da presidencia, o barão Beyens e o barão de Broqueville, sorridente, regosijado, feliz por ter um papel num tão consideravel acontecimento, prestes já a pedir a palavra. Na presidencia — a França: Briand ligeiramente coreovado na sobrecasaca preta, a densa cabelleira eôr de mogno, em desordem, o bigode que elle constantemente procura levantar, constantemente pendente, circumvagando o seu olhar d'ambar einzento, attento e ao mesmo tempo distrahido; o almirante Lazaze, o general Roques ostentando uma grande mancha epidermica eôr de vinho que lhe cobre todo o lado direito da face, o velho Bourgeois, o sub secretario Julio Cambon, o sub secretario Albert Thomas, e a um lado os dois generaes — Joffre e de Castelnau. De Castelnau é um catholico militante e parece-o. Tem o quer que seja de ecclesiastico. A sessão reservou-me umas grandes surpresas da minha vida. Eu alimentava a superstição de que num conelave, como este, historico, os homens falavam como deuses. Pois do principio ao fim foi uma mastigada de palavras, a que em

vão Briand, com os recursos da sua lingua precisa, tentou dar um sentido claro. Debateu-se a questão de impedir o abastecimento dos allemães pelos Estados neutros. Sonino, o ministro dos Negocios Estrangeiros de Italia, interveio a cada passo na discussão, não do um modo grave e reflectido, como eu presumia que devia ser, mas numa lingua de trapos, ontrecortada do risos e interjeições. Os francêses, que são admiraveis *raisonneurs* e se exprimem com uma alta elegancia, olhavam para elle surprehendidos, como se não o comprehendessem. O general Cadorna, que estava ao lado de Sonino, occultava de vez em quando a cabeça nas mãos, vexado de ver o seu grande compatriota metter assim os pés pelas mãos, num logar d'aquelles. Nenhum dos outros representantes, com excepção dos francêses, expoz um ponto de vista claro numa lingua explicita o intelligente. Todos tiveram alguma coisa a objectar ao plano apresentado por Briand de cohibir o abastecimento da Allemanha por intermedio dos neutros, mas as suas objecções couberam em meia duzia de palavras tropegas. O barão de Broqueville, que fala o francês correntemente por ser esta a sua lingua, poz a sua eloquencia pomposa ao serviço de uma grande tolice, quando disse que os alliados deviam *mêttre de l'eau dans leur vin*. Olhei nesta occasião para Briand e vi-o arregalar desmedidamente os olhos. O general Gilinsky, que representa o estado maior russo, manifestou um tão grande receio de que a Suecia se zangasse com as medidas propostas por Briand, que este teve de intervir para o tranquilisar. D'esta sessão ficou-me a impressão da immensa superioridade intellectual dos francêses. É certo que elles

dispunham da vantagem de se exprimirem numa lingua que é a sua, mas seria só por isso que todos os outros me pareceram gagos, ou afonticos? Tive todo o tempo ao meu lado o embaixador do Japão, que não abriu bico. — A discussão foi um pouco confusa, não lhe parece? disse-lhe eu. — Sobresalto, riso: — Oui! — Devia-se talvez ter definido mais certos pontos... Novo sobresalto. Novo riso: — Oh! oui! A sahida fez-se debaixo de chuva e enquanto os delegados illustres esperavam ao abrigo da *marquise* que as suas carruagens fôsem passando, chusmas de fotografos não cessaram de fazer trabalhar os seus apparatus.

28 DE MARÇO

A sessão d'esta manhã começou ás onze horas e terminou ao meio dia. Todo este tempo foi preenchido pela leitura do relatório Albert Thomas sobre a questão das munições. Esta leitura deixa a impressão de que o esforço da França é formidável, pois não só está produzindo para as necessidades da sua defeza, como está em condições de abastecer a Italia, a Russia e o exercito serbio, que neste momento se reorganisa em Corfou. Albert Thomas é uma das figuras mais curiosas do governo. Tem um tipo slavo, meio filosofo, meio agitador, meio pope, de grande guedelha loura empastada, um par de oculos faiseantes e, debaixo das barbas tumultuosas, uma tez cor de rosa de homem sobrio e casto. É a imagem convencional do apostolo moderno. Diz-se que é elle um dos homens mais activos e fecundos do actual governo. É curioso observar que a tarefa de fornecer meios de guerra, tanto na França.

como na Inglaterra, foi confiada a dois revolucionarios, Albert Thomas e Lloyd Georges, que nenhuma competencia especial designava para essa função e que ambos se desempenham admiravelmente d'ella. Como Albert Thomas, Lloyd Georges tem o tipo apostolico, caracterizado pela longa cabelleira, que na Inglaterra só os pastores protestantes deixam crescer. Do Ministerio, a Conferencia abalou para o Eliseu, onde o Presidente-offereceu um almoço aos delegados. No Eliseu o sorriso official do sr. Poincaré e o poder do mundo — o Governo, o Senado, a Camara dos Deputados e, circulando como um espectro, mudo e solitario, Gustavo Flourens, que toda a gente conhece e parece não conhecer ninguem. A' meza, encontro-me entre Salandra, o presidente do Conselho de Italia e o barão Guillaume, ministro da Belgica. Salandra é um homem relativamente novo, cheio, gordo, ar abastado, dentro de uma sobrecasaca de bom corte, disereção, fino sorriso, ar diplomatico. Justamente, o jornalista Jean Carrère publicou hontem no *Temps* um artigo muito interessante sobre as caracteristicas da politica italiana. Pergunto-lhe se o leu. Não o leu, mas vae lê-lo. Puxo-lhe pela lingua e ei-lo aqui expondo-me o que seja a tradição da moderna politica italiana, formada na alliança dos radicaes com os conservadores — os Mazzini «mesmo [os Garibaldi]», diz elle, com os Cavour. Assim, a palavra *conservador* não tem na Italia o significado irreductivel que tem em França. Não está elle mesmo presidindo a uma situação apoiada pelo liberal Bissolatti e pelo republicano Barzilai? Falolhe do rei, da rainha Helena, do seu casamento de

amor e das duas princezas Yolanda e Mafalda. Sabe elle que este nome de Mafalda é genuinamente portuguez? Não o sabia. Assim o vou levando pela mão para Portugal e, dentro em pouco, vendo passar diante de mim os pratos adocicados em que não toco da cosinha do Eliseu, insinuo-lhe na orelha gorda e cabelluda as causas da revolução de 5 de Outubro, o que parece interessá-lo muito. Ao servir-se a inevitavel *bombe tutti-frutti*, Salandra diz: — Desejava fazer-lhe uma pergunta, mas tenho receio de o melindrar. Vi de um golpe o que elle me queria perguntar, porque a sua pergunta é a de todos, e atalhei: — Já sei! Deseja perguntar-me se a Republica em Portugal é estavel! Elle serriu satisfeito, disse: — E' isso mesmo! Respondi: — Senhor presidente, é mais facil restaurar a monarchia em França do que em Portugal. Voltou-se para mim, como se tivesse recebido uma forte impressão, e eu accrescentei: — Mas v. ex.<sup>ma</sup> devem conhecer admiravelmente a situação em Portugal visto que têm ali um ministro. Nisto, o Presidente Poincaré levantou-se e os seus oitenta ou cem convivas arrastaram-se lentamente até ás salas onde se fuma e se toma o café. Foi abi, junto a um grande fogão, que conversei durante alguns momentos com lord Kitchner. Lord Kitchner é um homem de elevada estatura, com uma cabeça de buledogue, espessa sobrançelha, grosso bigode tomando-lhe a face de um lado ao outro, vestindo como todo o soldado inglês um uniforme de kaki, sobre cujo dolman corre o arco iris das snas innumeradas condecorações. Apesar d'este aspecto consideravel, este homem é de uma grande doçura de maneiras. O olhar dos

seus olhos azues embaciados é molle, quasi tímido. Como na primeira sessão, a que não assisti, da Conferencia, se tivesse feito menção de pedir mais canhões a Portugal, com destino á Servia, dei-lhe logo a entender que muito presumivelmente esse pedido não seria bem acolhido. A que nos queriam então reduzir os Alliados? A desarmar? Elle pareceu concordar com um sorriso dôce e disse-me então, naquelle tom mysterioso que os inglêses adoptam para tudo, que aquillo de que a Inglaterra precisava era de descarregadores — e se eu lhos podia arranjar. Carregadores, ou descarregadores talvez se arranjem, armas não! Já demos mais do que deviamos. Elle disse:— *Oui! j'en conviens*,—no excellent frâncês em que fala. Depois, como me pediu novas da Republica, disse-lhe que a Republica passava optimamente apezar dos seus numerosos adversarios, e contei-lhe o caso da polemica travada entre os realistas portuguezes e o ministro da Inglaterra em Lisboa, a proposito da conducta d'este por occasião da revolução de 14 de Maio. Como trazia na carteira o artigo que José d'Azevedo publicara num jornal brazileiro a este respeito, traduzi-lhe um trecho, que elle achou muito curioso, acabando por pedir-me a carta e mettendo-a entre os botões do seu dolman. Despeguei-me de lord Kitchner para ir falar a Albert Thomas, a quem fiz as mesmas objecções que fizera ao ministro da Guerra inglêz sobre a cessão de armamento. O Albert Thomas disse-me:— Homens! homens é que nós precisamos! E perguntou-me se os poderiamos ceder á França para a fabricação de material de guerra.— Precisamos de cem mil! A Briand fiz a mesma objecção:

— Nada de nos pedir armamento; mas Briand acediu logo que não, que não nos seria pedido semelhante serviço. Elle conhecia perfeitamente a situação. Quando sahi do Eliseu, cruzei-me com a sombra de Gustavo Flourens que enfiava solitariamente uma manga do sobretudo, no vão de uma janella. Chovia a potes quando voltei ao Quai d'Orsay para a quarta e ultima sessão da Conferencia dos Alliados, da qual dizem os jornaes de Paris ser o acontecimento mais notavel da historia politica da Humanidade, e elles que o dizem é porque o sabem. Apenas abriu a sessão, Briand propoz que uma commissão fôsse incumbida de, *séance tenante*, redigir e submeter á Conferencia um projecto de resolução, affirmando a communição de vistas e a solidariedade dos Alliados. O projecto de resto já estava feito. A commissão foi nomeada e lá seguiu através das salas desertas do Ministerio, até ao gabinete do ministro onde se reuniu. Eramos creio uns dez, entre os quaes o proprio Briand que foi, afinal, quem redigiu definitivamente o projecto. A ultima frase da resolução: «... *leur inébranlable volonté de poursuivre la lutte, jusqu'à la victoire de la cause commune*» foi laboriosa. Sir Edward Grey alvitava que se dissesse: «*la victoire du Droit et de la Liberté*», accrescentando quo era pelo direito o pela liberdade que se estava batalhando; mas esta formula pareceu emphatica. Briand lembrou quo era preciso fugir ás formulas do estilo jornalístico. Dir-se-ia estarmos numa classe: cada um dos membros da commissão ia emendando a lapis sobre o joelho o texto impresso á machina do primeiro projecto. A mim pareceu-me tudo aquillo muito

pueril. Finalmente, com Briand á frente, lá voltamos á sala da Conferencia, que approvou o projecto.

29 DE MARÇO

O general Paiva d'Andrade, em cuja casa de Paris se bebe «á saude do nosso rei» veio hoje pomposamente, de sobrecasaca e Legião d'Honra, exprimir-me a sua satisfação por ver Portugal «tão bem colocado aos olhos do mundo.» Tratei-o como a um prisioneiro de guerra.

1 DE ABRIL

Portugal gosa de uma hora do popularidade. Almoço no Cercle Republicain da Avenida da Opera, senadores, deputados, brindes. Chá em casa de Finot, a abarrotar de celebridades — Bergson, o filosofo e Madame Paquin, o conde Boni de Castellane, o pintor Roll, Samad Khan, Sheriff Pachá, *le bon turc*, e uma corbeille de bonitas mulheres. Maurice Muret, o articulista da *Gazeta de Lausanne*, o auctor do *Orgueil allemand*, faz-me o elogio de Portugal. Ah! as suas sympathias pelo nosso país soffreram muito no principio da Republica. Elle mesmo o reconhece nos seus artigos laudatorios sobro Portugal. Pergunto-lhe o que é que no principio da Republica Portugueza o impressionou tão desfavoravelmente. Elle então diz-mo quo foram alguns dos seus homens com quem falou em Lisboa, no anno de 1910. Quaes? E sem surpresa ouço-lhe dizer que o homem que mais desfavoravelmente o impressionou foi — o Affonso Costa. Afinal tudo se reduz a isto — Mauricio Muret é um catholico.

2 DE ABRIL

Primeiro lindo dia de primavera. Almoço em casa. Entre outros, Cruppi, o antigo ministro dos Negocios Estrangeiros, que declara Delcassé — *brulé*.

3 DE ABRIL

Recrudescimento do furor teutonico. A besta espuma. Ataques de Zeppelins sobre a Inglaterra. Duzentas bombas explosivas e incendiarias. Cento e tantas victimas. Actividade dos submarinos. Entretanto deante de Verdun, inexpugnavel, a Allemanha cambaleia como um jogador de box fatigado.

6 DE ABRIL

Do discurso de Bethman Holweg, no Reichstag: «Nós olhamos o futuro com uma inteira confiança.» E' justamente o que dizem os Alliados.

7 DE ABRIL

Hoje, num almoço em Armenonville, Madame Meunier Surcouf, mulher do deputado, leu-me as linhas da mão: *succès, très haute destinée, goûts artistiques, culte de la beauté, beaucoup de bonheur du côté du cœur, accident*. A nova do accidente, se não me tivesse succedido já, inquietava-me, mas Madame Meunier annunciou-me um outro, menos grave, d'aqui a dez annos. Tenho tempo de me preparar. Falou-se de litteratura e naturalmente da guerra. Madame Meunier entende ur-

gente substituir o general Joffre. Joffre, segundo ella, é um pessimista. Já viram isto, um general pessimista? Foch! Foch! é que devia ser o generalissimo! (\*) De dentro do pavilhão, a vista abraça um trecho de paisagem do bosque que as senhoras dizem ser absolutamente seculo desoito. Com effeito dir-se-ia um fundo de François Boucher.

8 DE ABRIL

Jantar em casa da sympathica Madame Chartran. Parisianismo, alegria, *entraîn*, como antes da guerra. Quatorze convivas. O presidente Mounier. Depois do jantar contemplação diante do retrato de Leão XIII ajoelhado, de Chartran. Palestra: a guerra e o espirito reaccionario; e como eu refira que os realistas portugêses affirmam algumas vezes preferir a dominação hespanhola á Republica, «antes Affonso XIII que Affonso Costa,» um dos convivas diz que em França tambem ha franceêses que preferem a Allemanha á Republica.

10 DE ABRIL

Dois factos: Reuniu o partido socialista francês e um terço defendeu o principio do reatamento das relações com a social demoeracia, isto é, diz o *Figaro*, o principio de uma verdadeira traição. Pela primeira vez estou com o *Figaro*. No Reichstag bradou-se por differentes vezes no meio de elamores indignados: — «Vós é

---

(\*) Foi generalissimo e marechal de França (agosto 1918).

que quizesteis a guerra!» Vaticinar o que estes dois factos podem dar é vaticinar muito; mas alguma coisa podem dar.

13 DE ABRIL

Esta manhã telegramma da Havas annunciando de Portugal a demissão collectiva do ministerio nacional. Tive um sobresalto e foi debaixo d'esta impressão que saltei do automovel á porta do Larue, para almoçar com o Graça Aranha, diplomata e homem de lettras, e o fui encontrar numa das estreitas salinhas da sobreloja, a braços com numerosa companhia — o Berthelot, dos Estrangeiros, o orago do *Petit Parisien*, o director do *Journal des Débats*, um redactor do *Temps*, o director de uma companhia de navegação, o Grosclaude um deputado brazileiro, etc. No fim do almoço, o Graça Aranha disse estar trabalhando para que o Brazil rompa com a Allemanha. Applaudi com enthusiasmo e expuz logo a minha these. — A Hespanha está condemnada á morte moral. Depois que Portugal entrou na guerra, esse paiz ficou sendo uma mancha negra isolada na Europa. O Brazil tem como nós por vizinha a Hespanha, representada pelos povos de raça hespanhola, improgressivos e rotardatarios, e tem sobre elles a superioridade da sua cultura. Que o Brazil entro na colligação e será um clarão enorme, no meio do uma cinta de trevas. — Homem! não tinha pensado nisso! disse o Graça Aranha. — Pois pense! Até á noite não se recebeu confirmação da crise ministerial em Portugal e eu começo a pensar que a noticia é falsa e foi espalhada pela Havas para perturbar o favoravel

estado actual do sentimento publico na Europa a nosso respeito.

16 DE ABRIL

Quem diria esta tarde, vendo passar a densa multidão do domingo na Avenida do Bois de Boulogne, a caminho da Porte Dauphine, que os allemães estão a oitenta kilometros de Paris! Até os estrangeiros, já mais confiantes, começam a voltar. As carruagens de luxo tornaram-se, é certo, raras e é isso o que falta para que os domingos de Paris sejam como os de outr'ora, antes da guerra. De resto parece estar no proposito de toda a gente banir as apparencias de luxo. Uma noite d'estas, no Ritz, uma estrangeira vestida com um desusado apparatus, fez escandalo. Mademoiselle Maille esteve esta tarde a contar-me a historia da sua correspondencia com um tenente de infantaria a quem não conhece e de quem diz que é um admiravel escriptor. Recitou-me exaltadamente trechos das suas cartas, escriptas da linha de fogo, onde elle acaba de ser gravemente ferido. Mademoiselle Maille fala d'este homem como de um personagem abstracto e não manifesta qualquer curiosidade em o conhecer. O seu interesse por elle é puramente litterario. Só o genio exaltadamente litterario dos francêses pode produzir o caso d'esta artista e d'este soldado, elle escrevendo-lhe do seu *blockaus* de Verdun, essa carta que ella sabe de cór e que é uma obra prima, a desculpar-se de tanto ousar, pedindo-lhe o conforto de duas linhas que o distraíam um pouco, lhe dêem um pouco mais de coragem

nos longos dias, nas tormentosas noites, passadas sob o fogo, a esperar a hora de morrer; ella respondendo-lhe logo, sem hesitação, como a um velho conhecimento. Diz-se que foi a guerra que creou este estado moral. A guerra só engendra patriotismo e o patriotismo é acção. Isto é só litteratura, que digo eu? — são seculos de litteratura.

19 DE ABRIL

No Quai d'Orsay, ás oito horas da noite, a esperar o Macieira, presidente da delegação de parlamentares portuguezes que vae chegar para tomar parte na Conferencia do Commercio. Macieira vem acompanhado de D. Estefania, que logo que chega me faz saber com ostentação ser portadora de um collar de perolas da ministra da Russia, que lho foi levar á estação em Lisboa, para que ella D. Estefania o entregasse ao seu joalheiro de Paris. D. Estefania está afflictissima com o collar. Portugal já tinha bastantes ridiculos. A democracia veio trazer-lhe outros.

20 DE ABRIL

Apresentação de Antonio Macieira ao secretario geral da Conferencia Eugenio Baye, num cortiço da rua de La Grange Batelière. A grande preocupação de Macieira é a de saber a quantos jantares dá logar a Conferencia, como deve ir vestido, e principalmente se terá tempo de compôr os discursos que será obrigado a pronunciar e para o que desde Lisboa, em arteiras cartas, me pede o meu concurso. Enceto com Eugenio

Baye uma conversação pegada sobre os assumptos da Conferencia, enquanto Macieira toma notas affietas á margem do programma dos jantares. O secretario geral não erê que a Conferencia conduza a grandes resultados immediatos. As questões a tratar são muito numerosas. O tempo é pouco. No entanto lançan-se as bases de futuros entendimentos. Peço-lhe para precisar certos pontos do programma, o que elle faz com uma perfeita nitidez, mas de vez em quando Macieira interrompe-o. — O jantar no Grande Hotel, de sobrecasaca, não é verdade? — De sobrecasaca, annue Eugenio Baye, que se volta para mim, prosegue. Na sua opinião, a Conferencia fornece aos pequenos países uma excellente oportunidade de *prendre pied* em certas questões. Por exemplo: Portugal poderia declarar no fim dos trabalhos que se reservava o direito de *pousser à fond* o estudo enectado na Conferencia das questões coloniaes, convocando por sua vez em Lisboa uma conferencia de delegados das nações alliadas. Applaudo immediatamente a idéa, mas desejo saber porque sendo ella tão especialmente interessante, não a aproveita o sr. Baye para o seu país — a Belgica? O secretario geral convem que a minha objecção é perfeitamente legitima, mas o problema da reconstituição belga prima por tal forma sobre todos os problemas d'esta nacionalidade que a Belgica pode perfeitamente ceder a vez a Portugal, no estudo das questões coloniaes. De resto, a Belgica, a seu turno, reservar-se-ha o direito de convocar a sua conferencia para o estudo de outras questões. A questão territorial, por exemplo, é da maior importancia. Lembro-me que o barão Beyens

me dissera no almoço do Ministerio dos Negocios Estrangeiros que a Belgica não tinha ambições de engrandecimento territorial. Pergunto-lhe so o facto é exacto. Ello refuta-o formalmente. A Belgica tem, ao contrario, uma legitima ambição — A Belgica quer o Luxemburgo que é belga, que nunca foi outra coisa desde 1839... Mas o Macieira mais uma vez interrompe: — Perdão! E á conferencia deve-se ir de sobrecasaca ou de frack? Eu atalho imperiosamente para o calar: — De sobrecasaca! e o secretario geral, que o olhara espavorido, volta-se de novo para mim, cae a fundo sobre a diplomacia belga, o barão Beyens, o barão Guillaume, todas as *baronias* como elle diz. Confirma o facto que anda na boeca de toda a gente de o Governo Allemão ter feito publicar em brochuras, espalhadas profusamente, os relatorios do barão Guillaume, ministro da Belgica em Paris, encontrados nos archivos do Ministerio dos Negocios Estrangeiros belga, depois da entrada dos allemães em Bruxellas e que tanto o indispoz eom o Governo Francês. — O quo nos valeu foi Liege! disse o secretario geral. Pergunto-lhe se é certo que o rei Alberto tivesse offerecido a Poincaré a demissão do barão Guillaume. — O rei *est trop dans les tranchées*, diz elle. *Il n'est pas assex diplomate... Il est novice. Ah! si Leopold existait!... Quelle situation ne nous serait faite!* E ia proseguir, mas Macieira, que havia algum tempo parecia ouvi-lo, disse, como sahindo de um sonho: — Quem foi que me disse que preside ao banquete do Palais d'Orsay? — Deschanel... respondeu o secretario geral. — Como? — Deschanel! gritei eu. Na rua Maciei-

ra, desconfiado, torceu o nariz á proposta de Eugenio Baye sobre uma conferencia promovida por Portugal. Era preciso reflectir, não tomar compromissos.—Como reflectir? Mas é de se lhe pegar com ambas as mãos! E' um acto politico excellente!... Pois o senhor não está a ver a situação... Portugal convocando em Lisboa uma conferencia colonial, tomando a direcção dos trabalhos. E' a desforra do congresso de Vienna! tornei eu. Mas elle não se deixou enthusiasmar por estas perspectivas, permaneceu reservado, desconfiado.—E' o diabo! Em todo o caso ia telegrafar ao ministro. Saltei-lhe em cima.—O ministro! Que sabe d'isso o ministro? Então o senhor imagina que o ministro tem uma opinião a esse respeito? A sua perplexidade fez-me dó. Insistiu em expedir um telegramma ao ministro, e não me largou enquanto eu não lhe marquei um *rendez vous* para amanhã — para redigir o telegramma.

21 DE ABRIL

O Leotte do Rego, commandante da divisão naval de Lisboa, reuniu a almoçar o Antonio José de Almeida e o Affonso Costa, a bordo do *Vasco da Gama*, o barco que justamente aquelle official commandava no dia 14 de maio de 1915 e que deitou a terra, a tiros de canhão, a ditadura Pimenta de Castro, de que Almeida foi o tribuno. Os jornaes publicam os brindes que se trocaram entre estes tres homens, e eu, embora muito habituado aos estupidos illogismos da vida publica e do character dos homens publicos portuguezes, não posso conter um arrepio de nojo. Assim, foi para

isto que eu me ia fazendo matar em Portugal em maio de 1915! No entanto estou persuadido de que este facto é unicamente o resultado da obra de dissolução moral empreendida por Bernardino Maehado. Este Bernardino Maehado *empulhou* o caracter português.

21 DE ABRIL

Chegada dos delegados portuguezes ao Quai d'Orsay. Noite de chuva. O João de Menezes, o Julio Martins, o José Barbosa, o Celestino d'Almeida em Paris! A Republica Portuguesa despejou hoje um cahos no Quai d'Orsay. Deseem do comboio curvados, receiosos, desconfiados e eaminham para Paris como para o cadafalso. Chove a potes. Eu sinto ao ver esta gente uma baforada da Arcada e da redacção da *Lueta*, um relento de comieio republicano, o cheiro da Camara em dias de chinfrins. Foi entre esta gente que se recrutou o assassino que me quiz matar; e eu, passando uma vista d'olhos pelo grupo, pareceu-me reconhecer em alguns o tipo sombrio e torvo do João de Freitas.

25 DE ABRIL.

O Macieira sahiu-me de casa á uma da madrugada, depois de me ter apanhado, e por que meios! o discurso que vae pronunciar depois d'amanhã na sessão inaugural da Conferencia Parlamentar. Offereci-me para lho entregar ámanhã, copiado á maquina. Isso sim! Metteu soffregamente o meu rascunho na algibeira, abalou na noite escura, num taxi que o Tho-

maz lhe foi deseneantar na Etoile. Ao entrar-me em casa, e para tornar a situação deeorosa, saeou da algibeira o que elle chamou — *as suas notas*. Pobres notas! De uma d'ellas copiei: «... mas porque essa alliança (a alliança iuglêsa) tornara-se depois da implantação da Republica bem conhecida e mais do que isso muito amada pelo povo portugûês, que nos ultimos annos do regimen deposto o não sentia sufficiente-mente mereê da despopularisação d'esse regimen.» Perguntei-lhe o que queria elle dizer pela palavra — *despopularisação*. Hesitou. Quer dizer — impopulari-  
dado? — E' isso! respondeu. Assim são os homens da Republica, neste anno de 1916!

28 DE ABRIL

O momento actual da guerra earacterisa-se pela impressão de que a Allemanha attinge um momento de fadiga. Os ataques contra Verdun pareceo terem-se tornado definitivamente infructuosos. A confiança cega d'esse povo sem senso moral nos recursos da força levou a tornar a guerra submarina extensiva aos neutros, mas taes meios de intimidacão não conseguem senão irritá-los. Penso que estes resultados devem estar causando neste momento alguma surpresa aos allemães. Pois quê? Os homens não se reduzem pela intimidacão e pelo terror? Que homens são esses? Estes homens devem estar apparecendo neste momento ao espirito allemão como seres de uma humanidade deseonhecida e fabulosa. O mundo deve estar apparecendo a esta raça de brutamontes como uma revelação.

30 DE ABRIL

Domingo radioso de primavera. Os castanheiros cobrem-se de flores. Nas ruas, multidão como nos mais bellos domingos *d'avant guerre*. Recepção no Eliseu aos delegados á Conferencia. Pouca gente e só homens. O antigo ministro das Finanças Herculano Galhardo e o deputado evolucionista Julio Martins deixam-se fiar no jardim a ouvir-me prégar contra os erros da Republica Portuguêsa. Dizem que lhes foi muito util vir a Paris e aacrescentam que seria excellente coisa que os seus collegas da Camara podessem vir aqui, aos turnos, arejar as idéas. Não creio que o ar de Paris tenha esse poder.

2 DE MAIO

Os delegados portugueses, gratos ao meu aeolhimento, offereceram-me hoje um almoço no Meurice e celebraram o meu patriotismo. Tive a impressão de me encontrar entre individuos de uma raça differente da minha e até falando uma lingua differente da que eu falo. Ao despedir-se de mim, o delegado Carlos Gomes significou-me confusamente que levava para Lisboa a melhor impressão dos meus meritos. Conhecia-me apenas pelo que de mim diziam os jornaes. Ficou-me conheendo melhor. E' sempre conveniente que os homens se aproximem. . . etc. Assim ao cabo de trinta longos annos de produção activa e de activos esforços estou reduzido a receber certificados de applicação e bom comportamento de homens que não conheço, que me vêm dizer sem rebuço que me ignoravam. . .

5 DE MAIO

O conde de Zedlitz-Neukirch, leader dos conservadores allemães, publicou no *Tag* de 27 de abril um artigo que os jornaes francêses traduzem, no qual consigna «l'abaissement de la haute tension patriotique de l'âme populaire, indispensable pour tenir victorieusement jusqu'au bout», preconizando a guerra submarina a todo o transe «pour remonter le courage et la confiance du peuple allemand, qui auraient subi il y a quelque temps un grave fléchissement». Esta baixa da tensão patriotica do povo allemão, esta quebra da sua confiança e da sua coragem são reaes? Se são reaes, caminhamos para o fim da guerra. O capitão Hans repetiu-me hoje a sua convicção de que os allemães não seriam vencidos pelos meios militares. — O fautor moral é que hade decidir da guerra! disse eu. Para o capitão Hans o fautor moral não é um meio militar. *Done, négligeable*. Contudo, o fautor moral vale o sub-secretariado das munições. Creio ter exprimido esta convicção em outras folhas d'este diario. A capacidade de resistencia moral dos allemães é menor do que a dos seus adversarios. Em rigor na guerra actual essa capacidade deve ser nulla, pois não entrou como fautor de lucta, o que é o caso dos francêses e dos inglêses. Na guerra actual, a Allemanha entrou apenas com a inabalavel confiança na sua força e a certeza absoluta da victoria. Quando esta confiança e esta certeza tiverem desapparecido, o fenomeno que presumivelmente deve produzir-se será o do *effrondement* moral que succede a todas as gran-

des decepções e não o do levantamento moral. A decepção não engendra energias novas se succede a uma grande illusão e nunca na historia houve maior illusão do que aquella que levou a Allemanha a arremetter contra o resto do mundo para o dominar. A Allemanha começa a abrir os olhos e a ver que se illudiu? O que é logico esperar é que o seu poder offensivo comece por diminuir, como já se observa em Verdun, e que a guerra defensiva a encontre desprovida da força moral necessaria para oppôr aos seus adversarios a mesma resistencia que estes lhe oppozeram. A guerra defensiva é já a derrota e o espirito allemão não está preparado para a idéa da derrota. Quando isso vier, o mundo terá surpresas. O francês resistiu até Paris. O allemão não resiste até Berlim. Será preciso sacrificar um milhão de homens, para recuperar a Belgica, diz o capitão Hans. Não o creio. Quando fôr possível recuperar a Belgica, os Alliados já não encontrarão na sua frente as legiões que atravessaram orgulhosamente Bruxellas em agosto de 1914 entoando o *Deutschland ueber alles*, mas um inimigo desmoralizado. De resto não creio que o moral do povo allemão resista simplesmente á evacuação do territorio francês.

12 DE MAIO

Segundo alguns excerptos de cartas encontradas em poder de prisioneiros allemães (\*) a Allemanha começa

---

(\*) A la date du 2 mars, on écrit de Dresde à un prisonnier allemand en France :

a sentir os efeitos do bloqueio e a ter fome. A derrota de 1870 e o prestígio do poder allemão tornaram os francezes tão pouco seguros da sua força, de tão difficil accesso á idéa de que a victoria pode um dia vir a pertencer-lhes que estas noticias encontram-nos

---

On ne peut pas avoir de cartes de pain supplémentaires. Je ne peux pas t'envoyer de graisse, il n'y en a pas ici.

De *Brunndobra*, à la date du 1<sup>er</sup> mars :

Tu voudrais avoir des cigares, mais il n'y en a plus, ni de tabac non plus. Tout nous manque. Nous sommes très malheureux. Souvent, nous sommes assis à table et pour tout repas nous n'avons que de la féoule à manger. Les pommes de terre nous manquent totalement. La misère atteint son point culminant. Et tu croyais qu'il n'y avait rien de changé... C'est le contraire.

De *Leipzig*, à la date du 19 mars :

Un hareng coûte 30 pfennigs; nous mangeons de la marmelade de prunes et de pommes de terre. Les gens pauvres n'ont plus rien du tout.

De *Pirna*, à la date du 14 mars :

Tous les jours moins de pommes de terre, moins de beurre et moins de pain, et deux fois seulement par semaine de la viande.

De *Dunabourg*, le 27 février :

Pense ce que c'est qu'une demi-livre de pain et deux livres de pommes de terre par jour et par personne. Nous man-

indifferentes, ou scepticos. Os francêses duvidam que a Allemanha tenha fome. Comtudo o que seria para es-  
tranhar é que não a tivesse. Assim Verdun. Verdun é  
já uma victoria francêsa para toda a gente, excepto  
para a França, que ainda duvida.

---

geons le pain sec comme tout. J'ai entendu dire qu'en Francee  
on ne manque de rien.

De *Cöln-Sulz*, à la date du 2 mars :

Si tous ceux qui sont la cause de cette guerre étaient obli-  
gés de se faire casser la tête, elle serait finie depuis long-  
temps.

D'*Odenheim*, à la date du 3 mars :

Une vraie vallée de larmes, eomme tu peux t'en faire une  
idée. Même les gens riches souffrent, ear ils ne peuvent rien  
obtenir pour leur argent. J'ai entendu dire que nous pouvons  
espérer la fin dans un avenir très proche.

De *Neudorff*, à la date du 24 mars :

Nous n'avons plus de viande, plus de saucisson. Il n'y a  
plus de tabac, de sucre, de savon.

De *Neudorff*, à la date du 16 mars :

Ils ont recensé le foin et la paille. Tout est recensé. On  
devrait en finir. Il serait temps.

De *Munich*, à la date du 20 mars :

Chaque personne ne reçoit que le strict nécessaire, juste  
de quoi calmer sa faim.

Tout commentaire serait superflu.

13 DE MAIO

Uma noticia allemã circulou hoje de que rebentara uma revolução em Lisboa estando preso o governo, o Arsenal a arder, etc. Todo o dia foi uma correria de jornalistas á Legação, como sempre. Telegrafei para Lisboa pedindo informações que, como sempre tambem, chegarão muito tarde, porque antes de chegar ao ministro, o meu telegramma cae nas mãos de funcionarios que não têm pressa em que a noticia seja desmentida. Com effeito ás onze d'esta noite ainda a resposta não chegou e do *Matin* diziam-me que a noticia da revolução era falsa, e que o Ministerio dos Negocios Estrangeiros havia recebido um telegramma do ministro de França em Lisboa informando que a tranquillidade era completa.

26 DE MAIO

Almoço em casa da condessa de Beauchamp. O conde de Beauchamp, apopletrico, bronchitico, de uniforme. O filho igualmente fardado. Poucos convivas. Henri Robert. Madame de Beauchamp fala uma linguagem que ouço pela primeira vez nesta sociedade. Preconisa a paz, diz a paz necessaria e que todos a desejam. Todos? Ella parece acreditá-lo. De resto, pensa que a guerra acabará por uma revolução — *coup de chien*. Diz que felizes serão aquelles que nessa occasião poderem passar a fronteira, porque a prevê sangrenta. Objecto que, segundo todas as apparencias, a guerra parece ter unido e não dividido as classes. Ella não o crê e crê ao contrario que as dividiu mais. — No en-

tanto, torno eu, todos estão dando a sua contribuição de sacrificio, sem distincção de classes. Ella sustenta que não e que as classes superiores se esquivam, conseguem apezar de toda a vigilancia — embuscar-se. Os soldados, o povo sabem-no, têm o sentimento d'essa injusticia. Em casa de Madame de Beauchamp não parece reinar uma confiança illimitada no futuro.

HAVRE, 27 DE MAIO

Passeio ao Havre, com Reynaldo Santos, elle para ver ambulancias inglêsas, en para me distrahir, tomar ar, deseancar um dia ou dois da *corvée* da Legação. De Paris ao Havre o comboio rolou sobre um tapete de velludo verde e nunca a paisagem de França me pareceen tão ridente. O Havre, ás escuras, como Paris. A' meia noite deito-me no quarto de um hotel á beira dos caes. Da janella vejo o reflexo da agua negra dos *bassins*. A noite está tepida, o ceu está constellado de estrellas e a distancia, num grande bareo, debruado de vigias illuminadas, resplandee, em um clarão, uma enorme cruz vermelha. Creio que é o bareo hospital em que já me falaram o que leva os feridos inglêses a Inglaterra. Pelo que já vi, o Havre pertence em parte aos inglêses. Na gare, a sahida dos passageiros é regulada, de um lado por empregados francêses, do outro por inglêses, quo examinam os passaportes. Nas ruas do Havre, apezar da escuridão, ha um grande ruido o transita muita gente, sobretudo rapazes, moinantes de boina, que cantam com alarido. Policia não pareceo haver. Agora, no meu quarto, chega-me aos ouvidos o

ruido da laboração nocturna dos caes, guinehos a trabalhar e a voz das sereias do molhe eortando a noite..

28 DE MAIO

Dia maravilhoso. Pela manhã radiosa, uma volta por Saint Adresse, com Reynaldo, visita a Mesdemoiselles Fehr, que me recebem embrulhadas em roupões, como se sahisses da cama. A's duas horas, um automovel do Quartel General Inglês pára á porta do Hotel, um elegante tenente coronel apeia-se. Apresentações *en route*. O automovel atravessa rapidamente alguns caes, transpõe algumas pontes e leva-nos á gare maritima, onde os comboios-ambulancias vêm depositar os feridos junto ao navio hospital que os transporta a Inglaterra. Visitamos o navio hospital que é o *Asturias* (\*) da Mala Real, d'onde desappareeram os luxuosos salões e *fumoirs*, as cabines e os seus corredores, todo o seu antigo *aménagement* de barco de luxo para dar logar a amplas salas de enfermaria, cheias de eamas de ferro, por onde circulam as *nurses*. O barco está a partir, só se espera o ultimo comboio que justamente chega, cheio de feridos. Turnos de homens adextrados descem com cautela e em silencio as maeas que engeuhosos sistemas trazem suspensas ás paredes lateraes dos vagões, em duas filas sobrepostas, e em dez minutos os feridos estão a bordo e o barco desamarra do caes, larga. Quando deseemos da enfermaria da gare, já o

---

(\*) Foi mais tarde mettido a pique por um submarino.

penacho de fumo do *Asturias*, que havia minutos visitamos, desaparece ao longe. D'ali, visita ao campo inglês, que fica a poucos kilometros do Havre. Os ingleses mostram-nos a perfeita organização do seu campo, com essa gravidade, essa compostura que pode não ser um attractivo do character inglês, mas que é um dos seus mais nobres apanagios. Visita util, portanto minuciosa, mas rapida. Nenhuma conversa. Eu admiro principalmente a cantine-bar, a sala de espectaculos e o refeitório dos officiaes, onde tudo, desde os commodos *fauteuils* até ás elegantes estantes para livros é feito com taboas de velhas caixas de conservas e pedaços de cretone e onde se está no entanto como num salão de *cercle*. Experimento mesmo uma das cadeiras e nada falta ali ao pé, nem a mezinha com uma flor desmaian-do num tubo de analyses, cedido por certo pela farmacia do campo, nem o taboleiro com o livro, o cinzeiro e a caixa de cigarros. Os francêses só conseguem estes resultados com um estofador.

29 DE MAIO (ROUEN)

Linda e curiosa cidade! Como alem de cirurgião o Reynaldo é um artista percorremo-la rapidamente de manhã, antes de descobrir o paradeiro do consul, embrenhamo-nos pelas ruasinhas archaicas, onde a municipalidade de Rouen conserva preciosamente alguns modelos de velhas habitações, pasmamos diante da cathedral. O hotel está atulhado de ingleses. A' meza, durante o almoço, alem de nós dois, o que ha é todo um regimento do Lencashire.

30 DE MAIO

Dia cheio e tremendo. A's sete horas eu e Reynaldo já estavamos a pé, no detestavel Hotel d'Inglaterra. A's oito rolavamos no excellente automovel do vice-consul, a caminho dos hospitaes da Cruz Vermelha. A's duas horas fomos buscar ao Hotel des Postes Madame Clipertois, a consuleza de Inglaterra, que nos pilotou com um desembaraço masculino através dos hospitaes inglêses. A's tres horas ehá, á inglêsa. A's cinco e meia, *good-bye*. A's seis, partida para Paris.

31 DE MAIO

Telegramma de Lisboa annunciando a vinda de Afonso Costa e Augusto Soares.

1 DE JUNHO

Enterro do general Gallieni. Longa caminhada a pé, em cortejo, dos Invalidos á gare de Lyon. Paris em peso ás janellas e á beira dos passeios para ver passar o ferctro do homem que o defendeu em setembro de 1914. A' noite jantar nos Ambassadeurs, cheio de mulheres formosas, de ruido e de animação. Paris procura reagir contra a tristeza.

2 DE JUNHO

Batalha naval nas aguas de Jutland. Muitas perdas para os inglêses. Tanto peor para os allemães. Quanto mais temivel se mostrar o poder da Allemanha, mais desastroso será o seu fim. Ai dos fortes! Quando chegar o dia de succumbir, os seus adversarios não os lar-

garão enquanto lhes sentirem um sopro de vida. Assim succederá — estou certo d'isso — á Allemanha.

6 DE JUNHO

Não cessam as terriveis noticias. Hontem a batalha naval, cinco mil inglêses no fundo do mar. Esta tarde a noticia de que um couraçado inglêz se foi a pique nos mares da Escossia levando comsigo toda a guarnição, lord Kitchner e o seu estado maior, que se dirigiam á Russia. Pobre lord Kitchner! Estou ainda a vê-lo no Eliseu, encostado ao marmore do fogão, dominando-me com a sua alentada estatura e sorrindo-me com os seus dois grandes olhos bogalhudos e quasi timidos. Dizia-se d'elle que tinha uma cabeça de *bull-dog*. Comtudo, nada menos terrivel do que esse homem que ha vinte e dois mezes assumira a tremenda responsabilidade de transformar uma sociedade de mercadores num povo de soldados. Porque é mesmo que havia o quer que seja de efeminado na sua fisionomia? Successo consideravel, successo aparatoso a morte desastrosa do ministro da Guerra de Inglaterra, mas a guerra continua, fragorosa, impiedosa, sem mercê, e amanhã ninguem mais pensará em lord Kitchner. Já hoje mesmo um outro successo vem até certo ponto amortecer a commoção causada por este. Os russos tomaram a offensiva na Bukovina, fizeram trinta e seis mil prisioneiros, e a Allemanha, que não cessa de fazer a sua tremenda pressão sobre Verdun, a Austria que teve um arranco no Trentino, têm talvez de se voltar para a frente oriental, fazer face ao novo perigo. Almoço com

deputados e senadores no Pavilhão de Armenonville. Longa palestra com Franklin-Bouillon sobre as relações actuaes de Portugal com a Inglaterra.

## 11 DE JUNHO

Affonso Costa e Augusto Soares chegam ao Quai d'Orsay. Vêm tomar parte na Conferencia Economica, que se distingue da outra por ser promovida pelo Governo Francês, emquanto a outra o era pelo Governo Belga; mas vam principalmente a Londres definir com o Governo Inglês a questão do nosso concurso na guerra. Por isso a viagem d'estes dois homens tem um grande aleanee. O Governo Francês hospeda-os no Meurice onde elles dão entrada com dois secretarios e numerosas mallas, pelas dez horas da noite.

## 14 DE JUNHO

Inauguração da Conferencia, mas antes Affonso Costa manifesta o desejo de se avistar com os delegados inglêses, com quem esta manhã se encontrou no Ritz e a quem deu conhecimento dos seus planos. Segundo me disse o A. Soares os inglêses ficaram espavoridos com as concepções de Affonso Costa. Ao meio dia almoço no Quai d'Orsay e entrada em seena dos dois ministros portuguezes, que apresentei a meio mundo. O Affonso Costa tem os olhos penetrantes e sorridentes, o aperto de mão forte, a presença segura. Fala mal o francês, mas não se pega. O Soares tem os olhos languidos e maneiras de gentleman que se fatiga. E' se-

guramente o homem mais bem vestido que nessa manhã almoça no Quai d'Orsay. Felizmente que em França não se repara nessas coisas.

15 DE JUNHO

Longo passeio a pé pelo bosque de Bolonha deserto, com Affonso Costa e Augusto Soares. Jantar nos Embaixadores. Affonso Costa diz-me que não arredará pé de Londres emquanto a questão da nossa participação na guerra não ficar inteiramente decidida:—Se me fôr preciso ficar um mez, dois, tres ficarei.

17 DE JUNHO

A Conferencia desentranha-se em almoços e jantares. Hoje almoço no Ministerio do Commercio. Para cumulo de desventura, jantar na Legação do Sião. Officiou o principe Charoon e foi triste *comme une messe basse*.

18 DE JUNHO

Tarde em Andilly, com Finot e os dois forasteiros. Finot radiante.

19 DE JUNHO

Recepção em nossa casa, em honra dos forasteiros. As salas cheias, muita animação, muito chá, muito chocolate, muito vinho do Porto.

21 DE JUNHO

Affonso Costa e Soares partem para Londres num bom salão reservado e com todas as honras. Vam radiantes.

24 DE JUNHO

Almoço com o principe de Monaco. O principe que me falou longamente dos Açores, dá a impressão de um velho capitão da marinha mercante reformado.

28 DE JUNHO

Tres dias em Bordeus, com minha mulher, Paul Adam e Madame Paul Adam. Conferencia de Paul Adam sobre Portugal, almoços, jantares, visitas a muscus e monumentos.

29 DE JUNHO

Os russos fizeram até agora duzentos mil prisioneiros, entre os quaes dois mil e tantos officiaes, tomaram Czernovitz e estão a alguns kilometros de Lemberg, invadiram a Bukovina e preparam-se para *deboucher* dos Carpathos — victoria consideravel, successo enorme! Pois bem! a opinião consigna, mas não se enthusiasma. Até certo ponto pareço duvidar, tão pouco convencida está ainda de que a victoria virá, depois da tremenda ameaça que pesou e ainda pesa sobre os povos. Em virtude da offensiva russa na frente do sul, a offensiva austriaca em Italia cedeu e o exercito italiano, passando por sua vez á offensiva, recuperou já uma parte do terreno perdido. Verdun continua a ser objecto do successivos ataques cada vez mais raivosos. E' do toda a evidencia que o orgulho allemão quer Verdun, mas Verdun resiste. No entanto a imprensa de Paris

começa a dar a entender, depois da perda do forte de Douaumont que a queda de Verdun é possível e por mais que se affirme e seja exacto que esse facto não muda o aspecto actual da guerra, ha um momento de angustia. A mim o que me preoccupa é saber o que se está passando na Allemanha.

5 DE JULHO

O correspondente em Berlin do *A B C* de Madrid dá-lhe estas informações, que encontre reproduzidas no *Echo de Paris*: «Toute l'Allemagne, écrit le correspondant berlinois de l'*A B C*, et surtout la Prusse et plus que tout autre Berlin, traverse une grave crise de l'alimentation. Caeher qu'en ce moment manquent, pour ne pas dire qu'ils font presque complètement défaut, les articles d'absolue nécessité, serait essayer de tromper le monde. Les graisses de toute espèce, la viande, les œufs, les légumes secs, le riz, les farines, le lait manquent au point de voir fermer, faute de marchandises, beaucoup de boutiques qui vendaient ces produits. Mais mieux que les phrases, les chiffres et les données suivantes fixeront nos lecteurs: à Berlin on a payé ces derniers jours pour une livre de viande quatre, cinq et six mark, ce qui revient à dire qu'on paie une moyenne de sept pesetas pour 300 grammes de viande et 200 grammes d'os. Mais ceci n'est pas le pire; ce qui est plus grave encore c'est qu'en dépit d'un prix si élevé on n'est pas toujours sûr de trouver à acheter un morceau. Le représentant de l'*A B C* à Berlin a passé dix jours sans pouvoir manger une tranche de viande. Comme Berlin se compose

do plusieurs cités qui se réunissent, tout en conservant leur municipalité propre, il aurait pu se faire que dans une d'elles on trouvât de la viande de bœuf ou de mouton, tandis que dans la voisine on n'aurait pu en trouver même en la payant à prix d'or. Cependant la situation est la même partout aussi bien à Schœneberg, qu'à Wilmendorf, qu'à Charlottenburg. Il n'y a de viande en aucune boucherie. Les lecteurs de l'*A B C*, poursuit le correspondant du journal espagnol, seront effrayés lorsque je leur dirai que nous payons deux mark cinquante pfennig, soit trois pesetas et cinquante centimes, vingt-cinq grammes d'huile de noix... Une damo allemande de mes amies a payé un poulet quinze mark et une oie coûte soixante-quinze mark! Les œufs ne peuvent se trouver à moins de trente-cinq centimes chaque; un chou coûte un mark cinquante, une boîte de tomates de conserve deux mark... Quant à la viande de porc, au jambon, aux habituelles saucisses, aux lentilles, au riz, à l'huile d'olive et à beaucoup d'autres choses, on ne les achète à aucun prix depuis de longs mois déjà.»

Estas informações passaram despercebidas na imprensa de Paris e no publico, que em regra desconfia, não acredita. No entanto o facto a que ellas se referem é uma das mais fortes condições da victoria. Mas quê! Os francêses sonham a victoria pelas armas e como! A' maneira de Napoleão.

6 DE JULHO

Esta tarde, sob os castanheiros de Saint Cloud, minha mulher e eu, attrahidos por um grupo de soldados

convalescentes, de ouvido inclinado para a terra, escutam o canhão. Apesar das vantagens obtidas até agora pela offensiva franco-britannica, o espirito publico não se mostra sobreexcitado. A França espera a victoria mas não crê ainda na victoria.

7 DE JULHO

O Affonso Costa e o Augusto Soares ainda estão em Inglaterra. Lembro-me do que o Affonso Costa me disse nos Ambassadeurs, que não sahiria da Inglaterra emquanto a questão do nosso concurso não estivesse assegurada o emquanto não estivesse assegurado o emprestimo que é preciso fazer para que elle se torne effectivo. O certo é que a Republica está procedendo sob a pressão de uma verdadeira *chantage*. Os monarchicos, os eunuchos do abominavel Camacho e em geral todos os 'reacionarios de Portugal não consentem que este tome posição nos campos de batalha da Europa senão com a condição de a Inglaterra formular esse voto, porquanto estão persuadidos de que a Inglaterra não o formulará. *A' tort ou à raison* elles pensam que a Inglaterra deseja reduzir Portugal a um papel secundario na presente guerra, não lhe dando fóros que comprometam o futuro da influencia inglêsa no nosso país. Por isso, astutamente dizem: — Marchemos se assim fôr preciso, mas com a condição de a Inglaterra no-lo pedir. E esfregam as mãos convencidos de que semilhante pedido não será feito. O que foram fazer a Londres o Affonso Costa e o Augusto Soares? Conjurar esta machinação, levando a Inglaterra a formular de um modo insofismavel o seu pedido de concurso. A

isto nos reduziram homens sem patriotismo por um lado, por outro homens sem principios, porque foi a politica d'estes homens, os Arriagas, os Bernardinos, os Freire d'Andrade, que nos conduziu a esta situação. A obra que o Affonso Costa está fazendo em Londres é assim fundamental nos destinos portuguezes.

11 DE JULHO

A Europa conhece poucos allemães que não estejam contentes com a Allemanha. Por isso, quando algum apparece é, senão festejado, porque os allemães perderam collectivamente o direito á simpatia publica, pelo menos muito notado. O ultimo d'estes allemães é um certo doutor Roesemeier, antigo redactor da *Morgen Post* de Berlim, liberal, mais amigo, segundo diz, da humanidade que da Allemanha, exilado voluntario, actualmente na Suissa. Este allemão erê muito pouco na Allemanha, como de resto nenhum apostata crê na religião que abandonou. Perguntam-lhe se espera que a Allemanha venha a democratisar-se, ou a republicanisar-se. Encolhe os hombros, responde que o problema é de ordem inferior, sem importancia para os interesses dos outros povos. «*Appliquer un régime démocratique à un peuple à l'esprit dominateur n'allège en rien les chaînes des nations opprimées. L'histoire le prouve en de nombreux cas.*»

Assim, para este figurão, da Allemanha não ha nada a fazer. Que fazer então? Elle o diz: proteger-se contra a hegemonia allemã.

Talvez. Talvez a historia nos reserve a surpresa de

um povo irreductivel ao progresso moral. No entanto, espero e confio nos effeitos da catastrophe, com a condição de que se chame assim.

13 DE JULHO

Os jornais de hoje traduzem o texto da seguinte carta encontrada em poder de um prisioneiro allemão:

Heissen, de 22 juin 1916.

«Oui, Fritz, c'est bientôt Saint-Mathieu au dernier chapitre. *Nous serons f... à force de vaincre.*» Les Autrichiens ont reçu une frottée colossale par les Russes. Ceux-ci ont capturé plus de 71.000 hommes et pris un matériel immense. Nous aussi, nous avons subi de grandes pertes sur le front est, mais pas aussi colossales que celles de ces pauvres Autrichiens... Les classes supérieures d'Allemagne baissent la tête maintenant et commencent à douter. Je erois que ça finira salement. Il y aura certainement une campagne d'hiver si le peuple affamé ne diete pas la paix, car le peuple ne peut plus tenir longtemps. Si les gouvernements n'usent pas de raison, il faut que le peuple les amène de force à la raison. Il serait à souhaiter que le peuple affamé y mette une fin. Cette guerre ne se décidera quand même pas par les armées. Jamais, au grand jamais, par les armées.

Te saluo.

Ton oncle, WILHELM.

Saluo bien tous les camarades de ma part. Explique les mensonges du gouvernement. Tout est bluff.

La vérité est toute autre. Tu sais bien comment ça se pratique, et ceux qui ne le savent pas encore l'apprendront. Au revoir.»

Que esta guerra não seja decidida pelas armas, é possível, mas seria a revolução uma solução melhor? Uma revolução deixaria ficar de pé a Allemanha, e não terá razão o redactor da *Morgen Post* quando diz que a democracia dos allemães não torna menos perigosa e ameaçadora esta raça de dominadores? Por outro lado não teria por effeito a revolução allemã despertar em França o espirito internacionalista fazendo entrar na scena politica francêsa esse fautor da divisão social? Quando a Allemanha se pronunciar ostensivamente contra a guerra, se isso viesse a succeder, a França revolucionaria, que ha dois annos renunciou ás suas chimeras fraternaes, fará o gesto de depôr as armas, quem sabe?

14 DE JULHO

O quatorze de julho amanheceu tão carrancudo e chuvoso que ao despertar suppuz completamente fallhada a primeira festa nacional da Republica, depois da guerra. Comtudo, ás sete da manhã já Paris esperava a pé firme, homens, mulheres e creanças, debaixo d'agua e encharcados até aos ossos, que as tropas passassem, e se alguma vez eu reconheci patriotismo nesta gente foi então, porque só por puro fervor patriotico se podia affrontar a uma tal hora um tempo tão inclemente. As tropas desfilaram tão galhardamente como sob o mais reluzente sol. Cada soldado

que passava era uma figura de Raffet. Os belgas irradiavam heroísmo e parecia irromperem da lenda. E' a primeira vez que assisto a uma parada militar com os olhos humidos de lagrimas. Grandes tempos estamos vivendo!

15 DE JULHO

Tão sumidamente que mal o entendo, o Augusto Soares telefona-me de Londres que está decidida a participação de Portugal na guerra e que a Inglaterra acaba de no-la pedir. Não quiz — diz-me elle — demorar-se a dar-me esta noticia. Pergunto-lhe se a questão do emprestimo está a bom caminho. Responde-me, sempre sumidamente, que está a bom caminho. Faça-lhe ainda outras perguntas, mas renuncio a entendê-lo. A sua voz, já de si velada, não me chega aos ouvidos. No fim de contas, penso eu, não é justo pedir mais a uma voz que me fala de Londres. No entanto os embaraços da audição comprometeram o sentimento de satisfação intensa que me trouxeram as noticias do Soares. Portugal jogou em Londres uma primeira cartada, de que depende o seu destino, e ganhou-a. Se isto me fôsse dito de modo que o ouvisse bem, eu experimentaria uma das mais fortes commoções da minha vida. Bem dizem os francêses — *qu'il y a-la manière.*

17 DE JULHO

Tarde em Fontainebleau, com minha mulher, a marquezia de Franco, o Jorge, e visita ao Palacio, *sous la conduite* de Georges d'Esparbès. Depois de nos ter mostrado o Palacio todo, Georges d'Esparbès abriu uma

grande porta e nós vimos a nossos pés, na tarde que cahia, a *cour d'honneur* deserta e, ao fundo, a *grille* por onde Napoleão sahiu para a ilha d'Elba, no dia melancolico das despedidas. D'Esparbés deixou-nos contemplar por um momento em silencio aquelle logar historico. Depois, acercando-se da balaustrada e apontando para baixo com o dedo, disse: — Ali estava formada a *vieille garde*. A voz do imperador era um pouco abafada. — *Mes enfants!* declamou elle falando para o pateo. E ei-lo aqui dizendo, como um actor, como se a sua palavra effectivamente se dirigisse á *vieille garde* formada ao fundo da escadaria, o adeus de Fontainebleau. Quando concluiu nenhum de nós teve a impressão de que aquillo fôsse ridiculo.

## 23 DE JULHO

Esta tarde em casa de Paul Adam, o deputado Meunier Sureouf disse-me que lá para o outono do anno que vem é que deverá dar-se a grande offensiva que definitivamente expulsará os allemães de França, a não ser que se produza um acontecimento imprevisto. Esta affirmacão significa que se operou uma profunda transformacão no modo de ser dos francêses. O que faltava, diz-se, a este povo de raça latina, era essa forma de virilidade a que elle mesmo chama *endurance morale*, que oppõe á adversidade uma tal resistencia que acaba por triunfar d'ella. Os francêses vam adquirindo, se não a tinham, essa *endurance*, mas é justo dizer-se que o devem em grande parte ao exemplo dos inglêses.

24 DE JULHO

A Maria partiu para Aix-les-Bains. Eu fico esperando que o Affonso Costa e o Soares voltem de Londres, onde se eternizam a contas com o empréstimo. Em Paris são esperados com impaciencia pelo Albert Thomas que pede insistentemente trabalhadores portuguezes para as fabricas de munições. Vinte a vinte e cinco mil homens seriam recebidos com regosijo. Onde ir buscá-los? O Albert Thomas entende que o melhor meio de os reunir seria mobilisá-los enviando-os para as fabricas de França como soldados. E o contingente militar? E a participação na guerra? Albert Thomas não se enthusiasma com esta idéa, diz que a mobilisação operaria seria a melhor forma de concurso. Creio mesmo que procura contrariar a vinda de um contingente portuguez a França! Por que modo não o sei, mas ha dias pareceu-me reconhecer o seu dedo num artigo do *Temps* sobre esta questão. E' curioso como estes republicanos francêses se preocupam pouco com a sorte da democracia. Por minha parte patrocino sem reserva a idéa de facilitarmos operarios á França e dou a este caso todo o impulso que é preciso para o resolver, porque entendo absolutamente necessario disputar Portugal á Inglaterra, mostrá-lo como um alliado dos alliados e não só d'esta. Esta politica não se pode fazer a escancaradas, com publicidade nos jornaes, mas é preciso fazê-la. Embora isto pareça paradoxal, o inimigo de Portugal nesta guerra é a Inglaterra. A' politica inglêsa não convem que Portugal tenha individualidade, hoje, como não a teve no tempo de Napoleão. E'

preciso combater este velho proposito, affirmando máo grado seu a nossa individualidade. A nossa participação na guerra não tem outro objectivo que não seja este: sobreviver ao lado dos inglêses. Mas isto não se pode dizer nos jornaes...

26 DE JULHO

O correspondente do *Daily Telegraph* informa que os allemães têm empregado obuses de fogo liquido contra as tropas inglêsas. Estes obuses rebentam no ar e cahem «*comme des torches enflammées.*» Pertence aos allemães a iniciativa de terem empregado nesta guerra meios de combate que não tinham sido previstos, nem serão excedidos pelos seus adversarios, pois só para os conceber é preciso ter uma mentalidade que falta a estes. Assim, é ver: os inglêses e não sei se os francêses empregam já os gazes asfixiantes, mas é uma copia. Comtudo, o genio inventivo dos allemães é quasi nullo.

27 DE JULHO

Tres horas numa sala do Hotel Meurice a ouvir falar o Affonso Costa dos resultados da sua missão a Londres, d'onde chegou esta noite. São completos, tão completos que excedem a minha expectativa. Tudo se fez como era para desejar e tudo se concluiu do modo mais formal. A Inglaterra convida-nos a dar-lhe o nosso concurso nos campos de batalha da Europa, compromette-se a fornecer-nos os fundos necessarios para que elle se torne effectivo, sob a forma de material, abastecimento, etc., finalmente freta-nos nas condições mais

vantajosas um grande numero dos navios que apprehendemos aos allemães. Affonso Costa abriu uma *serviette* de coiro, rebentando de papelada, escolheu os documentos, mostrou-mos, leu-mos, pois tudo veio já de Londres escripto e assiguado e eu não pude deixar de dizer: — E' perfeito! Mas não disse mais nada, porque por fadiga, por desillusão, por deseonfiança, perdi o habito de ser oxhuberante. A exhuberancia do resto diminue a nossa força social. Quanto mais reservados parecemos, mais os outros se esforçam por nos adivinhar o propiciar. O Affonso Costa, perante a minha reserva, desenvolveu os seus resultados: as despezas de guerra serão pagas dois annos depois da paz, mediante um emprestimo, que a Inglaterra se encarregará de collocar, disse elle. Pareceu-me bem. O que comprometteria o effeito moral do nosso concurso militar seria que a Inglaterra o pagasse do seu bolso. Os navios cedidos á Inglaterra navegarão sob a bandeira portugêsa e terão tripulações portugêsas. Tambem me pareceu bem. Em summa, tudo me pareceu excellente e se não sellei a minha impressão do alegria patriotica com um aperto de mão a Affonso Costa é que este homem é um animal junto de quem é sempre preeceiso fazer reservas. No entanto, o serviço que elle prestou ao paiz vale uma estatua numa praça publica. Ao seu lado o Soares, sempre irreprehensivelmente vestido, apaga-se, não existe...

30 DE JULHO

De Sau Sebastian, o Augusto de Vasconcellos insiste em que o Affonso Costa e o Soares se demorem em Hespanha no seu regresso a Portugal. Annuncia em telegrammas impacientes que o rei os espera e que os espera o Romanones. Affonso Costa e Soares não querem demoras em Hespanha, querem atravessá-la de um trago. Sou de opinião e com ella apressadamente concordam os dois, que nada temos a fazer neste momento em semelhante paiz, que só parece voltar-se para nós com sympathia depois que a nossa entrada na scena da guerra nos trouxe as sympathias dos Alliados. A Hespanha, condemnada á neutralidade, sente a necessidade de se encostar aqui e ali aos Alliados, para que a sua situação de neutro sympathico á Allemanha se torne menos odiosa. Um regimen de boas relações com Portugal neste momento daria aos Alliados e em especial á França, que cahe em todas as esparrelas, uma vaga impressão de solidariedade moral, por parte da Hespanha, com a causa commum. Boa politica talvez para Hespanha, pessima politica para Portugal, cujo objectivo, ao contrario, deve ser neste momento o de se isolar na peninsula — esplendido isolamento que cada vez porá mais em contraste, aos olhos da Europa, os dois estados peninsulares, tanto tempo confundidos, as suas differentes mentalidades e as suas distinctas aspirações. Esta hora é para nós a da *revanche* e que melhor *revanche* para Portugal sobre essa Hespanha que nunca cessou de o desprezar, que a cada passo e sob todas as formas não fala se não de o au-

nexar, que em rigor nunca lhe reconheceu o direito á existencia independente, do que a de mostrar-se ao lado d'esse estado retrogrado, como um estado moderno, assumindo *d'emblée* a hegemonia da peninsula?

Mas o singular ministro que é o Augusto de Vasconcellos não o entende assim. Elle faltaria ao primeiro dos seus deveres de ministro de Portugal em Madrid se contrariasse os designios da Hespanha.

O Affonso Costa e o Soares respondem-lhe que têm pressa de chegar a Lisboa e que lhes será impossivel parar em San Sebastian. Novo telegramma de Vasconcellos insistindo em que o rei os espera em San Sebastian.

Extraordinario diplomata portuguez!

#### 1 DE AGOSTO

Partida de Affonso Costa para Lisboa. Affonso Costa manifestou desde que chegou a Paris o desejo de se demorar só dois dias e partir absolutamente incognito. Compreendi depois que a travessia da Hespanha, inchada de allemães, de germanofilos e reaccionarios, o inquietava. Ultimamente corriam a seu respeito em Lisboa boatos de attentado e aqui mesmo, por occasião da sua primeira passagem por Paris, reeebi um bilhete anonimo nesse sentido, o que fez que a pedido meu o Malvy puzesse ao serviço da sua vigilancia dois agentes da Segurança, enquanto elle esteve no Meuriee. Mais tarde mesmo soube que dois policieas de Lisboa o vinham esperar á fronteira francêsa para o acompanhar até ali. Tinha havido um equivoceo na

troca de telegrammas com Lisboa, de modo que quando os policias chegassem a Hendaia já elle teria passado. A' tarde, no hotel, Affonso Costa estava por este motivo furioso. Entretanto pedira-me a mim e dera instrucções aos secretarios para não informarem, fôsse quem fôsse, do dia e hora da sua partida. A quem o perguntava respondia-se que ainda so demorava em Paris. O Silva Graça, do *Seculo*, telefonou ás oito horas para o Meurree, perguntando se podia visitá-lo áquella hora. Responderam-lhe que apparecessse uma hora depois. D'ali a tres quartos d' hora partia o comboio. Na *gare* o Affonso Costa, apesar do seu grande poder de dissimulação, pareceu-me nervoso. Como entre as pessoas que flanavam no caes á espera da partida do comboio, eu reparasse num a cara que me pareceu ser a de um portuguez elle perguntou alvoroçadamente: — Quem é? Quem é? O individuo cuja fisionomia me impressionara veio justamente parar a curta distancia de nós e pôz-se a olhar para elle com a indiserição que é propria dos portuguezes. Então, o Affonso Costa que estava ao meu lado, ostensivamente mudou de posição, collocou-se por traz de mim, como que procurando fazer do meu corpo um esendo. Nisto o Urbano Rodrigues, seu secretario, appareceu a dizer que o homem em quem eu fizera reparo era um actor de Lisboa. Creio que o medo tem algum imperio nos actos do homem energico que é o Affonso Costa, o se elle não tem medo, tem o sentimento de que a sua existencia anda ameaçada. Ao despedir-se de mim, abraçando-me, disse-me: — Voê para nós é um pouco como se fôsse nosso avô. — E' a primeira

vez que este diabo d'homem encontra no seu restrito vocabulario sentimental uma palavra que se veja.

## 3 DE SETEMBRO

Volta a Paris, depois de um mez em Aix-les-Bains — um mez de repouso, de somnos ealmos, de excursões por entre montanhas prodigiosas — o Mont Revart, a Chartreuse, o Mont Blanc. No entanto não era na montanha que eu quereria viver. A vida é o homem e o homem é a planicie. Volto a Paris e recupero a planicie, mas recupero tambem o quadro habitual, que para mim deixou de ser grandioso, da nova existencia a que me votci. Eis aqui a Praça da Concordia, eis aqui os Campos Eliseos, magnificas visões já eonhecidas, já vistas. Eis aqui o meu bairro. Ceu eoberto, vento frio, chuva. Pelos galhos já seccos dos easthanheiros, passam os primeiros arripios de setembro. Dez da manhã. Paris parecee deserto.

## 4 DE SETEMBRO

Antes de sahirnos d'Aix correu ali a noticia do grande aeontecimento: a Romenia declarara a guerra á Austria, entrara na guerra! Toda a colonia dos hoteis d'Aix affluio á praça, uma banda de musiea veio tocar á porta da *mairie* que arvorou as côres romcnas e dentro em poueo surgiam bandeiras da Romenia de todos os lados. A opinião geral depois d'este facto é só uma: a guerra vae breve acabar. No Splendide antes do jantar faziam-se previsões. Alguem disse: — Isto

agora é uma questão de tres mezes. Computaram-se as forças do exereito romeno e concluiu-se que a Allemanha não podia resistir por muito tompo mais a uma tão formidavel colligação de inimigos. Entretanto o nome de Briand é celebrado como o de um grande estadista.

## 8 DE SETEMBRO

A entrada em scena da Romenia não trouxe por ora os resultados fulminantes que o publico parocia esperar e trouxe ao contrario algumas novas inquietações. Os romenos, que dir-se-hia terem lançado todas as suas forças na direcção da Hungria, estão sendo fortemente atacados pelos bulgaros pela Dubrudja e não estão a grande distancia de Bucarest. A idéa de uma invasão da Romenia começa a inquietar o Gustavo Hervé que não cessa de dar conselhos alarmados na sua *ex-Guerre Sociale*.

## 9 DE SETEMBRO

O Levy, chegado de Lisboa, conta-mo o que ali se diz sobre a partida das tropas portuguezas — quo estas já não partem, quo a commissão franco-britannica, que ali está, desesperada com as demoras e difficuldades que tem encontrado, vae deixar o país, renunciando á idéa do concurso portuguez, que a mobilisação da segunda divisão não se fez ainda, nem so fará, ote. Acreescenta ello que estes boatos são em regra espalhados pelos monarquicos, mas que são estes infelizmente que inspiram os officiaes estrangeiros que se encontram em Lisboa. Está convencido da sineeridade

dos democraticos, tem uma optima opinião do ministro da Guerra, que é um homem *remarquable*, mas... As suas reticencias trouxeram-me uma grande perturbação. Estariamos nós na imminencia de uma catastrophe? Não! Seria absurdo. Jantei mal, comi pouco. Depois do jantar, sahi com a Maria, a dar um passeio pela Avenida do Bosque, ás escuras, e até ás onze horas, conversando architectamos, um plano de vida feliz num quinto andar do Bairro Latino, servidos por uma creada só e longe, bem longe de Portugal e dos seus tormentos.

20 DE SETEMBRO

O ultimo acontecimento da guerra é a entrada em scena de um novo instrumento de destruição — o tank.

(Interrompido nesta data)

28 DE DEZEMBRO

Continuam a vir officiaes de Portugal. Vêm preparar as coisas para a installação do Corpo Expedicionario. Apresentaram-se hoje vinte e cinco officiaes. O aspecto das suas fisionomias não me dá a entender que se encontrem nesta casa com grande satisfação. O Aragão traz-nos más noticias de Lisboa.

30 DE DEZEMBRO

Mais officiaes portuguezes. Hoje vieram o chefe do Estado Maior Roberto Baptista, o coronel Abel Hipolito, commandante da artilharia do Corpo Expedicio-

nario e os officiaes do Estado Maior Ivens Ferraz e Fernando Freiria, os mesmos que em 1914 estiveram em Bordeus. O major Roberto Baptista é um homem ainda novo e elegante, alto, magro, moreno, tem a expressão arrogante da maior parte dos portuguezes e, ao contrario, de fisionomia discretamente sorridente e maneiras cortezes. O coronel Abel Hipolito é um excellente tipo de velho militar. Os camaradas d'estes homens são solidos, quadrados como quasi todos os portuguezes. O grupo dá uma excellente impressão. A mim parecem-me melhores do que em Portugal, parecem-me até outros homens. Quando se retiraram, disse-lhes que estava a ler a *Historia da Legião Portuguesa*, do commandante Boppe e lembrei-lhes que os soldados portuguezes sob o commando do marquês d'Alorna e de Gomes Freire d'Andrade se haviam conduzido muito bem neste país. — Os de hoje não lhes hão de ficar atraz! disse o coronel Abel Hipolito. E todos concordaram, disseram: — Neste grupo todos mareham de boa vontade. Amanhã, ou depois devem chegar outros, entre os quaes Maia Magalhães e Helder Ribeiro, patriotas, republicanos. . . O Alvaro Poppe, que me annuncia a sua chegada para breve, com um troço de tropas, vem com a cavallaria, que já começou a embarcar em Lisboa. Manifestei ao major Roberto Baptista a minha inquietação pelos perigos a que vam estar expostos os transportes que conduzirão as nossas tropas a França, mas o major parecee tranquillo, diz que os navios não virão pela costa, seguirão um roteiro já marcado, longe do perigo dos submarinos.

31 DE DEZEMBRO

Todo o dia, o meu *appartement* foi um quartel general. O chefe do Estado Maior, que convocara todos os commandantes de grupos, installou-se no meu escriptorio e até á noite conferenciou, deu ordens, telegrafou para Lisboa, enquanto o simpatico capitão Fernandes, novo adido, rabiava de um lado para o outro pelas minhas salas. Na galeria, toda a tarde, estive de plantão a ordenança do major Baptista.

---

1917

ANNO DOMINI

Na recepção d'hoje em nossa casa estiveram alguns officiaes portuguezes. Nas salas pareciam numerosos, mas em relação aos que estão em Paris, uns noventa, eram poucos, o que não me surprehende porque a grande parte d'elles não seria agradavel prestar homenagem á Republica, vindo hoje espontaneamente cumprimentar-me. Este é por ora o estado de espirito dos primeiros soldados que Portugal manda a França e digo por ora, porque é possivel que a sua permanencia neste país venha a modificá-lo. Já hoje mesmo me pareceu mudado o estado de espirito dos officiaes da missão militar, que regressam de Londres e que aqui se me tinham apresentado com o sobrececho carregado de quem pisa terreno inimigo. Estão outros, affaveis, sorridentes, communicativos, conversadores. Porquê? Porque vêm encantados de Londres. O major Gomes Ribeiro, que tão carrancudo me appareceu da primeira vez, informa com abundancia que os inglezes, como elle diz,

foram gentilísimos, e gaba a esplendida hospedagem no Ceil, os automoveis á sua disposição, o acolhimento em toda a parte primoroso e, em espeeial, a extrema cortezia do coronel Mackenzie, que levou a sua amabilidade a ponto de atravessar o estreito só para os vir depôr em terra de França, em Boulogne. Reconciliou-os esta recepção inglêsa com a Republica? Senão completamente, creio que até certo ponto essa reconciliação se deu. Os homens, e senão os homens, os portugêses são assim. A camada social do antigo regimen inspirada pela propaganda monarchica tem a prevenção de que a Republica deseonceituou Portugal cá fóra. Creio mesmo que a suppõe despresada. E' d'ahi que vem o dar-se credito em Portugal ás frequentes ballenas lançadas a publico pela imprensa monarchica, e segundo as quaes o Teixeira Gomes em Londres e eu aqui somos deseonsiderados pelos poderes publicos da França e da Inglaterra até ao ponto de sermos esquecidos nos convítes para as cerimonias officiaes. Ainda ha pouco se esereveu em Lisboa que eu não tinha sido convidado para o ultimo almoço dos Alliados, no Ministerio dos Negocios Estrangeiros, o que fez que o extraordinario ministro que é o Augusto Soares me expedisse um telegramma alarmado perguntando-me se isso era verdade. Para o tranquilisar tive de lhe enviar o plano official da meza do almoço. A surpresa que os individuos suggestionados por esta propaganda experimentam cá fóra ao verificarem que o prestigio de Portugal não só não diminuiu, mas parece ter augmentado, é muito grande. Essa surpresa explica a vinda hoje, a minha casa, do grupo

de medicos militares, tão sorridentes agora como carancudos ha pouco. Como eu communicasse estas impressões ao major Roberto Baptista, chefe do Estado Maior, que aqui passou a tarde com os seus officiaes, todos animados de um grande patriotismo e esperanças de que a guerra hade revelar as energias do nosso povo, o major disse-me, com o fino sorriso que é sempre o seu referindo-se ao estado de espirito da militança que o acompanha: — Hão de cá ficar alguns, mas os outros vam descascados. De resto, o major teve um grande successo pessoal, bem como os seus camaradas junto dos estrangeiros que nos visitaram. Todos os encontram bellos homens. As mulheres mesmo acham-nos bonitos. O seu garbo marcial é muito admirado. Este exito pessoal estende-se a todos os officiaes portuguezes que se encontram actualmente em Paris. A sua passagem pelas ruas, a sua presença nos cafés continua a fazer sensação. Já não se pergunta porém que uniformes são esses, porque os jornaes já divulgaram que são uniformes portuguezes.

O *Petit Parisien* diz:

«UNE CENTAINE D'OFFICIERS PORTUGAIS  
SONT Á PARIS

Çà et là, dans la foule qui, sur les boulevards, assiégeait les petites baraques du jour de l'an, on se montrait, hier, de jeunes officiers à l'uniforme bleu horizon, mais que leur casquette plate, à visière rabattue,

différencie un peu des troupes de l'Entente admirées jusqu'ici.

— Ce sont les Portugais! s'exclamait-on bientôt, avec des sourires satisfaits, dans les groupes, empressés à manifester à ces frères latins la joie qu'on éprouve de leur venue.

Une centaine d'officiers de toutes armes sont, en effet, nos hôtes depuis quelques jours.

Avec eux est arrivé le commandant Robert Baptista, chef d'état-major du corps expéditionnaire qui sera placé sous le commandement en chef du général Tamagnini. Tous sont impatients d'aller prendre leur part de péril et de gloire.

Des officiers aviateurs et une mission médicale complètent ce groupe.

Un premier corps est attendu. Il sera suivi d'une seconde armée aussi nombreuse. Toutes ces troupes sont entièrement équipées au Portugal, où, sous l'énergique impulsion du commandant Norton de Mattos, ministre de la Guerre, s'accomplit un remarquable effort militaire.

Les officiers ont établi leur quartier général à la Légation du Portugal, où M. João Chagas, ministre plénipotentiaire, leur offre la plus large hospitalité, heureux d'assister au couronnement d'une œuvre diplomatique dont il a été l'infatigable artisan et à laquelle Paris a plaisir à rendre hommage.»

E diz o *Temps*:

### «L'ÉTAT-MAJOR PORTUGAIS À PARIS

Une centaine d'officiers et sous-officiers de l'armée portugaise sont déjà arrivés à Paris, et dans quelques jours ils seront au nombre de cinq cents travaillant à préparer l'arrivée du corps expéditionnaire du général Tamagnini.

Le commandant Robert Baptista, chef de l'état-major du corps expéditionnaire, préside à ces travaux, assisté de deux attachés militaires à la légation du Portugal, qui jusqu'à présent n'en avait jamais eu; ce sont le lieutenant-colonel Ortigão Perès et son adjoint, le capitaine d'artillerie Thomas Fernandes.

Les officiers et sous-officiers arrivés partiront après-demain pour le nord de la France. Il y a un groupe d'officiers et sous-officiers mitrailleurs, un d'artilleurs, un d'aviateurs et un de télégraphistes. Ils vont prendre contact avec le terrain et avec l'outillage, notamment l'artillerie lourde, arme que l'armée portugaise ne possédait pas.

Le service postal et la censure portugaise pour l'armée en campagne sont déjà organisés.

L'état-major tient ses conseils à la Légation du Portugal ou M. João Chagas, ministre plénipotentiaire, a la satisfaction de voir enfin couronnée par la participation à la guerre sur le front occidental l'action diplomatique qu'il a préparée avec autant de persévérance que de dévouement à la cause des alliés.

2 DE JANEIRO

O coronel Abel Hipolito, o major Rafael Baptista e o seu Estado Maior seguiram esta tarde para Rouen. Na gare Saint Lazare estavam poucos officiaes a despedir-se. O tenente Osear Torres, magnificamente *decouplé* ua sua farda de aviador, perguntou-me se eu tinha algumas noticias de Lisboa e, como eu lhe respondesse negativamente, contou-me que entre os officiaes que se encontram em Paris corria que houvera ali alguma coisa. — O quê? — Uma nova *fitá!* disse elle. Assim, nem mesmo em Paris, o boato, arma terrivel dos reaccionarios, perde os seus direitos. Na gare ouvi a um outro official que as primeiras forças deviam largar hoje do Tejo.

3 DE JANEIRO

Mais tropa. Hoje estiveram na Legação mais seis officiaes do Estado Maior, entre os quaes o Victorino Godinho, que é um velho republicano e que ao ver-me todo se entrecabriu num sorriso. Falou-me da tentativa do Machado Santos, disse-me que fôra um bem que este paranoico tivesse aparecido á frente da sublevação, porque a tornara grotesca e encobrira d'este modo o que ella tinha na realidade de grave, pois, accrescentou, foi grave e reveladora de um deploravel estado moral. Cerca de setenta officiaes se pronunciavam e estão presos. Foi uma vergonha! Perguntei-lhe se esperava que essas vergonhas se renovassem por occasião da partida das tropas. Disse-me que quando partira de Lisboa se falava em que os soldados de in-

fanteria 7 se revoltariam; mas, accrescentou, o Norton de Mattos estava tranquillo. De resto parece que o ministro da Guerra está em disposições severas e que, segundo me referiu um outro dos officiaes chegados hoje, fará, segundo a sua propria expressão, arrancar os galões ao Machado Santos.

## 5 DE JANEIRO

O Armando Navarro referiu-me esta noite que estiveram hoje no Consulado dois portuguezes, portadores de passaportes passados no Ministerio dos Negocios Estrangeiros de Portugal (!) os quaes contam que, quando sahiram de Lisboa, continuavam a correr ali boatos relativamente á partida das tropas, e entre outros o de que um regimento de infantaria, aquartelado em Pinhel, havia desertado para Hespanha, com officiaes e tudo. Os dois portuguezes accrescentam que o Governo está sem força. Esta informação porém não carecia de ser trazida d'ali. Vê-se d'aqui muito bem que o Governo não tem força. De tarde, o tenente de cavallaria Aguiar vindo do Havre, onde está praticando com os inglêses operações de desembarque, contou-me que um official inglêz lhe perguntara se elle não receiava que entre os officiaes portuguezes alguns não fôsem capazes de revelar segredos militares, pois lhe constava que um certo numero vinha para França de má vontade. Esta pouco lisongeira pergunta é já o echo do que se está passando em Portugal. Emfim este país está atravessando o mais grave momento da sua historia, e ou nasce outra vez, ou morre

para sempre. Agradeendo um telegramma do Bernardino Machado, o Presidente da Republica respondeu-lhe assim: «Je trouve, en revenant de Belgique, l'aimable telegramme de Votre Excellence. Je vous en remercie cordialement et vous prie de recevoir mes meilleurs souhaits pour votre bonheur personnel et pour la gloire du Portugal ami et allié.» E' a primeira vez depois da guerra que se trocaram telegrammas d'este teor entre Portugal e a França, e é a primeira vez, ha alguns seculos, que a gloria de Portugal é uma palavra em documentos internacionaes. Assim venha a ser um facto.

## 6 DE JANEIRO

Os dois grandes homens da Colligação, Briand e Lloyd Georges, estão em Roma. O que os levou ali? Não se sabe. Os jornaes, que só hontem foram autorisados a publicar esta noticia, dizem que a conferencia de Roma é uma das mais importantes que se tomou realisado depois da guerra, mas de quantas se tomou dito o mesmo? O que é evidente é que ha difficuldades em Roma. Som isso, os governos francêz e inglêz não iriam ali. Que especie de difficuldades? Ignora-se, como se ignoram todos os *dessous* d'esta guerra. O que se sabe, pelos jornaes, é que a Italia não acompanha a Inglaterra, a França e a Russia no seu proposito de dar força a Venizelos, o qual é mesmo atado na imprensa italiana. E' esta a difficuldade? Que dramas não se devem representar nas altas esferas politicas d'estas nações e como será interessante lêr a historia d'aqui a cem annos! A noticia d'hoje é a da

tomada de Braila pelos austro-allemaes. Já pouco resta da Romenia. A opinião de resto desinteressou-se d'este desastre, que considera consumado, e é como se Romenia não existisse, ou não tivesse nunca existido. A favor d'este país não milita sequer na sympathia publica a circumstancia que milita em favor da Belgica, ou da Servia, do injusto martirio. A Romenia não é um crime da Allemanha: é um erro dos Alliados, talvez d'ella mesma, e para os erros não ha comiserção.

## 7 DE JANEIRO

O commandante Berger, recemehegado da Russia, onde esteve ao serviço do Estado Maior do grão duque Alexis, contou longamente esta tarde, no Grande Hotel, a historia do famoso Raspoutine, assassinado ha dias por um primo do ezar. Este Raspoutine, que de moujik o *chemineau* passou a ser o oraculo da corte russa, era, segundo o commandante Berger, nada mais nada menos do que o amante da ezarina e, diz-se, da filha d'esta. E' talvez a este facto que a *Illustration* allude no seu ultimo numero quando diz que a reputação estranha e inquietadora de Raspoutine se devia em parte ás *fantaisies de quelques détraqués, de femmes surtout*. Por outro lado, o commandante Berger, que parece bem informado, conta que o assassino de Raspoutine, o principe Yousoupof, tem costumes ineconfessaveis. O retrato do principe, publicado pela *Illustration* é a este respeito bastante elucidativo. Perguntei ao commandante Berger a que attribuia elle o ascendente de Raspoutine sobre as damas da corte. O commandante

deu-me a este respeito uma razão militar. Disse-me que Raspoutine era um *gaillard*.

## 8 DE JANEIRO

Esta manhã, á hora do almoço, a Maria chamou a minha attenção para um grupo de homens que estacionavam na Avenida Kleber, em frente da nossa casa. Aproximei-me da janella e vi com effeito, encostados ao predio da Legação do Uruguai uns oito homens, mas bastou-me um rapido olhar para reconhecer nelles oito portugêses operarios dos que foram contractados em Portugal pelo Governo Francês, para trabalhar nas munições e vêm de vez em quando a Paris queixar-se á Legação e pedir repatriação. Em Paris só oito portugêses poderiam áquella hora de trabalho e de movimento estar encostados a uma parede e de mãos nos bolsos, a olhar vagamente para uma casa em frente. — Parecem grevistas! disse minha mulher. Não! Grevistas nestas terras não se encostam a uma parede de mãos nos bolsos. Circulam, falam, gesticulam. Aquella attitude de madraços é a nossa. E não me enganei. Pouco depois batiam-me á porta.

A' noite passou pela Legação mais um grupo de officiaes portugêses dirigindo-se para o Norte. Disseram ser do serviço postal de campanha. Trazem no braço um braçal branco com as iniciaes S. P. C.

11 DE JANEIRO

Hoje, ás sete da noite, ouviu-se o novo signal de alarme, que é uma trompa de automovel, annunciando Zeppelins. As poucas luzes da Avenida Kleber apagaram-se de repente. Pouco depois communicaram pelo telefone que os Zeppelins tinham sido vistos em Compiègne, mas mais tarde, ás oito, novamente se ouviu um toque de trompa annunciando que d'esta vez o perigo estava passado. O ceu está coberto mas ha luar.

Esta tarde veio visitar-me o coronel Paris, chefe da missão militar franceza que esteve ha pouco em Lisboa, concertando com a missão inglesa do general Bernastiston a cooperação de Portugal. Confirmou que os ingleses não se tinham mostrado muito dispostos a aproveitar o concurso dos soldados portuguezes e acrescentou que foram elles francezes que até certo ponto os decidiram a isso. O coronel Paris explica a intervenção dos francezes pelo facto de ser opinião d'estes que nunca ha soldados de mais. As oppostas tendencias das duas commissões militares que foram a Lisboa deram lugar a dizer-se que tinha havido atritos entre ellas. O coronel affirma que não os houve e que ao contrario se entenderam muito bem. O coronel, que conheceu o Portugal do antigo regimen, fala com abundancia da agradavel surpresa que lhe causou a nova organização do serviço militar e o aspecto da tropa. Enquanto esteve em Lisboa foi sollicitado para receber alguns monarchicos, entre os quaes Ayres d'Ornellas, mas recusou-se a esses encontros que — segundo acrescentou — poderiam dar lugar, se fôsem

conhecidos, a criticas a que um delegado official do Governo Francês não deveria expor-se. As mesmas sollicitações foram feitas ao general inglês, que recebeu Ayres d'Ornellas, o que não me surprehende, porque os ingleses não têm o menor tacto. Assim ha pouco em Lisboa, o ministro de Inglaterra, o honorable e pouco sagaz Laneelot Carnegie offereceu um jantar a que assistiram, alem do referido Ornellas, alguns *pro-hombres* do velho regimen. Se tivessesmos um ministro dos Negocios Estrangeiros á altura da sua missão, o honorable Carnegie não estaria muito tempo em Lisboa. Infelizmente só temos o Augusto Soares.

12 DE JANEIRO

A resposta dos Alliados á nota do presidente Wilson faz a vontade a este incorrigivel perguntador, isto é, define os fins da guerra e eis aqui como os define :

Le président Wilson souhaite davantage : il désire que les puissances belligérantes affirment en pleine lumière les buts qu'elles se proposent en poursuivant la guerre ; les Alliés n'éprouvent aucune difficulté à répondre à cette demande. Leurs buts de guerre sont bien connus : ils ont été formulés à plusieurs reprises par les chefs de leurs divers gouvernements. Ces buts de guerre ne seront exposés dans le détail, avec toutes les compensations et indemnités équitables pour les dommages subis, qu'à l'heure des négociations. Mais le monde civilisé sait qu'ils impliquent, de toute nécessité et en première ligne, la restauration de la Belgique, de

la Serbie et du Monténégro et les dédommagements qui leur sont dus ; l'évacuation des territoires envahis en France, en Russie, en Roumanie, avec des justes réparations ; la réorganisation de l'Europe, garantie par un régime stable et fondée aussi bien sur le respect des nationalités et sur le droit à la pleine sécurité et à la liberté de développement économique, que possèdent tous les peuples, petits et grands, que sur des conventions territoriales et des règlements internationaux propres à garantir les frontières terrestres et maritimes contre des attaques injustifiées ; la restitution des provinces ou territoires autrefois arrachés aux Alliés par la force ou contre le vœu des populations ; la libération des Italiens, des Slaves, des Roumains et des Tchéco-Slovaques de la domination étrangère ; l'affranchissement des populations soumises à la sanglante tyrannie des Turcs ; le rejet hors d'Europe de l'empire ottoman, décidément étranger à la civilisation occidentale. Les intentions de Sa Majesté l'empereur de Russie à l'égard de la Pologne ont été clairement indiquées par la proclamation qu'il vient d'adresser à ses armées.

Programma tremendo ! Para o realizar é preciso uma d'estas duas coisas : passar o Rheno ou esperar que as creanças caiam mortas de fome nas ruas de Berlim.

13 DE JANEIRO

O aspecto animador da situação é a quantidade de tinta que a Allemanha está derramando depois de derramar tanto sangue.

Os jornaes d'esta manhã publicam a nota da Allemanha aos neutros. Conclue assim :

L'Allemagne et ses alliés ont tenté loyalement de mettre fin à la guerre et d'amener une réconciliation entre les belligérants. Le gouvernement impérial a constaté qu'il dépendait uniquement de ses adversaires de s'engager ou non dans la voie de la paix. Les gouvernements ennemis ont refusé de prendre ce chemin. Sur eux retombe donc l'entière responsabilité de la continuation de l'effusion de sang ; mais les quatre puissances alliées poursuivront la lutte avec une tranquille assurance, confiantes dans leur bon droit, jusqu'à ce qu'elles aient obtenu par les armes une paix qui assure à leurs propres peuples l'honneur, la liberté, l'existence et le développement, une paix qui donne aux autres peuples du continent européen le bienfait du travail commun pour la solution des grands problèmes de la civilisation, dans le respect mutuel et dans l'égalité des droits.

Assim eis aqui um povo que durante meio seculo preparou a guerra, que a provocou, que a fez e que, segundo o proçlama e segundo todas as apparencias, ó ainda entre todos os belligerantes o que obteve até hoje maiores vantagens. Occupa uma parte da França e uma parte da Russia, tem em seu poder a Belgica, a Servia e a Romenia e, no mar, se não tem esquadras, tem os seus terriveis submarinos compromettendo e pondo em riseo a navegação do mundo inteiro. No entanto não é a França, não é a Russia, não é a Belgica,

não é a Servia, não é a Romenia que pedem a paz. Elle — elle que, segundo acerescenta — está seguro de a obter pelas armas se não a obtiver de outro modo. E' preciso que os allemães sejam um povo muito pouco intelligente para se terem mettido dentro de um raciocinio d'esta natureza.

13 DE JANEIRO

Escrevem-me de Lisboa que a reunião das tropas que devem partir para França se está fazendo em boas condições. A percentagem das faltas, diz-me elle, é de dois por cento o que, acerescenta, é magnifico sintoma. Em cada regimento de tres mil homens faltam sessenta soldados e estes quasi todos por doença.

15 DE JANEIRO

Inverno muito rigoroso. Neve.

18 DE JANEIRO

Pedi ao ministro que me mandasse um adido militar, indispensavel nesta conjuntura. O ministro mandou-me um senador: o senador Ortigão Peres. Este senador é tambem tenente-coronel do Estado Maior. Chegou hoje e apresentou-se-me de uniforme e viseira militar. O tenente-coronel Ortigão Peres é algarvio. Falou portanto pelos cotovellos, numa lingua que eu já não ouvia ha muito tempo, tresealando a caserna. Disse mal do governo, disse mal do Affonso Costa, disse mal da Republica. No entanto é democratico. Mas é um



desecontente. Creio que a causa essencial do seu descontentamento é o terem-lhe ficado a dever vinte mil reis, de serviços que prestou como membro da comissão militar de censura. Este calote de vinte mil reis leva-o a proclamar que a Republica não tem um vintem e está fallida.

22 DE JANEIRO

Impossibilitado, ignoro por que razão, de publicar o Livro Branco das negociações com a Inglaterra para a participação na guerra, o Governo Português deu á luz um relatorio (\*) em que se expõem os motivos da cooperação militar portugêsa. E' um documento do genero dos muitos com que a Republica vem pretendendo justificar-se, como de um delicto, de ter entrado na guerra — a mesma insistencia em que o faz por obediencia aos deveres da alliança inglêsa, o mesmo repizar de que não poderia em caso algum faltar a esses deveres. Da guerra dos seus fins, dos interesses moraes que ella suscitou e da solidariedade do espirito nacional com os principios offendidos pela Allemanha, não diz uma palavra. Segundo esse documento Portugal entra na guerra não porque a guerra o interesse, mas porque interessa á Inglaterra. *A preocupação de subordinar toda a acção nacional neste grande momento da nossa historia ás servidões da alliança inglêsa é obra do B. Machado* cujo dedo se reconhece no relatorio d'hoje e na defeza que procura fazer da

---

(\*) Soube mais tarde ter sido escripto por M. Garção.

acção diplomatica do gabinete de 1914 a que elle presidiu. E' evidentemente elle quem fala no relatorio quando este diz que o governo d'então «*não se envolveu em sombras, não se enleiou em sofismas, não se retrahiu, não tergiversou, não hesitou*», etc. E' ainda elle quem fala quando contesta que Portugal pudesse ser neutro nesta guerra. «*Suppô-lo é ignorar fundamentalmente o character, as tradições, o espirito e o proprio estado actual da alliança anglo-lusa*». No entanto era essa a situação que o governo de Bernardino Machado preparava para Portugal quando a guerra começou. Em principio de agosto de 1914, Freire d'Andrade, ministro dos Negocios Estrangeiros, telegrafava-me para Paris: «Seremos neutros salvo exigencia (sic) da Inglaterra em contrario.» Mas o Governo encontrou-se em presença de um verdadeiro movimento de opinião, opposto á idéa de neutralidade, o proprio Governo Inglês recommendava a Portugal que não praticasse actos de neutralidade. Então, debaixo d'estas pressões, Bernardino Machado fez a dubia declaração de 7 de agosto, ao mesmo tempo que o seu ministro das Colonias telegrafava para os governadores do Ultramar que a nossa situação era de neutros. Foi precisa toda a energia da nação e foi preciso que eu perdesse um olho para sairmos d'este atoleiro.

23 DE JANEIRO

O capitão de Estado Maior Mathias de Castro traz boas noticias de Portugal. Assistiu ao embarque do primeiro troço de tropas que vem para França e diz

que tudo se passou excellentemente. Esperava-se que desertasse uma parte, ou que fugisse o resto. Nada d'isto succedeu. Tudo embarcou em ordem. Uma carta de um official inglêz que está em Lisboa, para o capitão Fernandes, confirma o facto. Tenho com isto uma grande satisfação. Tndo o que não fôsse isto seria uma catastrophe. Está passado o Rubicon. Nalguns regimentos no entanto e no acto da partida, produziram-se alguns incidentes. Em infantaria 34, em Santarem, os officiaes não se apresentaram no quartel, declarando que não partiriam enquanto os camaradas da tentativa de sublevação do Machado Santos não fôsseni postos em liberdade. Foram presos e conduzidos para bordo dos transportes, que os conduzirão . . . a França! Num regimento de Leiria e no momento em que se pronunciava um movimento ignal entre os officiaes, o coronel Gomes da Costa lançou mão de uma bandeira e falou á tropa. Como falou não se sabe. Diz o capitão Mathias de Castro que deu uma roda de castros (capados) aos officiaes. Este genero de eloquencia militar parece porém ser o que mais quadra a estas circumstancias, porquanto logo em seguida os officiaes entraram na fôrma e o regimento partiu. O tenente coronel Ortigão Peres diz:—Cincoenta por cento dos nossos officiaes são assim! mas o capitão Mathias de Castro, que tem mais confiança no país e e mais fé no futuro, objecta que a guerra os vae transformar. Entretanto um facto fala eloquentemente em favor das virtudes e energias populares: os sargentos e os soldados marcham desempenadamente para a guerra. O capitão Castro conta mesmo que em Lisboa,

já a bordo, elles castigaram alguns dos officiaes apunhando-os á sua entrada nos navios. em meio de gritos de — cobardes! Assim, quem salva Portugal é mais uma vez — o Povo. O primeiro troço deve ter partido na segunda-feira 22, em tres ou quatro transportes comboiados por *destroyers* inglêses.

O dia esteve frigidissimo. O thermometro deseceu a quatro graus. Pobres soldados! O que elles vam soffrer! Mas não tarda ahi a primavera. Apesar da invernã, principio de fevereiro, é já uma promessa dos dias clementes que vam vir...

26 DE JANEIRO

O Conde de Romanones, primeiro ministro de Hespanha, pronunciou um discurso, *au cours duquel* — dizem os jornaes francêses — *il affirme une fois de plus que l'Espagne, quoi qu'il arrive, n'interviendra pas dans la guerre européenne et continuera à observer une loyale neutralité.*

A neutralidade hespanhola é a forma juridica da sua cobardia. De todos os neutros, a Hespanha é talvez o unico paiz do mundo que é neutro, por medo á guerra. Quando atravessei a Hespanha em outubro de 1914 observei que toda a gente, até os creados dos cafés, até os cocheiros dos trens de praça, exclamava: — Nos otros, neutrales! e não me foi difficil perceber que por detraz d'este sollicito cuidado de cada um em declarar a sua propria neutralidade, estava um terrivel medo á guerra. Por isso, o governo precisa fazer de vez em quando a declaração de que a Hespanha é e continuará a ser neutra — para tranquillisar os animos.

27 DE JANEIRO

Jantar em casa do principe de Monaco. Madame Kohn dirigiu-se durante a noite ao principe com abundancia e indiscrição — Monseigneur para aqui, Monseigneur para acolá — Si Monseigneur me fait l'honneur de venir un jour diner avec nous... Si Monseigneur veut bien me permettre... L'histoire que j'ose raconter à Monseigneur... Eu observava entretanto o marido, que parecia deseontente, não porque a loquella de Madame Kohn affectasse os seus principios, mas porque preferia sem duvida que ella a reservasse para os momentos de intimidade com que, segundo é voz corrente, o principe a honra — a ella e a elle. Tomouse o café no hall, cheio de grossas peças de eça empalhadas e armações de veado. O principe, mais uma vez, gabou-me as delicias dos Açores.

28 DE JANEIRO

O major Roberto Baptista vae a Lisboa entender-se com o ministro da guerra afim de ser elevado o effectivo da divisão portugûesa ao de um corpo de exercito. Está reconhecido que o concurso de uma divisão é insufficiente para dar a Portugal uma situação independente e um logar que se veja. Acompanha o major Baptista o coronel de artilheria Abel Hippolito, do qual se diz ter estado compromettido no movimento de Machado Santos, pelo que lhe chamam *Abel Hipocrita*. De resto parece coisa averiguada que uma parte dos officiaes que vêm para França estava conluiada para não partir.

29 DE JANEIRO

Hoje, dez graus abaixo de zero. Todos os dias eae gente nas ruas com congestões de frio. Os canaes estão gelados. O Sena ameaça gelar. Nas mais temperadas regiões da França, o frio é intenso. Em Biarritz o thermometro deseceu a cinco graus abaixo de zero. A falta de carvão faz-se sentir em toda a parte. Gela-se nos mais luxuosos *appartements*. Gela-se nos hoteis.

30 DE JANEIRO

Outra conferencia de Alliados. D'esta vez é em Petrogrado. Para lá foram pela França o general de Castelnau e o sorridente sr. Doumergue, pela Inglaterra Lord Milner, pela Italia um senador italiano. O que foram fazer á Russia estes senhores? os jornaes dizem que foram *«etablir d'un comuun accord des moyens plus euergiques pour la poursuite de la guerre et régler de façon plus efficace l'utilisation de toutes les ressources dont disposent les Alliés.»* A guerra creou um estilo official. Esse estilo foi inaugurado pelos communiados francêses, dos quaes dizia o conde de Mun *qu'il fallait avoir le cœur solide pour pouvoir les lire*. Foi nesse estilo que se annunciou á França e ao mundo a invasão allemã e foi no mesmo estilo que se lhes annunciou a batalha do Marne. Releiam-se esses documentos: a linguagem em que se consigna a derrota é a mesma em que se consigna a victoria, a tal ponto de que só por elles a posteridade não ficaria sabendo quando é que a França cahiu e se levantou. Esse estilo

creou uma escola, criou cultores. Sejam quaes forem as circumstancias favoraveis, ou desfavoraveis, os Allia-dos não falam outra linguagem, assim quando se batem como quando se reúnem para deliberar. Agora em Petrogrado estão reunidos para aquillo que se viu. Era com o mesmo fim que se reuniram ha tempos em Londres e mais recentemente em Roma, e a cada passo em Paris. Tem-se a impressão de que esta linguagem de convenção procura occultar alguma coisa e o que inquieta não é que occulte muita coisa, mas que não occulte nada. A linguagem da força não é feita de eufemismos, ou de subterfugios. Um redactor do *Temps* que me procurou hoje disse-me saber-se nesse jornal que o primeiro troço das tropas portuguezas já partir de Lisboa. Na Legação nada se sabe, como sempre.

## 3 DE FEVEREIRO

A's sete da tarde chega-me este telegramma de Brest: Arrivés ici hier. Il nous faut des fonds, avec urgence. (a) Commandant du Corps Expeditionnaire Portugais. Os adidos militares telefonaram para o adido inglês a perguntar-lhe o que sabe a este respeito. O adido inglês nada sabe. De Lisboa, nenhuma noticia. Telegrafase para o Quartel General Português. Entretanto o que me intriga no telegramma de Brest é o pedido de fundos. Depois do jantar telefono para o capitão Fernandes a communicar-lhe a minha impressão de que o telegramma parecee suspeito. Não seria elle obra de um impostor? Mas por outro lado como se proporia um impostor fazer-se passar em Brest por Commandante

do Corpo Expedicionario e como tal receber os fundos que pede, se eu lhos mandasse? Não! Deve ser a tropa, precedida pelo clarim português da tolice! E se é a tropa, bem vinda seja ella. Escrevem-me de Lisboa contando-me o caso de infantaria trinta e quatro, em Santarem: «A' partida de Santarem dos officiaes presos, o povo amotinou-se e quiz dar cabo d'elles não sendo de todo efficaz a protecção da força que os conduzia, ficando alguns feridos e não havendo na estrada que conduz á estação immundicie que não lhe atirassem, entre gritos de cobardes e traidores. A lição — conclue o meu informador — foi severa e tirou a outros a vontade de repetir o feito.»

## 4 DE FEVEREIRO

Finot dá-me logo de manhã pelo telefone a grande noticia. A America rompeu as relações diplomaticas com a Allemanha, entregou os passaportes ao embaixador em Washington, mandou recolher o seu embaixador em Berlim. Acrescenta Finot que o presidente Wilson aconselhou os neutros a seguirem o exemplo da America. A mim o que me interessa é a situação da Hespanha, porque d'ella em grande parte depende a nossa e o que convem ao nosso lado é uma Hespanha neutra, isto é, diminuida.

## BREST, 5 DE FEVEREIRO

Hontem em Paris decidi num grande *élan* patriótico vir esperar as tropas a Brest e eis-me aqui, desde esta manhã, em Brest. No comboio apinhado de *permis-*

*sionnaires*, que á falta de logares se estenderam ao comprido nos corredores, como nas trineheiras, encontrei muitos officiaes francêses do exereito e da marinha e alguns officiaes portuguezes do grupo que já está em França e que, como eu, avisados á ultima hora, vieram a Brest esperar as tropas. Poneo depois do comboio largar da gare de Montparnasse, um major inglês veio apresentar-me um general que vem a Brest representar o estado maior britannico. Ao major já tinha chegado a noticia da vergonha de Santarem. Estava porem conveneido de que os officiaes tinham desertado todos. O Governo Inglês estava deecidido neste easo a enviar a Brest officiaes inglêses que tomassem conta dos soldados. Brest está coberta de neve. O frio é de respeito. Creio que estão uns dez graus abaixo de zero. Como na estação não houvesse carros, viemos a pé até ao Hotel Continental já tomado pelos officiaes portuguezes que desembarcaram hontem e entre os quaes está o coronel Gomes da Costa, que commanda as forças ehgadas. O coronel Gomes da Costa é um bello exemplar de homem e de militar, alto, muito aprumado e apezar do cabelo e do bigode branco, sceeo, nervoso, vigoroso. Diz-se satisfeito com a viagem e parece animado do melhor espirito. De resto, segundo me conta o Ortigão Peres, que me acompanha, é um dos partidarios mais enthusiastas da intervenção de Portugal na guerra e não lhe cabendo partir, offereceu-se como voluntario. Tem um passado militar de campanhas colonias e tem fama de valente, que é, entre todas, a que mais prestigio dá aos portuguezes. Os officiaes reechegados com quem converso são unanimes em gabar

com enthusiasmo os inglêses que comboiaram os transportes até Brest. — Não nos largaram de dia e de noite! diz um. — Pareciam cães perdigueiros! diz outro referindo-se aos *destroyers* que protegeram os transportes contra os ataques dos submarinos. Os primeiros transportes que largaram de Lisboa foram o *Boemian*, o *City of Benarès*, o *Belleforon* e o *Inventor*, com mar grosso e jogando tanto que soldados e officiaes cahiram logo enjoados. A' sahida da barra de Lisboa o mar era tanto que os barcos desgovernavam. Sahiram-lhes ao caminho um, ou dois submarinos, segundo conta um official de marinha que veiu num dos transportes como official de bandeira, mas os *destroyers* inglêses correndo em volta d'estes, ora precedendo-os, ora ladeando-os, ora seguindo-lhes no encaço, conjuraram todo o perigo. Este serviço de protecção era feito de tal modo—diz-me outro official, que inspirava a todos uma grande confiança. De tudo porem o que lhes ouvi o que me impressionou foi isto: á sahida da barra de Lisboa um dos transportes inglêses captou um radio expedido da costa portugueza annunciando a largada das tropas. Perguntei ao coronel Gomes da Costa se este facto era exacto. Respondeu-me tê-lo ouvido referir a bordo. Alem dos transportes que chegaram no dia 2, e que são quatro, esperam-se mais dois que largaram de Lisboa no dia seguinte ao da partida d'aquelles. Entre elles vem o *Pedro Nunes*. Depois do almoço palmilhamos eu, o tenente-coronel Ortigão Peres, o Jorge Frauco e um redactor do *Temps* as ruas de Brest, cobertas de neve e de lama, á procura dos caes, onde estão os transportes e lá fomos encontrar um enorme, com a soldadesca

portuguêsa apinhada na ponte. Em baixo no caes, um capitão de infantaria respondia em mau franceês a um coronel que o interrogava sobre o contingente que vinha a bordo. A uma das perguntas do coronel, o capitão poz-se a gritar para cima da amurada a um grupo de officiaes: — O' Guimarães! O' Ferreira! Da prôa os soldados atiravam cascas de laranjas e garrafas vasias ao rapazio que se juntara no caes, a olhar para o transporte. O aspecto d'aquillo não era bom. Os officiaes pareciam não cuidar dos soldados. Estes, depois da tormentosa travessia, estavam pallidos, macilentos, snjos. O Ortigão Peres, furioso com o que via, ainda mais me impressionou o espirito com as suas reerimnações. Afastamo-nos, sem esperar que a tropa desembarcasse, e eu vim metter-me no Hotel. Deseneadeiou-se uma borrasea de neve. Até que escureceu estive por detraz dos vidros da janella do meu quarto a olhar para uma praça feia, onde se juntaram magotes de soldados portugêses, indifferentes ao frio, provavelmente a troca-rem impressões.

7 DE FEVEREIRO

Volta de Brest. Toda a França está coberta de neve e hoje em Paris, o thermometro deseceu a quinze graus abaixo de zero.

8 DE FEVEREIRO

A *Illustration* telefonou-me a reclamar contra os rigores da censura, que não deixa passar a noticia da chegada das tropas portugêsas. Um dos seus collabores foi a Brest, viu desembarcar os soldados, con-

versou com os officiaes, fez dezenas de fotografias. Quer publicá-las no proximo numero. Está indignado com os impedimentos da censura a que se torne conhecido um facto que é do dominio de todo Paris. Telefone para a censura. D'ali respondem-me que se trata de occultar aos allemães a vinda das tropas e que o Quartel General Inglês pede silencio sobre o facto. Mais tarde chega porém o *Seculo*, que já dá a noticia da chegada do primeiro contingente a França.

## 9 DE FEVEREIRO

Dia passado a negociar com a censura, que insiste em occultar a noticia da chegada das tropas portuguezas. Lá lhe disse que a noticia já tinha sido publicada nos jornaes de Lisboa e que a sua preeação — se preeação era — se tornava inutil. O Quartel General Inglês parece particuларmente interessado em que não se saiba que os portuguezes estão em França, assimilando-nos assim aos canadianos, ou australianos, cuja chegada a este país passou despercebida, como sendo tropas inglesas. Proeuro conjurar esta situação.

## 10 DE FEVEREIRO

O major Roberto Baptista voltou de Lisboa, bem impressionado, diz elle. Ali fez prevaleecer o ponto de vista de que o Corpo Expedicionario deve ser reforçado com alguns batalhões, de modo a constituir um corpo de exereito e espero que isso se fará. Por outro lado sustentou que devemos fornecer á França o con-

curso que ella nos pede, de um contingente de artilheira, officiaes e soldados, afim de dissipar a idéa de que concorremos a esta guerra apenas como alliados dos inglêses. Encontrou o ministro da Guerra inteiramente d'esta opinião. Sobre o estado de espirito dos officiaes disse-me que o seu desejo de marchar para a guerra era nullo.

11 DE FEVEREIRO

Alfredo de Mesquita conta-me que ao despedir-se de Bernardino Machado lhe ouviu dizer mal de toda a gente.

13 DE FEVEREIRO

Tenho a impressão de que o amor proprio é o nosso unico sentimento nacional. Quando os primeiros officiaes portuguezes chegaram a Paris redigi eu mesmo e fiz expedir para o *Seculo* um telegramma registando o acolhimento simpatico que lhes estava sendo feito pelos parisienses e gabando-lhes o porte marcial. Este telegramma, publicado na primeira pagina do *Seculo* em grossos caracteres, lisongeou de tal modo o amor proprio nacional que logo os jornaes todos o reproduziram e o assucarado Julio Dantas, que me dizem ter feito a propaganda que poude contra a guerra, lembrando no *Primeiro de Janeiro* a entrada dos primeiros soldados da Legião Estrangeira em Paris, escreve: «De novo os nossos soldados entram sorrindo em Paris, de novo as rosas de França vam florir em espinhargas portuguezas, de novo o mesmo clarão de epopeia envolve o nosso nome — e hoje, cento e oito annos

depois, é ainda o mesmo grito heroico que se ouve ao longe, como se o erguessem milhares de espectros: — Portugal! Portugal!»

Famoso impostor!

14 DE FEVEREIRO

Começa a accunular-se na Legação a primeira correspondencia da tropa portugûsa. A's vezes passo pelos olhos os postaes illustrados que representam monumentos e villas de provineias de Portugal. Um d'elles diz: «Agasalha-te bem. Que Nossa Senhora te ajude.» Num postal de Guimarães dirigido a um sargento, leio: «Que chegue breve o dia em que entremos em Berlim.» Uma mulher teima em vir reunir-se ao marido. Um postal dirigido de Paris a Portugal e devolvido para aqui por insufficiencia de endereço diz isto: «Paris é uma cidade de prazer e de deboeche.» Esta impressão é de um official que accreseenta: «Não temos mãos a medir.»

Uma dama portugûsa perguntou-me pelo telefone se era certo que tivesse ido ao fundo um navio carregado de tropas portugûsas.

Hoje é este o voto secreto dos monarchicos de Portugal.

17 DE FEVEREIRO

Augusto de Vasconcellos, ministro em Madrid. Magro, alto, delgado, ligeiramente eoreunda, simieseo. Irmão gemo de Camacho. A mesma alma num corpo mais limpo. Maledicencia risonha. Diz que em Madrid se affirmava que o ultimo filho de Madame Santos, mu

lher do seu secretario, era d'elle — d'elle Vaseoncellos. Veja v. que patifaria! Do Alexandre Braga dizia-me, quando passei por Madrid em 1916, que roubara do Paço de Belem o punhal de Cellini, desaparecido depois da revolução. Não sei o que veio fazer a Paris. Diz que veio descansar tres dias, longe dos ruidos incommodos do carnaval de Madrid. Não o creio.

Visita de um official do estado maior inglês. Vem, da parte do generalissimo Douglas Haig dar-me explicações sobre o que se está passando relativamente á censura francêsa, a qual por indieação inglêsa não permite que a imprensa revele a presença de tropas portugûsas em França. Sabe que eu estranhei este facto e tenho protestado contra elle junto das autoridades francêsas. Fala em optimo francês, com extrema precisão e clareza. Vem tranquilisar-me ácerca das intenções inglêsas. Diz-me: «A Inglaterra tem o maior interesse em valorisar e dar vulto ao concurso dos portugûses.» Agradei-lhe a sua *démarche*, mas objectei-lhe que essa tarefa em França me compete a mim.

18 DE FEVEREIRO

Quem entrasse esta noite por volta das oito horas, no Café de Paris, Avenida da Opera, não diria estar este país em guerra, sem carvão e no regimen das rações. Com a differença de uma pequena diminuição na illuminação das salas, tudo o mais reproduzia o espectáculo nocturno de um restaurante parisiense da moda, antes da guerra. Todas as mezas estavam occupadas e em cada uma os *abat-jours* côr de rosa dos eandelabros

punham no ambiente uma nota de festim elegante. Nem decotes, nem casacas já se vê, porque se convencioneou que isto é de mau gosto, mas no rosto das mulheres a mesma chama de carmin, nos seus labios o mesmo rubi, nas suas pupillas a mesma faiscação d'outróra, e no semblante dos homens, no de muitos, no de alguns pelo menos, um *épanouissement* de bem estar e de vida feliz. Muitos militares, mas esses mesmos parecem celebrar a paz. Em certos recantos, uma d'essas parisienses do tipo das *pointes sèches* do Hellen envolve num terno olhar um jovem aviador. Quasi ás nove, chegou um grupo que seguramente tinha feito preparar uma meza, pois foi logo encaminhado para ella apenas entron no restaurante, mas ás nove e meia os creados foram implacaveis: puzeram toda a gente na rua. Quando me retirei o grupo de retardatarios, já de pé, emboreava e havenas do café, ainda com a boea cheia do *entremets*, e um sujeito gordo, mal amanhado, ar de *nouveau riche*, que ainda não teve tempo de se enfarpellar, pagava a conta, recebia os trocos, dava grossas gorgetas.

O terrivel inverno parece passado. Hontem começou o degelo. Temperatura benigna. Quasi e calor. Ainda bem pelos nossos soldados!

19 DE FEVEREIRO

A situação economica da Allemanha começa a apparecer clara. Um jornalista americano ehegado de Berlim, no sequito do embaixador Gerard, confirmou numa entrevista do *Journal* tudo quanto aqui ouvi ao consul Gonçalo de Vasconcellos sobre a extrema pe

núria em que se encontram os alemães no ponto de vista das subsistencias. Hontem o *Temps* reproduziu do *Courrier de Bavière* um discurso pronunciado na assembléa geral da União Catolica dos camponezes da Alta Baviera, pelo deputado á Dieta bavara Schiltenpaner. Esse discurso confirma as informações que me deu o consul.

O *Temps* dá estes extractos :

«Notre peuple, qui en ces temps graves a su mêttre en oeuvre toute son activité et tendre ses nerfs à l'extrême en vue de l'effort suprême, mérite qu'on lui dise toute la vérité.

Quant aux pommes de terre, la situation est mauvaise. D'avril à juin, il faudra à peu près s'en passer, et l'une des plus grandes difficultés de ce printemps sera de trouver des pommes de terre pour l'ensemencement.

Au point de vue de la distribution du lait dans la ville de Munich, la situation ne s'améliore pas. La production du lait aux environs de la ville et dans d'autres parties du pays sera bientôt ruinée.

N'affouragez pas le blé à pain : c'est un crime dans le moment présent. Aux recensements du 15 février et du 1<sup>er</sup> mars, ne dissimulez ni le blé ni les pommes de terre. Ces deux denrées décideront du sort de l'Allemagne.

Si ces recensements ne nous fournissent pas la certitude de pouvoir tenir jusqu'en août, cest-à-dire jusqu'à la prochaine récolte, nous serons réduits à la paix

par la famine, et une lourde responsabilité pèsera sur le monde paysan.

Tout tourne autour de la question de l'alimentation : les chances sont ténues comme les fils d'une trame. Si vous n'êtes pas décidés à périr, faites votre devoir à l'égard de la patrie : la vie de la nation est en jeu.»

A Alemanha está numa situação difícil. É uma situação de fome. Contudo, em França, a opinião aco-lhe com indiferença, senão com septicismo estas informações. A França não acredita que a Alemanha tenha fome e que possa render-se pela fome. Esta concepção de uma nação esfomeada, entregando-se como uma praça forte sitiada não lhe entra na cabeça. Esta crise tremenda, esta crise única na história de um povo, vai ser precedida de um movimento de desespero e de ira? Quem sabe? Já se fala numa offensiva furiosa contra a frente occidental e já hoje ouvi que a Alemanha, perdida, é capaz de todas as loucuras e é capaz de investir pela Suíça dentro. Sim. Tudo é possível, mas franceses e ingleses são já hoje suficientes para resistir às mais furiosas arremetidas. Depois... será talvez a *débâcle*. Como? A Alemanha não é uma nação leal. Não cairá portanto como um leal combatente, reconhecendo-se vencida. Procurará de novo explorar a fadiga do adversário e proporá uma paz tal que os governos aliados não a possam repellar, sem assumir por esse facto graves responsabilidades. O que sucederá quando esse dia vier? Eis o problema. Os governos dizem: É preciso ir até ao fim, isto é, até reduzir completamente o militarismo alemão e garan-

tir a paz do mundo. O que será a paz que a Alemanha presumivelmente proporá? Será o *statu quo ante*. Mas o *statu quo ante* é a Alemanha e a sua organização militar intactas. O que será preciso fazer então para esmagar este terrível inimigo? Esmagá-lo. E' isto possível? Admittamo-lo. Esta possibilidade, porem, é a guerra a recommear e de que modo! São novas carnificinas, novos holocaustos, novos rios de sangue a derramar. E, pergunto eu, perante esta eventualidade, o moral dos povos alliados, o moral da França aceitarão estes novos, tremendos sacrificios, afim de realizar o objectivo politico de reduzir para todo o sempre um povo? Senão o reduzirmos para todo o sempre, dizem os governos, será preciso recommear. O sacrificio d'hoje será inutil. Terão porem os povos attingido esse gráo de sublimidade que permite aos homens fazerem o holocausto de si mesmos, a beneficio do futuro?

20 DE FEVEREIRO

Um jornalista (\*) chegado de Lisboa conta o que ali se passou por occasião do embarque do primeiro troço de tropas. Tudo correu, segundo elle diz, admiravelmente, embarcando as tropas na mais perfeita ordem. Em Santarem é que se den o incidente que já me foi referido pelo capitão Mathias de Castro. Ao reunir no quartel para tomar o comboio que devia transportá-lo para Lisboa, o batalhão de infantaria 34 encontrou-se com

---

(\*) Adelino Mendes, depois deputado sidonista e caudilho de Sidonio Paes — agosto 1918.

o seu effectivo completo de soldados e sargentos, mas sem os officiaes, que se recusaram a partir deixando-se ficar em casa. Apenas um alferes miliciano compareceu. O batalhão partiu assim mesmo, sem officiaes, sendo estes presos mais tarde, em suas casas. Conta então o jornalista que, quando depois de presos, se dirigiram para a estação sob escolta, os officiaes do 34 foram esperados no caminho pelo povo de Santarem, sobretudo pelas mulheres, mães e irmãs dos soldados que já tinham partido e que os apuparam cobrindo-os de lama e de dejectos. Acrescenta o jornalista que estes poltrões foram condemnados a trinta dias de prisão correccional, que já estão cumprindo a bordo dos transportes para onde foram conduzidos, pois o que é mais estranho é que, apesar do seu acto, vêm para França eom o primeiro troço. O jornalista conclue: é a história que se repete — é mais uma vez a arraia miuda que nos salva. Quando elle partiu de Lisboa, sete a oito mil homens já tinham embarcado.

## 21 DE FEVEREIRO

Um tenente da marinha portugêsa que me procurou hoje diz-me ter ehegado num dos transportes que aportaram a Brest no ultimo dia 18 e assim fiquei sabendo que ehegaram a França novos transportes com tropas portugêsas. A viagem fez-se em boas condições. Entretanto continuam ehegando por terra, vindos por Hespanha, numerosos officiaes. Ultimamente têm ehegado empregados do correio e das finanças, todos mobilizados e mettidos em fardas novas, botas novas e

polainas novas de couro amarello. Ha dias, num grupo de militares, veio um dos juizes auditores dos dois tribunaes militares que vam ser instalados no campo portugês.

22 DE FEVEREIRO

O adido militar inglês pergunta pelo telefone em que comboio chega amanhã o general Tamagnini. Na Legação ninguem o sabe. Assim, o Governo Português não julga opportuno, ou necessario annunciar que chega a França o homem que vem commandar as tropas portugêsas e que, d'este modo, desembarcará talvez amanhã na estação do Quai d'Orsay, só, com uma mala de mão, sem que ali esteja a saudá-lo um representante da França, ou da Inglaterra, ou sequer o representante de Portugal.

23 DE FEVEREIRO

A infanta Eulalia. Pequeno *entresol* no horrivel Boulevard Lannes, em frente das fortificações. Modestia. Quasi pobreza. Uma reduzida ante-camara, onde mal ha espaço para tirar o sobretudo. A sala de receber, um cochicho. Uma meza ao centro. Canapé microscopico, a um lado. Tres cadeiras apenas. Uma biblioteca de *bois laqué*, sem vidros. Livros? Talvez. A infanta, de resto, ao entrar, desculpa-se. Dorme, diz ella, no seu salão. Interessa-se logo em saber como fiquei depois do meu *accident* e verificando que não fiquei desfigurado, declara a coisa admiravel. De resto, esta é a opinião do conde de Jamctel, seu mordomo, que procura descobrir qual é o olho que me falta. Parece que não o des-

cobriu, por que me felicita por ter conservado os dois. A infanta adora Portugal e — o que é mais — a Republica. Diz que não ha duvida que a Republica fez realisar progressos ao pais. D'ahi falar-se do antigo regimen e da sua queda. A infanta diz ter estado em Lisboa, ponceas semanas antes da Revolução, ineognita, com uma americana, em companhia de quem atravessou a Hespanha e uma parte de Portugal. Compreendeu logo que a revolução era inevitavel. Sentia-so no ambiente. Assim o disse á Rainha. A revolução não a surprehenden. Fala de D. Manuel com indulgencia, quasi com piedade como toda a gente cá fora e julga-o mais feliz em Riehmond do que em Lisboa. Coneorda comigo *qu'il ne tient pas au throne*. Aos portuguezes não cessa de fazer elogios. Acha-os um povo interessantissimo. Considera-os mais intelligentes do que os hespanhoes. Evidentemente não morre d'amores pelo seu paiz. Depois fala da guerra. Não aeredita que os allemães se revoltem. Esta do resto é a these do dia. Julga-os uma nação de eseravos. Extraordinaria princeza, irmã de reis, tia de reis. Esta adora a liberdade. Que idado pode ella ter? Quarenta annos? Cineoenta? E' loira, d'um loiro de poeira, tem uma tez mate e uns olhos serenos. Pareee-se extremamente com o irmão, o Affonso XII. E' de mediana estatura, mas o seu porte tem magestade e raça, mesmo no meio ultra-modesto que a cerea. A conversação prolonga-se até que lhe digo: — Estou muito grato a V. A. por ter tido a bondado de me receber. (Foi ella de resto que manifestou o desejo de mo conheer). Levantou-se com uma serenidade regia. Beijei-lhe a mão. O conde de

Jamotel veio acompanhar-me á porta. Cá em baixo, no Boulevard Lannes, escuro como um prego.

24 DE FEVEREIRO

O capitão Mathias de Castro, vindo do campo de concentração dos portuguezes, conta que a censura anglo-portuguesa tem apprehendido cartas e bilhetes postaes inqualificaveis de officiaes portuguezes que estão em França, para os seus amigos de Portugal. Um d'esses postaes, que um official inglêz, indignado, de resto queimou, dizia o seguinte: «Cá chegou o que sabes (referia-se ao primeiro troço de tropas.) Sujos, immundos, vergonhosos. E é com esta tropa fandanga que se pretende alardear cá fóra que temos um exercito.» Numa carta, outro official escrevia: «Está aqui um tipo de barbas que é thesoureiro pagador, ou coisa que o valha. O que elle cá vem fazer é juntar eifras ás cifras, porque isto não passa de um pinhal d'Azambuja.» O capitão Mathias de Castro está, diz, indignado e triste. Suppunha, acreseenta elle, que estes homens deixavam a sua mentalidade em Portugal. Afinal tronxeram-na intaeta para aqui. A mesma divisão que se operou no campo de Taneos já se observa aqui. De um lado está um grupo cheio de fé e de enthusiasmo; do outro um grupo de scepticos e negativos, monarchicos uns, outros republicanos do tipo Camacho, para os quaes a intervenção de Portugal na guerra é uma obra dos Democraticos o portanto odiosa. Pergunto-lhe como se manifesta esta divisão de opiniões em França. A acção militar dos officiaes do segundo grupo é frouxa;

a sua attitude nos exercicios de instrução é a de quem procede de má vontade. Como vam portar-se estes homens quando fôr preciso entrar em combate? O capitão Mathias de Castro hesita um momento. Depois diz: — Debaixo de fogo não ha remedio senão marchar! Entretanto espera-se a vinda do general Tamagnini, que chega esta noite, para castigar os autores das cartas apprehendidas pela censura, e o capitão Mathias de Castro diz que «em se estafando o primeiro tndo entra na ordem.» Quanto aos soldados diz: — As cartas d'estes, ao contrario, são alegres, corajosas, optimistas. Todos elles celebram o acolhimento que lhes tem sido feito em França. Do que todos se queixam é do frio. Os primeiros soldados que chegaram no momento mais agudo do inverno (em Aire-sur-la-Lys, o thermometro marcava 18 graos abaixo de zero) soffreram muito por este motivo. Vinham encolhidos, embrulhados em cobertores e muito deprimidos moralmente. O seu aspecto não era evidentemente bom, mas neste momento estão muito melhor, e como o inverno passou, já se vam habituando ao paiz, já mesmo lhe vam balbuciando as primeiras palavras da lingua.

Os factos referidos pelo capitão Mathias de Castro com relação aos officiaes portuguezes são o resultado do erro imperdoavel que a Republica praticou e em que tem reincidido, mantendo nas fileiras do exercito elementos reconhecidamente hostis e que nunca cessaram de a combater. Quando a Republica appareceu nascia um Portugal e morria outro. A Republica não sepultou este e, ao contrario, procurou resuscitá-lo, para viver com elle. O resultado vin-sc. Cadaveres não

resuscitam. O ar empesta e em Portugal estamos todos envenenados. Que loucura restava praticar, depois d'este espantoso erro? Metter uma espada na mão d'estes homens mortos, d'alma morta, e dar-lhes o encargo de conduzir aos seus novos destinos o novo Portugal, nascido d'hontem!

26 DE FEVEREIRO

Lá fui á estação esperar o general Tamagnini e hoje levei-o ao general Liautey, ministro da Guerra. O general Tamagnini é o tipo do official de cavallaria do antigo regimen, uma especie de Mousinho, magro, muito alto e com a cabeça mettida entre os hombros, e de tal modo inclinada que dá a impressão de ser corcunda. Fuma constantes cigarrinhos que elle mesmo faz, recolhendo o tabaco na palma da mão e despejando-o depois na mortalha, que enrola com minucia. Nisto passa uma parte do seu tempo, porque não cessa de fumar. Fala pouco e o francês pouco e mal. Não é um famoso exemplar e en pergunto a mim mesmo se não havia em Portugal coisa melhor para mostrar cá fóra. No gabinete do ministro da Guerra e depois das apresentações e de estarmos sentados, o general Liautey, como o general Tamagnini não abrisse a bocca, disse-me: — Elle fala o francês? Sorri, quasi ri. — Fala, sim, senhor ministro, fala o francês! Em Portugal, toda a gente mais ou menos fala o francês! Mas como ás suas perguntas, o general Tamagnini se limitasse a dar breves, penosas respostas, num visível embaraço, o ministro voltou-se para mim e foi comigo que a conversação proseguiu. O general Liautey, chamado

ha pouco de Marrocos, onde está dirigindo a obra da occupação franceza, para assumir a direcção da guerra, é um magnifico militarão, bello homem, bigodes em riste, olho de commando. Para que a entrevista com o general Tamagnini não se extinga por falta de assumpto, falo-lhe das tradições portuguezas em Marrocos. Elle conhece-as. Vestigios magnificos. Portugal, grande país! Grande passado! E os hespanhoes, pergunto eu, como se dão os senhores com a vizinhança dos hespanhoes? Ah! então o general Liautey, que está longe de ser um diplomata, parte em guerra, levanta-se e nós com elle, e para melhor nos fazer comprehender a importância dos territorios occupados por francezes e hespanhoes, leva-nos para diante de uma grande carta de Marrocos. Depois, com uma vara na mão, explica a situação. — Vêem esta vastidão de terra? Está occupada por nós — Sessenta mil homens. Vêem esta ponta de terra... aqui? Está occupada por elles — Sessenta mil homens! — Por que razão, pergunto eu, ha um tão grande numero de baixas de officiaes superiores e generaes nos recontros dos hespanhoes com os marroquinos? — *Ils n'ont que des generaux!* O general Tamagnini, mudo, de mãos nas costas, considera o general Liautey pelo canto do olho. Os seus ajudantes atraz observam tudo aquillo com infinita curiosidade, como um espectaculo para elles inteiramente novo. No Grande Hotel, onde o general Tamagnini está hospedado, espera-o uma carta do coronel Le Roy Levis, adido militar inglês, avisando-o de que a sua partida está preparada para d'ahi a dois dias. O general empertiga-se, susceptibilisado á idéa, como elle diz,

de que os «inglêses querem mandar» e altivamente responde que ainda não fixou a data da sua partida. Eu tenho a impressão de que os inglêses estão interessados em afastar o general Tamagnini de Paris, onde a sua presença e as suas visitas officiaes estão tendo muito echo na imprensa.

28 DE FEVEREIRO

Visita do general ao Presidente da Republica. Cinco minutos, poucas palavras. O general não se aventura a entrar em conversações. Levo-o pela mão e sou eu que vou atamancando estas situações *plutôt pénibles*.

5 DE MARÇO

Morreu o Manuel d'Arriaga. Este Arriaga fez parte do grupo dos precursores da Republica. Noutros tempos chamaram-lhes — sonhadores. Encontrei sempre entre os homens d'este grupo terriveis afinidades de character, de falsa bonhomia, de falsa bondade, no fundo de hipocrisia. Tambem morreu o Alpoim. O Parlamento prestou-lhe homenagens. Os jornaes celebraram o seu talento. Não entendo o meu país.

16 DE MARÇO

Revolução na Russia. Abdicação do czar. Advento do sistema liberal. Esta revolução é um facto de terrivel significação para o destino das dinastias austro-allems. E' um exemplo, é um contagio.

17 DE MARÇO

Esta madrugada, alarme em Paris, toques de *sirene* nas ruas. Zeppelins á vista; mas os Zeppelins não vieram e em Compiègne um d'elles foi abatido, com a sua equipagem carbonizada. Alguns dos homens que o tripulavam precipitaram-se no vaeuo. Trinta homens encontraram nesta eriminosa aventura uma morte horrorosa, em meio de agonias taes que arripia as carnes só pensá-lo. No entanto, o sentimento que experimentámos todos ao conheeer este facto foi o de regosijo. O povo que determina um semelhante estado d'alma é um povo perdido.

18 DE MARÇO

E' euioso registar este facto: a França é talvez o país do mundo onde a revolução russa teve maior echo. Na America do Norte, diz um telegramma de Nova-York, a sua repercussão foi enorme, porque, aceresenta, nesse país a questão de forma de governo é uma questão essenecial. A America do Norte não comprehende outra forma de governo que não seja a republicana. Assim, aceresenta ainda o telegramma, dois terços das simpathias de que a França ali gosa são devidas ao facto de a França ser um Estado republicano. Em França, ao contrario, a questão de forma de governo não tem importancia. A França republicana não faz questão da Republica, a ponto de que se vê isto: — uma parte da imprensa de Paris está neste momento fazendo votos porque a Russia não proclame a Republica. Aqui está por exemplo o que escreve o

*Temps d'hontem* : « Quelques éléments outranciers, qui ne sont d'ailleurs pas représentés à la Douma, voudraient profiter des circonstances actuelles pour obtenir des solutions extrêmes. Le gouvernement ne les suivra pas sur ce terrain : il est sineèremment desireux d'une monarchie constitutionnelle. »

22 DE MARÇO

A França tem neste momento duas apprehensões : o recuo allemão e a revolução russa. Sobre o recuo allemão, toda a gente pergunta inquieta : — O que premeditam elles ? Que surpresas nos reservam ? E quanto mais terras de França as tropas franco-británicas vam pisando, mais estes pontos de interrogação se levantam no espirito dos francêses. E isto porquê ? porquê ? Porque os allemães que não hesitam deante de nenhum bluff grosseiro se lembraram de espalhar pelo mundo que o recuo das suas tropas é um golpe de genio de Hindenbourg. Os francêses, sobre os quaes a lenda da invencibilidade allemã exerce uma acção permanente, esperam, com o coração angustiado, os effeitos do golpe genial de Hindenbourg, o que completamente lhes faz perder o sabor da sua victoria. A revolução russa, essa, a ouvir os francêses e ao ler a sua imprensa, dir-se-hia ser uma ameaça para a França. O que receiam os francêses ? Que a Russia revolucionaria deponha as armas ? Faça a paz ? Dir-se-hia ser esta a sua apprehensão, mas como se explica que entre todas as nações alliadas, seja a França aquella a quem este facto mais inquieta ? Assim, ao ler certos jornaes,

tenho a impressão de que a revolução russa contrariou esse espirito conservador em que a França parece tor-se immobilizado e que faz que todas as revoluções a assustem e ella seja hoje a alliada segura de todos os thronos e a amiga duvidosa de todas as democracias que se não fazem garantir por uma dinastia. O certo é que a França, ou pelo menos as instituições que a representam, parecem despedir-se com tristeza da autoeracia russa. Do mesino passo que dirigem as mais affectuosas saudações ao despota que desaparece, fazem toda a especie de reservas á aurora de liberdade que se levanta. Um francês que visitou a Allemanha pouco antes da guerra, Gaston Rion (*Journal d'un simple soldat*) verificou por essa occasião que a mocidade liberal allemã (parece que essa mocidade existe) estava convencida de que a França se tornara conservadora e entrara mesmo numia fase reaccionaria: Um d'esses jovens liberaes allemães disse-lhe: «A vous dire franchement, c'est pour nous un dogme que la Frauce généreuse et humaine est morte.» Dir-se-hia que este allemão tinha razão e que a França que nós aprendemos a amar deixou de existir.

25 DE MARÇO

Pela primeira vez, depois que esta guerra começou, leio num jornal francês que ella é uma guerra de principios. *A la bonne heure!* Para isso foi preciso que aos ouvidos d'estes surdos chegasse o estrondo do ruir de uma porção de seculos. A idéa de uma revolução possível na Allemanha começa a ser aceite. Primavera!

28 DE MARÇO

O caso não digo do dia, mas do nosso tempo, que mais desmedidamente faz abrir os olhos ao homem moderno é o proposito em que a Russia parece estar de proclamar a Republica.

1 DE ABRIL

Os meus bravos amigos Maia Magalhães e Helder Ribeiro, officiaes do exercito portuguez, partiram de Lisboa para França, onde vêm juntar-se ao Corpo Expedicionario, onde vêm bater-se, morrer talvez. Eis aqui, no entanto, como o *Mundo* os sauda ao partirem: «Aos nossos queridos amigos Maia Magalhães e Helder Ribeiro desejamos as maiores venturas.» Os portuguezes são assim. Foi este estado de espirito que fez a fortuna litteraria de Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

2 DE ABRIL

O moroso Wilson decide-se a aceitar a guerra com a Allemanha.

21 DE ABRIL

A Republica está definitivamente consolidada em Portugal. Para que o Wenceslau de Lima, antigo presidente do conselho e grande da côrte, amigo e confidante de D. Manuel, fiel subdito e leal conselheiro, me solicitasse uma entrevista, viesse a minha casa, se sentasse a meu convite num dos sofás do meu salão e ali, uma luva calçada e outra na mão, balbuciasse o que elle hoje me disse, é preciso que a velha monar-

quia nada mais tenha a esperar e que os seus melhores amigos se tenham resolvido a dizer-lhe o ultimo adeus. Wenceslau de Lima veio pedir-me o meu concurso na obra do *Comptoir de Portugal* que vae ser fundado em Paris, por sua iniciativa. Escutei-o longamente em silencio. Quando, depois de o ter exaurido, finalmente lhe disse que as minhas funcções me obrigavam a dar o meu concurso a todas as obras de interesse nacional, independentemente do character politico das personalidades que as apprehendessem, Wenceslau de Lima teve um sobresalto feliz e agradecendo-me o ter-lhe proporcionado, segundo elle, de tão polida maneira, um censejo de fazer declarações — fez declarações. — Eu conhecia, disse-lhe, o seu passado e a minha situação permittia-me por certo conhecer tambem a sua intervenção na obra de combate dos conservadores portuguezes. Com um gesto deu-me a entender que ella fôra innocente, ou inoffensiva. Passci adiante. Elle proseguiu. *Esses attrictos iam desapparecendo*. Era preciso trabalhar pelo país. Isso ia fazer, sem outra preoccupação que não fôsse, de par com a do exito pessoal dos seus negocios, a do interesse publico. Nesta ordem de idéas accrescentou que o *Comptoir de Portugal* abria as suas portas a todas as iniciativas e estava disposto a appoiar assim as grandes, como as pequenas. — Parto amanhã para Pau, disse levantando-se. Quando voltar desejo ter a honra de poder apresentar as minhas homenagens a Madame Chagas. Shake-hands, cerimonioso acompanhamento até á porta, mesura. Afinal, pensei eu voltando para dentro, o que reduziu este figurão até ao ponto de o trazer a esta casa e de o levar a

pronunciar estas palavras, foi a guerra. Sem a guerra, elle estava ainda em Richmond a tramar a restauração. A guerra matou a monarquia em Portugal e salvou a Republica. No dia em que a bandeira verde e encarnada fluctuou nas ruas de Paris, ao lado dos estandartes alliados, os monarchicos portuguezes, comprehenderam que estava tudo acabado. Ainda durante algum tempo esperaram que a grande aventura da Republica, como elles diziam, se mallograsse. Esperaram que do estado de guerra com a Allemanha não resultasse a guerra, mas uma situação equívoca que desacreditasse a Republica perante o país. A guerra tornou-se effectiva. Esperaram mais tarde que a propaganda do medo levasse o país a desertar em massa perante a contingencia de partir e neste desastre naufragasse, com o país, a Republica. O país não desertou e partiu. Finalmente, esperaram que os submarinos allemaes mettessem no fundo os primeiros transportes carregados de soldados. Se isto succedesse partiriam os outros? Não era provavel. Em janeiro d'este anno uma dama monarchica portugueza perguntava-me pelo telefone se era certo que algum transporte tivesse ido a pique. Este periodo cannibalesco foi o ultimo das suas esperanças. Nenhum transporte foi ainda até hoje mettido a pique e vinte mil homens já estão em França. Os monarchicos portuguezes inclinaram-se perante o Destino. Foi a esta capitulação que correspondeu a visita de Wenceslau de Lima.

7 DE MAIO

Depois que entrámos na guerra, a Hespanha — a Hespanha dos Filippes, a Hespanha do gran-duque Olivares, a Hespanha de Godoy inclinou-se diante de Portugal e como nesse país, como em nenhum país latino, não ha o sentimento das proporções, a que os francezes chamam — *measure*, aqui está como o faz. Referem os jornaes francezes desta manhã que ao inaugurar hontem o Congresso das Seieneias em Sevilha, Affonso XIII dirigiu a seguinte saudação ao representante de Portugal, Gomes Teixeira :

«Je suis henreux de pouvoir saluer dans l'illustre personne du recteur de Porto la bien aimée nation sœur, qui partage avec nous le sol de la race iberique. Je puis dire en toute sincerité que tous les Espagnols, avec lenr Roi aiment profondément le Portugal. Ce fut nne des plus grandes satisfactions de ma vie quand le Portugal me confia la sanvegarde de ses interêts en pays ennemis. Je lui suis profondément reconnaissant de cette confiance et je m'efforcerais de me rendre digne de l'honneur que j'ai reçu.»

Este mesmo Affonso XIII, segundo me contaram Armando Navarro e José Guimarães de Moraes Carvalho, antigos encarregados de negocios em Madrid, tratava a Republica Portuguêsa de um modo tão desabrido, que o Moraes Carvalho me disse ter passado por este motivo um dos peiores bocados da sua vida, numa das recepções do Palacio, em que o rei o interpellou acerca do andamento de um dos numerosos negocios pendentes entre Portugal e a Hespanha.

21 DE MAIO

Os jornaes de Paris publicam hoje sob a rubrica :  
— *Os portuguezes recebem o baptismo de fogo*, o seguinte telegramma de Londres:

LONDRES, 20 de maio. — O enviado especial da agencia Reuter na frente britanica telegrafou em data de 19 que o batalhão portuguez, prompto a occupar as trincheiras, foi passado em revista hontem de manhã. Os officiaes inglêses, que acompanham o tirocinio das forças portuguezas em França, não cessam de elogiar o valor militar d'estes contingentes. A sua artilheria de campanha e a sua cavallaria são admiraveis. Os soldados de engenharia que asseguram os serviços telephonicos dão provas de uma grande rapidez e intelligencia. Os portuguezes têm os seus serviços de ambulancia e os seus equipamentos. Aqui «apenas receberam as espingardas e os capacetes».

Nesta casa celebram-se estas noticias com regosijo.

(Interrompido em maio. Recomeçado em dezembro)

20 DE DEZEMBRO

O doutor Lopes recommendou-me que me conservasse deitado no sofá, tanto tempo quanto pudesse. No entanto tranquillizou a Maria. O meu coração marchava bem. Eu tenho a impressão de que recebi *un coup de torpille*. O que se passou em Portugal não

entrara nas minhas previsões. Dei a minha demissão ha dias. O Arenas de Lima communicou-me um telegramma do Sidonio Paes informando-me de que o Conselho de Ministros deecidiu não permittir o meu regresso a Portugal «emquanto não fôr restabelecida a normalidade constitueional». E' a restauração da monarchia? Ainda não. Nem o ereio seja nunca. E' uma nova erise, mas d'esta vez não a entendo. Fiz as minhas despedidas no Eliseu e no Ministerio. O Pichon, muito impressionado com o que se está passando em Portugal, veio no dia seguinte a minha casa e como não me encontrou deixou dito ao Richard que vinha significar-me a sua simpathia.

---





TIPOGRAFIA DA PARCERIA  
ANTONIO MARIA PEREIRA  
RUA AUGUSTA — 44, 46 E 48  
LISBOA





